

VASCO MIGUEL MURTA SOARES LOPES

*As Ermidas Geminadas de Tavira:  
Calvário e São Pedro*



**UAAlg FCHS**

UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIOS

2021

VASCO MIGUEL MURTA SOARES LOPES

*As Ermidas Geminadas de Tavira:  
Calvário e São Pedro*

Tese para obtenção do grau de Mestre em História e Patrimónios

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**  
Professor Doutor José Eduardo Horta Correia  
Professora Doutora Renata Malcher de Araujo



**UAAlg FCHS**

UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DISSERTAÇÃO DE Mestrado em História e Patrimónios

2021

# DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Eu, **Vasco Miguel Murta Soares Lopes**, portador do Cartão de Cidadão n.º 11260195, declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Declaro ainda que todas as fotografias ou imagens que não são de minha autoria encontram-se devidamente referenciadas, sendo igualmente indicados os respetivos autores e/ou fontes; as demais fotografias são propriedade do autor da presente dissertação.

Declaro, igualmente, que estou ciente de que o plágio - a utilização de partes de um trabalho alheio não devidamente referenciadas - pode resultar na anulação deste trabalho.

*Faro, 27 de Julho de 2021*

**© Copyright Vasco Miguel Murta Soares Lopes**

*Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.*



*Ermida do Calvário ou de Nossa Senhora das Angústias*



*Ermida de São Pedro*

## RESUMO

---

As Ermidas Geminadas de Tavira são um conjunto formado por duas capelinhas de pequena dimensão e aspeto humilde, localizadas entre os atuais limites da malha urbana e o cemitério municipal, numa área periurbana chamada de “*São Pedro*”, “*Sítio de São Pedro*”, ou, na sua forma mais completa, “*Sítio de São Pedro-Calvário*”. Ambas as capelas estão unidas pelas respetivas cabeceiras (e daí o uso do adjetivo “*geminadas*”) e ambas as fachadas estão viradas para direções - aparentemente - opostas: a Capela do Senhor do Calvário (igualmente conhecida como Ermida ou Santuário de Nossa Senhora das Angústias) está voltada para Nascente, ao passo que a Capela de São Pedro está virada para Poente.

Até recentemente, a esmagadora maioria dos investigadores/autores partia do princípio de que estes dois templos haviam sido edificados na primeira metade do século XVII, tendo por base um registo notarial do ano de 1634. No entanto, estas duas igrejas nasceram em pleno século XVI, numa época em que Tavira era ainda a cidade mais importante de todo o Reino do Algarve. É de referir que, nas suas configurações originais, as Ermidas Geminadas de Tavira não estariam geminadas - formavam, ao invés, duas entidades separadas, sem qualquer ligação física entre ambas. Lamentavelmente, estas duas igrejas, apesar de possuírem uma história rica e uma disposição arquitetónica deveras incomum, têm estado ao abandono desde o final do século XX e, no momento presente, estão a um passo da ruína.

**Palavras-chave:** Tavira, São Pedro, Calvário, Nossa Senhora das Angústias, Ermidas, História da Arte, História do Algarve

## ABSTRACT

---

The Twinned Hermitages of Tavira are two small, humble chapels that stand between the current city limits and the municipal cemetery, in a peri-urban area known as “*São Pedro*”, “*Sítio de São Pedro*” or, in its most complete form, “*Sítio de São Pedro-Calvário*”. Both chapels are joint by their respective apses (hence the adjective “*twinned*”) and both facades point in - apparently - opposite directions: the Chapel of the Lord of the Calvary (also known as the Hermitage or Sanctuary of Our Lady of the Anguishes) faces the East and the city of Tavira, while the Chapel of Saint Peter is facing the West.

Until recently, most scholars/authors assumed that these two temples were built in the first half of the XVII Century, based on a notarial registration from the year of 1634. However, the truth is that both churches were born during the XVI Century, when Tavira was still the most important town in the Kingdom of Algarve. It is also worth mentioning that these Twinned Hermitages of Tavira, in their original configurations, were not actually twinned - instead, they formed two separate entities, without any kind of physical connection between them. Sadly, these churches, despite their rich history and unusual architectonic disposition, have been completely abandoned since the end of the XX Century and, nowadays, they are on the verge of ruin.

**Keywords:** Tavira, Saint Peter, Calvary, Our Lady of Anguishes, Hermitages, Art History, Algarve History

# ÍNDICE

## 1. Apresentação sumária do objeto de estudo e algumas considerações de índole metodológica

**1.1** - Do semianonimato a um batismo improvisado ~ uma espécie de introdução: **014**

**1.2** - Todos os nomes de um objeto de estudo: **015**

- ✓ A CAPELA NASCENTE .....**015**
- ✓ A CAPELA POENTE.....**016**
- ✓ AS «ERMIDAS DO CALVÁRIO».....**016**

**1.3** - Descoberta, análise empírica e notas iniciais: **016**

- ✓ A RUA DE SÃO PEDRO.....**017**
- ✓ O SÍTIO DE SÃO PEDRO.....**018**
- ✓ A LOCALIZAÇÃO.....**020**
- ✓ A ENVOLVENTE.....**022**
- ✓ AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....**023**
- ✓ A ERMIDA DO CALVÁRIO.....**027**
- ✓ A ERMIDA DE SÃO PEDRO.....**029**
- ✓ OS TELHADOS.....**031**
- ✓ AS DISCREPÂNCIAS.....**032**

**1.4** - Breve apanhado de tudo o que se escreveu acerca das duas ermidas: **033**

- ✓ WEBGRAFIA.....**033**
- ✓ BIBLIOGRAFIA.....**035**

**1.5** - Perguntas sem resposta aparente (ou o propósito de uma investigação): **041**

**1.6** - Metodologias, fontes e obstáculos encontrados: **045**

## 2. A origem e evolução das ermidas geminadas - factos concretos e conjeturas

**2.1** - A precedência do Calvário em relação a São Pedro ~ o que revelam as fontes: **055**

- ✓ OS REGISTOS PAROQUIAIS.....**055**
- ✓ OS TOPÓNIMOS E AS DENOMINAÇÕES.....**058**

**2.2** - A (possível) relação entre a procissão dos Passos e o nascimento do Calvário: **061**

- ✓ A IGREJA E O CONVENTO DA GRAÇA.....061
- ✓ UM PERCURSO DURADOURO.....063
- ✓ O(S) CRUZEIRO(S) E O MAPA DE FERRARI.....064

### 2.3 - As terras do santuário e seus donos: 067

- ✓ O SÉCULO XX.....067
- ✓ OS SÉCULOS XVII E XVIII.....068

### 2.4 - Edificação das ermidas geminadas - uma cronografia hipotética: 072

- ✓ ANTECEDENTES: O POÇO E O CRUZEIRO.....072
- ✓ PRIMEIRA FASE: O ORATÓRIO/CAPELA-MOR DO CALVÁRIO.....073
- ✓ SEGUNDA FASE: A SACRISTIA.....074
- ✓ TERCEIRA FASE: SÃO PEDRO SEM A ATUAL CAPELA-MOR.....075
- ✓ QUARTA FASE: A CASA DO ERMITÃO.....077
- ✓ QUINTA FASE: A NOVA CAPELA-MOR DE SÃO PEDRO.....078
- ✓ SEXTA FASE: O SANTUÁRIO DA SENHORA DAS ANGÚSTIAS.....080

### 2.5 - Alguns exemplos (parcialmente) análogos: 082

- ✓ CAPELA DO CALVÁRIO/DE SANTA LUZIA (CASTRO MARIM).....083
- ✓ ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ (FARO).....083
- ✓ CAPELA DO NOSSO SENHOR DOS AFLITOS (OLHÃO).....084

## 3. A Capela do Calvário e a sua “conversão” em Santuário de Nossa Senhora das Angústias

### 3.1 - A arquitetura da ermida nascente: 090

- ✓ O ORATÓRIO QUINHENTISTA.....090
- ✓ O SANTUÁRIO SEISCENTISTA.....093

### 3.2 - Arte sacra: pinturas murais, fundo e figuras do Calvário, púlpito e *pietá*: 096

- ✓ AS PINTURAS DAS ABÓBADAS.....096
- ✓ O FUNDO DE CALVÁRIO.....098
- ✓ AS FIGURAS DO CALVÁRIO.....100
- ✓ OS PAINÉIS DE LABRIM E O PÚLPITO.....103
- ✓ A PIETÁ.....104

### 3.3 - A antiga procissão dos Passos: 106

- ✓ AS DATAS, AS ORIGENS E AS ESTAÇÕES.....107
- ✓ O TRAJETO INICIAL.....108
- ✓ A QUESTÃO DAS CONFRARIAS.....109
- ✓ O CORTEJO SOLENE (SEGUNDO DAMIÃO DE VASCONCELOS).....112
- ✓ OS PENITENTES.....114

### 3.4 - A devoção e as celebrações em honra de Nossa Senhora das Angústias: 115

- ✓ A INVOCAÇÃO MARIANA.....115

- ✓ AS ORIGENS DE UMA DEVOÇÃO.....117
- ✓ A SÚBITA QUEDA DE NOSSA SENHORA DA LUZ.....119
- ✓ CONFRARIAS, IRMANDADES E O POUCO QUE SABEMOS.....120
- ✓ OS ROMEIROS E SUA FÉ NAS ANGÚSTIAS..... 123
- ✓ A FACE PROFANA DAS CELEBRAÇÕES.....125
- ✓ SINAIS DE DECLÍNIO RUMO AO FIM.....127
- ✓ REGISTOS DO OCASO DE UM TOPÓNIMO...131

### 3.5 - O Senhor Jesus do Calvário e outras manifestações populares: 132

- ✓ A FESTA DO SENHOR JESUS DO CALVÁRIO.....133
- ✓ OS SÁBADOS DA QUARESMA E DE ALELUIA.....134
- ✓ AS LADAINHAS DE MAIO E OUTRAS ROGAÇÕES.....135

## 4. A confraria, as festas e a Ermida de *Sampedro*

### 4.1 - A arquitetura da ermida virada para oés-sudoeste: 144

- ✓ A IGREJA “CURTA”.....144
- ✓ A IGREJA “COMPRIDA”.....146
- ✓ A FACHADA E OS RETOQUES DE 1784.....149

### 4.2 - Arte sacra - o retábulo, a imagem de São Pedro e os quatro painéis: 152

- ✓ O RETÁBULO E A IMAGEM DE SÃO PEDRO.....152
- ✓ A «SAGA» DOS PAINÉIS QUATROCENTISTAS/QUINHENTISTAS.....154
- ✓ A TÁBUA DE SÃO PEDRO.....159
- ✓ A TÁBUA DE SÃO JOÃO BAPTISTA.....162
- ✓ A TÁBUA DE SÃO VICENTE.....163
- ✓ A TÁBUA DE SÃO BRÁS.....163

### 4.3 - A Confraria de São Pedro: 164

### 4.4 - Os Santos Populares em Tavira e o estranho ocaso das festas de São Pedro: 165

- ✓ AS CELEBRAÇÕES JUNINAS NA CIDADE DO RIO GILÃO.....166
- ✓ UM QUADRO DA ÚLTIMA FESTA DO MÊS.....169
- ✓ A TOPONÍMIA E A MUDANÇA DE SÉCULO.....170
- ✓ SÃO PEDRO REDUZIDO A UM “SÃO JOÃO - PARTE II”.....172
- ✓ UMA ÚLTIMA TENTATIVA ANTES DO FIM.....173

## 5. O novo cemitério, a expansão da malha urbana e o encerramento das duas igrejinhas

### 5.1 - A Rua de São Pedro e o crescimento de Tavira para oeste: 180

- ✓ A RUA DE SÃO PEDRO E A RUA NOVA DE SÃO PEDRO.....180
- ✓ A RUA DE SÃO PEDRO E O SÍTIO DE SÃO PEDRO.....182

✓ DUAS RUAS E DUAS DATAS.....183

5.2 - O novo cemitério municipal: 185

5.3 - Depois de “*Os Cavaleiros de Água Doce*” - uma história de inércia: 188

5.4 - A curiosa classificação como Imóvel de Interesse Municipal: 190

5.5 - O presente e o futuro: 192

## || 6. Conclusão e alguns apontamentos complementares

6.1 - Em resumo: 198

6.2 - Patrimónios em risco, contextos da arte sacra e considerações finais: 199

✧ Bibliografia: 204

✧ Webgrafia: 209

✧ Fontes documentais (em arquivo): 209

✧ Fontes documentais (imprensa escrita): 211

✧ Outras fontes utilizadas: 213

✧ Agradecimentos e notas finais: 214



▲ *Ermida do Senhor do Calvário ou de Nossa Senhora das Angústias em 2019*



▲ *Ermida de São Pedro do Calvário em 2019*



▲ *As Ermidas Geminadas de Tavira vistas de perfil*

# 1. Apresentação sumária do objeto de estudo e algumas considerações de índole metodológica

## 1.1: Do semianonimato a um batismo improvisado ~ uma espécie de introdução

O meu objeto de estudo é um objeto de estudo similar a qualquer outro objeto de estudo. No entanto, o meu objeto de estudo é diferente doutros objetos de estudo, dado que, oficialmente, o meu objeto de estudo não tem nome.

Passo a explicar.

Se quisermos ser estritamente rigorosos, não existe uma palavra ou locução que englobe, de forma satisfatória, todo o conjunto arquitetónico e religioso que dá corpo a esta dissertação, conquanto que haja algumas designações para as parcelas que o compõem. Socorrendo-me de um analogismo, seria como se existissem os vocábulos “*carpo*”, “*metacarpo*”, “*falange*”, “*dedo*” e “*palma*”, sem que jamais tivesse sido criada a palavra “*mão*”. Como não faria qualquer sentido discorrer sobre algo que não tem um nome, vi-me obrigado a preencher esta omissão lexical: ao longo das páginas que se seguem, referir-me-ei ao meu objeto de estudo como “*Ermidas Geminadas de Tavira*”, uma denominação que é razoavelmente abrangente e, até certo ponto, autoexplicativa, ainda que não esteja isenta de pechas.

Este estado de semianonimato das duas capelinhas irmanadas acaba por ser sintomático dum certo desinteresse por parte de quem estuda e escreve sobre o património histórico, religioso e cultural tavirense. De facto, basta uma consulta rápida à bibliografia sobre os monumentos e igrejas do concelho para nos darmos conta de quão mal estudadas estavam estas duas casas de Deus: praticamente todas as referências são breves, pouco aprofundadas e, como adiante veremos, peçadas de imprecisões. Em momento algum da minha pesquisa me deparei com um trabalho de investigação académica onde as Ermidas Geminadas de Tavira ocupassem um papel de destaque, por si só, este facto justifica plenamente a existência desta tese.

Posto isto, interrogo-me: porquê tamanha indiferença em relação a estas igrejas?

Até certo ponto, este alheamento poder-se-ia justificar pelo modo como olhamos para o meu objeto de estudo: se nos cingirmos a examinar cada uma das partes deste conjunto de forma estritamente individualizada, é bem possível que fiquemos com a sensação de que as Ermidas Geminadas de Tavira pouco ou nada têm que as diferencie das demais capelinhas construídas

no Algarve no decurso dos séculos XVI, XVII e XVIII; contudo, se nos dispusermos a olhar para o conjunto como um todo uno e se conseguirmos compreender o modo como as quatro parcelas que o compõem “interagem” entre si - e se soubermos levantar as questões certas -, é bem provável que concluamos que estas ermidas formam um dos conjuntos arquitetónicos e religiosos mais enigmáticos de toda a região meridional de Portugal Continental.

## 1.2: Todos os nomes de um objeto de estudo

Antes de avançarmos, necessitamos de conhecer o(s) nome(s) de cada uma das quatro partes que formam o conjunto arquitetónico e religioso por mim batizado de “*Ermidas Geminadas de Tavira*” (designação que, reforço, não tem qualquer cariz oficial). Por uma questão funcional, vamos dividir este conjunto em duas parcelas: nascente e poente<sup>1</sup>; a cada uma destas metades corresponde uma ermida e um anexo.

### A CAPELA NASCENTE

O primeiro templo é justamente aquele para o qual mais designações encontrei:

- *Capela do Calvário;*
- *Igreja do Calvário;*
- *Ermida do Calvário;*
- *Santuário do Calvário;*
- *Ermida do Senhor do Calvário;*
- *Ermida de Nossa Senhora das Angústias;*
- *Ermida da Senhora das Angústias;*
- *Santuário de Nossa Senhora das Angústias;*
- *Santuário de Nossa Senhora das Angústias do Calvário;*
- *Santuário da Senhora das Angústias.*

Adossado à capela-mor da Ermida do Senhor do Calvário, existe um pequeno anexo, sobre o qual as informações são escassas; diz-nos o jornalista-historiador Damião de Vasconcelos que tratar-se-ia duma «*minúscula sacristia*»<sup>2</sup>, hipótese que julgo fazer todo o sentido. Esta casinha anexa comunica com a capela-mor através de uma porta no lado do Evangelho.

<sup>1</sup> Esta divisão serve exclusivamente para orientar o leitor. Contudo, neste caso, “*nascente*” e “*poente*” podem não corresponder exatamente aos pontos cardeais este e oeste, facto que será explicado dentro de algumas páginas.

<sup>2</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989, pág. 280

## A CAPELA POENTE

Para o segundo templo, encontrei quatro denominações - neste caso, trata-se de variações semânticas umas das outras, já que a devoção é rigorosamente a mesma:

- *Ermida de São Pedro*<sup>3</sup>;
- *Capela de São Pedro*;
- *Igreja de São Pedro*;
- *Igreja de São Pedro do Calvário*.

Colada à capela do primeiro bispo de Roma está a antiga casa do eremita, sobre a qual falarei no momento oportuno. De feição modesta, esta habitação comunica<sup>4</sup> com a ermidezinha que lhe está adossada, ainda que, contrariamente ao que sucede no Calvário, a porta esteja situada no corpo da igreja e não na capela-mor.

## AS «ERMIDAS DO CALVÁRIO»

No decurso das minhas pesquisas no Arquivo Distrital de Faro, deparei-me com um registo de casamento do século XVII, no qual encontrei aquela que creio ser a primeira referência de conjunto às duas capelas: «*Ermidas do Calvário*»<sup>5</sup> é a locução usada, de forma perfeitamente casual, neste documento do primeiro quartel de Seiscentos. Como veremos mais adiante, esta denominação (que é também utilizada por Damião de Vasconcelos num conjunto de artigos publicados no jornal *Povo Algarvio* em 1941<sup>6</sup>) peca por não abarcar a totalidade do conjunto religioso e arquitetónico que me propus estudar, pelo que decidi descartá-la. O epíteto criado por José António Pinheiro e Rosa («*as “irmãs siamesas” das igrejas do Algarve*»<sup>7</sup>) também não é estritamente rigoroso, pelo que me vi forçado a conceber uma designação alternativa que não hierarquizasse as duas metades do conjunto: “*Ermidas Geminadas de Tavira*”.

### 1.3: Descoberta, análise empírica e notas iniciais

Neste ponto, julgo pertinente fazer um esclarecimento acerca das razões que levaram o autor da presente dissertação a querer estudar duas ermidezinhas de aspeto humilíssimo, quando, até

<sup>3</sup> Nas minhas buscas pelos registos paroquiais, encontrei amiúde as grafias “*Sampedro*” ou “*Sam Pedro*”, as quais, obviamente, correspondem a “*São Pedro*”.

<sup>4</sup> Para ser rigoroso, deveria empregar o verbo no pretérito imperfeito: “*comunicava*”.

<sup>5</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme n.º 603 SGU, 1606-1617, folha 20 (página 39)

<sup>6</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 364, 15 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>7</sup> ROSA, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 1

aqui, ninguém havia considerado que valeria a pena fazê-lo. Para se compreender tudo aquilo que este objeto de estudo tem de extraordinário e de trivial - as duas facetas são importantes -, vejo-me forçado a adotar um registo mais personalizado do que é habitual e desejável em se tratando de uma tese académica; no entanto, não podemos ignorar que se trata de um objeto de estudo bastante peculiar, o que, *per se*, implica o uso metodologias igualmente peculiares.

Friso, no entanto, que a opção por uma narrativa que segue a ótica de um observador casual e interessado não põe, de forma alguma, em causa o rigor factual e/ou analítico.

## A RUA DE SÃO PEDRO

Chamei-lhes “*Ermidas Geminadas de Tavira*”. Mas, se quiser ser estritamente rigoroso, devo começar por sublinhar que estas duas igrejas jamais fizeram parte do tecido urbano tavirense, conquanto que se localizem a poucos metros de uma das entradas ocidentais da cidade: a Rua de São Pedro (a qual, em verdade, só adotou oficialmente este topónimo a 22 de fevereiro de 1982, após deliberação camarária<sup>8</sup>).

Esta proximidade entre a urbe e suas ermidas irmanadas não existia na altura em que estas foram edificadas; para confirmarmos isso mesmo, basta consultar o mapa da cidade de Tavira e seus «*suburbios occidentales*»<sup>9</sup> desenhado pelo engenheiro militar José de Sande Vasconcellos: por volta de 1780, a Rua de São Pedro ainda nem sequer existia, sendo a área correspondente a esta artéria ocupada por «*terras de pão e arvoredos*»<sup>10</sup>.

O distanciamento entre a malha urbana e as igrejas é-nos confirmado por Frei Agostinho de Santa Maria, que, no ano de 1718 (altura em que o Santuário da Senhora das Angústias seria um dos locais de culto de maior devoção popular em Tavira), referia que as duas ermidinhas estariam a «*pouco menos de hum quarto de legoa*»<sup>11</sup> (equivalente a cerca de um quilómetro<sup>12</sup>) de distância da cidade propriamente dita<sup>13</sup>. As duas fontes que citei são do século XVIII; como

<sup>8</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Toponímia de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2000, págs. 46 e 47

<sup>9</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*

<sup>11</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718, pág. 424

<sup>12</sup> Em Portugal (e no resto do mundo), o comprimento de uma légua teve variações substanciais de época para época ou de local para local, pelo que é sempre muito difícil saber-se a quantos metros corresponde uma légua antes de 1855; a partir deste ano, em Portugal, uma légua itinerária passa a equivaler a cinco mil metros. Não obstante, a maior parte das léguas corresponderia a mais de quatro quilómetros e a menos de oito, pelo que podemos estabelecer que Frei Agostinho de Santa Maria se referia a uma distância superior a um quilómetro e inferior a dois.

<sup>13</sup> <https://www.revistamilitar.pt/artigo/500>

veremos mais adiante, as capelas são substancialmente mais antigas, o que só reforça a ideia de afastamento entre ambas e a urbe.

Uma nota final: conquanto que a Rua de São Pedro deva o seu nome à Ermida de São Pedro, nem esta igreja, nem a sua “colega” das Angústias se localizam na supradita artéria tavirense; presentemente, esta Rua de São Pedro também já não pertence ao Sítio de São Pedro, sobre o qual, de resto, falarei em detalhe no imediato.

## O SÍTIO DE SÃO PEDRO

Portanto, já estabelecemos que as Ermidas Geminadas de Tavira não fazem parte de Tavira. Pertencem, isso sim, a um arrabalde sobranceiro à malha urbana: o Sítio de São Pedro (ou, na forma abreviada, “*São Pedro*” - aliás, esta é a denominação utilizada pelo Instituto Nacional de Estatística<sup>14</sup> nos Censos 2011). Alguns endereços de empresas ou particulares recorrem a dois outros topónimos, que, *grosso modo*, designam zonas diferentes deste alfoz: “*Sítio de São Pedro-Calvário*” (para o lado sul da N125) e “*Sítio de São Pedro-Calada*” (para o lado norte da N125)<sup>15</sup>. “*Calvário*” e “*Calada*” são nomes muito antigos, que aparecem nas cartas de Sande Vasconcellos<sup>16</sup>, sendo o primeiro deles de crucial importância no contexto da presente tese.

Presentemente, o topónimo “*Calvário*”<sup>17</sup> já caiu em desuso, mas, em épocas mais recuadas, era amiúde empregue para denominar o local onde estão implantadas as Ermidas Geminadas de Tavira - e encontramos-lo, por exemplo, num artigo do *Povo Algarvio* de 1913<sup>18</sup>, num assento de óbito de 1694<sup>19</sup>, no referido mapa de José de Sande Vasconcellos (cerca de 1780) e noutras fontes que consultei. Não se julgue, porém, que “*São Pedro*” é um topónimo contemporâneo - deparei-me com registos paroquiais dos séculos XVII<sup>20</sup> e XVIII<sup>21</sup> onde o mesmo é usado pelo clérigo responsável pelo assento.

<sup>14</sup> <http://mapas.ine.pt/map.phtml> (*tabelas em Excel*)

<sup>15</sup> Para além das designações a que fiz referência, também me deparei com uma empresa cujo endereço era no «*Sítio de São Pedro-Santiago*». Neste caso, não se trata de um hipotético lugar de Santiago, mas uma referência ao facto de São Pedro se localizar na (antiga) freguesia de Santiago - ou seja, neste caso, quase podíamos considerar que se trata de uma variante semântica de “*Sítio de São Pedro*”.

<sup>16</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>17</sup> Refiro-me ao topónimo na sua forma simples, sem a adição da partícula “*São Pedro*”.

<sup>18</sup> “*A Transformação de Tavira*”, In *Província do Algarve*, n.º 251, 7 de setembro de 1913 (domingo), págs. 1 e 2

<sup>19</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 2 - Caixa 392, Microfilme nº 609 SGU, 1684-1695, folha 88 (página 175)

<sup>20</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 5 - Caixa 383, Microfilme nº 603 SGU, 1628-1642, folha 121 (página 240)

<sup>21</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Casamentos, Livro 7 - Caixa 391, Microfilme nº 608 SGU, 1789-1788, folha 12 (página 22)

Com efeito, durante séculos, houve uma sobreposição entre os topónimos “*Calvário*” e “*São Pedro*”, mas teria existido sempre uma espécie de hierarquia não-oficial entre ambos: assim, em épocas mais recuadas, “*Calvário*” seria o “topónimo-alfa”, situação que se inverteu a partir do final de Setecentos.

Ainda assim, na passagem do terceiro para o derradeiro quartel do século XX, a confusão/justaposição entre “*Calvário*” e “*São Pedro*” não estaria ainda totalmente sanada e a prova disso mesmo é a edição de 13 de janeiro de 1973 do jornal *Povo Algarvio*: na página 2, a propósito das exéquias fúnebres de Joaquina Custódia de Oliveira, é referido o «*Cemitério do Calvário*»<sup>22</sup>; na página seguinte, deparamos com uma notícia breve, que nos diz ter sido encontrada a bicicleta motorizada pertencente ao senhor Joaquim Lourenço, morador em «*S. Pedro, freguesia de S. Tiago - Tavira*».<sup>23</sup>

Não se julgue, todavia, que esta questão está irrevogavelmente encerrada.

Uma consulta à página da Câmara Municipal de Tavira no Facebook resultou na descoberta de três *posts* que demonstram como os topónimos continuam a ser utilizados de forma algo incerta até mesmo por um organismo autárquico: o primeiro *post*, com data de 8 de Fevereiro de 2011, anuncia cortes no abastecimento de água nos sítios do «*Calvário*»<sup>24</sup> e da «*Calada*»<sup>25</sup> (ambos referidos sem a partícula “*São Pedro*”, tal e qual como surgiam no mapa setecentista de Sande Vasconcellos); no segundo *post*, datado de 2 de setembro de 2011, é referido que a realização de trabalhos na rede de distribuição obrigará a cortes no fornecimento de energia elétrica no «*Sítio de São Pedro*»<sup>26</sup>, no «*Sítio de São Pedro - Calada*»<sup>27</sup> e também no «*Sítio de São Pedro - Calvário*»<sup>28</sup> - portanto, usam-se três topónimos para diferenciar zonas distintas de um mesmo arrabalde; por fim, temos um *post* de 16 de março de 2021, no qual a Empresa Municipal TaviraVerde comunica que vai haver um corte parcial no abastecimento de água no «*Sítio do Calvário e São Pedro*»<sup>29</sup> - aqui temos mais uma variante toponímica com a qual, confesso, ainda não me tinha deparado.

<sup>22</sup> In *Povo Algarvio*, n.º 2013, 13 de janeiro de 1973 (sábado), pág. 2

<sup>23</sup> *Ibidem*, pág. 3

<sup>24</sup> <https://www.facebook.com/CMTavira/posts/187483047952445>

<sup>25</sup> *Ibidem*

<sup>26</sup> <https://www.facebook.com/CMTavira/posts/10150285477328163>

<sup>27</sup> *Ibidem*

<sup>28</sup> *Ibidem*

<sup>29</sup> <https://www.facebook.com/CMTavira/posts/10158303646493163>

Este fenómeno de substituição e, por vezes, sobreposição de topónimos é muito frequente em Portugal<sup>30</sup>, particularmente em aglomerados populacionais de pequena dimensão, como será o caso em análise. Sem embargo, a evolução do(s) nome(s) de uma localidade é algo que pode jogar a favor dos intentos do investigador, o qual encontra na toponímia uma valiosa fonte de informações, como, aliás, teremos a oportunidade de constatar ao longo desta dissertação.

Obviamente, o Sítio de São Pedro não é uma cidade ou, sequer, uma vila e tampouco merece ser classificado como aldeia. De acordo com a classificação do INE<sup>31</sup>, é tão-somente um lugar, a mais pequena unidade administrativa usada para designar um aglomerado populacional<sup>32</sup> no nosso país<sup>33</sup>. Mesmo em épocas recuadas, São Pedro nunca teve população ou importância para poder ser sede paroquial - na verdade, nunca passou dum mero local esquecido no termo da freguesia de Santiago, à qual pertenceu até 2013; a partir da entrada em vigor da Lei n.º 11-A/2013<sup>34</sup>, este lugar passou a integrar a União de Freguesias de Tavira, nascida da fusão de Santa Maria com Santiago (as duas paróquias originais do século XIII).

Na época em que escrevo estas linhas, fala-se numa eventual reversão (total ou parcial<sup>35</sup>) da Lei n.º 11-A/2013, o que significa que, no futuro, O Sítio de São Pedro pode voltar a integrar a freguesia de Santiago (isto caso a União de Freguesias seja efetivamente desfeita).

## A LOCALIZAÇÃO

Antes de avançarmos, abro aqui um breve parêntesis.

De acordo com a ficha do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), a Ermida de Nossa Senhora das Angústias localiza-se no «*Largo do Calvário junto à EN125*»<sup>36</sup>; em rigor, nem a Igreja do Calvário está voltada para largo algum, nem há, em toda a União de Freguesias de Tavira, qualquer Largo do Calvário - o que existe é um pequeno terreiro sobranceiro às duas capelas e que, amiúde, acaba por servir de parque de estacionamento (em especial, quando se realizam funerais, embora os residentes e até alguns camionistas tenham

<sup>30</sup> MARQUES, Bernardo de Serpa, "População por lugares: expressão censitária de uma realidade geográfica.", In *Estatísticas & Estudos Regionais* - Região Norte, nº 3, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1993, pág. 19

<sup>31</sup> <http://mapas.ine.pt/map.phtml> (tabelas em Excel)

<sup>32</sup> A partir dos Censos de 1991, o Instituto Nacional de Estatística passou a considerar como sendo um lugar um aglomerado populacional com, pelo menos, dez fogos; até 1991, bastavam cinco fogos.

<sup>33</sup> MARQUES, Bernardo de Serpa, "Os Recenseamentos da População e a definição Geográfica dos lugares", In *Estatísticas & Estudos Regionais* - Região Norte, nº 2, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1993, pág. 37

<sup>34</sup> Lei n.º 11-A/2013, In *Diário da República*, 1.ª série - N.º 19 - 28 de janeiro de 2013, pág. 552 (119)

<sup>35</sup> <https://postal.pt/politica/2020-01-25-Congresso-Anafre-Autarcas-alertam-para-eventuais-problemas-d-e-nova-reorganizacao-administrativa>

<sup>36</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145)

por hábito estacionar as suas viaturas neste espaço). Na ficha do SIPA respeitante à Ermida de São Pedro, o citado Largo do Calvário não é referido na alínea concernente à localização deste templo: «*Junto à EN125 à entrada da cidade para quem vem de Faro*»<sup>37</sup>.

Estes são apenas dois exemplos de erros, imprecisões e até incoerências com que me deparei nas fichas do SIPA e da Direção-Geral do Património Cultural<sup>38</sup> (DGPC) referentes a estas ermidas. A meu ver, estas falhas não serão fruto da incapacidade de seus autores, mas sim da ausência dum estudo aprofundado sobre as capelinhas emparelhadas.

Retornemos agora ao mapa de Sande Vasconcellos. Por volta do ano de 1780, as ermidas de Nossa Senhora das Angústias e de São Pedro estariam a poucos metros da margem sul da principal estrada que saía da cidade em direção a ocidente; na altura, a referida estrada era conhecida apenas como o «*Caminho de Tavira para Faro*»<sup>39</sup>, denominação bastante singela para uma via, que, em larga medida, é a antepassada direta da atual Estrada Nacional 125<sup>40</sup>. De 1780 para cá, o traçado da malha viária naquela zona sofreu várias modificações e poucas semelhanças terá com aquilo que José de Sande Vasconcellos desenhou no último quartel de Setecentos - as igrejas-gémeas estão visivelmente mais afastadas da estrada principal, ficando um tudo-nada esquecidas numa ruela sem nome (quase) paralela à N125 e que dá acesso ao Cemitério Municipal.

Em 1780, as duas ermidas situavam-se perto da encruzilhada onde o Caminho de Tavira para Faro se junta à estrada de terra que liga o Sítio de São Pedro ao Caminho das Trindades (diz Damião de Vasconcelos que este caminho era popularmente conhecido como a «*estradinha da Cafurna*»<sup>41</sup>, designação que ainda não caiu no esquecimento). Não obstante as diferenças face a 1780, a encruzilhada ainda existe: entre o Calvário de Tavira e o parque de estacionamento do ALDI, começa uma estradita que cruza a via férrea (trata-se duma passagem de nível sem guarda) e todo o sector mais rural do Sítio de São Pedro; depois da bifurcação com a estrada que segue para Pedras d'el Rei, este caminho (o qual, na maior parte da sua extensão, não se encontra asfaltado) termina na vila de Santa Luzia.

<sup>37</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9147](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9147)

<sup>38</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71060>

<sup>39</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>40</sup> A denominação N125 apareceu somente em 1945 e veio substituir a designação oficial implementada na época do Fontismo: “*Estrada Real n.º 78*”.

<sup>41</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 86

## A ENVOLVENTE

São Pedro não é um subúrbio de Tavira. É, isso sim, um local que corresponde na íntegra ao conceito de área periurbana<sup>42</sup>: um espaço físico exterior aos limites da cidade, onde os tecidos urbano e rural se mesclam indistinta e descontinuamente numa zona escassamente povoada. O Sítio de São Pedro é um lugar de importância tão reduzida, que não há sequer placas que o assinalem e, como pude constatar, mesmo os seus limites são difíceis de descortinar.

Dito isto, o Sítio de São Pedro-Calvário mais não é do que um mero local de passagem, onde o principal elemento estruturante da paisagem edificada é a Nacional 125 - inclusivamente, é em torno da principal estrada do Algarve que encontramos as (poucas, é certo) empresas de comércio e/ou serviços<sup>43</sup> que se instalaram neste lugar cujo nome se deve a duas ermidades. *Grosso modo*, a N125 é o elemento que define o ordenamento territorial do tecido empresarial no Sítio de São Pedro - e de forma alguma podemos afirmar que estamos perante um parque empresarial similar àquele que, há alguns anos, foi feito de raiz em Santa Margarida<sup>44</sup>.

Curiosamente, Santa Margarida é uma alfoz com um punhado de afinidades com São Pedro: ambos os sítios foram classificados como lugares pelos Censos 2011<sup>45</sup> e ambos pertenciam à extinta freguesia de Santiago; ambos devem os seus nomes a pequenas ermidas hoje votadas ao abandono; em ambos os casos, as capelinhas que deram origem a estas povoações (ou, pelo menos, aos seus topónimos) são mais antigas do que inicialmente se julgava.

Ao longo da segunda metade do século XX, a fixação de um (algo ténue) tecido empresarial contribuiu para a transformação de São Pedro numa área periurbana de Tavira - ou seja, um local que, segundo o dizer popular, “*não é carne, nem é peixe*”. Todavia, nem sempre foi assim.

Bastar-nos-ia retroceder até às décadas iniciais de Novecentos para nos depararmos com um Sítio de São Pedro-Calvário estritamente rural e, tal como sucede ainda hoje, despojado de importância e de gentes; este último aspeto faz com que seja extremamente difícil encontrar referências a este lugarejo em obras e/ou fontes antigas - e pego, por exemplo, na *Corografia (...) do reino do Algarve*, de 1841, onde João Baptista da Silva Lopes menciona vários lugares

<sup>42</sup> [https://www.infopedia.pt/\\$area-periurbana](https://www.infopedia.pt/$area-periurbana)

<sup>43</sup> O leque de empresas que se estabeleceu em São Pedro é, na verdade, bastante limitado - na maior parte dos casos, estamos a falar de empresas de lavagem, comércio e/ou reparação de automóveis (para além de um centro de inspeções de veículos e de dois postos de abastecimento de combustíveis). Portanto, as exceções à regra são um *stand* de venda de motos, uma empresa de barcos de recreio, um supermercado, uma loja de móveis e, já perto dos limites ocidentais de São Pedro, uma loja de tintas e um restaurante.

<sup>44</sup> <https://www.ativartavira.pt/pt/parque-empresarial/parque-empresarial-1>

<sup>45</sup> <http://mapas.inc.pt/map.phtml> (tabelas em Excel)

do concelho de Tavira (Antas<sup>46</sup>, Asseca<sup>47</sup>, Arroio ou Pedras d'el Rei<sup>48</sup>, só para citar alguns) e nem uma palavra dedica a São Pedro ou ao Calvário<sup>49</sup>, ainda que este sítio tivesse registado algum crescimento populacional nas décadas anteriores. Dito isto, se quisermos reconstituir ao pormenor a paisagem do Sítio de São Pedro no primeiro quartel do século XX, temos que ter presente que as fontes, diretas ou indiretas, são muito, muito escassas - e vagas.

Tanto quanto sei, apenas existe (ou sobreviveu) uma fotografia<sup>50</sup> na qual é possível ver como era o Calvário no início do século XX e é provável que essa seja a imagem mais antiga que há da envolvente das Ermidas Geminadas de Tavira<sup>51</sup>. Ainda que a qualidade e a nitidez da foto sejam bastante precárias, é possível perceber que as duas capelinhas estariam inseridas numa área de amendoads - esforçando um pouco a vista, conseguimos igualmente descortinar um ou outro telhado (seguramente, de edifícios rústicos).

As poucas informações que consegui extrair a partir de fontes escritas corroboram a ideia de que, há sensivelmente cem anos, a paisagem do Sítio do Calvário seria cem por cento rústica. Cito, como exemplo, uma passagem dum edital publicado no semanário *Província do Algarve*, onde nos é descrita a parcela de uma quinta que iria ser expropriada para o novo cemitério - note-se que estamos a falar da courela que estava pegada ao alçado sul das capelas: «terra de semear, figueiras, uma amendoeira, um palheiro e uma nora em construção»<sup>52</sup>. Mais campestre não podia ser.

Excluindo as parcelas que constituem o meu objeto de estudo - e, obviamente, uma ou outra casa que possa ter sobrevivido - os demais elementos humanos da paisagem do Sítio de São Pedro têm, na melhor das hipóteses, um século de existência. O mais antigo destes “novos” elementos é o Cemitério Municipal de Tavira, equipamento que entrou em funcionamento no mês de outubro de 1918<sup>53</sup>.

---

<sup>46</sup> **LOPES**, João Baptista da Silva, *Corografia ou Memória económica, estadística e topográfica do reino do Algarve*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1841, pág. 355

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, págs. 363 e 364

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, pág. 364

<sup>49</sup> Aliás, o mapa que acompanha a *Corografia do Reino do Algarve* ignora completamente a existência do antigo Calvário de Tavira. Creio que esta ausência derivará de uma lacuna no levantamento feito por João Baptista da Silva Lopes, já que o Calvário surge representado no mapa de Sande Vasconcellos, desenhado 60 anos antes.

<sup>50</sup> **SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 208

<sup>51</sup> Mesmo com o auxílio de uma lupa, é impossível ter a certeza se as ermidas surgem ou não na fotografia.

<sup>52</sup> In *Província do Algarve*, n.º 321, 14 de fevereiro de 1915 (domingo), pág. 2

<sup>53</sup> In *Província do Algarve*, n.º 504, 3 de novembro de 1918 (domingo), pág. 1

Hoje em dia, as Ermidas de Nossa Senhora das Angústias e de São Pedro já não são palco de festividades religiosas, sendo essa uma das explicações para o estado de abandono em que se encontram. No entanto, entre meados de Quinhentos e o primeiro quartel do século transato, estes dois templos eram palco de diversas procissões, romarias e eventos festivos de natureza religiosa/popular; nessa altura, o espaço em redor das ermidas estava ainda desimpedido, ao ponto de possibilitar que, no local, se realizassem bazares, quermesses, corridas de burros<sup>54</sup> e até cavalhadas<sup>55 56</sup>. Hoje em dia, a ocupação do solo dificultaria - ou invalidaria - a realização de feiras ou romarias diante das ermidas, posto que o único espaço vago é o terreiro/parque de estacionamento (o qual, inclusivamente, se revela algo exíguo quando há algum funeral).

Diz-nos Damião de Vasconcelos, que, em tempos idos, era possível circundar as duas igrejas do Sítio do Calvário - inclusivamente, tal ritual fazia parte das festas de São Pedro, quando «*toda a cavalgada rodeava as duas ermidas - S. Pedro e Senhora das Angústias - dando três voltas, e dispersando em seguida*»<sup>57</sup>; porém, acrescenta o autor, em 1941, este hábito era uma «*memória há muito perdida*»<sup>58</sup> - aliás, pela metade da década de 1940, a Capela de São Pedro seria um «*templo quase em ruínas*»<sup>59</sup>, facto que indicia que nenhum uso lhe era dado. Seja como for, hoje em dia, é impossível dar uma volta - quanto mais três - ao redor das duas ermidas, uma vez que existem edificações acopladas ao lado Sul do conjunto (ou seja, coladas à antiga sacristia e à casa do ermitão), formando um bloco ininterrupto de formato irregular entre a fachada da Capela do Calvário e o muro oriental do Cemitério Municipal.

## AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Analisado o entorno, centremo-nos agora na observação das oradas propriamente ditas.

Conforme se depreende pelas minhas descrições anteriores, as Ermidas Geminadas de Tavira não são um conjunto arquitetónico particularmente imponente. De acordo com medições que efetuei *in situ*, a parede voltada a norte<sup>60</sup> tem apenas 21,10 metros de comprimento e este é o

<sup>54</sup> In *Província do Algarve*, n.º 500, 22 de setembro de 1918 (domingo), pág. 1

<sup>55</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 199

<sup>56</sup> As cavalhadas são desfiles equestres dotados de uma certa componente teatral, cuja origem parece remontar aos torneios medievais. Apesar de já não se realizarem em Tavira, as cavalhadas continuam bem vivas noutros locais de Portugal (em Viseu, por exemplo) e até mesmo do Brasil.

<sup>57</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 374, 24 de agosto de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>58</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>59</sup> CRUZ, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, pág. 29

<sup>60</sup> A existência de outras edificações agregadas a este conjunto faz com que seja impossível fazer medições do lado sul a partir do exterior.

número mais expressivo de toda a estrutura; acresce ainda que os citados 21,10 metros não dizem respeito a uma parede simples, mas sim à soma dos comprimentos dos alçados de duas igrejas. Os valores correspondentes à largura e à altura de qualquer uma destas capelas serão ainda mais modestos, como veremos mais adiante. De igual forma, muitíssimo humildes são os dois portais e os sete óculos ou janelas que rasgam os alçados frontais ou laterais destas duas ermidades às portas de Tavira.

Com efeito, a própria arquitetura deste conjunto religioso é pautada por uma simplicidade e um despojamento extremos, sendo notória a ausência quase total de elementos estilísticos e/ou funcionais que ajudem estas ermidas a destacar-se na paisagem - em rigor, se não fosse pela sua peculiar configuração, estas igrejas seriam iguais a muitas outras que foram erigidas um pouco por todo o Algarve ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Em se tratando de ermidas, seria altamente improvável que possuíssem torres sineiras, mas a casa do Senhor do Calvário nem sequer apresenta vestígios de algum dia ter tido um simples campanário<sup>61</sup>, por mais modesto que fosse. Contudo, há elementos que encontramos noutras igrejinhas do concelho de Tavira e que estão ausentes deste conjunto - e cito, como exemplo, a cúpula com lanternim sobre o altar-mor, uma solução arquitetónica presente em São Roque, em São Sebastião, em Nossa Senhora do Livramento<sup>62</sup>, em Nossa Senhora da Saúde e até na antiga ermida quinhentista de Santa Luzia<sup>63</sup> (demolida em 1958 para dar lugar à atual igreja paroquial), mas que não vemos nas Angústias ou em *Sampedro*. Também não existem ornatos de fachada (nas ermidas de São Lázaro, Nossa Senhora da Saúde, São Brás e São Roque há pináculos ou fogaréus) - aliás, no exterior da parelha de templos arrabaldeiros em análise, só há um único elemento de cariz decorativo: as insígnias de São Pedro na respetiva orada... e é crível que as ditas insígnias só lá estejam desde o último quartel do século XVIII.

Um aspeto que faz com que estas igrejas acabem por passar um tudo-nada despercebidas é o mau estado das mesmas. Há alguns anos, o Plano Regional de Intervenções Prioritárias do Algarve 2013, no ponto alusivo à Ermida do Senhor do Calvário<sup>64</sup>, alertava já para o «risco de

---

<sup>61</sup> Se ao Calvário lhe falta um único campanário, a Ermida de Nossa Senhora do Livramento possui dois.

<sup>62</sup> Refiro-me à igrejinha existente no sítio do Livramento e não à sua homónima da cidade de Tavira, a qual também é conhecida como “*Ermida de São Lázaro*”; esta última ermida, de origem medieval e reconstrução seiscentista, não possui qualquer cúpula.

<sup>63</sup> **SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, Procissões, *Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 38

<sup>64</sup> Não é a única vez que, em documentos de índole oficial, a Ermida de São Pedro é tratada como se fosse apenas um mero apêndice do Santuário de Nossa Senhora das Angústias; uma vez mais, fica patente a falta que fazia um estudo aprofundado destes templos.

*integridade da estrutura*»<sup>65</sup>, ao mesmo tempo que apontava a necessidade de serem feitas obras de reabilitação dos edifícios a curto prazo<sup>66</sup> (por “curto prazo” entenda-se um período inferior a um ano). Estamos a falar de um documento de 2013 - em 2021, no exato momento em que estas linhas são redigidas, nada foi feito para salvaguardar este conjunto arquitetónico e religioso, que, inclusivamente, se tem vindo a degradar de forma notória desde a elaboração do PRIPALG 2013.

Uma das razões que explicam a degradação e o ostracismo a que têm sido votadas as ermidas geminadas tem a ver com o problema da sua utilização: desde finais do século XX, quando a Capela do Calvário deixou de receber velórios, que estas igrejinhas não têm qualquer função. Inclusivamente, até ao início de 2019, as duas ermidas-irmãs nem sequer tinham junto de si as habituais placas que informam o visitante/transeunte que esta é a igreja X e que aquela é a igreja Y; para ser rigoroso, apenas a de São Pedro não tinha placa - a Ermida do Senhor do Calvário até possuía uma, mas as letras estavam de tal modo sumidas, que, na prática, é como se lá não estivesse placa alguma; hoje em dia, ambas as capelas possuem placas informativas<sup>67</sup>, mas essa foi a única intervenção a que tiveram direito ao longo do decénio de 2010.

Todas as condicionantes que enunciei contribuem para que as ermidas do Senhor do Calvário e de São Pedro acabem por passar relativamente despercebidas aos olhos de quem circula na Estrada Nacional 125 - mais ainda quando há camiões de grande porte estacionados junto às duas capelinhas, algo que sucede com alguma frequência. Tamanho é o descaso em relação às oradas do Sítio de São Pedro-Calvário que os moradores estacionam seus automóveis à porta destas casas de Deus, sabendo de antemão que alma alguma irá entrar nestas ermidas... o que é verdade, diga-se de passagem: há cerca de vinte anos que as capelas de Nossa Senhora das Angústias e de São Pedro não recebem um velório, um casamento, um batizado<sup>68</sup>, uma festa religiosa ou mesmo uma simples visita turística.

Inclusivamente, foi-me confidenciado que a chave do cadeado da porta da Ermida do Senhor do Calvário já se terá extraviado; isto significa que, para acedermos ao interior do Santuário das Angústias, somos obrigados a fazê-lo pela antiga sacristia. Por seu lado, a porta da Igreja

---

<sup>65</sup> AAVV, *Plano Regional de Intervenções Prioritárias do Algarve 2013*, Faro, Direção Regional de Cultura do Algarve, 2013, pág. 387

<sup>66</sup> *Idem, ibidem*, pág. 392

<sup>67</sup> Infelizmente, em consequência da falta de um estudo aprofundado sobre estas duas ermidas, as informações inscritas em ambas as placas nem sequer estão propriamente corretas.

<sup>68</sup> A bem da verdade, confesso que, nas minhas pesquisas pelos registos da paróquia de Santiago, não encontrei qualquer referência a ter havido algum batizado em qualquer uma das igrejas. Porém, há assentos que provam que já se realizaram casamentos e até enterros (pelo menos, um) nas Ermidas Geminadas de Tavira.

de São Pedro estava presa não por um cadeado e uma corrente, mas sim por um frágil arame, decerto incapaz de deter os intentos de qualquer eventual assaltante.

Face ao exposto, pode-se dizer que estas capelas estão devolutas e, na prática, é (quase) como se não existissem.

Poucos são, pois, os olhares que se detêm, por um instante que seja, nestas capelas. E quando há um observador casual que repara neste conjunto, é possível que fique com a impressão de que se trata de uma única igreja - uma igreja mal cuidada, de arquitetura muitíssimo austera e dimensões modestas; aliás, esta foi, e confesso-o sem pudores, a sensação com que fiquei na primeira vez em que contemplei o meu futuro objeto de estudo<sup>69</sup>. Um segundo exame mais apurado fez-me compreender que estava perante não uma, mas sim duas capelas pequenas, cujas cabeceiras estão unidas uma à outra, criando a ilusão de que formam um corpo singular. Esta disposição significa que as duas fachadas - que são completamente diferentes entre si - estão voltadas para pontos cardeais opostos... pelo menos, é essa a impressão com que se fica numa observação inicial a olho nu e que uma bússola pode facilmente desmentir.

Quase instintivamente, compreendi que havia duas maneiras de examinar aquele objeto: caso estudemos as duas ermidas como entidades cem por cento distintas e autónomas - as quais, por acidente, estão fisicamente juntas -, ficamos com duas igrejinhas insignificantes a um passo da ruína; se analisarmos estas capelas como uma entidade una, ficamos perante um conjunto arquitetónico deveras peculiar e intrigante e que, decerto, merece ser estudado com afinco.

## A ERMIDA DO CALVÁRIO

Começo pela capela que não tem campanário e tampouco vestígios de algum dia ter tido uma estrutura sineira, o que é, no mínimo, invulgar. Esta ausência é um dos pormenores que me ajudou a solucionar o gigantesco quebra-cabeças que são as Ermidas Geminadas de Tavira.

Outro aspeto interessante é a existência de um pequeno poço encostado à fachada, poço esse cuja tampa de metal, pintada de verde-escuro, está fechada a cadeado. Verde seria igualmente a cor original das portadas das janelas e da porta (pelo menos, era-o no final do século XX<sup>70</sup>), mas o desmazelo e a ação do tempo fizeram com que a tinta desbotasse, adquirindo um tom

<sup>69</sup> Este lapso acaba por ser parcialmente desculpável se levarmos em conta que, do ponto onde me encontrava - o parque de estacionamento do ALDI - apenas conseguia ver uma das fachadas do conjunto (a do Calvário).

<sup>70</sup>[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145)

mais amarelado nos sítios onde a madeira ainda não está à mostra. Nas portadas, o desgaste da pintura é menos notório do que no portal de entrada.

Regra geral, as portadas dos dois janelões conservam-se sempre fechadas - no dia da minha visita guiada, a minha cicerone fez questão de abrir a janela que está virada para a estrada, algo que só acontecerá muito excecionalmente (até porque raras são as visitas a este templo). Mesmo com as janelas fechadas, o interior desta capela apresenta uma razoável iluminação natural, graças ao óculo frontal de formato oval e a duas aberturas, de formato igualmente ovoide, situadas nos topos da capela-mor. Durante o dia, é possível espreitar para o interior desta igreja através do gradeamento da porta sem ser necessária uma lanterna. Os vidros dos óculos da fachada e do alçado norte estão ambos quebrados<sup>71</sup>, facto que contribui para que muitas aves (e gatos, curiosamente) escolham esta orada das Angústias como local de abrigo, com as naturais consequências que daí advêm e que me escuso de referir.

Não obstante ser quase impercetível à primeira vista, há um aspeto do Santuário do Calvário que me deixou algo perplexo: os alçados laterais são assimétricos. Este aspeto é “mascarado” pelas janelas (são exatamente iguais a norte e a sul) e pela simetria da fachada (isto, caso nos abstraiamos da presença do poço num dos lados do portal). Na verdade, apenas me dei conta desta disparidade quando estava a analisar as fotografias que tirei no local: o alçado sul está dividido em duas secções, sendo a parte respeitante ao corpo da igreja um tudo-nada mais saliente do que a da capela-mor; este estreitamento não existe na parede setentrional, que é inteiramente uniforme. Pode parecer que se trata de uma miudeza sem grande interesse, mas esta discrepância acabou por ser a chave para deslindar alguns segredos deste conjunto de casas de oração.

Conforme referi nas primeiras páginas, adossada ao alçado sul do capela-mor do Calvário, há a citada casinha que Damião de Vasconcelos afirmava ser uma sacristia<sup>72</sup>. A este anexo está colada uma pequena habitação em ruínas, a qual resultou de um acrescento feito, ao que julgo, em meados do século XX<sup>73</sup>; este acrescento à sacristia e à habitação do eremita está adossado ao anexo de uma habitação vizinha<sup>74</sup> e sem qualquer interesse para este estudo. A julgar pela

---

<sup>71</sup> Aliás, durante a visita, retirámos do interior da ermida a velha bola de futebol que, ao que tudo indica, terá sido a responsável pela quebra do vidro do óculo frontal. As imagens do *Google Street View* permitem-se balizar a época em que a quebra do óculo se deu: entre agosto de 2009 e maio de 2014.

<sup>72</sup> Confesso que levantei esta hipótese antes mesmo de ter consultado as obras de Damião de Vasconcelos.

<sup>73</sup> Esta habitação tem uma porta de acesso independente, mas, a partir do seu interior, podemos aceder à Ermida do Calvário, pelo que, com alguma relutância, me vejo obrigado a considerá-la como fazendo parte do conjunto a que chamei “*Ermidas Geminadas de Tavira*”.

<sup>74</sup> O telhado deste segundo anexo é mais baixo e muito menos inclinado do que o do anexo do Calvário.

forma escassamente harmoniosa como se integra no conjunto<sup>75</sup>, concluí empiricamente que a sacristia terá sido levantada depois da capela em si - provavelmente, a título de dependência de apoio (que, verdade seja dita, é a função duma sacristia). É de sublinhar que esta edificação contígua é notoriamente mais baixa do que a ermida que está ao lado: a cumeeira do telhado situa-se num plano inferior em relação ao óculo sul, o que reforça a hipótese de se tratar dum acrescento ao edifício original.

Há um detalhe que me deixou um tudo-nada intrigado: a porta exterior de acesso à sacristia está rigorosamente encostada à parede do altar-mor da ermida, quando seria expectável que estivesse posicionada sensivelmente a meio do único alçado exterior desta dependência; este pormenor pode parecer insignificante, mas a verdade é que acabou por se revelar crucial para a compreensão da história destas capelas. Também nesta porta rareiam vestígios de tinta, mas uma foto de 2003 diz-nos que a madeira hoje exposta estaria pintada de castanho<sup>76</sup>.

## A ERMIDA DE SÃO PEDRO

Uma vez examinada a igreja nascente, passemos à sua congénere de feição mais humilde.

A ermida do cemitério diferencia-se da sua “companheira” por não apresentar qualquer janela ou óculo nos alçados laterais - existem, isso sim, duas janelas gradeadas de ambos os lados do portal de entrada. Nenhuma destas aberturas é (ou terá sido) vidrada, mas, em compensação, ambas as janelas utilizam a tradicional reixa tavirense<sup>77</sup>, que também é usada na abertura que está situada logo acima das duas folhas da porta. O tempo e o desmazelo impossibilitam-nos de saber de qual seria a cor original<sup>78</sup> dos painéis de reixa e da porta - a avaliar por fotos do início da década de 2000, parece-me que era uma tonalidade entre o azul-claro e o cinza.

Há pouco referi que é fácil espreitar para o interior do Santuário da Senhora das Angústias; o mesmo não se pode dizer da outra ermida, onde a luz natural apenas consegue passar através dos buracos dos três painéis de reixa - independentemente da posição do sol ou das condições meteorológicas, é quase impossível ver coisa alguma do interior desta igreja. Com o recurso a uma máquina fotográfica, consegui captar algumas fotografias de qualidade deficiente, mas

<sup>75</sup> Após observar uma fotografia aérea no *Google Maps*, esta impressão inicial ficou claramente reforçada.

<sup>76</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145)

<sup>77</sup> Esta solução é parecida com a que encontramos noutra das ermidas do termo de Tavira: Santa Margarida.

<sup>78</sup> Quando digo original, refiro-me à cor utilizada na última vez que esta ermida foi pintada/restaurada. Como é óbvio, é praticamente impossível saber qual a cor utilizada no tempo em que esta igreja foi construída, até porque sabemos que a porta que está lá hoje não é, seguramente, a original.

cuja nitidez era mais do que suficiente para confirmar os meus piores receios: por dentro, a Igreja de São Pedro do Calvário está completamente arruinada.

Tal como na outra capela, também na de São Pedro encontramos um candeeiro público perto de uma das esquinas do alçado voltado para a estrada; estas luminárias, de *design* moderno e simples, foram lá colocadas em 2018 em substituição de uns candeeiros de aspeto bem pobre que estavam lá anteriormente. Há uma fotografia sem data<sup>79</sup> onde as Ermidas Geminadas de Tavira aparecem ainda sem quaisquer candeeiros e sem a profusão de cabos elétricos, que, no presente, desfiguram a fachada da ilustre casa de *Sam Pedro*; a forma desleixada como estes cabos foram colocados exemplifica bem como até os poucos trabalhos de beneficiação destas capelas são executados sem grande zelo, o que é sintomático da escassa importância que lhes é atribuída.

O portal de entrada é ladeado por dois blocos de pedra de formato paralelepípedo, os quais, possivelmente, serviriam como bancos nos quais fiéis e viajantes poderiam descansar por uns instantes. Existe também um banco de pedra corrido encostado à parede meridional da outra ermida, banco esse que, nos primeiros anos desta análise, estava ainda a descoberto; a partir de meados de 2017, o dito banquinho foi transformado em canteiro, pelo que a sua existência passará em branco a um observador casual.

Espaço agora para analisar a edificação adossada à Igreja de São Pedro do Calvário: a (antiga) casa do eremita.

É interessante observar como as fachadas da ermida e da habitação do ermitão formam um todo razoavelmente homogéneo - quase me atreveria a chamar-lhe harmonioso. Acerca do campanário<sup>80</sup> (leia-se: o que dele sobejou), refira-se que os pilares estão “repartidos” entre a igreja e a casa do lado, pormenor que nos dá uma importante pista em termos de cronologia.

Há duas características cruciais para a compreensão deste conjunto arquitetónico e religioso: em primeiro lugar, a existência de uma única estrutura sineira - um campanário - comum às duas igrejas; em segundo lugar, o facto de, até ao final do século transato, ter existido uma passagem interior<sup>81</sup> entre as Angústias e *Sam Pedro*<sup>82</sup>. Ou seja, podemos excluir a hipótese de

<sup>79</sup>[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8caa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8caa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145)

<sup>80</sup> Do sino, não há qualquer vestígio - em todas as imagens que encontrei, o mesmo estava já ausente.

<sup>81</sup> Confesso que uma hipotética passagem interior entre as ermidas sempre esteve presente na minha mente, antes mesmo de a bibliografia certificar as minhas suspeitas.

que estas capelas irmanadas são duas igrejas totalmente independentes, que, por um acaso do destino, estão fisicamente unidas uma à outra - parece-me evidente que existe uma lógica de complementaridade que tem sido desprezada pela maioria dos autores. Porém, como veremos adiante, as Ermidas Geminadas de Tavira também não são uma entidade una e indivisível - a realidade é muitíssimo mais complexa do que aparenta.

## OS TELHADOS

As coberturas destas capelinhas apresentam características comuns: ambas são de duas águas e ambas estão em mau estado de conservação (aqui e ali, veem-se várias telhas quebradas).

O telhado da Ermida de Nossa Senhora das Angústias é mais uniforme, sem variações entre a capela-mor e a nave. A cobertura do Calvário encontra-se à mesma altura da capela-mor de *Sampedro*, sendo o corpo principal deste último templo substancialmente mais alto do que o resto da estrutura; esta discrepância quebra, de forma evidente, a harmonia do conjunto. Por outro lado, é de salientar que a inclinação da cobertura da ermida do cemitério é visivelmente mais acentuada do que a do Calvário, cujo telhado é quase plano.

Um exame mais atento ao telhado da Ermida de São Pedro revela-nos que a secção superior da cobertura é onde a inclinação é mais vincada, posto que, na zona dos beirais, o declive se atenua de forma bastante suave<sup>83</sup>, ainda que perceptível a olho nu.

Tanto São Pedro, como o Calvário têm beirais de dimensões similares, mas somente a igreja do ALDI apresenta elementos decorativos salientes na continuação dos espigões no lado da capela-mor (no lado da fachada, os cantos do telhado são cortados pelo frontão interrompido). A cobertura do Calvário é rematada por uma cimalha a simular uma discreta cornija<sup>84</sup>; já a sua congénere utiliza um recurso típico da região do Algarve: a beira-seveira<sup>85</sup> (acabamento de parede constituído por duas ou mais fiadas de telhas embutidas na alvenaria).

Apesar de serem dissemelhantes entre si, o facto de a cumeeira do Santuário da Senhora das Angústias se prolongar pela capela-mor da igreja dedicada a São Pedro acaba por criar uma sensação de continuidade entre os dois templos - impressão essa parcialmente atenuada pelo

<sup>82</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989, pág. 257

<sup>83</sup> Atrever-me-ia até a dizer que há nesta cobertura um leve “eco” dos beirais revirados dos tradicionais telhados de tesoura de Tavira, ainda que, neste caso, estejamos a falar dum telhado de apenas duas águas.

<sup>84</sup> VASCONCELLOS, Sylvia de, *Arquitetura no Brasil - Sistemas construtivos*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1979, pág. 144

<sup>85</sup> *Idem, ibidem*, pág. 147

mau estado de conservação dos telhados, posto que nenhum destes edifícios tem a cumeeira totalmente direita. A ilusão de que existe um elemento contínuo entre as duas casas de Deus poderia levar-nos a deduzir que o Calvário e a capela-mor de São Pedro foram fruto de uma mesma campanha; no entanto, após uma observação mais demorada, exclui definitivamente esta hipótese, uma vez que a dita ilusão de continuidade é apenas isso mesmo - uma simples e enganadora ilusão, que se desfaz com uma consulta às imagens de satélite do *Google Maps*<sup>86</sup>.

## AS DISCREPÂNCIAS

Cada vez mais fascinado por estas duas capelas às portas de Tavira, perguntei-me se, de facto, elas teriam dimensões rigorosamente iguais em termos de comprimento e largura; à primeira vista, diria que sim, mas, após recorrer à fita métrica, constatei quão enganadores podem ser os sentidos: a Capela do Calvário tem 11 metros de comprimento exterior, contra os 10,10 metros de São Pedro<sup>87</sup>. Surpreendente e até desconcertante foi a descoberta de que a largura das fachadas também é diferente: a igreja do cemitério tem 6,04 metros, mais 30 centímetros do que a do Calvário. Todavia, os dois portais têm exatamente a mesma largura: 2,04 metros.

Outro aspeto bastante intrigante diz respeito ao alinhamento e orientação dos dois templos.

Caso olhemos para estas duas ermidas de perfil, somos tentados, de forma quase instintiva, a afirmar que São Pedro está no alinhamento das Angústias e vice-versa. Porém, basta que nos reposicionemos junto à esquina norte de uma das fachadas para constatarmos empiricamente que as duas paredes voltadas para a N125 não estão no seguimento uma da outra. Graças às fotografias aéreas do *Google Maps*<sup>88</sup>, obtive a confirmação de que, de facto, estes dois edifícios geminados apresentam alinhamentos ligeiramente diferentes. Ainda assim, ansiava por dados mais concretos, pelo que decidi fazer uso de uma *app* para *smartphone* que simula uma bússola; conquanto que a ferramenta utilizada possa não ser a mais precisa, a verdade é que, depois de várias leituras no ponto intermédio dos dois portais, obtive sempre um desvio de sete graus na orientação das duas capelas.

À vista desarmada, somos levados a supor que a Ermida de São Pedro do Calvário obedece à chamada Orientação Canónica - este-oeste, estando a fachada virada para poente (isto é, com uma orientação igual ou próxima dos 270°). Mas, de acordo com o aplicativo que utilizei, esta

---

<sup>86</sup> <https://www.google.pt/maps>

<sup>87</sup> Estes valores dizem respeito apenas à parede exterior, não incluindo elementos adossados às respetivas fachadas, dos quais já falei anteriormente.

<sup>88</sup> <https://www.google.pt/maps>

capela tem uma orientação de 253° para oeste, valor bastante próximo do ponto subcolateral oés-sudoeste (OSO)<sup>89</sup>; ou seja, a orientação da orada é de lés-nordeste para oés-sudoeste.

Por seu turno, a Ermida da Senhora das Angústias apresenta uma orientação de 80°, estando mais perto do ponto cardeal este<sup>90</sup> do que do subcolateral lés-nordeste (ENE)<sup>91</sup>; a orientação da igreja é, portanto, (aproximadamente) oeste-este.

#### 1.4: Breve apanhado de tudo o que se escreveu acerca das duas ermidas

Na altura em que tomei contacto com estes templos pela primeira vez, nenhum deles possuía uma placa informativa que me pudesse elucidar - em rigor, nem sequer sabia os nomes destas duas ermidas que tanto me intrigavam devido à sua configuração bastante atípica. Por isso, vi-me obrigado a consultar bibliografia e webgrafia para tentar obter algumas respostas.

No final, as minhas consultas produziram resultados extremamente decepcionantes, muito por culpa de um problema para o qual alertei no começo da presente dissertação: quase todas as referências às Ermidas Geminadas de Tavira são excessivamente vagas e repletas de erros, fruto, em larga medida, da ausência de um estudo aprofundado sobre estes dois templos.

#### WEBGRAFIA

A minha pesquisa começou com uma consulta à página na *Internet* da Câmara Municipal de Tavira, onde encontrei algumas linhas sobre a maioria das casas de Deus que há no concelho.

Sobre a Ermida de Nossa Senhora das Angústias (é dado maior destaque a esta invocação) é dito o seguinte: «*Remonta à primeira metade do século XVII. No dia da padroeira (15 de setembro) concentrava grande número de devotos oriundos de vários pontos do Algarve e mesmo da Andaluzia, fazendo-se uma grande festa religiosa e arraiais que duravam três noites. A fachada foi reconstruída nos finais do século XIX, adquirindo o seu aspeto atual*»<sup>92</sup>. Este pequeno texto está, na íntegra, na obra *Tavira, Cidade das Igrejas*<sup>93</sup> e contém três imprecisões, duas das quais apenas foram por mim detetadas numa fase mais avançada da presente investigação: em primeiro lugar, a festa de Nossa Senhora das Angústias realizava-se a 9 de setembro<sup>94</sup> e não no dia 15, como é dito;

<sup>89</sup> Correspondente a 247,5°.

<sup>90</sup> Correspondente a 90°.

<sup>91</sup> Correspondente a 67,5°.

<sup>92</sup> <http://www.cm-tavira.pt/site/node/453>

<sup>93</sup> SANTANA, Daniel, *Tavira, Cidade das Igrejas*, Tavira, Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria, 2010, págs. 56 e 57

<sup>94</sup> Em Ayamonte, a festa das Angústias ainda hoje se celebra nesta data - e com toda a pompa.

em segundo lugar, esta ermida não foi construída na primeira metade do século XVII, ainda que um certo documento notarial de 1634<sup>95</sup> possa ter induzido muitos autores em erro; por fim, tudo indica que a fachada não terá sido refeita no século XIX, mas sim em Setecentos.

Também o texto sobre a Igreja de *Sam Pedro* foi retirado da obra *Tavira, Cidade das Igrejas*<sup>96</sup>: «*Remonta à primeira metade do século XVII. Era um local de peregrinação para os tavirenses, especialmente no dia de São Pedro (29 de junho). O edifício denota uma grande sobriedade, compondo-se o interior de nave única e capela-mor de pequenas dimensões. O portal foi substituído no século XIX e apresenta uma insígnia alusiva a São Pedro*»<sup>97</sup>. No decurso das minhas pesquisas, deparei-me com elementos que provam que nem a ermida em causa é do século XVII, nem o seu portal foi substituído no século XIX.

Na base da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), somente a Ermida do Calvário tem direito a ficha, uma vez que está classificada como Interesse Municipal desde 1977<sup>98</sup>; já a outra igreja não tem direito a ficha - ou, sequer, a classificação/proteção legal -, o que é, no mínimo, absurdo.

Como se tal já não fosse suficientemente grave, a ficha referente ao Santuário das Angústias está cheia de imprecisões, algumas das quais já vistas na página da Câmara de Tavira - por exemplo, 15 de setembro voltou a ser apontado com o «*o dia da Senhora das Angústias*»<sup>99</sup>. No entanto, há erros que são exclusivos desta ficha, como a informação de que esta ermidinha se situa «*junto a um cemitério público estabelecido em 1838 numa antiga horta de freiras*»<sup>100</sup>; tal como já tinha referido, o Cemitério Municipal foi inaugurado em 1918 (data que, aliás, figura no portal de entrada) - e o local escolhido para o novo campo-santo não era uma antiga horta de freiras, mas antes uma propriedade popularmente denominada «*Fazenda do Felizberto*»<sup>101</sup>, a qual foi objeto de um processo de expropriação para o efeito. Outro engano desta ficha é a menção à «*pedra sepulcral de Lourenço Beza Teixeira, falecido em 1624*»<sup>102</sup> - pude constatar *in loco* que a dita pedra sepulcral existe mesmo e é perfeitamente legível, mas nem o nome, nem

<sup>95</sup> Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157 (8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635)

<sup>96</sup> SANTANA, Daniel, *Tavira, Cidade das Igrejas*, Tavira, Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria, 2010, págs. 54 e 55

<sup>97</sup> <http://www.cm-tavira.pt/site/node/453>

<sup>98</sup> *Diário da República*, 1.ª série - N.º 226 - 29 de setembro de 1977, pág. 2394

<sup>99</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71060>

<sup>100</sup> *Ibidem*

<sup>101</sup> *In Província do Algarve*, n.º 285, 7 de junho de 1914 (domingo), pág. 2

<sup>102</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71060>

a data de óbito estão corretos. Em termos de contextualização histórica, a ficha da DGPC nada acrescenta em relação ao que está no site da Câmara de Tavira (e que é muito pouco).

Nestas linhas, já fiz algumas menções à ficha da Ermida do Senhor do Calvário no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) - inclusivamente, critiquei o facto de o texto localizar este templo num suposto Largo do Calvário que nem sequer existe. Mas esta não é a única vez que o SIPA falha no que a este santuário diz respeito - por exemplo, é dito que esta igreja foi construída no século XVIII<sup>103</sup>, afirmação desmentida pelos documentos da primeira metade de seiscentos que mencionam o Calvário e aos quais aludi anteriormente; no entanto, repito-o, nenhuma destas capelas foi edificada no século XVII, como farei questão de demonstrar em tempo oportuno.

Mau grado algumas lacunas, nem tudo será reprovável nesta ficha do SIPA - por exemplo, as descrições da arquitetura e arte deste templo são bastante ricas do ponto de vista académico. Igualmente relevantes são as (23) fotografias que acompanham o texto - apesar de recentes (estamos a falar de imagens do início do século XXI), muitas delas são ilustrativas de uma realidade que já não corresponde àquilo que, no presente, podemos ver *in loco*; para o autor desta tese, que apenas travou conhecimento com as ermidas em agosto de 2014, este arquivo de fotos ganha uma importância crucial.

O Sistema de Informação para o Património Arquitetónico tem também uma ficha sobre a Ermida de São Pedro - infelizmente, a mesma não está livre de lapsos ou omissões. Uma vez mais, é dito que esta ermida nasceu no século XVII e que o portal foi feito em Oitocentos, mas, conforme referi anteriormente, disponho de provas concretas que invalidam estas datas. Tal como no caso do Calvário, a grande mais-valia desta ficha são as suas imagens - neste caso, há até fotos a cores do retábulo (já bastante danificado) antes de este ter tombado<sup>104</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

Nas páginas tuteladas por organismos estatais (DGPC e Câmara de Tavira), as informações disponíveis são algo decepcionantes, quantitativa e qualitativamente. Por conseguinte, vi-me compelido a consultar alguma bibliografia adicional.

Nas *Memórias de Uma Cidade*, de Ofir Chagas, há entradas sobre ambas as capelas que estou a estudar. Sobre São Pedro, nada é acrescentado em relação ao que é dito noutras publicações.

<sup>103</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145)

<sup>104</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=9147](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=9147)

Parcas são igualmente as informações sobre o Calvário, ainda que, neste caso, o autor tenha feito uma transcrição - correta - do que está escrito na lápide tumular que existe nesta igreja e à qual já aludi: «*Sepultura de Lourenço Belles Teix<sup>a</sup>. Faleceu em 23 de janeiro de 1694 annos*»<sup>105</sup>.

No *Roteiro das Igrejas de Tavira*, de Francisco Lameira, não existe qualquer capítulo dedicado à Igreja de São Pedro do Calvário. Aquilo que li não ampliou muito os meus conhecimentos sobre a Ermida da Senhora das Angústias - destaco apenas uma nota sobre a possibilidade de a fachada ter sido refeita «*nos finais do século XVIII ou nos princípios do século XIX*»<sup>106</sup>, uma informação levemente diferente das que encontrei noutros locais.

O mesmo autor, no volume IV do *Inventário Artístico do Algarve - A Talha e a Imaginária*, menciona duas esculturas em madeira, que, originalmente, estavam nas igrejas geminadas: uma imagem de São Pedro (provavelmente, do século XVII)<sup>107</sup> oriunda da capela dedicada ao mesmo santo e um Senhor Crucificado setecentista<sup>108</sup>, o qual, até há vinte anos, era a peça central do retábulo do Calvário.

Em *Tavira - Vila Antiga, Cidade Renovada*, existe um capítulo intitulado “*Arquitetura Histórica de Tavira - uma síntese*”, onde Daniel Santana discorre sobre a hegemonia da arquitetura chã portuguesa entre a época sebástica e o final do século XVII. Conforme o autor faz questão de sublinhar, esta linguagem estilística influenciou a paisagem edificada tavirense: «*Nesta época, constroem-se, essencialmente, templos mais pequenos e modestos, sobretudo ermidas, afastadas do centro da cidade, como que acompanhando o fenómeno de ruralização da população (Ermida de São Roque, Ermida de São Pedro, Ermida do Senhor do Calvário, Ermida de Santa Margarida...), dando primazia às linhas sóbrias em detrimento da ornamentação, sendo suportadas por confrarias*»<sup>109</sup>. Por muito boa que seja esta análise, a mesma tem como base uma cronologia, que, conforme já referi, é imprecisa. Uma vez mais, fica patente a necessidade de um estudo aprofundado, como aquele que me propus levar a cabo.

Na obra *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, de Isabel Macieira, a Ermida de São Pedro volta a ser ignorada, mas, em compensação, há todo um capítulo dedicado ao Calvário.

<sup>105</sup> CHAGAS, Ofir, *Memórias de Uma Cidade*, Tavira, Ed. Autor, 2014, pág. 202

<sup>106</sup> LAMEIRA, Francisco Ildelfonso, *Roteiro das Igrejas de Tavira*, Faro, Região de Turismo do Algarve, 1996, págs. 56 e 57

<sup>107</sup> *Idem*, *Inventário Artístico do Algarve - A Talha e a Imaginária*, Volume IV: Concelho de Tavira, Faro, Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Sul, 1990, págs. 430 e 431

<sup>108</sup> *Idem*, *ibidem*, págs. 436 e 437

<sup>109</sup> SANTANA, Daniel, “*Arquitetura Histórica de Tavira - uma síntese*”, In AAVV, *Tavira - Vila Antiga, Cidade Renovada*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2005, págs. 37 e 38

Estranhamente, o século XVIII<sup>110</sup> é apontado como data provável de edificação desta capela, afirmação contrariada pelo suporte documental desta investigação. Esta falha é compensada por uma análise completa ao fundo de Calvário e respetivas imagens de roca, à *pietá* e aos bonitos tetos pintados<sup>111</sup>. As fotos que acompanham estas quatro páginas mostram-nos como era esta ermida poucos anos antes de ser encerrada, vandalizada, conspurcada e espoliada das suas peças de arte - umas foram armazenadas sem qualquer zelo, outras foram musealizadas e uma acabou por ser furtada, desconhecendo-se o paradeiro de uma imagem, que, em tempos, foi adorada com fervor pelas gentes de Tavira<sup>112</sup>.

Na mesma obra, no capítulo sobre a Igreja de Santiago, há sete páginas reservadas ao exame dos painéis quatrocentistas/quinhentistas de São Pedro, São João Baptista, São Brás e São Vicente<sup>113</sup>, os quais, presentemente, estão em exposição na segunda igreja matriz de Tavira. Até 1949, estas quatro tábuas adornavam a capela-mor da Ermida de São Pedro, apesar de, originalmente, serem oriundas da Igreja de Santa Maria do Castelo, conforme nos revelam as visitasões da Ordem de Santiago<sup>114</sup>.

No ótimo catálogo *Tavira Território e Poder*, estes quadros voltam a ser analisados<sup>115 116 117</sup>, embora, nesta obra, não exista qualquer texto sobre a ermidinha onde as pinturas estiveram guardadas até serem enviadas para Lisboa para serem restauradas.

Ainda sobre os painéis de Tavira, é essencial a leitura do artigo “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”<sup>118</sup>, publicado na *Conservar Património*; este texto descreve o (muitíssimo controverso) processo de restauro destas pinturas, sobre as quais há

<sup>110</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 307

<sup>111</sup> *Idem, ibidem*, págs. 308 a 310

<sup>112</sup> **VASCONCELOS**, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>113</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *Op. Cit.*, págs. 229 a 235

<sup>114</sup> **CAVACO**, Hugo, *Visitações da Ordem de Santiago no Sotavento algarvio (Subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve)*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1987, pág. 233

<sup>115</sup> **FERNANDES**, Carla Varela, “*São Pedro*”, In *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003, pág. 323

<sup>116</sup> *Idem*, “*São João Baptista*”, In *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003, pág. 324

<sup>117</sup> **SERRÃO**, Vítor, “*São Brás e São Vicente*”, In *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003, pág. 324

<sup>118</sup> **CRUZ**, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, págs. 29 a 53

bibliografia de melhor qualidade do que sobre a capelinha onde as mesmas foram descobertas por José António Pinheiro e Rosa.

Para quem se interessa e deseja conhecer as igrejas, conventos, ermidas e capelas de Tavira, há uma obra de consulta quase obrigatória (passe o exagero): *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, de Rui Simão Pereira Salvé-Rainha e Délio Luís da Conceição Lopes, dois homens nascidos no concelho e que decidiram levar a cabo um levantamento exaustivo das tradições religiosas e dos templos católicos tavirenses (alguns dos quais já estarão irremediavelmente perdidos). Mau grado algumas arestas por limar, este livro contém mais informação sobre o Calvário e *Sam Pedro* (sempre apresentados como entidades autónomas) do que qualquer um dos títulos que citei até agora.

Às festas de São Pedro, os autores da obra acima referida dedicaram duas páginas repletas de curiosidades e factos interessantes - fala-se, por exemplo, das cavahadas, arraiais, bailaricos e até da organização de festejos numa cidade, que, até há algumas décadas, celebrava os três Santos Populares<sup>119</sup> com afinco. Acrescente-se que uma das principais fontes usadas por estes dois autores foram os textos publicados por Damião Vasconcelos no jornal *Povo Algarvio* e aos quais farei referência em tempo oportuno. Sobre a fundação e história desta capela, quase nada nos é dito e tampouco é mencionada a extinta Confraria de São Pedro, responsável pela construção da igreja. Em compensação, há alguns testemunhos orais importantes sobre os projetos (passados?) da câmara e da paróquia para as duas ermidas<sup>120</sup>.

Outrora importantes, a ponto de atraírem gentes de todo o Algarve e da Andaluzia, as festas em honra de Nossa Senhora das Angústias têm direito a quatro páginas<sup>121</sup>, nas quais se conta um pouco da história deste santuário mariano; no entanto, nada em concreto nos dizem sobre a fundação do Calvário de Tavira - somente uma alusão ao facto de, em 1634, esta ermida já existir. Uma fatia substancial das informações sobre as festas das Angústias é proveniente do Tomo VI do *Santuário Mariano*<sup>122</sup>, obra de 1718 da autoria de Frei Agostinho de Santa Maria e que tem servido de fonte à maioria dos estudiosos que se debruçam sobre o(s) património(s) religioso(s) tavirense(s).

---

<sup>119</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, págs. 45 a 47 e 199 a 201

<sup>120</sup> *Idem, ibidem*, págs. 200 e 201

<sup>121</sup> *Idem, ibidem*, págs. 207 e 210

<sup>122</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718, págs. 424 a 426

Nestas *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, temos bastantes linhas dedicadas à devoção popular a Nossa Senhora das Angústias, que, não o nego, teve a sua época áurea nos séculos XVII e XVIII. Todavia, Rui Salvé-Rainha e Délio Lopes, um pouco à semelhança de outros autores, tendem a enfatizar excessivamente estas festividades, dando-lhes uma importância maior do que elas, de facto, tiveram - aliás, se elas tivessem um peso real análogo às festas de São João (as mais importantes de todo o concelho), é provável que, ainda hoje, tivéssemos a romaria e a procissão das Angústias a 9 de setembro.

Nesta obra, fala-se também da Procissão dos Passos, que, em eras remotas, saía da Igreja de Santa Maria e ia terminar à Capela do Calvário<sup>123</sup>. Porém, não nos é dada qualquer pista (ou mesmo uma suposição) sobre a época em que o meu objeto de estudo era o *términus* de uma das mais importantes procissões da Quaresma, o que não deixa de ser algo frustrante para o leitor. Uma vez mais, os textos que Damião de Vasconcelos publicou na imprensa local foram a principal fonte onde Rui Salvé-Rainha e Délio Lopes foram beber inspiração.

Outra celebração que tinha esta ermida como palco era a Festa do Senhor Jesus do Calvário, sobre a qual há escassíssimas informações<sup>124</sup> - tudo o que os autores conseguiram extrair está contido em duas notícias dos anos de 1917 e 1918, as quais, de resto, também irei mencionar ao longo desta dissertação.

Um apontamento muito interessante é a referência ao furto da imagem de Nossa Senhora das Angústias no ano 2000<sup>125</sup>. Com efeito, trata-se de um episódio embaraçoso para a paróquia, para a edilidade e até para a cidade, o que explica por que não me tenha deparado com outras referências a ele - conquanto que, a título particular, tenha obtido testemunhos orais que me confirmaram a veracidade do roubo.

Os dois volumes de *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico*, de Arnaldo Casimiro Anica, constituem uma obra de consulta fundamental sempre que se estuda a história do concelho.

No primeiro volume do memorando histórico do Capitão Anica, as únicas menções dignas de nota às Ermidas Geminadas de Tavira surgem num capítulo intitulado “*De quem é hoje cada uma das igrejas de Tavira?*”, onde é referido que, desde 1930, as capelas do Calvário e de São

---

<sup>123</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Op. Cit.*, pág. 73

<sup>124</sup> *Idem, ibidem*, págs. 237 e 238

<sup>125</sup> *Idem, ibidem*, pág. 209

Pedro, são propriedade da Igreja Católica<sup>126</sup>; sobre os proprietários destas ermidades antes de 1930, nada nos é dito, mas esse é um assunto ao qual tornarei em local oportuno.

No âmbito deste trabalho de investigação, interessa-nos mais o segundo volume, onde existe um capítulo dedicado à Ermida de Nossa Senhora das Angústias (a de São Pedro foi, uma vez mais, votada ao olvido). No texto, Arnaldo Casimiro Anica refere explicitamente uma fonte de importância crucial para o estudo das capelas-irmãs - trata-se de uma escritura notarial (consultada tanto pelo autor, como por mim) lavrada na cidade de Tavira a 6 de novembro de 1634<sup>127</sup> e que, até à elaboração desta tese, era tida como o mais antigo registo da existência das ermidas de São Pedro e do Calvário. Contudo, no decurso desta investigação, deparei-me com escritos anteriores a 1634 onde estas casas de Deus são mencionadas<sup>128</sup>.

Ciente da profunda devoção que, em tempos idos, as gentes do Algarve tinham pela Senhora das Angústias, decidi consultar a obra *Invocações Marianas em Tavira*, uma edição de autor de Rui e Luís Terremoto dos Santos. O livro em causa reserva cinco páginas<sup>129</sup> a esta devoção mariana, ainda que boa parte do texto seja inspirado no Tomo VI da obra de Frei Agostinho de Santa Maria. Os autores transcreveram também um conjunto de versos populares, que, ao que consta, eram cantados ao desafio pelos fiéis que, no dia 9 de setembro, se deslocavam ao pequeno santuário do Sítio do Calvário<sup>130</sup>; os ditos versos foram extraídos do *Cancioneiro e Romanceiro do Algarve*, uma compilação publicada por Francisco Xavier d'Athaide Oliveira no ano de 1905<sup>131</sup>.

Para o fim, deixei Damião de Vasconcelos, autor incontornável quando se fala da história de Tavira.

Apaixonado pelas tradições e festividades locais, Damião de Vasconcelos pegou nos escritos setecentistas de Frei Agostinho de Santa Maria e, a partir deles, desenvolveu um trabalho

---

<sup>126</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993, pág. 377

<sup>127</sup> *Idem*, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico (Vol. II)*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2001, págs. 193 e 194

<sup>128</sup> Ao longo destes páginas, já fiz menção a um desses documentos - um assento de casamento datado de 4 de janeiro de 1610. Este não é, porém, o documento mais antigo onde encontrei menções a alguma das Ermidas Geminadas de Tavira.

<sup>129</sup> SANTOS, Luís Terremoto, SANTOS, Rui Terremoto, *Invocações Marianas em Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2011, págs. 31 a 36

<sup>130</sup> *Idem*, *ibidem*, pág. 33

<sup>131</sup> OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide, *Cancioneiro e Romanceiro do Algarve (Lição de Loulé)*, Porto, Typographia Universal (A Vapor), 1905, págs. 379 a 381

notável de recolha de elementos sobre o culto a Nossa Senhora das Angústias em Tavira<sup>132</sup> - a descrição da romaria de três dias à *Consolatrix Afflictorum* é repleta de detalhes “coloridos”, mas, a dada altura, o texto “despe” a pele de seriedade e rigor e tende a resvalar um pouco para a literatura pura e simples. Todavia, o ponto menos conseguido desta narrativa sobre as festas e a devoção à Senhora das Angústias reside na falta de um enquadramento cronológico - apenas sabemos que, na época em que o autor escrevia (o segundo quartel do século XX), os acontecimentos relatados eram já uma memória mais ou menos distante, mas não nos é dito, em concreto, se estamos a falar de algo que se passou cinquenta, cem ou duzentos anos antes.

Para além de fazer uma narrativa intensa de como seriam as festas em honra da Senhora das Angústias, Damião de Vasconcelos inclui também alguns apontamentos pertinentes sobre as Ermidas Geminadas de Tavira - aliás, já aqui fiz referência à minúscula sacristia do Calvário e à passagem interior entre as duas igrejas. Outros detalhes relevantes seriam, por exemplo, os azulejos<sup>133</sup> da referida sacristia (infelizmente, já desaparecidos), bem como a alusão a uns «quadros da Era dos Filipes»<sup>134</sup> que estavam na Ermida de *Sam Pedro* - o autor refere-se aos painéis de São Pedro, São João Baptista, São Brás e São Vicente. Em certa medida, estas duas menções são um (raro) testemunho em primeira mão de como seriam e estariam estas igrejas na primeira metade do século XX.

Boa parte dos escritos de Damião de Vasconcelos sobre o Calvário e São Pedro foi compilada em duas obras póstumas: *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840* (1989) e *Ecos do Passado de Tavira* (2009); a segunda é uma compilação de textos publicados no semanário *Povo Algarvio*, coletânea essa na qual o autor chegou ainda a trabalhar, mas que, por motivos de saúde, ficou por terminar e dar à estampa. Não obstante, seria errado assumirmos que o livro editado em 2009 contém todos os artigos que falam sobre o meu objeto de estudo - na verdade, há muito material sobre São Pedro e o Calvário que nunca chegou ser publicado na forma de livro e foi nestes textos da década de 1940 que encontrei dados preciosos para esta investigação.

## 1.5: Perguntas sem resposta aparente (ou o propósito de uma investigação)

Recapitulemos tudo aquilo que a bibliografia e a webgrafia nos são capazes de dizer sobre as Ermidas Geminadas de Tavira.

<sup>132</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, págs. 23 a 25

<sup>133</sup> *Idem*, *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989, pág. 260

<sup>134</sup> *Idem*, *ibidem*, pág. 260

Em termos cronológicos, a única certeza que possuímos reside num registo notarial de 6 de novembro de 1634, que atesta que ambas as igrejas já existiam nesta data. Por conseguinte, a generalidade dos autores assume que as ermidas do Calvário e de São Pedro foram edificadas na primeira metade do século XVII, conquanto que não existam provas concretas de que tal data esteja correta - aliás, a presente tese vem justamente provar que está errada. A própria cronologia que é apontada para a reconstrução das fachadas do Calvário e de São Pedro não é exata - no caso desta última, existe um elemento que comprova que o portal não é do século XIX, como amiúde vi escrito, mas sim do século XVIII.

Sobre as peças de arte, sabemos que os quatro painéis que estiveram na Ermida de São Pedro até finais de década de 1940 foram originalmente pintados no século XV e refeitos no século subsequente; já no Instituto Português de Conservação e Restauro, decidiu-se pela remoção da camada quinhentista nas tábuas de São Pedro e São João Baptista e pela manutenção das pinturas de São Brás e São Vicente.

Pouco transparente é a cronologia referente às restantes peças de arte (retábulos, esculturas em madeira, figuras de roca, pinturas murais e *pietá*), mas é quase garantido que as imagens de Jesus crucificado e de sua mãe, Maria, sejam as mesmas que eram mencionadas por Frei Agostinho de Santa Maria em 1718. Também me parece verosímil que a imagem de roca de Nossa Senhora das Angústias que foi furtada em 2000 seja a mesma que era objeto de uma intensa devoção popular no início do século XVIII.

Neste “oceano” de omissões e imprecisões, encontramos descrições bastante vivas e repletas de detalhes<sup>135</sup> das festas de Nossa Senhora das Angústias, de São Pedro e, em menor escala, do Senhor do Calvário, da Procissão dos Passos, bem como de outras tradições populares.

Sabemos que, em 2020, Tavira já não celebra Nossa Senhora das Angústias, São Pedro ou o Senhor do Calvário; o que não sabemos é em que datas (ou épocas) situar o nascimento e a morte destas celebrações religiosas outrora vitais para a cidade.

Em traços gerais, é isto que nos diz a bibliografia.

Há alguma informação, mas, sobretudo, existem muitas questões sem resposta e demasiadas lacunas factuais, que impedem que possamos dizer que conhecemos a história das Ermidas Geminadas de Tavira.

---

<sup>135</sup> O que não quer dizer, de modo algum, que as mesmas sejam factualmente precisas.

As questões seguintes são, simultaneamente, a espinha dorsal desta dissertação e a sua razão de ser:

- *Sabemos que, em 1634, as duas ermidas já existiam; em que data ou época as mesmas foram construídas?*
- *A quem se deve a edificação destes dois templos, erguidos num ermo a um quarto de légua da cidade?*
- *Terão sido estas duas ermidas construídas ao mesmo tempo ou em épocas diferenciadas? E, caso se aplique a segunda hipótese, qual das duas foi construída em primeiro lugar?*
- *Porque é que estas capelas têm as cabeceiras coladas e orientações (aparentemente) opostas?*
- *É visível a olho nu que as duas ermidas não estão no alinhamento uma da outra – segundo as medições que realizei in situ, verifica-se uma discrepância de sete graus; a que se deve tal anomalia?*
- *Por que razão estas igrejas têm comprimentos e larguras diferentes?*
- *Qual a relação (se é que há alguma) entre as duas ermidas do Sítio do Calvário?*
- *De quem eram as terras onde foram construídas estas capelas?*
- *Porque é que só há um campanário para as duas igrejas?*
- *Sabemos que, no altar-mor da Igreja do Calvário, está sepultado um homem, falecido em 1694: quem era este Lourenço Belles Teixeira e qual a sua relação com estas ermidas?*
- *Sobre o caso dos quatro painéis quatrocentistas/quinhentistas “descobertos” em São Pedro, os dados disponíveis são bastante abundantes; mas resta uma dúvida pertinente: quando e por que motivo(s) estes painéis foram transferidos da Igreja de Santa Maria do Castelo para a Ermida de Sampetro?<sup>136</sup>*

---

<sup>136</sup> Esta é outra pergunta para a qual apenas tenho meia-resposta, assente numa certa coincidência em termos cronológicos.

- *Em tempos idos, o Calvário foi o ponto terminal da Procissão dos Passos: em que período da história de Tavira é que tal se verificou?*
- *Ainda hoje, Tavira celebra o Santo António e o São João, ao passo que o dia de São Pedro foi “riscado” da lista de festividades anuais; em que época se verificou e a que se ficou a dever este estranho ocaso do terceiro Santo Popular?*
- *Haverá uma relação entre a morte das festas de São Pedro e a ruína da “sua” ermida?*
- *Quando e por que motivo o Calvário se “transformou” no Santuário de Nossa Senhora das Angústias?*
- *O que ditou o esmorecimento e o posterior fim da devoção popular à Senhora das Angústias em Tavira, quando esta era uma das festas mais importantes do ano?*
- *Quando começaram e terminaram as festas do Senhor Jesus do Calvário?*
- *O que conduziu à progressiva substituição do topónimo “Calvário” por “São Pedro”?*
- *Quais as causas para a ruína e indiferença generalizada em relação a estas duas casas de Deus?*
- *Por fim, o que reserva o futuro para as ermidas do Calvário e de São Pedro?*

Quando esta dissertação estava numa fase ainda “primitiva”, registei muitas outras perguntas - fi-lo para tentar perceber tudo aquilo que necessitava de estudar/investigar, ainda que, com o avançar dos trabalhos de investigação, muitas dessas questões deixassem de fazer sentido. Porém, o facto de existirem muitos pontos de interrogação no ar revela quão pouco sabíamos sobre estas igrejas.

O objetivo desta tese é, pois, tentar responder a todas estas dúvidas; na impossibilidade de conhecermos todos os segredos das Ermidas Geminadas de Tavira, resta-nos a certeza de que sabemos hoje bem mais do que sabíamos ontem, ainda que nos seja negada a veleidade - ou presunção? - de tudo sabermos.

## 1.6: Metodologias, fontes e obstáculos encontrados

U39

ma vez escolhidas as Ermidas Geminadas de Tavira como meu objeto de estudo, tornou-se imperioso delinear um esquema metodológico para este trabalho de investigação.

O primeiro passo consistiu em apontar, em concreto, todas as respostas que pretendia obter. Dito de outra forma, comecei por registar todas as perguntas e/ou dúvidas que me estavam a incomodar - *grosso modo*, podemos dizer que o item 1.5 desta dissertação corresponde a esse primeiro passo, conquanto que a primeira lista de questões que elaborei fosse muito maior e bastante menos refinada.

A partir do momento em que estava ciente daquilo que almejava saber, dediquei-me a compilar toda a informação que já foi publicada sobre as ermidas do Calvário e de São Pedro - um passo descrito quase até à exaustão no item 1.4.

O terceiro passo consistiu em visitar, observar (por dentro e por fora), medir e fotografar as duas igrejas. Posto que ambas as capelas estão fechadas ao público, para poder visitá-las, tive de pedir autorização à paróquia local, que não só acedeu, como ainda me disponibilizou uma cicerone. A observação *in situ* do interior deste conjunto e a realização de algumas medições (neste caso, apenas no exterior) permitiu-me chegar a algumas conclusões. Ler os espaços é, neste contexto, mais importante do que ler livros ou documentos.

O passo número quatro foi um dos que mais tempo me consumiu, mas também um dos que mais informações ofereceu a esta investigação: uma pesquisa na imprensa local, com enfoque na primeira metade do século XX.

O quinto passo consistiu, *grosso modo*, em tentar apanhar as “pontas soltas”. Como exemplo, cito a escritura notarial de 1634 consultada por Arnaldo Casimiro Anica e amiúde citada por outros autores, direta ou indiretamente; sabemos que o referido documento menciona as duas ermidas, mas nenhum autor descreve o teor desta escritura notarial, que, possivelmente, é o único documento conhecido onde se fala da Confraria de São Pedro e de algumas pessoas que dela faziam parte em 1634<sup>137</sup>. Outra ponta solta seria o túmulo de Lourenço Belles Teixeira - uma vez confirmada a sua existência, decidi consultar os registos paroquiais de Santiago -

---

<sup>137</sup> Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157, 8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635

Tavira, onde, seguramente, deveria estar anotado o óbito deste senhor, falecido em janeiro de 1694; esta certidão forneceria-me algumas informações não-menosprezáveis<sup>138</sup>.

O sexto passo é uma consequência natural do anterior: decidi “garimpar” todas as “migalhas” de informação relevante que os registos paroquiais tivessem para oferecer. Dado que estamos perante simples ermidas e não de igrejas paroquiais (portanto, entidades capazes de produzir os seus próprios registos, carregados de informações preciosíssimas), esta pesquisa baseou-se, de certa forma, na intuição pura e simples. Esta aposta, misturada com um bom quinhão de perseverança, acabaria por produzir resultados ótimos e que, neste momento, nos permitem desenhar toda uma nova cronologia para as igrejas do Calvário e de *Sampedro*. Mais adiante, ficará claro como é que um mero registo paroquial transformou por completo o curso desta investigação.

Sublinho, no entanto, que os registos paroquiais (batismo, casamento, óbito e mistos) citados neste trabalho constituem apenas uma parcela do volume documental que consultei.

O sétimo passo implicou reanalisar algumas fontes já conhecidas - por exemplo, a conhecida gravura seiscentista de Tavira<sup>139</sup>; neste caso específico, foi tempo perdido, uma vez que nada de novo consegui extrair deste desenho, mas, em compensação, fui bem-sucedido ao analisar novamente os mapas de Lorenzo di Ferrari<sup>140</sup> e José de Sande Vasconcellos<sup>141</sup>.

Poderia ainda acrescentar um oitavo passo, que consistiu em seguir algumas pistas com que me cruzei aqui e ali, tentando extrair “migalhas” de informação de fontes nem sempre óbvias - por exemplo, cartazes e um telefilme (que, aliás, merece algum destaque neste trabalho).

Para finalizar, existiu um nono passo: a recolha de testemunhos orais - infelizmente, escassos (para além de deverem ser analisados com a cautela que se impõe). Porém, dada a minguagem de dados com que me deparei, todos os bocadinhos de informação acabaram por ser relevantes.

Após escrutinar todos os dados recolhidos e de cruzar informações, chegou, por fim, a hora de retirar conclusões. Dada a natureza do meu objeto de estudo, seriam exatáveis enormes dificuldades; porém, recolhendo pedacinhos de conhecimento aqui e ali, consegui reunir uma

---

<sup>138</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 3 - Caixa 392, Microfilme nº 609 SGU, 1695-1712, folha 88, pág. 176

<sup>139</sup> <http://imprompto.blogspot.com/2012/04/gravura-de-tavira-do-seculo-xvii.html>

<sup>140</sup> <http://imprompto.blogspot.com/2008/04/uma-planta-indita-de-tavira-do-sc-xvi.html>

<sup>141</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

boa porção de dados esparsos, que fazem com que a redação desta dissertação se assemelhe à montagem de um puzzle.

Obviamente, todo este trabalho de investigação foi um processo repleto de altos e baixos.

Entre as dificuldades que enfrentei, registo a legibilidade dalguns manuscritos, em particular registos notariais (a escritura de 1634 é quase ilegível) - em muitos casos, a caligrafia e até o estado dos documentos dificultam de sobremaneira o trabalho do investigador. E, falando em registos notariais, confesso aqui que apostei numa busca às cegas do testamento de Lourenço Belles Teixeira (sabia, através do assento de óbito, que o mesmo havia sido feito), mas, neste caso, sem produzir frutos. Aliás, reportando-me ainda a Lourenço Belles Teixeira, por mais que buscasse, não consegui encontrar os registos de batismo ou de casamento, dois assentos que poderiam ter fornecido dados importantes para esta investigação.

Outro obstáculo diz respeito às “flutuações” da imprensa local - por vezes, os periódicos tavirenses brindam-nos com notícias e/ou artigos cheios de dados preciosos, mas os temas nem sempre foram tratados da mesma maneira, o que cria vazios difíceis de preencher. Para ilustrar este problema, eis um exemplo concreto: as Festas do Senhor Jesus do Calvário são noticiadas em 1917<sup>142</sup> e 1918<sup>143</sup> como sendo uma tradição local - algo que habitualmente se realizava no final de setembro -, mas não há existirem quaisquer notícias sobre as mesmas anteriores a 1917 ou posteriores a 1918; no entanto, é praticamente certo que estas Festas do Senhor Jesus do Calvário se realizavam antes de 1917, ainda que, por critérios editoriais que ignoro, as mesmas não tivessem sido noticiadas pelo semanário *Província do Algarve*.

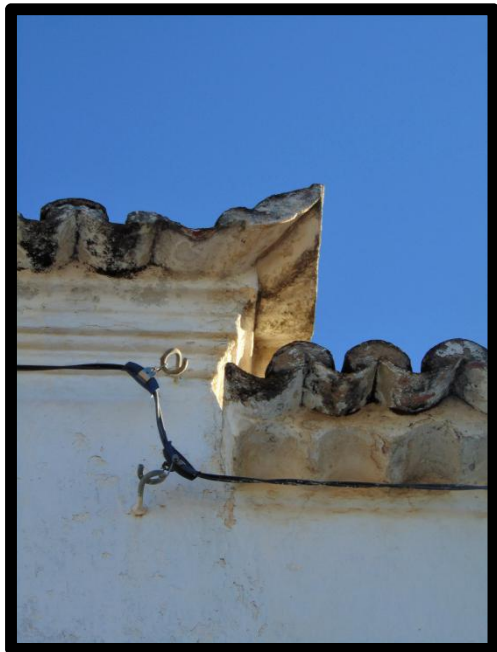
Tendo em conta a natureza do meu objeto de estudo, já esperava que a principal dificuldade na feitura desta tese fosse a escassez, fiabilidade e dispersão de informações sobre as Ermidas Geminadas de Tavira - aliás, na fase inicial dos trabalhos, alertaram-me para a eventualidade de não conseguir encontrar qualquer dado novo sobre as duas capelas. Neste aspeto, creio ter sido bem-sucedido: o texto que se segue contém uma boa mancha de informações até aqui inéditas.

Mas, mais do que as informações em bruto, quis também apostar numa abordagem diferente, capaz de levantar as questões certas, de estabelecer relações, de analisar factos e de encontrar respostas concretas - ou, quando tal não se mostra possível, de levantar hipóteses.

---

<sup>142</sup> In *Província do Algarve*, n.º 451, 23 de setembro de 1917 (domingo), pág. 2

<sup>143</sup> In *Província do Algarve*, n.º 500, 22 de setembro de 1918 (domingo), pág. 1



◀ *A junção dos telhados do Calvário e de Sampedro*



*Os telhados da nave e capela-mor de São Pedro* ▶



◀ *A cruz de ferro da Ermida do Calvário*



*A cruz de pedra da Ermida de São Pedro* ▶



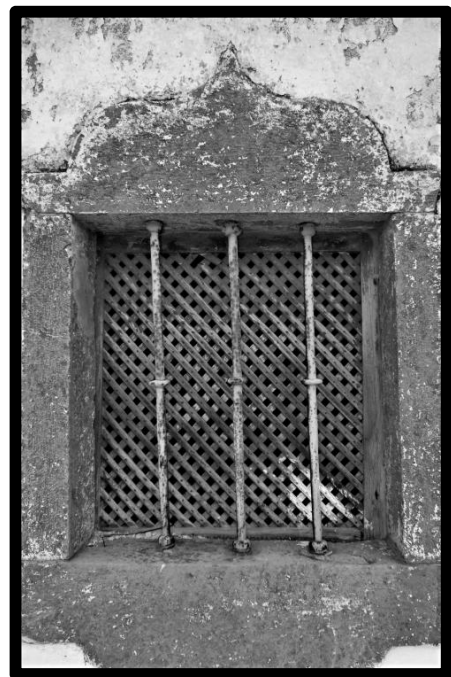
▲ O Santuário da Senhora das Angústias em 2016, já com o óculo partido e ainda com o antigo candeeiro



▲ As insignias de São Pedro em 2014, na respetiva ermida



◀ *O janelão norte do Santuário do Calvário (2014)*



*Uma das janelas da fachada da Igreja de São Pedro* ▶



▲ O óculo frontal da Igreja do Calvário ainda intacto no começo do século<sup>144</sup>



▲ O óculo norte da Ermida de Nossa Senhora das Angústias em 2019

<sup>144</sup>[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145)



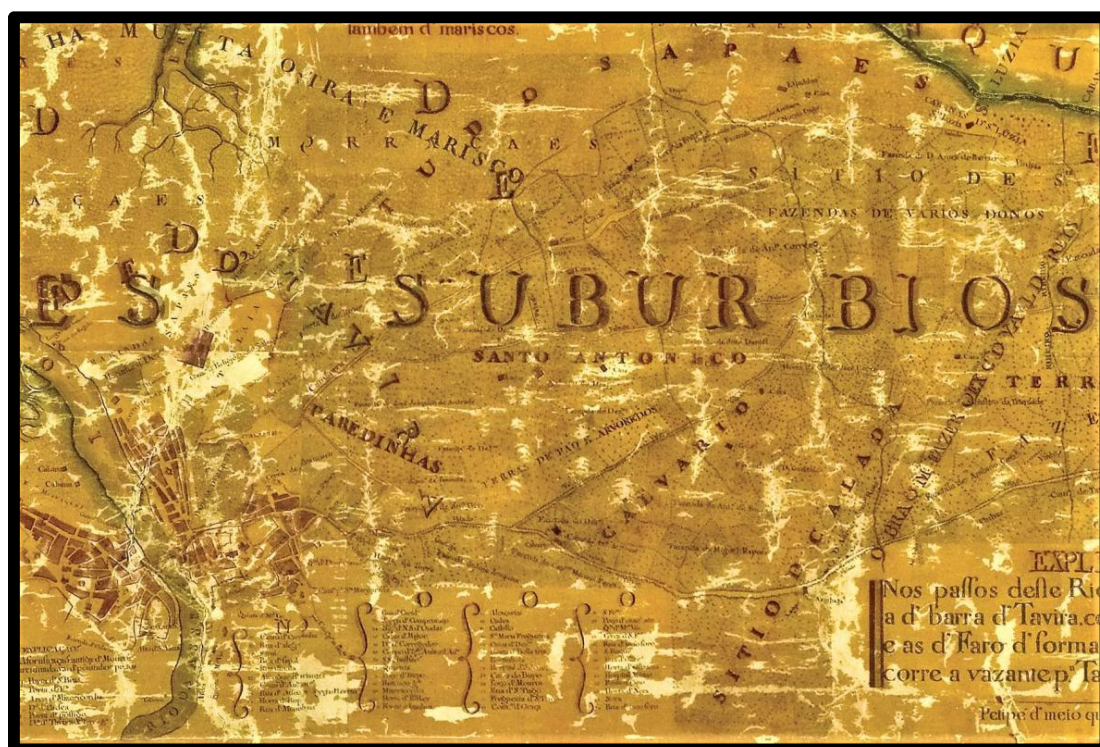
▲ A porta da sacristia (encostada ao alçado da igreja) ainda com alguma cor em 2003.<sup>145</sup>



▲ A estranha bipartição do alçado Sul do Calvário (e um estendal improvisado).<sup>146</sup>

<sup>145</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145)

<sup>146</sup> *Ibidem*



▲ Secção do mapa de Jose de Sande Vasconcellos (cerca de 1780), onde surgem representados a bifurcação, as ermidas e o Sítio do Calvário<sup>147</sup>



▲ Vista aérea das duas ermidas e da bifurcação no presente (note-se que a Capela de São Pedro está incorretamente indicada)<sup>148</sup>

<sup>147</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>148</sup> <https://www.google.pt/maps/>

## 2.A origem e evolução das ermidas geminadas - factos concretos e conjeturas

### 2.1: A precedência do Calvário em relação a São Pedro - o que revelam as fontes

A *raison d'être* desta dissertação reside na curiosidade, uma curiosidade perfeitamente natural.

Ao olharmos para as Ermidas Geminadas de Tavira, queremos saber, quase por instinto, se as duas igrejas foram edificadas ao mesmo tempo e, em caso de resposta negativa, qual delas é a mais antiga. Uma terceira dúvida residirá na necessidade de entendermos por que motivo as duas capelitas apresentam esta disposição tão *sui generis*.

Ao longo deste capítulo, tentarei, dentro do possível, responder a todas estas interrogações, fundamentando sempre as minhas ilações e/ou conclusões.

#### OS REGISTOS PAROQUIAIS

Uma leitura rígida dos registos da Paróquia de Santiago leva-nos a inferir que a ermida mais antiga é a de *Sampedro*, já que esta é a única das duas capelas que é mencionada diretamente em documentos escritos anteriores a 1601. O registo em questão é o assento de casamento de Duarte de Sousa de Brito com Margarida Correa, uma cerimónia oficiada pelo cura da Igreja de Santo Estêvão<sup>149</sup>, o padre João Fernandes, no dia 13 de janeiro de 1597<sup>150</sup>.

Por si só, este registo faz cair por terra a datação comumente apresentada para a edificação da Igreja de São Pedro - a primeira metade do século XVII. Desta forma, ficamos a saber que, sem margem para quaisquer dúvidas, esta ermida já existia e acolhia casamentos no final do cento de anos anterior a Seiscentos.

É de notar que, nas primeiras décadas do século XVII, os casamentos realizados em ermidas no termo da cidade de Tavira começam a ser relativamente usuais, o que pode ser entendido como uma consequência natural da ruralização do Algarve na primeira metade de Seiscentos. Porém, se retrocedermos aos últimos anos do século XVI, deparamos com uma realidade um tudo-nada diferente - pelo menos, na freguesia em análise no âmbito deste estudo. É um facto

<sup>149</sup> O noivo, Duarte de Sousa de Brito, era natural de Santo Estêvão, o que explica a escolha do cura da igreja local para a celebração do matrimónio.

<sup>150</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 1 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1589-1599, folha 165 (página 328)

que os registos da paróquia de Santiago de Tavira começam apenas em 1589, o que significa que existem tão-somente 12 anos de assentos mistos relativos ao século XVI; ainda assim, no período entre 1589 e 1600, só há registo de dois casamentos realizados em ermidades rurais, sendo o de São Pedro o mais antigo - o outro teve lugar no dia 15 de março de 1598 na (já desaparecida) Ermida de Nossa Senhora do Espinheiro<sup>151</sup>.

Nas primeiras décadas do século XVII, estes casamentos em ermidades rurais tornam-se, tal como já havia sublinhado, comuns, ainda que a larga maioria dos matrimónios da paróquia de Santiago continue a celebrar-se na igreja matriz. Ao longo das minhas pesquisas, deparei-me com assentos de casamentos que tiveram lugar nas ermidades de Santa Luzia (4 de agosto de 1603<sup>152</sup> e 21 de junho de 1617<sup>153</sup>), Santa Margarida (20 de outubro de 1603<sup>154</sup>, 16 de maio de 1608<sup>155</sup>, 29 de janeiro de 1613<sup>156</sup> e 21 de maio de 1614<sup>157</sup>), Nossa Senhora do Espinheiro<sup>158</sup> (29 de outubro de 1604<sup>159</sup> e 14 de março de 1613<sup>160</sup>), São Roque (6 de dezembro de 1609<sup>161</sup> e 13 de março de 1616<sup>162</sup>) e até São Sebastião (20 de janeiro de 1610<sup>163</sup>, 23 de setembro de 1612<sup>164</sup> e 23 de dezembro de 1613<sup>165</sup>).

Creio que estes treze exemplos, todos eles situados num intervalo de vinte anos (entre 1597 - data do primeiro registo - e 1617), ilustram perfeitamente a ideia que quis frisar.

---

<sup>151</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 1 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1589-1599, folha 173 (página 345)

<sup>152</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 2 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1599-1606, folha 101 (página 200)

<sup>153</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 77 (página 152)

<sup>154</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 2 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1599-1606, folha 100 (página 198)

<sup>155</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 11 (página 21)

<sup>156</sup> *Ibidem*, folha 43 (página 94)

<sup>157</sup> *Ibidem*, folha 53 (página 105)

<sup>158</sup> Por vezes também designada de Ermida ou Igreja de Nossa Senhora da Esperança; esta capela acabaria por ser “substituída” pela Igreja do Convento de Santo António por volta de 1612/1613.

<sup>159</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 2 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1599-1606, folha 93 (página 185)

<sup>160</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 45 (página 88)

<sup>161</sup> *Ibidem*, folha 19 (página 37)

<sup>162</sup> *Ibidem*, folha 65 (página 129)

<sup>163</sup> *Ibidem*, folha 20 (página 39)

<sup>164</sup> *Ibidem*, folha 40 (página 78)

<sup>165</sup> *Ibidem*, folha 50 (página 99)

De qualquer forma, há registos paroquiais referentes a Santa Margarida<sup>166</sup> e Santa Luzia<sup>167</sup>, que atestam que, mesmo por volta de 1630, estes casamentos em pequenas ermidas (passe o pleonasma) no termo<sup>168</sup> de Tavira continuavam a não ser um acontecimento raro à medida que a metade do século se aproximava.

Para além das igrejas acima citadas, uma das ermidas da freguesia de Santiago onde não seria incomum realizar-se um casamento era justamente a de São Pedro. Para além da já referida cerimónia de 13 de janeiro de 1597, a capelinha de *Sampedro* foi igualmente palco de sagradas uniões nos dias 29 de junho de 1609<sup>169</sup> (no dia do padroeiro da igreja<sup>170</sup>), 17 de novembro de 1609<sup>171</sup>, 17 de fevereiro de 1610<sup>172</sup>, 20 de abril de 1610<sup>173</sup> ou a 20 de dezembro de 1616<sup>174</sup>.

No dia 4 de janeiro de 1610<sup>175</sup> houve também um outro casamento em *Sampedro*, ao qual, de resto, já fiz menção, dado que se trata da primeira vez que, num registo paroquial, é utilizada a expressão «*Ermidas do Calvário*»; esta pode perfeitamente ser a primeira alusão (ainda que indireta) à Capela do Calvário num documento/registo oficial.

Quero com isto dizer que, se atentarmos unicamente às datas que figuram na documentação da paróquia, ficamos com a certeza de que a Ermida de São Pedro já tinha sido construída no dia 13 de janeiro de 1597; também sabemos que a Capela do Calvário já existia a 4 de janeiro de 1610. Todavia, estas datas, se lidas a “seco”, não nos contam toda a verdade.

Há outro dado interessante a extrair desta amostra de vinte anos de registos paroquiais. Há, neste período, casamentos nas ermidas de Santa Margarida, Santa Luzia, São Sebastião, São Roque, Nossa Senhora do Espinheiro e obviamente, *Sampedro* (palco de um terço dos enlances

---

<sup>166</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 5 - Caixa 383, Microfilme nº 603 SGU, 1628-1642, folha 12 (página 25)

<sup>167</sup> *Ibidem*, folha 13 (página 27)

<sup>168</sup> Apesar de utilizar a expressão “termo de Tavira”, reconheço que esta expressão pode não ser totalmente aplicável às ermidas de São Sebastião, São Roque e Nossa Senhora do Espinheiro. Porém, a maior parte dos casamentos que referi, realizaram-se em ermidas que ficam, de facto, no termo de Tavira: Santa Margarida, Santa Luzia e, logicamente, São Pedro.

<sup>169</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 16 (página 31)

<sup>170</sup> No meu entender, a escolha desta data indicia uma relação próxima entre a Confraria de São Pedro e a família de um ou de ambos os noivos. Sublinho, no entanto, que esta afirmação é apenas conjectural.

<sup>171</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 19 (página 36)

<sup>172</sup> *Ibidem*, folha 21 (página 41)

<sup>173</sup> *Ibidem*, folha 23 (página 43)

<sup>174</sup> *Ibidem*, folha 63 (página 125)

<sup>175</sup> *Ibidem*, folha 20 (página 39)

que enumerei). Porém, de todas as ermidas que existiam na freguesia de Santiago no período em análise, há apenas uma que não recebeu qualquer casamento: a do Calvário.

Como adiante demonstrarei, esta omissão tem uma dupla explicação lógica: por um lado, a devoção do templo não era a mais apropriada para abençoar um santo matrimónio; por outro lado, originalmente, o Calvário seria tão-somente uma humilde capelita, não chegando a ser uma pequena igreja, como todos os outros casos que citei anteriormente.

## OS TOPÓNIMOS E AS DENOMINAÇÕES

Uma leitura acrítica dos registos paroquiais pode induzir-nos em erro e levar-nos a presumir que a Ermida de *Sampedro* é mais antiga do que a sua congénere. A verdade é que os assentos de casamento apenas dizem que, naqueles velhos livros de Quinhentos e Seiscentos, existem três menções diretas a São Pedro antes de surgir a primeira referência (indireta) ao Calvário.

Para avaliarmos a antiguidade destas igrejas, temos de ir por outro caminho. Como expliquei no primeiro capítulo, hoje em dia, empregamos o topónimo “*São Pedro*” para denominar a área periurbana onde se situam as Ermidas Geminadas de Tavira. Contudo, até meados do século XX, era ainda comum outro topónimo mais antigo e hoje caído em desuso: “*Calvário*”.

Não é possível apurar, com exatidão, o momento em que o arrabalde das Ermidas Geminadas de Tavira começou também a ser chamado de “*São Pedro*” - aliás, o mesmo se pode dizer em relação ao outro topónimo; tudo o que temos são as primeiras vezes em que estes nomes são usados em registos paroquiais, o que, de qualquer forma, é melhor do que nada. Como referi em algumas ocasiões ao longo deste texto, “*Calvário*” era já um topónimo usado em 1610; no tocante ao topónimo “*São Pedro*”, as primeiras menções com que me deparei são assentos de batismo de 5 de setembro de 1628<sup>176</sup> e 2 de fevereiro de 1630<sup>177</sup>. Ou seja, pelo menos desde o primeiro terço do século XVII que os topónimos respeitantes ao monte onde Jesus terá sido crucificado e ao primeiro bispo de Roma “competem” entre si, conquanto que, como veremos em seguida, um deles tenha o primado sobre o outro.

Tornemos ao mapa de Tavira e seus subúrbios *occidentales* de José de Sande Vasconcellos. Na velha carta desenhada por volta de 1780, o arrabalde que temos vindo a estudar era chamado

<sup>176</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 215 (página 429)

<sup>177</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 5 - Caixa 383, Microfilme nº 603 SGU, 1628-1642, folha 121 (página 240)

de “*Calvário*”<sup>178</sup> - provavelmente, o topónimo mais comum neste período, ainda que também houvesse registos paroquiais que falam num «*sítio de São Pedro desta freguesia*»<sup>179</sup>.

Recuemos agora a 24 de janeiro de 1694, data em que Lourenço Belles Teixeira, falecido no dia 23, foi sepultado na «*Ermida do Calvário*»<sup>180</sup>. No registo de óbito, é referido que o defunto senhor era «*morador no mesmo Calvário sito nesta freguesia*»<sup>181</sup> - em momento algum o escriba responsável fala no topónimo (ou na ermida) de São Pedro, conquanto que Lourenço Belles Teixeira vivesse na propriedade rural que fazia fronteira com as duas igrejas.

Bem mais conclusivas (diria mesmo assertivas) são as duas próximas pistas que irei dissecar.

Voltemos a consultar a escultura notarial de 6 de novembro de 1634 - a tal onde a Ermida de São Pedro e a Capela do Calvário são referidas diretamente; já perto do final do documento, existe uma expressão reveladora: «*Igreja de São Pedro do Calvário*»<sup>182</sup>. Em seis palavras, está implícita uma hierarquia.

Por fim, analisemos o assento de casamento de 4 de janeiro de 1610. Atenção à designação de conjunto utilizada no livro de registos mistos: «*Ermidas do Calvário*»<sup>183</sup>.

Por si só, a expressão “*Igreja de São Pedro do Calvário*” revela-nos que o topónimo “*Calvário*” precede o topónimo “*São Pedro*”; conseqüentemente, se o topónimo “*Calvário*” é mais antigo do que “*São Pedro*”, o mesmo se passa com as respetivas ermidas. Outra prova da precedência do Calvário é a designação “*Ermidas do Calvário*” em 1610 - caso *Sampetro* fosse a igreja mais antiga, o conjunto seria chamado de “*Ermidas de São Pedro*”, expressão que, de resto, jamais encontrei em documento algum (nem mesmo nos textos de Damião de Vasconcelos).

No entanto, convém frisar que, mesmo nos períodos em que a Ermida do Calvário desfrutava de uma enorme popularidade - por exemplo, durante os anos das grandes romarias à Senhora das Angústias -, o topónimo “*São Pedro*” continuava a ser utilizado no dia-a-dia (juntamente com o “*Calvário*”, volto a frisar) e a prová-lo estão os registos de óbito de Maria dos Santos

<sup>178</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>179</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Casamentos, Livro 6 - Caixa 391, Microfilme nº 608 SGU, 1765-1789, folha 150 (página 298)

<sup>180</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 2 - Caixa 392, Microfilme nº 609 SGU, 1684-1695, folha 88 (página 175)

<sup>181</sup> *Ibidem*, folha 88 (página 175)

<sup>182</sup> Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157, 8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635

<sup>183</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 20 (página 39)

(19 de dezembro de 1712<sup>184</sup>) ou da pequena Agnes (a 22 do mesmo mês<sup>185</sup>), ambas moradoras no “*Cítio de S. Pedro*”.

Esta primazia do “*Calvário*” sobre “*São Pedro*” é ainda mais interessante quando constatamos que, por volta do fim do século XVI e durante a primeira metade do XVII, a Igreja de *Sam Pedro* até parecia desfrutar de alguma popularidade em Tavira - para além dos sete casamentos que mencionei, outros houve<sup>186</sup> que lá se realizaram. Consequentemente, penso que apenas o factor antiguidade poderia justificar que houvesse um topónimo “*alfa*” e um topónimo “*beta*” no termo da cidade - o que, uma vez mais, corrobora a minha teoria de que o Calvário foi a primeira das duas igrejas a ser levantada.

Uma nota final: há muita literatura que menciona as célebres festas em honra da Senhora das Angústias, que tinham como epicentro o santuário com a mesma devoção; contudo, o facto de nunca ter existido um topónimo “*Angústias*”<sup>187</sup> diz-nos automaticamente que esta celebração e devoção é muito posterior à fundação de ambas as ermidas, que, como sabemos, já existiam em janeiro de 1597 (nas suas configurações originais, sublinho). As festas de Nossa Senhora das Angústias, apesar de terem gerado muita prosa, surgiram apenas no século XVII.

(...)

Abro um parêntesis para falar de um artigo, datado de 27 de julho de 1941, o qual contraria tudo aquilo que defendi ao longo dos parágrafos anteriores.

O texto em causa faz parte duma série de escritos publicados por Damião de Vasconcelos no semanário *Povo Algarvio*, onde o autor descrevia as tradições de uma Tavira d’antigamente (amiúde esquecendo-se de dizer a que época se refere). A dada altura, encontramos a seguinte passagem sobre a Igreja de São Pedro: «*O certo é que esta ermida já existia no tempo da conquista de Tavira aos moiros. D’ahi o vir chamar-se àquele sítio, sítio de São Pedro, nome oficial que ainda hoje conserva*»<sup>188</sup>. Estranhamente, estas palavras foram redigidas pela mesma pessoa que, por

<sup>184</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 4 - Caixa 392, Microfilme nº 609 SGU, 1712-1731, folha 9 (página 16)

<sup>185</sup> *Ibidem*, folha 9 (página 16)

<sup>186</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 4 - Caixa 383, Microfilme nº 603 SGU, 1617-1628, folha 66 (página 130)

<sup>187</sup> “*Angústias*” é, no entanto, o nome de uma das freguesias urbanas da cidade da Horta - que, aliás, é um dos poucos locais em Portugal onde a Senhora das Angústias é celebrada.

<sup>188</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 370, 27 de julho de 1941 (domingo), pág. 3

norma, empregava muitíssimo mais a denominação “*Calvário*” - por exemplo, para se referir às «*Ermidas do Calvário*»<sup>189</sup> ou ao «*santuário de Nossa Senhora das Angústias do Calvário*»<sup>190</sup>.

Esta conjectura de Damião de Vasconcelos não é suportada por quaisquer fontes - no texto, temos apenas as palavras do autor e nada mais. Em adição, as evidências documentais e/ou toponímicas que enunciei tornam inverossímil uma eventual fundação pré-1250 da Igreja de São Pedro, a qual, seguindo a lógica descrita pelo autor, seria mais antiga do que o Calvário - seria anterior até às duas matrizes de Tavira (Santa Maria do Castelo e Santiago).

Apesar de Damião de Vasconcelos ser frequentemente citado por quase todos os estudiosos da história tavirense, nenhum outro investigador parece dar crédito a esta afirmação sobre a hipotética origem mourisca de *Sam Pedro* - nem sequer o próprio autor volta a referir tal possibilidade ao longo da sua obra.

## 2.2: A (possível) relação entre a procissão dos Passos e o nascimento do Calvário

Até onde consegui apurar, não existe qualquer documentação que nos diga taxativamente: “*o Calvário foi construído no ano x por ordem de y, São Pedro surgiu no ano a a mando de b*”. Porém, se nos dispusermos a interpretar aquelas zonas de sombra onde não há qualquer informação, ser-nos-à possível descortinar em que parte do século XVI nasceram as versões primitivas de uma e outra igrejas. A chave para este enigma pode estar numa procissão.

### A IGREJA E O CONVENTO DA GRAÇA

Peguemos no Tomo VI do *Santuário Mariano*. Diz-nos Frei Agostinho de Santa Maria que, «*antigamente*»<sup>191</sup>, a procissão dos Passos, que começava na Igreja de Santa Maria do Castelo, ia terminar na Ermida do Calvário; em momento algum o autor nos explica em que período é que tal acontecia, mas a verdade é que essa informação ser-nos-ia absolutamente preciosa.

Frei Agostinho de Santa Maria também refere que, quando a Procissão dos Passos deixou de ir até o Calvário, o *términus* da mesma passou a ser a Igreja do Convento de Nossa Senhora da Graça<sup>192</sup>; esta mudança indica que a procissão deixou de seguir um percurso entre a urbe e

<sup>189</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 364, 15 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>190</sup> *Idem*, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 29

<sup>191</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718, pág. 424

<sup>192</sup> *Idem*, *ibidem*, pág. 424

seus arrabaldes, para ficar exclusivamente confinada à malha urbana de Tavira, tendo como ponto de partida e chegada a Colina de Santa Maria. Posto isto, podemos assumir como certo que a mudança de *términus* da procissão não ocorreu antes do 1542, já que foi nesse ano que a antiga sinagoga foi reconvertida em Igreja de Nossa Senhora da Graça. Mas esta certeza não coloca um ponto final em todos os pontos de interrogação.

Sobre a Igreja de Nossa Senhora da Graça, vale a pena parar para refletir um pouco.

Quando, em 1542, Frei Pedro de Vila Viçosa chegou a Tavira vindo de Azamor<sup>193</sup>, a antiga judiaria da cidade (incluindo a sinagoga) estava desocupada e é muito provável que estivesse devoluta desde 1496, ano em que D. Manuel I assinou o édito que expulsava imediatamente do reino todos os judeus e mouros que não aceitassem converter-se à fé cristã. Dito de outra forma, os primeiros freires agostinhos instalaram-se em edifícios que estariam ao abandono há quase meio século.

Ignoramos em que estado estava a velha sinagoga no momento em que foi transformada em Igreja da Graça, mas podemos depreender que, nos primeiros anos, a nova casa de Deus não seria exatamente o edifício mais esplendoroso da Tavira de Quinhentos. Diz-nos Frei João de São José, que, nesta fase inicial, os religiosos de Santo Agostinho viviam «*pobremente, pedindo pelas portas dos fiéis, mas tendo muito cuidado que na casa não faltassem sermões, confissões para o povo e outro género de consolação que nos mosteiros bem ordenados costumam achar os que a eles vão*»<sup>194</sup>.

Tendo em conta a dignidade exigida a uma cerimónia como a Procissão dos Passos, é crível que, nos anos após a chegada dos frades agostinianos, esta “nova” Igreja da Graça ainda não reunisse as condições ideais para ser o término do cortejo solene - em momento algum do relato de Frei João de São José são mencionadas quaisquer obras anteriores a 1569, o que nos leva a supor que o templo de Nossa Senhora da Graça devia estar tal e qual como o deixaram os judeus que viviam na cidade. Consequentemente, podemos deduzir que somente depois da fundação do Convento de Nossa Senhora da Graça e subsequente arranque das obras é que a Igreja da Graça passaria a estar apta a substituir o “velho” Calvário de Tavira, que deverá ter permanecido em funções, pelo menos, até ao ano de 1569; curiosamente, em 1577, Frei João

<sup>193</sup> Azamor, recorde-se, havia sido abandonada nesse mesmo ano, por ordem expressa do rei D. João III. Esta decisão régia apanhou de surpresa Frei Pedro de Vila Viçosa, que havia viajado para aquela cidade do Norte de África com vista a lá instalar uma casa de frades agostinianos.

<sup>194</sup> **SÃO JOSÉ**, Frei João de, “*Corografia do Reino do Algarve*”, In *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Cadernos da Revista de História Económica e Social, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983, pág. 52

de São José nada refere sobre a Procissão dos Passos, o que não quer dizer que, à data, ela não tivesse já um novo *términus*.

Há um outro aspeto que convém realçar: numa época marcada por um fortíssimo sentimento antissemita, não acredito que os tavirenses achassem de bom tom que a procissão que recria o percurso de Jesus entre a condenação e a sua morte na cruz terminasse num lugar que - e todos o sabiam - era o antigo *ghetto* hebreu. O Calvário de Tavira, uma estrutura erigida *ad hoc*, era, seguramente, um lugar mais respeitável à luz do pensamento de então.

Curiosamente, no período em que Tavira era ainda o principal centro urbano do Algarve, a Procissão dos Passos ia do centro nevrálgico da cidade para o campo (o Calvário). O trajeto solene urbaniza-se e passa a ficar confinado ao interior da cidade, pouco tempo antes de parte da população tavirense começar a seguir em sentido inverso, estabelecendo-se em lugarejos e povoados rurais não muito diferentes do Sítio do Calvário (então, já despojado do seu papel de *términus* processional).

## UM PERCURSO DURADOURO

Façamos um exercício de leitura das entrelinhas dos pedaços de informação que chegaram até nós.

Sabemos que, por volta de 1718, a Procissão dos Passos há muito que tinha deixado de ir da Igreja de Santa Maria do Castelo para o Calvário. Contudo, podemos depreender que este trajeto ter-se-à realizado vezes suficientes para ainda sobejar uma memória dele num ano - 1718 - em que o mesmo já fazia parte do “*antigamentê*”.

A própria construção de um Calvário a cerca de um quarto de légua da urbe terá obedecido a um propósito específico: fazer terminar ali a procissão dos Passos. *Per se*, este facto confirma a suposição de que o percurso entre Santa Maria e o Calvário se realizou durante bastantes anos - caso contrário, não valeria a pena edificar uma estrutura em alvenaria com esse fim.

Um terceiro indício que aponta no sentido de este trajeto ter sido duradouro é o topónimo “*Calvário*”, o qual, lembro, ainda sobrevive (ainda que não mais de forma autónoma) hoje em dia<sup>195</sup>.

---

<sup>195</sup> Conforme demonstrei anteriormente, o topónimo “*Calvário*”, na sua versão sem mais “acrescentos”, ainda se utilizava no último terço do século XX. Em 2021, apesar de ter descoberto um exemplo em que tal sucedeu, é muito raro usar-se o o topónimo na sua versão “*simplificada*”.

Por outro lado, apesar de o topónimo “*Sítio de São Pedro*” já existir desde o primeiro terço do século XVII, durante muito tempo, houve a tal prevalência do nome “*Calvário*” que descrevi no ponto anterior; esta hierarquia toponímica parece indiciar que a capelinha onde findava a Procissão dos Passos seria bastante mais antiga do que a igreja alusiva ao primeiro bispo de Roma - a qual, recorde, já recebia casamentos a 13 de janeiro de 1597.

Até aqui, temos várias pistas apontam no sentido de o Calvário primitivo ter sido levantado em meados (e não em finais) da décima-sexta centúria.

### O(S) CRUZEIRO(S) E O MAPA DE FERRARI

Já aqui fiz menção à planta de 1645 de Leonardo de Ferrari, a qual, ao que se pensa, terá sido baseada num original quinhentista de autor desconhecido. Segundo a interpretação feita por Luís Fraga da Silva<sup>196</sup>, a planta original teria sido desenhada entre os anos de 1542 e 1568: por um lado, são referidas a (Igreja da) Misericórdia e (Igreja de ) «*N. S. de Graça*»<sup>197</sup>, ambas fundadas em 1542; por outro lado, o local onde, no ano de 1569, começou a ser construído o Convento de Nossa Senhora da Graça, aparece como sendo a judiaria de Tavira, embora, em rigor, aquele setor intramuros tivesse deixado de ser o bairro judeu em 1496.

Não há nesta planta qualquer menção direta ao Calvário de Tavira e tampouco foi desenhado o arrabalde onde o mesmo se localiza. Há, contudo, um pormenor ao qual vale a pena atentar: fora da malha urbana, na bifurcação das estradas<sup>198</sup> que seguiam para Faro e para a Fonte do Bispo, foi desenhado um cruzeiro.

Estas cruzes de pedra podem ter múltiplos significados, mas a sua colocação num dado local jamais é feita ao acaso - um cruzeiro é um marco de referência, que hierarquiza e ordena a paisagem, sacralizando o espaço ocupado. Com efeito, não era incomum que estes cruzeiros fossem erguidos<sup>199</sup> em encruzilhadas e/ou junto à estrada, na entrada ou saída de povoações, tornando-se um local de prece, de bênção (sobretudo, para os que partem) e até mesmo de

---

<sup>196</sup> SILVA, Luís Fraga da, “*Uma planta inédita de Tavira, do séc. XVI*”, 2ª edição, Tavira, Campo Arqueológico de Tavira, 2010, páginas 4 e 5

<sup>197</sup> MARTINS, Susana Palma, *Evolução Urbana da Cidade de Tavira - Entre a Fundação e o fim da Idade Moderna* (tese de mestrado), Coimbra, Departamento de Arquitetura - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009, pág. 139

<sup>198</sup> Hoje em dia, este cruzamento de estradas corresponde, *grosso modo*, à Rotunda da Vela ao Vento, na N125.

<sup>199</sup> A sacralização das encruzilhadas é uma prática muito antiga, que antecede a própria fundação de Portugal. Por exemplo, em Roma, era muito comum haver altares aos Lares nas encruzilhadas, as quais, de resto, tinham a sua própria deusa: Trivia (equivalente a Hécate na mitologia helénica).

boas-vindas para os viajantes prestes a chegar ao seu destino<sup>200</sup>. O cruzeiro assinalado por Ferrari parece pertencer a esta última categoria: estaria posicionado na encruzilhada onde a estradinha que partia do Largo do Cano<sup>201</sup> (na Tavira atual, corresponderá à Rua do Alto do Cano) se encontra com a bifurcação das estradas para Faro (a futura N125) e para a Fonte do Bispo.

Há outras interpretações possíveis para explicar a colocação de um cruzeiro naquele ponto - pode ser o local onde alguém foi morto ou pode até ser a sepultura de um condenado à morte (a chamada *sepultura de asno*, reservada aos que recebiam a pena capital)<sup>202</sup>. Porém, acima de tudo o mais, estas cruces em pedra servem para recordar o suplício de Jesus a caminho do monte *Golgotha*, local fora das muralhas de Jerusalém onde foi crucificado - em Português, chamamos a este sítio o “*Calvário*”. Sucede que a estrada para Faro passava precisamente ao lado da Capela do Calvário.

No século XVI, quando ainda não existia a Rua de São Pedro, o único trajeto plausível entre a Igreja de Santa Maria do Castelo e o Calvário implicava passar pelo Largo ou Terreiro do Cano e pela estrada que ia ter à bifurcação onde estava o cruzeiro assinalado por Ferrari. Ou seja, não é absurdo imaginarmos que esta cruz tivesse sido ali colocada especificamente para assinalar o ponto intermédio da Procissão dos Passos - aliás, seria, muito provavelmente, o último momento de paragem e de oração antes de o cortejo solene chegar ao Calvário. Não é descabido que este cruzeiro albergasse ou fosse ele mesmo um dos passos da *Via Crucis*.

Recapitulando: na época em que foi desenhada a planta onde Leonardo de Ferrari se baseou, o Convento de Nossa Senhora da Graça ainda não existia; no entanto, já existia um cruzeiro no ponto intermédio do trajeto da Procissão dos Passos a caminho do Calvário. Se somarmos dois com dois, chegamos à seguinte conclusão: a Capela do Calvário é anterior a 1569, o que significa que terá nascido no primeiro ou (quase seguramente) no segundo terço do século XVI. São Pedro é, como vimos, posterior - quiçá, do último terço ou quartel de Quinhentos.

(...)

---

<sup>200</sup> SANTANA, Daniel, SANTOS, Marco Sousa, “*O cruzeiro medieval de Tavira*”, In *Medievalista*, nº 27, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UNL, 2020, S/P

<sup>201</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993, pág. 343

<sup>202</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecoss do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, págs. 85 e 86

Em Tavira e um pouco por todo o Portugal, era comum haver cruzeiros no adro das igrejas - por exemplo, existiria um em frente à Igreja do Convento de São Francisco e outro diante da Ermida de Nossa Senhora do Espinheiro ou da Esperança, na Atalaia.

Em fevereiro de 1928, escrevia Damião de Vasconcelos que, na encruzilhada para a Estrada da Cafurna, mesmo em frente ao Santuário da Senhora das Angústias, existia ainda uma cruz (hoje desaparecida); este autor cita uma tradição popular, segundo a qual teria «*sido ali morto um homem*»<sup>203</sup>. Não posso afiançar a veracidade desta história popular, mas certo é que, em 1834, foi executado um homem no Sítio do Calvário: chamava-se Manuel José Évora Rosa<sup>204</sup> e era (alegadamente) miguelista; após ter sido preso em Tavira, Manuel Rosa foi assassinado pela própria escolta. Este foi apenas um dos muitos homicídios perpetrados contra apoiantes de D. Miguel em Tavira na segunda metade de 1834 e, seguramente, nada tem a ver com a antiga cruz do Calvário - o facto de José Manuel Évora Rosa<sup>205</sup> ter sido eliminado naquele ermo foi só uma coincidência, já que, naquela época, é muito provável que a cruz de pedra já lá estivesse há muito tempo.

Contudo, não seria descabido se este cruzeiro nada tivesse a ver com a morte de um cidadão e que estivesse, isso sim, relacionado com o antigo percurso da Procissão dos Passos - esta cruz podia mesmo ser uma “gémea” daquela que esteve no sítio onde hoje se situa a Rotunda da Vela ao Vento.

Também não descartaria a possibilidade de este cruzeiro do Calvário ser ainda mais antigo do que a própria capela; aliás, pode até ter sido o motivo pelo qual aquela encruzilhada (e não outra) foi escolhida para a edificação dum Calvário/oratório arrabaldino.

Outra hipótese que deve ser equacionada é a de uma eventual transladação da cruz da atual Rotunda da Vela ao Vento para o Sítio do Calvário - dito doutra forma, o cruzeiro que esteve em frente ao Santuário das Angústias seria o mesmo que, em tempos, foi levantado no local da Rotunda da Vela ao Vento, tendo mudado de local em data desconhecida.

Julgo que, no meio de tantas hipóteses e incertezas, nunca saberemos a verdade dos factos e essa é a única verdade que nos resta.

---

<sup>203</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 86

<sup>204</sup> *Idem, ibidem*, pág. 36

<sup>205</sup> Infelizmente, não me foi possível encontrar o assento de óbito de José Manuel Évora Rosa, pelo que deduzo que este senhor não fosse natural ou, sequer, residente em Tavira.

### 2.3: As terras do santuário e seus donos

Um dos grandes obstáculos desta investigação reside na dificuldade em tentar saber de quem seriam as terras onde foram erigidas as Ermidas Geminadas de Tavira. Há um ou outro dado sobre este assunto, mas estamos a falar de informações muitíssimo dispersas e relativas aos séculos XVII e XVIII - e sabemos, de antemão, que as duas igrejas nasceram na centúria de Dezasseis.

#### O SÉCULO XX

A situação jurídica destas capelas ao longo do último século é bastante clara. Meio ano após a queda da Monarquia Constitucional, a *Lei de separação do Estado das igrejas*, de 21 de abril de 1911, no seu artigo 62º, declarava serem pertença do Estado português todas «*as catedraes, igrejas e capellas, bens immobiliarios e mobiliarios, que teem sido ou se destinavam a ser applicados ao culto publico da religião catholica*»<sup>206</sup>. Para que não restem dúvidas, as Ermidas Geminadas de Tavira estavam abrangidas por esta lei, que, de resto, retirou personalidade jurídica à Igreja Católica Portuguesa sem, no entanto, proibir a liberdade de culto.

Com a revolução de 28 de Maio, veio o Decreto n.º 11887, de 15 de julho de 1926; este, sem prejuízo da manutenção do regime existente, introduziu uma novidade: a entrega, «*em uso e administração*»<sup>207</sup>, dos bens destinados a fins culturais às corporações encarregadas do culto. A “pá de cal” sobre a *Lei de separação do Estado das igrejas* veio com o decreto-lei n.º 30615, de 25 de julho de 1940<sup>208</sup>, o qual determinava que, a partir da citada data, os bens que haviam sido expropriados à Igreja Católica durante a I República tornariam à posse desta - e nesses bens estão incluídas as duas capelinhas que tenho vindo a estudar. Esta situação ainda hoje se mantém.

Mas... e antes de 1911?

Para as épocas anteriores à República, os dados de que disponho são turvos e incapazes de produzirem uma cadeia de factos e respostas às minhas perguntas. No entanto, por volta de 1915, a courela sobranceira às paredes meridionais das igrejas pertencia a «*uma propriedade denominada «Fazenda do Felizberto», no Sítio de S. Pedro*»<sup>209</sup>; sabemos que o dono da referida propriedade rural foi um certo Felizberto José Lopes, o qual, aliás, já não chegou a assistir à

<sup>206</sup> *Diário do Governo*, n.º 92/1911, de 1911-04-21, pág. 1621

<sup>207</sup> *Diário do Governo* n.º 152/1926, Série I de 1926-07-15, n.º 11887, pág. 790

<sup>208</sup> *Diário do Governo* n.º 171/1940, 1º Suplemento, Série I de 1940-07-25, n.º 30615, pág. 828

<sup>209</sup> *In Província do Algarve*, n.º 285, 7 de junho de 1914 (domingo), pág. 2

expropriação de parte das suas terras para a construção do futuro campo-santo - tanto que o assunto foi tratado com os seus herdeiros<sup>210</sup>.

Pela imprensa local, ficamos também a conhecer o nome do proprietário de um outro terreno expropriado para ali se fazer o novo cemitério do Calvário: Joaquim Trindade<sup>211</sup>. Mas estas informações não se reportam aos longos anos da Monarquia - são, isso sim, de 1914 e 1915.

Para fechar este subponto sobre a vigésima centúria, temos registo de um outro proprietário de terras nas imediações das Ermidas Geminadas de Tavira e que amiúde foi e será citado ao longo desta tese: Damião de Vasconcelos, cujo pai era natural de Tavira. A propósito de uma pequena quinta que herdou de seus antepassados, diz-nos o escriba num registo nostálgico: «*Saudades da meninice, da adolescência, saudades de mim mesmo, andam ligadas à quintarola, vizinha d'aquelas capelinhas donairosas beijadas com amor pelo sol, ungidadas com paixão pela lua*»<sup>212</sup>. Estas linhas, escritas em meados de 1941, explicam o interesse de Damião de Vasconcelos por estas Ermidas Geminadas de Tavira - inclusivamente, se ainda sobeja algum quinhão de interesse popular (e político) pelas duas capelas, a este escriba o devemos.

## OS SÉCULOS XVII E XVIII

Para o século XIX, não me foi possível reunir qualquer informação acerca dos proprietários das terras em redor e onde estavam implantadas as duas igrejas.

Para o derradeiro quartel do século XVIII, temos o (já muitas vezes citado) mapa de Sande de Vasconcellos<sup>213</sup>, mas, neste caso, a carta de 1780 acaba por não ter grande serventia, uma vez que, mesmo recorrendo à maior ampliação possível<sup>214</sup>, não é, de forma alguma, possível ler inequivocamente os nomes dos proprietários das terras ao redor do Santuário do Calvário. Do pouco que é possível destrinçar, em frente à fachada da Ermida de São Pedro, fica uma courela cujo nome do proprietário não é perceptível; já as terras fronteiras ao alçado sul das Angústias pertencem a uma fazenda - creio, se os olhos não me enganam, que à Fazenda do

<sup>210</sup> In *Província do Algarve*, n.º 319, 31 de janeiro de 1915 (domingo), pág. 1

<sup>211</sup> *Ibidem*, pág. 1

<sup>212</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 365, 22 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>213</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>214</sup> O mapa original está atualmente no Forte de Sacavém e não está disponível para consulta ao público (até por uma questão de preservação desta carta com mais de dois séculos). No entanto, a Biblioteca Nacional enviou-me gentilmente uma digitalização do mesmo com a maior ampliação possível e que, teoricamente, seria tão ou mais legível do que o original; infelizmente, tal não foi suficiente para conseguir captar todos os detalhes.

Desembargador<sup>215</sup> (que, aliás, ocupava o lado oriental<sup>216</sup> da bifurcação do Calvário). Bastante mais legíveis são os nomes dos proprietários das terras que confinam com a fazenda e a courela vizinhas ao santuário - refiro-me a António de Sousa (a sul) e a Miguel Raposo (cuja quinta confinava com a estrada para Faro).

Na carta de Sande Vasconcellos, as fazendas de António de Sousa e de Miguel Raposo ainda aparecem como pertencendo ao Sítio do Calvário, mas, na década de 90 do século Dezoito, o nome “*São Pedro*” já havia assumido o posto de “topónimo alfa”. Por exemplo, no referente a Miguel Raposo, os assentos de óbito da esposa (Anna, falecida a 4 de outubro de 1793<sup>217</sup>), da filha (Maria, que morreu no dia 10 de dezembro de 1797<sup>218</sup>) e do próprio (de 9 de fevereiro de 1804<sup>219</sup>) referem um “*Sítio de São Pedro*”; no tocante a António de Sousa, o óbito da sua viúva, Maria da Conceição, é ainda mais revelador ao mencionar uma «*Quinta do Calvário, sítio de São Pedro desta freguesia*»<sup>220</sup>. Não é improvável (bem pelo contrário) que o citado António de Sousa seja parente de um certo Manuel de Sousa Teixeira<sup>221</sup>, de quem falarei mais adiante.

Porém, o mapa de Sande Vasconcellos não é claro em relação ao pedaço de terra onde as duas ermidas foram construídas. Para percebermos quem eram os donos desta courela, temos de ler um artigo de outro Vasconcelos - Damião -, que nos poderá dar algumas luzes sobre este tema. Segundo um documento<sup>222</sup> com data de 14 de abril de 1734 e que terá sido consultado pelo ilustre escriba poveiro<sup>223</sup>, a «*ermida do Calvário está situada em uma fazenda que pertencia ao mesmo Santuário*»<sup>224</sup>. Ou seja, em pleno século XVIII, o dono do bocado de terreno onde as capelas-irmãs foram construídas era o próprio Santuário de Nossa Senhora das Angústias e não há razão alguma para supor que não tenha sido esta a situação jurídica vigente até 1911.

<sup>215</sup> Este desembargador seria, muito provavelmente, o juiz-desembargador João Leal da Gama e Ataíde, o rico homem de Tavira, que, em meados do século XVIII, comprou e mandou reconstruir o Palácio da Galeria; menos conhecido do que o pai, o filho e herdeiro de João Leal, de seu nome José Bernardo da Gama e Ataíde (falecido em 1804) também desempenhou o cargo de juiz-desembargador.

<sup>216</sup> Segundo Arnaldo Casimiro Anica, estas terras fariam parte da lista de bens arrolados pelo Padre Henrique Nunes Leal da Gama e Ataíde para constituírem o morgado de que foi instituidor.

<sup>217</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 8 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1789-1802, folha 52 (página 103)

<sup>218</sup> *Ibidem*, (página 197)

<sup>219</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 9 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1802-1826, folha 14 (página 27)

<sup>220</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 8 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1789-1802, folha 97 (página 192)

<sup>221</sup> Esta hipótese ganha mais peso quando sabemos que o nome do testamenteiro de Maria da Conceição: Lourenço Teixeira de Carvalho.

<sup>222</sup> Damião de Vasconcelos não especifica o tipo de documento que consultou.

<sup>223</sup> Apesar de ter vivido 49 anos em Tavira, Damião Augusto de Brito Vasconcelos nasceu na Póvoa de Varzim em 1880; a mudança para a cidade do Gilão, de onde era natural seu pai, deu-se em 1887.

<sup>224</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 365, 22 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

Para percebermos como foi que o modesto Santuário de Nossa Senhora das Angústias ficou dono de si mesmo e do bocado de solo onde foi construído, temos de olhar com atenção para um sobrenome que me parece ser a chave deste enigma: Teixeira. Segundo afirma Damião de Vasconcelos, «no documento atraz citado, n'ele figura um Manuel de Sousa Teixeira como dono das terras adjacentes»<sup>225</sup>. Ainda que as informações sejam escassas, sabemos que, pouco menos de meio século depois<sup>226</sup>, já a família Sousa Teixeira não era proprietária das terras vizinhas do santuário, após ter desanexado uma courela, que, possivelmente, foi vendida à família Gama e Ataíde.

E já que falamos dos Teixeira, relembro um membro desta família por várias vezes citado ao longo destas páginas: Lourenço Belles Teixeira<sup>227</sup>, a única pessoa que está sepultada numa das Ermidas Geminadas de Tavira. Deduzo que Lourenço Belles Teixeira seja um parente de Manuel de Sousa Teixeira, mas sabemos de antemão que o segundo não pode ser filho, neto ou sequer o herdeiro direto do primeiro; e digo isto porque o assento de óbito de Lourenço<sup>228</sup> nos revela que este morreu viúvo (o que pressupõe que terá sido casado) e que deixou os seus bens em testamento à sua irmã Maria (subentende-se que, ou não teve filhos, ou estes lhe não sobreviveram). Sabemos também, através do registo de óbito, que Lourenço Belles Teixeira faleceu «com os sacramentos»<sup>229</sup> (portanto, não foi um óbito repentino) no dia 23 de janeiro de 1694, tendo sido sepultado na Ermida do Calvário no dia seguinte; também nos é dito que o falecido era «morador no mesmo Calvário, sítio desta freguesia»<sup>230</sup>.

Para além daquilo que acabei de relatar, existe somente mais uma informação que consegui apurar sobre a vida de Lourenço Belles Teixeira: a 26 de dezembro de 1667, este senhor foi padrinho de casamento de Manuel Lourenço e Catarina Teixeira<sup>231</sup>; o registo em causa está muito danificado e, por conseguinte, não é possível perceber quem seriam os pais dos noivos, mas suponho, a julgar pelo apelido de Catarina, que esta seria parente de Lourenço. Sabemos,

<sup>225</sup> VASCONCELOS, Damião de, “Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas”, In *Povo Algarvio*, n.º 365, 22 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>226</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>227</sup> Lamentavelmente, e por muito que tenha procurado, não foi possível descobrir os assento de batismo e de casamento ou o testamento de Lourenço Belles Teixeira. É possível que os registos em causa se tenham extraviado ou danificado (há sempre algumas páginas ilegíveis), mas também não excludo que Lourenço Belles Teixeira tenha nascido (e até casado) noutra local que não Tavira.

<sup>228</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 2 - Caixa 392, Microfilme nº 609 SGU, 1684-1695, folha 88 (página 175)

<sup>229</sup> *Ibidem*, folha 88 (página 175)

<sup>230</sup> *Ibidem*, folha 88 (página 175)

<sup>231</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Casamentos, Livro 1 - Caixa 389, Microfilme nº 608 SGU, 1666-1684, folha 7 (página 13)

no entanto, que os noivos eram ambos moradores na cidade de Tavira, o que significa que, se Catarina era filha de Lourenço Belles Teixeira, então este último ainda não era residente no Calvário em 1667. Seja como for, a existência de uma relação de parentesco entre Lourenço e Catarina<sup>232</sup> é apenas hipotética e nada nos diz acerca das terras em redor do Calvário.

É muito difícil saber se as terras do Calvário pertenciam a estes Teixeira de Tavira antes da época de Lourenço Belles. Com efeito, o sobrenome “*Teixeira*” aparece a espaços em registos paroquiais do período em consideração (“*Belles*”<sup>233</sup> é bem menos comum), mas as informações que consegui juntar são sempre esparsas e inconclusivas, embora seja possível inferir que, no final do século XVI e no início do século XVII, já havia uma família Teixeira em Tavira.

Nas minhas deambulações pelos registos da paróquia de Santiago, deparei-me, por exemplo, com um assento de casamento do dia 6 de maio de 1591<sup>234</sup>, no qual a mãe da noiva (já defunta) se chamava Francisca Teixeira; a 19 de maio de 1597<sup>235</sup>, temos o batismo de António, filho de André Moniz e Teixeira e de sua mulher Beatriz de Figueiredo; a 21 de junho de 1608<sup>236</sup>, foi batizado Manoel (Teixeira), filho de Manoel Teixeira e de Isabel Gonçalves; no dia 7 de junho de 1617<sup>237</sup>, teve lugar o casamento de Catarina Teixeira<sup>238</sup> com Domingos Conceição. Quanto ao sobrenome “*Belles*”, os registos são bem mais escassos, mas, ainda assim, encontrei casualmente o assento de batismo de Maria, filha de Domingos Belles e de Beatriz Fernandes, com data de 25 de janeiro de 1593<sup>239</sup>. É possível que alguns - ou todos - os nomes que citei tenham algum grau de parentesco com Lourenço Belles Teixeira.

Mau grado a míngua de informações sobre a vida e a árvore genealógica de Lourenço Belles Teixeira, sabemos o bastante para podermos tirar algumas conclusões. A julgar pelo assento de óbito, é quase garantido que Lourenço era morador na mesma propriedade sobranceira ao Santuário do Calvário, que, em 1734, pertencia a Manuel de Sousa Teixeira - mais uma pista no sentido de haver um parentesco entre ambos. De sublinhar é o facto de Lourenço ter sido

<sup>232</sup> Para tentar eliminar dúvidas acerca de eventuais parentescos, também tentei encontrar o registo de batismo de Catarina Teixeira, mas, uma vez mais, não fui bem sucedido.

<sup>233</sup> Há quem considere que “*Belles*” é, na verdade, uma variante arcaica do apelido “*Velez*”. Os registos paroquiais desta época encarregam-se de desmontar tal tese, já que ambos os sobrenomes existiam em Tavira nos séculos XVI e XVII, ainda que nem um, nem outro fossem propriamente comuns.

<sup>234</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 1 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1589-1599, folha 129 (página 257)

<sup>235</sup> *Ibidem*, folha 96 (página 190)

<sup>236</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 108 (página 215)

<sup>237</sup> *Ibidem*, folha 76 (página 151)

<sup>238</sup> Obviamente, esta Catarina Teixeira não é a mesma que se casou com Manoel Lourenço meio século depois, tendo Lourenço Belles Teixeira por padrinho.

<sup>239</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 1 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1589-1599, folha 29 (página 57)

enterrado defronte do altar-mor da Ermida de Nossa Senhora das Angústias, uma honra que, tanto quanto sabemos, não foi reservada a qualquer outra pessoa. Isto significa que Lourenço desempenhou um papel de importância capital para o pequeno santuário da bifurcação.

Neste ponto, impõe-se uma pergunta: o que terá feito Lourenço Belles Teixeira para merecer a distinção de ser a única pessoa a ter a sua sepultura<sup>240</sup> nas Ermidas Geminadas de Tavira?

À partida, está liminarmente excluída a hipótese de ter sido Lourenço o impulsionador e/ou responsável pela construção do Calvário original, posto que se trata de uma capela do século XVI, demasiado antiga para ter sido feita a mando dum homem morto em 1694; o mesmo se pode dizer em relação a *Sampedro*, que, à semelhança do Calvário, estava sob a alçada de uma confraria. Mas, como veremos no ponto seguinte, há um momento durante o século XVII em que o minúsculo Calvário do termo de Tavira se transforma em Santuário de Nossa Senhora das Angústias, um dos templos de devoção mariana mais populares em toda a parte oriental do Algarve; inclino-me bastante mais para a possibilidade de Lourenço Belles Teixeira ter sido o responsável - e, quiçá, o financiador ou patrocinador principal - pela constituição dum santuário em honra da Senhora das Angústias no mesmo local onde o Calvário e a Ermida de São Pedro já estavam implantados desde a centúria precedente.

Por outro lado - e esta hipótese não invalida a anterior -, também se pode ter dado o caso de estas duas capelinhas terem sido levantadas dentro de uma fazenda particular<sup>241</sup>, num canto da propriedade; nesse sentido, Lourenço Belles Teixeira teria desanexado uma courela<sup>242</sup> das suas terras, que doou ao santuário.

Para o século XVI, lamentavelmente, não consegui reunir qualquer informação.

## 2.4: Edificação das ermidas geminadas - uma cronografia hipotética

Tentar desenhar uma cronologia exata da construção das Ermidas Geminadas de Tavira é um exercício complexo - e delicado, diria mesmo -, posto que as informações disponíveis são poucas e esparsas. Porém, se nos dispusermos a ler os espaços e os volumes, conseguimos ter

<sup>240</sup> Apesar de não ter feito uma pesquisa exaustiva nesse sentido, encontrei bastantes exemplos de pessoas que foram sepultadas nalgumas ermidas de Tavira - por exemplo, em São Roque e em São Brás, tal seria comum. No entanto, em São Pedro e no Calvário, tenho notícia de tal ter sucedido uma única vez, a 24 de janeiro de 1694.

<sup>241</sup> Recordo que não sabemos se, no século XVI, a família Teixeira era a dona das terras em causa.

<sup>242</sup> Este tipo de operações de compra e venda de courelas era muitíssimo comum durante o século XVII. Aliás, no caso de Tavira, topei acidentalmente com várias escrituras notariais semelhantes, ainda que nenhuma tivesse a ver com o caso que estou a estudar.

uma ideia aproximada de como evoluiu este conjunto arquitetónico e religioso ao longo dum par de séculos.

A cronografia que se segue é de raiz puramente conjectural, mas, à falta de dados concretos, é a cronografia possível.

#### ANTECEDENTES: O POÇO E O CRUZEIRO

Não existe qualquer informação que nos permita reconstituir como seria o atual Sítio de São Pedro-Calvário antes de ali ter sido construída a primeira das duas capelas. Na verdade, nem sequer sabemos como se chamava aquele local antes de ser adotado o topónimo “*Calvário*” - em rigor, tampouco sabemos se as gentes de Tavira usavam algum nome para se referirem à área em redor do ponto onde a estradinha da Cafurna e a estrada para Faro se intercetavam. A única coisa que sabemos é que o poço antecede as duas igrejas - e tanto assim é que a sua existência acabou por delimitar a expansão da futura Ermida da Senhora das Angústias.

Conforme expliquei no ponto anterior, não excludo a hipótese de o velho cruzeiro do Calvário ser anterior à capela original, mas essa é apenas uma possibilidade a ter em linha de conta. A única coisa que parece mais ou menos certa é que, a fazer fé em Damião de Vasconcelos, o tal cruzeiro existiu mesmo e ainda estaria de pé em 27 de fevereiro de 1928, data em que o autor o descreve como sendo «*uma cruz antiga*».<sup>243</sup>

Olhando para os mapas, percebe-se que o pedaço de terreno onde se fizeram as ermidas era a esquina de uma propriedade, junto ao ponto onde dois caminhos se juntam; possivelmente, não seriam solos de grande valia para outros fins.

#### PRIMEIRA FASE: O ORATÓRIO/CAPELA-MOR DO CALVÁRIO

Logo no capítulo introdutório, sublinhei que os alçados laterais da Igreja do Calvário não são totalmente iguais: no lado norte, há uma continuidade entre a capela-mor e a nave do templo, sendo que os alçados setentrionais das duas igrejas formam um todo que cria uma ilusão de uniformidade; a sul, a nave é mais saliente do que a capela-mor, o que faz com que a ermida seja ligeiramente mais larga num dos lados.

Em adição, não nos podemos esquecer que a porta da sacristia está completamente encostada à capela-mor - e tanto assim é que a referida “extensão de parede” a sul acaba por obstruir

---

<sup>243</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecoss do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 86

parcialmente uma das ombreiras da porta. Relembro igualmente que a forma como a sacristia (que é a única edificação com telhado de uma só água) se integra no conjunto parece indicar que se trata de um acrescento posterior.

Posto isto, basta lermos todos estes aspetos arquitetónicos para chegarmos a uma conclusão óbvia: os três corpos desta orada - capela-mor, nave e sacristia - só podem ter sido edificados em campanhas distintas. Pela lógica, o primeiro corpo construído foi a capela-mor.

Quero com isto dizer que o Calvário original não era ainda uma igreja, mas sim um oratório de planta quadrangular e dimensões muito reduzidas - um dos alçados nem chegaria a quatro metros de comprimento. Era nesta capelinha/passo processional que findava a Procissão dos Passos antes de o trajeto ter sido desviado para a Igreja de Nossa Senhora da Graça.

Tal como expliquei num ponto anterior, não se sabe com exatidão em que período o Calvário terá tido esta configuração primordial, mas tudo me faz acreditar que a mesma seja fruto de meados do décimo-sexto cento de anos.

## SEGUNDA FASE: A SACRISTIA

Tudo indica que, ainda durante o século XVI, a Capela do Calvário viu ser-lhe acrescentada uma pequeníssima sacristia. Todavia, o posicionamento da porta - encostada à capela-mor, ao invés de estar sensivelmente a meio do alçado - denuncia que também este anexo foi erguido em duas fases distintas, correspondendo a sacristia original a uma porção não quantificada do atual edifício.

Damião de Vasconcelos menciona a existência de uns «*belos azulejos*»<sup>244</sup> na sacristia da Igreja do Calvário, dos quais não chegou qualquer vestígio até aos dias de hoje. Por conseguinte, é completamente impossível afirmar se estes azulejos já existiam na sacristia primitiva ou não - se Damião de Vasconcelos nos tivesse legado uma descrição dos mesmos, ainda poderíamos arriscar uma cronologia, mas o popular jornalista apenas nos fala da sempre subjetiva beleza dos ditos azulejos.

Pela lógica, este acrescento deverá ter sido feito ainda durante a vigência do Calvário como *términus* da Procissão dos Passos. Só assim se justificaria o dispêndio de verbas e de esforços nesta estrutura arrabaldina.

---

<sup>244</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989, pág. 280

### TERCEIRA FASE: SÃO PEDRO SEM A ATUAL CAPELA-MOR

É difícil perceber, com exatidão, em que década do século XVI foi construída a primitiva Ermida de *Sampedro*. A julgar pela prevalência do topónimo “*Calvário*” e fazendo uma leitura puramente conjectural dos factos disponíveis, acredito que a igreja do primeiro bispo de Roma tenha sido levantada no derradeiro terço de Quinhentos, numa altura em que o Calvário já lá estaria há algum tempo.

Podemos especular que, no período em que a Igreja de São Pedro do Calvário foi levantada, o pequeno oratório de planta quadrangular já estaria sem grande serventia, para além de servir de local de paragem e de oração para os viajantes que circulavam na estrada com destino a Tavira. À semelhança de muitas capelas e ermidas<sup>245</sup>, o Calvário original não deveria ter um zelador - um ermitão - que tomasse conta do oratório de forma mais ou menos permanente; conseqüentemente, a edificação duma ermida (com eremita e respetiva habitação) a menos de três metros do Calvário poderá também ter estado relacionada com a necessidade de haver alguém que zelasse pela capelinha da encruzilhada.

Um pormenor interessante diz respeito à disposição/orientação destes dois locais de fé. Pode ter sido uma mera coincidência, admito-o, mas, se olharmos para este conjunto, vemos que a Ermida de São Pedro está de costas voltadas para o Calvário. Segundo a Bíblia Sagrada (o episódio surge nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João), quando Jesus foi preso, alguns transeuntes reconheceram Pedro como sendo um de seus discípulos - mas três vezes Pedro negou veementemente conhecer Jesus. Ou seja, metaforicamente, Pedro virou costas a Jesus quando seu mestre foi preso pelos guardas do Templo - e sabemos que, a este episódio da Paixão, seguir-se-iam o julgamento, a condenação, a Via Sacra, a crucificação no Calvário e, por fim, a morte após uma lança trespassar o corpo do filho de Maria. Obviamente, o que acabei de expor é apenas uma interpretação pessoal da disposição dos blocos - os homens que construíram a Capela de *Sam Pedro* podem nunca sequer ter-se lembrado deste detalhe.

Porém, a disposição das duas capelas pode ter obedecido a outro propósito.

De forma alguma excluo a possibilidade de ter existido uma intenção manifesta de erigir a Igreja de São Pedro do Calvário seguindo a Orientação<sup>246</sup> Canónica (este-oeste). Se foi esse o caso, a execução falhou ligeiramente, dado que a orientação desta ermida é de lés-nordeste

<sup>245</sup> Se quisermos ser rigorosos, uma ermida é somente uma pequena igreja construída num local ermo. Muitas capelas às quais chamamos de “*ermida*” jamais tiveram um ermitão que tomasse conta delas.

<sup>246</sup> Em rigor, a palavra “*orientação*” deriva de “*orient*”.

para oés-sudoeste. No entanto, também admito que esta questão possa não ter tido qualquer influência na construção do templo do bem-aventurado São Pedro.

Tal como sucede no Calvário, a versão primordial de São Pedro era menor do que a que hoje existe. E enquanto o primeiro Calvário era formado apenas pela atual capela-mor (sem nave), a primitiva igreja de *Sampedro* era formada apenas pela atual nave única, não possuindo ainda a capela-mor que hoje existe. Pelas minhas medições, os alçados laterais da nave medem 7,5 metros, pelo que é bem provável que o comprimento total da igreja rondasse esse valor.

Conquanto que o conceito de uma igreja sem uma capela-mor bem demarcada possa parecer um tudo-nada esquisito, a verdade é que há muitos indícios que apontam nesse sentido; como é óbvio, *Sampedro* tinha capela-mor e altar-mor, mas creio que os mesmos estariam dentro do espaço que hoje conhecemos como sendo a nave - possivelmente, haveria um degrau/estrado de madeira a separar os dois “corpos” da igreja. Um pormenor que corrobora esta teoria é a azulejaria que decora a nave de São Pedro - os azulejos apresentam padrões e cores típicas do primeiro e segundo terços do século XVII<sup>247</sup>, ainda que tenhamos a certeza que esta igreja já estava operacional no derradeiro terço de Quinhentos. Esta é a leitura que faço: os azulejos só foram colocados depois da ampliação da ermida, a qual, a julgar por outros indícios de que falarei em seguida, terá tido lugar no início do século XVII.

Há um pormenor que nos revela, sem grande margem para equívocos, que o Calvário e São Pedro foram fruto de programas e épocas diferentes e que, originalmente, não havia qualquer intenção de as geminar: as discrepâncias na orientação das duas capelas. Quando observamos este conjunto a partir da estrada, existe a ilusão de que os dois templos foram um corpo uno e fluído; mas basta aproximarmos o olhar do alçado norte para nos apercebermos, a olho nu, da diferença de orientação que tenho vindo a referir. No lado sul, existe uma secção em forma de cunha na parede que corresponde a uma zona onde as duas capelas-mor não se encaixam - esta falha é visível unicamente a partir do interior da casa do ermitão, o que talvez explique por que motivo ninguém se deu ao esforço de a ocultar.

Outro aspeto que denuncia que a acoplagem das duas capelas-mor foi uma invenção posterior à construção de *Sam Pedro* são os telhados. O telhado da nave de São Pedro é, claramente, o mais alto de todo o conjunto, ao passo que a cobertura da capela-mor está ao mesmo nível do

---

<sup>247</sup> GOMES, Jim Robert Puga, *Exemplos da Azulejaria dos séculos XVI e XVII*, em Coimbra (Dissertação de mestrado), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011, págs. 81 a 83

Calvário, estando as duas cumeeiras no seguimento uma da outra<sup>248</sup>. Se levarmos em conta a discrepância de sete graus na orientação das duas ermidas, esta continuidade nas cumeeiras só pode ser um “remendo” posterior à construção das primeiras “versões” destas igrejas.

Há um outro pormenor, quase impercetível a quem observa as ermidas de perfil, que indicia a existência de fases de construção distintas em São Pedro: a beira-seveira está ligeiramente torta, verificando-se a torção da mesma exatamente a partir do ponto em que começa a atual capela-mor; observado de perto e *in loco*, fica patente que este acabamento foi feito em duas fases distintas e que a beira-seveira da capela-mor foi “colada” sem cuidados de maior, à do corpo da ermida.

Face ao exposto, julgo difícil rebater o argumento de que a atual capela-mor não existia na primeira “versão” da Ermida de *Sampedro*. Caso contrário, tal implicaria que este templo foi edificado da fachada para a capela-mor, o que, convenhamos, seria bizarro - particularmente quando, a poucos metros, existia já uma edificação (o Calvário). No entanto, admito que esta “encarnação” primordial de São Pedro pudesse possuir já uma pequena capela-mor saliente - nesse caso, seria uma capela-mor bem menor do que aquela que existe hoje (e que, *per se*, não é propriamente monumental).

Não me foi possível fazer medições no alçado sul da capela-mor de *Sampedro*, mas sei que o alçado norte tem 2,6 metros de comprimento exterior e que o bocado de terra que separava as duas casas de Deus não era um quadrângulo de formato regular - seria apenas um espaço desocupado entre capelas, e que, por força das circunstâncias, acabou por ser preenchido.

#### QUARTA FASE: A CASA DO ERMITÃO

Ao longo dos séculos, a casa do eremita sofreu mais modificações do que a igreja que lhe está adossada, até porque estamos a falar de uma habitação que, tanto quanto apurei, foi utilizada ao longo do século XX, numa fase em que a Capela de São Pedro já havia decaído.

Há alguma harmonia na forma como a casa do ermitão se integra na fachada da igreja, o que, numa fase inicial, me levou a supor que os dois edifícios teriam sido construídos na mesma época. Ainda que tal seja, em certa medida, verdadeiro, julgo que a capela terá sido terminada

---

<sup>248</sup> Conforme referi no início, esta sensação de continuidade acaba por ser arruinada pelo facto de as cumeeiras já não estarem totalmente direitas. No entanto, é bem possível que as cumeeiras nunca tenham estado cem por cento no mesmo alinhamento, uma vez que estamos a falar de uma solução, que, em rigor, é um remendo.

(e, quiçá, consagrada) antes da casa que lhe está agregada. Quero com isto dizer que a quarta fase está, em rigor, mais próxima daquilo a que poderíamos chamar uma fase 3.5.

Conforme sugeri no início, os restos do campanário estão divididos entre a casa do ermitão e a fachada da capela, o que parece insinuar que foram feitas ao mesmo tempo. Ledo engano: ao analisarmos as fotografias aéreas do conjunto (cortesia do *Google Maps*<sup>249</sup>), percebemos que, no lado sul, a inclinação quase abrupta das águas de São Pedro se desfaz a partir do ponto em que o telhado cobre a habitação vizinha. A meu ver, esta abertura do ângulo do telhado terá ficado a dever-se a dificuldades de natureza prática: a inclinação da cobertura da ermida não poderia manter-se no telhado da casa ao lado a partir do momento em que havia a intenção de fazer com que esta fosse minimamente habitável<sup>250</sup>.

É provável que tenha decorrido algum tempo (quiçá, não mais do que algumas semanas) a mediar a conclusão da ermida e da habitação contígua, ainda que a campanha deva ter sido a mesma.

#### QUINTA FASE: A NOVA CAPELA-MOR DE SÃO PEDRO

Atentemos neste trecho da escritura notarial celebrada em casa do tabelião Vasco Correia da Guarda, no dia 6 de novembro de 1634: «*ermida do bem-aventurado São Pedro, sita junto com a Capela do Calvário, no termo desta cidade*»<sup>251</sup>. O que é que nos revela esta frase? “*Junto*” é, neste contexto, uma palavra ambígua: por um lado, pode ser interpretada como um sinónimo de “*adjacente*”, “*anexo*”, “*apegado*”, “*conjunto*”, “*contíguo*”, “*emparelhado*”, “*pegado*”, “*unido*” ou “*ligado*”; por outro lado, o mesmo vocábulo significa “*perto*”, “*próximo*” ou “*vizinho*”<sup>252</sup>. Esta duplicidade de sentidos deixa-nos na dúvida: afinal, em 1634, as duas capelinhas estavam ou não geminadas? Interpreto as palavras do escriba da escritura como sendo um “*sim*” - afinal, é-nos dito que a ermida está “*junto com*” (a Capela do Calvário) e, neste caso, creio que o “*com*” faz toda a diferença.

Posto isto, é perfeitamente possível que, em 1634, as duas capelitas já estivessem geminadas. Não sabemos a data exata em que tal sucedeu, mas, *grosso modo*, podemos balizar o momento da junção das ermidas entre o último terço do século XVI e os primeiros 33 anos de 1600. Na verdade, é bem possível que, a 4 de janeiro de 1610, dia do casamento de Gaspar Gonçalves com sua noiva, Maria, as duas capelas já estivessem juntas - caso contrário, o padre Manoel

<sup>249</sup> <https://www.google.pt/maps/>

<sup>250</sup> As fotos da antiga Ermida de Santa Luzia mostram-nos que também ali - e no mesmo século, por sinal - foi adotada uma solução similar.

<sup>251</sup> Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157, 8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635

<sup>252</sup> AAVV, *Dicionário de Sinónimos*, 2ª edição, Porto, Porto Editora, 1995, pág. 754

Roiz não teria tido a necessidade de empregar a expressão «*Ermidas do Calvário*» depois de ter dito que o casamento teve lugar na «*Ermida de São Pedro*»<sup>253</sup>; o uso da palavra “*ermidas*” também pode denunciar que existe um ermitão a tomar conta da Capela do Calvário.

Uma leitura alternativa dos assentos de casamento da paróquia de Santiago pode revelar-nos uma outra pista que aponta no sentido de a expansão/reabilitação de *Sampedro* ter tido lugar no primeiro decénio de 1600: depois de 13 de janeiro de 1597 (data da cerimónia que gerou a primeira menção a esta ermida), a casa do bem-aventurado *Sam Pedro* só voltou a receber casamentos em 1609 (a 29 de junho<sup>254</sup> e 17 de novembro<sup>255</sup>) e 1610 (para além da cerimónia de 4 de janeiro, a 17 de fevereiro<sup>256</sup> e 20 de abril<sup>257</sup>); após um hiato de doze anos, temos cinco casamentos no espaço de dez de meses e a primeira destas cerimónias é realizada justamente no dia do padroeiro da igreja. Perante estes dados, temos de questionar: o que terá tornado a Ermida de São Pedro num local tão apetecível para a realização de cerimónias de casamento nos arrabaldes de Tavira no final da década? Pode haver inúmeras explicações possíveis, mas é crível que o fim dos trabalhos de expansão/beneficiação desta igreja possam ter tido algo a ver com este súbito interesse em relação à maior das capelinhas da encruzilhada.

Sublinho, contudo, que a interpretação que faço destes assentos de matrimónio é meramente conjectural e que todas estas coincidências que aponteí podem não passar disso mesmo - de factos esparsos sem uma relação de causa-efeito.

As motivações que estiveram na génese da ampliação da Igreja de São Pedro e do acrescento de uma capela-mor à mesma são perfeitamente opacas.

Sabemos que a ermida pertencia a uma confraria, a de São Pedro, e que esta até teria bens e algum dinheiro<sup>258</sup> - portanto, havia condições para realizar obras na igreja; não obstante, a execução manifesta e indubitavelmente tosca dos trabalhos leva-me a supor que os fundos da confraria seriam relativamente limitados. Sabemos que a celebração de casamentos na Igreja de São Pedro não era um acontecimento incomum, mas, acima de tudo o mais, esta ermida era o centro da festa em honra do primeiro bispo de Roma - mesmo quando atravessou fases de acentuada decadência (o século XVII é um bom exemplo disso mesmo), a cidade de Tavira

<sup>253</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 20 (página 39)

<sup>254</sup> *Ibidem*, folha 16 (página 31)

<sup>255</sup> *Ibidem*, folha 19 (página 36)

<sup>256</sup> *Ibidem*, folha 21 (página 41)

<sup>257</sup> *Ibidem*, folha 23 (página 43)

<sup>258</sup> Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157, 8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635

continuou sempre a celebrar os chamados Santos Populares - os três - com todas as honras que lhes eram e são devidas. Ou seja, é perfeitamente exequível que a decisão de ampliar esta igreja se justifique com a necessidade de conferir uma maior dignidade à casa de um santo, que, junto com São Paulo, foi um dos fundadores da Cristandade.

Sem prejuízo do que afirmei anteriormente, não excludo a possibilidade da construção de uma capela-mor em *Sampedro* ter servido apenas para tapar aquele espaço que havia entre os dois templos. Junto a uma encruzilhada arrabaldina e longe da cidade, aquele bocado de solo livre entre o Calvário e a Igreja de São Pedro podia servir tanto para ocultar malfeitores<sup>259</sup>, como para efetuar todo o tipo de despejos, decerto impróprios em se tratando de casas de Deus.

Outra hipótese que, à partida, não devemos rejeitar é a de terem existido erros grosseiros na edificação da capela primitiva, os quais poderão ter resultado em danos estruturais - ou, quiçá, numa derrocada parcial da ermida. Em qualquer dos casos, ficaria explicada a necessidade de demolir o alçado este e de ampliar a igreja até colá-la ao oratório do Calvário, que assim teria sido discretamente convertido em suporte estrutural da ermida vizinha. Esta é uma de várias possíveis explicações e muitas delas nem sequer invalidam as demais.

Independentemente de as obras terem sido motivadas por questões de segurança, estruturais, de higiene ou outras, a verdade é que a execução deste acrescento foi bastante rudimentar (e estou a ser simpático). Tal como referi anteriormente, basta uma análise empírica *in situ* para percebermos que estas duas ermidas não encaixam bem uma na outra, como se nunca tivesse havido a intenção inicial de as geminar. Para além de esta “confluência forçada” ter deixado à vista alguns “remendos”, há também uma diferença gritante na qualidade de construção das duas igrejas - e esse é um assunto a desenvolver nos próximos capítulos.

Ao que tudo indica, nesta fase, a casa do ermitão também foi ampliada - algo imperioso tendo em conta que aquela falha em forma de fatia de bolo no encaixe das duas oradas tinha de ser disfarçada.

## SEXTA FASE: O SANTUÁRIO DA SENHORA DAS ANGÚSTIAS

A última fase construtiva representa o momento de viragem no qual o Calvário de Tavira se transformou num dos mais importantes santuários marianos do Algarve.

---

<sup>259</sup> Há vários registos que indicam que, no Algarve, as estradas principais estavam longe de serem lugares seguros. Olhando para a encruzilhada do Calvário, não é improvável imaginar uma emboscada naquele local.

Como vimos no ponto anterior, Lourenço Belles Teixeira foi, com elevado grau de certeza, o principal impulsionador e, quiçá, o financiador dos trabalhos de ampliação do Calvário, que, de repente, deixou de ser um pequeno oratório toscamente acoplado a *Sampedro* para passar a ser uma igreja de pleno direito. É a partir deste momento que passamos a poder empregar o nome “*Santuário de Nossa Senhora das Angústias*”, o qual, aliás, era o dono da própria courela onde estava implantado - não sabemos se, anteriormente, tal se aplicava às duas capelitas.

Desconhecemos as razões que terão levado Lourenço Belles Teixeira a transformar o velho e exíguo Calvário de Tavira numa pequena igreja em honra de Nossa Senhora das Angústias - também ignoramos o porquê da escolha de tal invocação mariana. Um outro detalhe que não sabemos é qual terá sido o papel da Confraria de de São Pedro, proprietária da ermida anexa, em todo este processo - aliás, depois de 1634, não temos mais notícias acerca desta confraria.

Porquanto que haja muitos aspetos “turvos” relacionados com esta transformação, é possível depreender que os trabalhos de expansão do Calvário terão tido lugar a meio do século XVII. Não creio que, no dia da assinatura da supracitada escritura de 1634, já existisse o Santuário das Angústias - caso contrário, haveria alguma menção nesse sentido. Mas, diz-nos a lógica, que, à data do passamento de Lourenço Belles Teixeira (23 de janeiro de 1694), as Ermidas Geminadas de Tavira já deveriam ostentar a configuração que hoje conhecemos - inclusive, o facto de a pedra tumular estar mais próxima do arco triunfal do que do altar-mor ou mesmo do centro da capela-mor parece indicar que, em 1694, já estaria em funcionamento a versão “comprida” deste templo cristão.

Não é de crer que esta campanha de meados do século XVII tenha modificado a estrutura da Igreja de São Pedro. No lado poente, apenas deverá ter sido feita a ligação da casa do eremita à sacristia, a qual, por seu turno, também deverá ter sido ampliada nesta fase<sup>260</sup>; estas adições tornaram possível transitar da Igreja de São Pedro para a da Senhora das Angústias sem ser necessário sair para a rua - algo que, desde o final do século transato, deixou de ser possível. Contudo, admito que a ampliação da sacristia e a ligação interior entre as duas capelas possa ter sido um trabalho anterior, conquanto que, obviamente, não possa anteceder a construção da nova/atual capela-mor de São Pedro.

---

<sup>260</sup> Julgo que, na época em que o Calvário era apenas um oratório, não fazia qualquer sentido ligá-lo ao corpo da Igreja de São Pedro. No entanto, não é uma hipótese que devemos riscar liminarmente.

A construção de uma nave acoplada ao antigo Calvário acabou por estar condicionada não só ao espaço disponível, mas também à configuração das demais edificações. O telhado<sup>261</sup> deste novo corpo tem a mesma altura do que o do velho oratório quinhentista, que, aliás, já tinha limitado a altura da capela-mor de *Sampedro* (bastante mais baixa do que o corpo da ermida).

Tal como fiz questão de frisar inúmeras vezes, na medida do possível, o alçado norte da nave tenta criar, ao olhos de quem circulava na estrada, a ilusão de que estas duas ermidades são a continuação uma da outra, um pouco como se ambas tivessem germinado a partir de um ponto comum (e sabemos que tal não é, de forma alguma, verdade).

Posto que o alçado meridional estava mais resguardado, foi decidido que esta parede podia “conquistar” alguns centímetros se tapasse parte de uma das ombreiras da porta da sacristia, sem, no entanto, se efetuar qualquer demolição nesta última. Este subterfúgio pode parecer um tudo-nada primário, mas é quase impercetível - e, ainda assim, a nave das Angústias é 30 centímetros mais estreita do que a de São Pedro. De molde a compensar a falta de largura, a nave das Angústias foi estendida até ao limite possível - ou seja, até a fachada ficar encostada ao poço. Ainda que a Ermida do Senhor do Calvário seja 90 centímetros mais comprida do que a sua “companheira”, a nave acaba por ser 18 centímetros mais curta.

Fazendo as contas, o retângulo formado pela nave das Angústias ocupa uma área de 43,49 metros quadrados. Mesmo parecendo mais modesta, a nave de São Pedro - de longe, o bloco mais alto do conjunto - tem uma área ligeiramente superior: 45,3 metros quadrados.

As intervenções sofridas na época de Lourenço Belles Teixeira não seriam as últimas. Até ao fim do século passado, as Ermidas Geminadas de Tavira foram alvo de inúmeras alterações e beneficiações - regra geral, sem mexer na estrutura básica saída desta sexta fase de expansão; digo “*regra geral*”, porque, depois das gravações de um telefilme para a SIC, foi efetuada uma modificação, a meu ver, semnexo: as portas interiores de ambas as igrejas foram seladas com tijolos e cimento, encerrando a comunicação interior entre as Angústias e São Pedro. A seu tempo, falarei mais detalhadamente sobre este e outros trabalhos feitos em Novecentos.

## 2.5: Alguns exemplos (parcialmente) análogos

Logo no primeiro capítulo, coloquei o acento tónico na ideia de que as Ermidas Geminadas de Tavira formam um conjunto arquitetónico e religioso muitíssimo original. Sem prejuízo

---

<sup>261</sup> Não excludo, de forma alguma, que o mesmo tenha sido substituído nesta fase - aliás, até acho provável que tal tenha sucedido.

desta afirmação, posso, não obstante, apontar algumas similitudes entre estas Casas de Deus e outros templos do Sotavento algarvio, em especial ao nível da configuração ou da evolução.

Os três casos que seleccionei podem ter alguns pontos em comum com as Ermidas Geminadas de Tavira, mas nenhum deles é realmente igual ao meu objeto de estudo.

### CAPELA DO CALVÁRIO/DE SANTA LUZIA (CASTRO MARIM)

Bem o sei: na lista de património classificado de Castro Marim<sup>262</sup>, não consta Calvário algum. No entanto, na vila de Castro Marim, há uma pequena artéria transversal à Rua 25 de Abril e que, ainda hoje, se chama “*Travessa do Calvário*”; na travessa em si, não existe qualquer igreja ou ermida, mas, a poucos metros, no meio do casario da Rua 25 de Abril, há uma minúscula capela - diria mesmo, um minúsculo oratório (ainda menor do que o velho Calvário de Tavira) - dedicado a Santa Luzia.

À partida, tudo parece apontar para mais um antigo Calvário que mudou de devoção (neste caso, para Santa Luzia) no decurso da Idade Moderna. A grande diferença é que, neste caso, não houve um Lourenço Belles Teixeira a patrocinar trabalhos de ampliação da ermida, que, até hoje, permanece minúscula. Além do mais, a atual devoção parece ter apagado, de todo, as origens deste templo, cuja memória permanece semi-viva graças a uma travessa vizinha.

No fundo notarial de Castro Marim, há documentos que atestam a existência de um Calvário, que, se não fosse por causa dum topónimo, teria mergulhado no olvido total e absoluto. Para além de ser feita menção a uma «*Rua do Calvário*»<sup>263</sup> num documento do dia 26 de junho de 1782, temos também uma escritura, com data de 26 de julho de 1738, de um ajuste relativo a uma casa situada «*junto ao calvário desta vila*»<sup>264</sup>; no supracitado documento, é referido que as terras da casa em causa tinham o seu limite «*na ermida do dito Calvário*»<sup>265</sup> - a atual Ermida de Santa Luzia.

### ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PÉ DA CRUZ (FARO)

Uma das particularidades mais interessantes desta ermida farensense é o seu passo monumental adossado à fachada tardoz; trata-se de um passo de planta quadrada e abóbada de aresta, com um bonito painel de azulejos recortados a representar um Calvário.

<sup>262</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2)

<sup>263</sup> Cartório Notarial de Castro Marim, cota 1081, 1 de agosto de 1781 - 11 de julho de 1784, S/N

<sup>264</sup> Cartório Notarial de Castro Marim, cota 1062, 15 de abril de 1736 - 28 de dezembro de 1738, fólios 30 e 30v

<sup>265</sup> *Idem, ibidem*, fólios 30 e 30v

Bem sei que é impossível saber, com exatidão, como seria o Calvário de Tavira original. No entanto, estava adossado a uma ermida (depois das obras de ampliação de São Pedro, como é óbvio), teria planta quadrangular e, muito provavelmente, seria abobadado, tal como a atual capela-mor da Ermida da Senhora das Angústias. *Grosso modo*, a Ermida de Nossa Senhora do Pé da Cruz acaba por dar-nos uma ideia aproximada de como deveria ser a configuração das Ermidas Geminadas de Tavira antes da última ampliação seiscentista.

#### CAPELA DO NOSSO SENHOR DOS AFLITOS (OLHÃO)

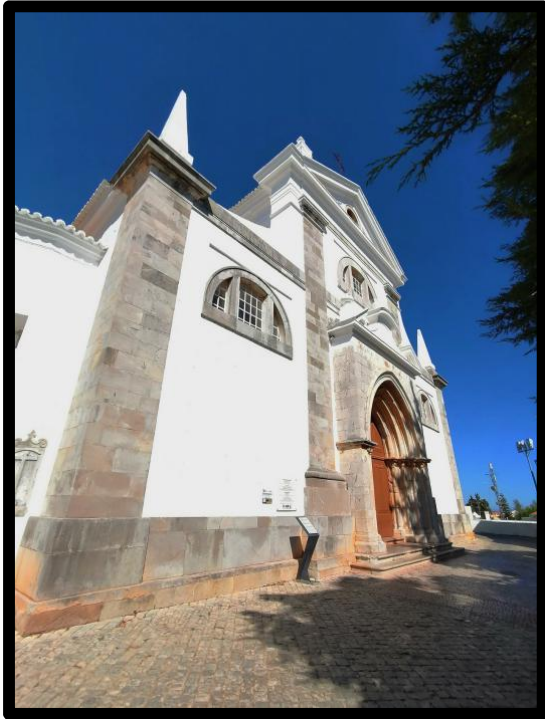
É um exemplo mais recente (é do século XX) de um templo adossado à capela-mor de outro. Neste caso, não estamos a falar de um passo processional de formato quadrangular, mas sim de uma pequena igreja com planta longitudinal rectangular.

A devoção desta capelinha foi fruto da necessidade de os pescadores de Olhão terem a quem recorrer em momentos de aflição - aliás, diz o dicionário<sup>266</sup> que, um sinónimo de “*aflição*” é precisamente “*angústia*”. Se levarmos em conta que a fachada da capela ostenta um azulejo com Jesus crucificado (a figura central de um Calvário), podemos dizer que este templo é, em certa medida, uma espécie de sùmula do Calvário e da Senhora das Angústias... embora não esteja acoplado a uma Ermida de São Pedro (que, por coincidência, era pescador), mas sim a uma igreja matriz, com Nossa Senhora do Rosário por devoção.

Posto que se trata de uma construção mais recente e que Olhão fica entre Faro e Tavira, não julgo implausível que a configuração do conjunto Igreja de Nossa Senhora do Rosário *mais* Capela do Nosso Senhor dos Aflitos tenha sido inspirada pelo Pé da Cruz e/ou p'las Ermidas Geminadas de Tavira.

---

<sup>266</sup> AAVV, *Dicionário de Sinónimos*, 2ª edição, Porto, Porto Editora, 1995, pág. 50



◀ *A Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo*



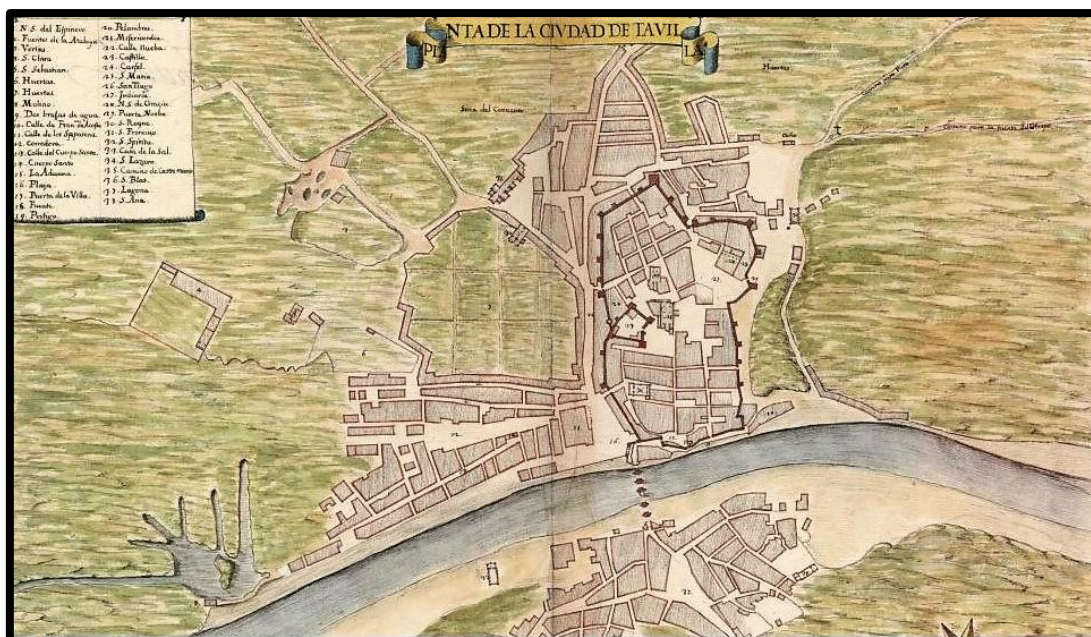
*A Igreja de Santiago, sede paroquial* ▶



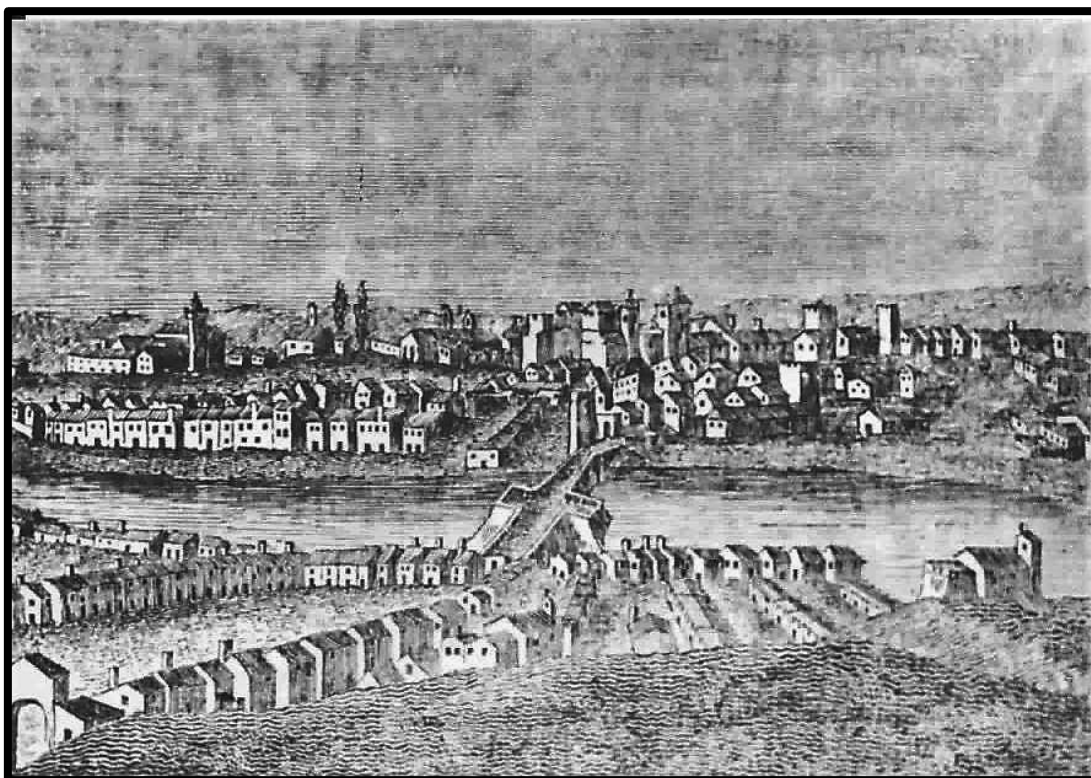
◀ *A antiga Igreja de Nossa Senhora da Graça*



*O Convento da Graça, hoje uma pousada* ▶



▲ Reprodução parcial da planta de Tavira de Leonardo de Ferrari (1645), baseada num original, de autor de conhecido, de meados do século XVI (1542-1569)<sup>267</sup>



▲ Reprodução da gravura de Tavira no século XVII (de autor de conhecido)<sup>268</sup>

<sup>267</sup> SILVA, Luís Fraga da, “Uma planta inédita de Tavira, do séc. XVI”, 2ª edição, Tavira, Campo Arqueológico de Tavira, 2010, pág. 6

<sup>268</sup> <http://imprompto.blogspot.com/2012/04/gravura-de-tavira-do-seculo-xvii.html>



◀ *A Ermida de Santa Luzia (Castro Marim)*



*O Calvário da Ermida do Pé da Cruz (Faro)* ▶



▲ *A Capela de Nosso Senhor dos Aflitos (Olhão)*



▲ *As Ermidas Geminadas de Tavira (Sítio de São Pedro-Calvário)*

## 3.A Capela do Calvário e a sua “conversão” em Santuário de Nossa Senhora das Angústias

### 3.1: A arquitetura da ermida nascente

No capítulo inicial, tracei algumas considerações gerais/empíricas acerca de vários aspetos da arquitetura das Ermidas Geminadas de Tavira. Nas páginas subsequentes, irei aprofundar esta matéria.

#### O ORATÓRIO QUINHENTISTA

De acordo com a hipótese que desenvolvi no capítulo anterior, a Capela do Calvário, em sua disposição original e quinhentista, corresponderia apenas à atual capela-mor da igreja, sendo tudo o mais adições ulteriores. Isto significa que o Calvário primordial não seria nem igreja, nem santuário - era, isso sim, um oratório/passo processional de dimensões muito exíguas, erigido no ponto onde duas estradas se cruzam, a aproximadamente um quarto de légua de Tavira.

Descrever como deveria ter sido o Calvário original é, por definição, uma tarefa delicada - até onde se sabe, as gentes de Quinhentos e Seiscentos não nos legaram quaisquer escritos onde relatassem como era o humilde oratório arrabaldino antes de lhe terem sido acrescentados outros volumes. Ainda assim, acredito que poderá não andar demasiado longe de uma mescla entre o passo processional que está adossado à capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz (Faro) e a Ermida de Santa Luzia (o antigo Calvário de Castro Marim).

À semelhança dos dois exemplos supramencionados, o Calvário de Tavira tinha uma planta quadrangular<sup>269</sup>. As medições que efetuei no exterior da ermida ilustram bem quão diminuto seria este templo da bifurcação: a secção do alçado norte que corresponde à atual capela-mor rondará os 3,80 metros de comprimento; *grosso modo*, este seria o comprimento dos lados do Evangelho e da Epístola do Calvário quinhentista. Hoje em dia, e ainda segundo as minhas medições, a fachada do Santuário do Calvário tem 5,74 metros de comprimento; embora não tenha realizado quaisquer medições a partir do interior, é possível inferir empiricamente que a capela-mor é ligeiramente mais estreita do que o alçado este da igreja, ainda que estejamos a falar apenas de alguns centímetros.

---

<sup>269</sup> Analisando os parcos dados de que dispomos, julgo que podemos excluir uma hipotética planta centralizada.

Mesmo sem números concretos/precisos, a largura da capela-mor deve superar a marca dos cinco metros, ao passo que o comprimento não chegará, sequer, aos quatro. Face ao exposto, podemos concluir que este Calvário do século XVI seria um retângulo e não um quadrado perfeito.

Observemos com atenção as edificações que compõem este conjunto.

A capela-mor e a nave do Calvário possuem uma cobertura de duas águas<sup>270</sup> com um ângulo muito aberto; porém, a sacristia apresenta um telhado de uma só água, de inclinação abrupta e orientação para este, o que, no meu entender, terá sido um recurso para evitar a obstrução do óculo sul da capela. Que conclusões podemos retirar daqui? Em meados de Quinhentos, o pequeno templo de planta quadrangular já teria os dois óculos nos lados do Evangelho e da Epístola (embora seja expectável que estes tenham sido alvo de reabilitação num momento posterior). Os dois óculos laterais, assim como a existência duma sacristia acoplada, revelam que o Calvário quinhentista não seria um oratório aberto (como é o passo do Pé da Cruz, em Faro), já que existiam paredes nos lados norte e sul. No topo (ocidental) da capela-mor, havia também uma parede, sobre a qual discorrerei em seguida.

Por mais extraordinário que possa parecer, há duas porções do alçado ocidental do Calvário que permanecem à vista<sup>271</sup> - refiro-me à parede que, teoricamente, teria ficado integralmente oculta quando lhe foi adossada a nova capela-mor da Ermida de São Pedro. No capítulo 2, fiz referência a um destes bocados de parede - trata-se do estranho nicho em formato de cunha correspondente à secção onde alçados de São Pedro e do Calvário não se encontram graças à discrepância de sete graus na orientação das duas igrejas; estranhamente, esta secção não foi preenchida com alvenaria, o que, uma vez mais, revela o pouco cuidado posto na construção da Ermida de *Sampedro*.

O outro local onde podemos observar um pedaço do alçado posterior do Calvário é o topo do altar-mor de São Pedro - após o retábulo ter tombado, ainda mais fácil se torna espreitar a parede de alvenaria<sup>272</sup> da ermida vizinha.

No tocante à fachada original, é bastante difícil termos uma noção de como a mesma seria, o que não invalida que não possamos fazer um pequeno exercício especulativo, tendo por base

<sup>270</sup> Uma voltada para norte e outra para sul.

<sup>271</sup> Como é óbvio, para fazê-lo, temos que visitar interior das Ermidas Geminadas de Tavira (o que, em princípio, apenas pode acontecer se for dada uma autorização especial por parte do pároco local).

<sup>272</sup> No ponto onde os dois telhados se encontram, é possível ver um reforço em cimento de aspeto recente - muito provavelmente, feito aquando do último restauro destes templos, há mais de vinte anos.

a observação atenta dos espaços em análise e os exemplos de outras estruturas análogas e/ou parecidas. Olhando para o passo da Ermida do Pé da Cruz, percebemos que não é descabido que o desenho do arco triunfal da atual igreja seja uma herança do antigo Calvário. Também me parece que o oratório do século XVI seria já abobadado.

Quanto ao telhado, a harmonia existente entre a nave e a capela-mor sugere que a cobertura atual é fruto de uma campanha posterior, possivelmente dos séculos XVII ou XVIII; mas não é improvável que o telhado do Calvário primitivo fosse, basicamente, semelhante ao da atual capela-mor, embora os acabamentos em forma de ave ou de pomba<sup>273</sup>, que rematam os cantos do telhado a oeste, devam ser uma adição ulterior. A uniformidade do beirado do telhado não revela a existência das duas fases construtivas do santuário, o que me faz desconfiar, uma vez mais, que a cobertura primitiva foi substituída (o que faz todo o sentido).

Contrariamente ao Calvário de Castro Marim, é possível que esta capela não fosse rematada por uma cruz, como acontece - ironicamente - no passo da Ermida do Pé da Cruz. Julgo que jamais terá sido colocado um campanário e/ou um sino - afinal, estamos a falar de um passo processional/oratório, cujas necessidades são diferentes das de uma igreja ou de uma ermida.

Inicialmente, refleti bastante sobre como poderia ter sido o alçado que desapareceu para dar lugar à construção da nave única das Angústias. É possível que tivesse existido uma fachada original e que a mesma fosse absolutamente insignificante em termos arquitetónicos, a ponto de justificar a sua substituição por uma frontaria tão singela e desornamentada como aquela que surgiu em Seiscentos<sup>274</sup>. Contudo, após comparar o Calvário de Tavira a Santa Luzia de Castro Marim e ao Pé da Cruz de Faro, concluí que não faria muito sentido estar a demolir estruturas já existentes, o que reforça a ideia de que o arco triunfal, ainda que numa versão ligeiramente diferente, já lá estava.

Não sei se o oratório/ passo processional de Quinhentos era um espaço aberto (apenas de um dos lados, logicamente) ou se teria portadas de madeira (como em Castro Marim) ou grades de ferro a vedar o acesso aos fiéis que por ali passavam - sei somente que a solução adotada não deverá andar longe de uma das três opções que acabei de elencar.

---

<sup>273</sup> VASCONCELLOS, Sylvia de, *Arquitetura no Brasil - Sistemas construtivos*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1979, pág. 152

<sup>274</sup> Considero mesmo que se trata de uma fachada bastante simples até para os padrões da arquitetura Chã, a qual, entre outras coisas, se destaca justamente por uma preferir uma estética desornamentada e com “horror” ao supérfluo.

Quanto ao revestimento exterior, duvido que uma cobertura de azulejos (como a da Ermida de Santa Luzia de Castro Marim) algum dia tivesse existido - ao invés, acredito que, desde a primeira hora, as paredes de alvenaria devem ter sido cobertas de cal branca, como mandam os usos e costumes do sul de Portugal.

Acerca do pavimento axadrezado que cobre o chão da capela-mor, direi apenas que aparenta ser anterior à colocação da lápide de Lourenço Belles Teixeira.

## O SANTUÁRIO SEISCENTISTA

Em meados do século XVII, a pequeníssima Capela do Calvário transforma-se no Santuário de Nossa Senhora das Angústias, ganhando a configuração que hoje conhecemos: uma planta longitudinal, formada por uma nave única, capela-mor e, a sul, a sacristia.

Conforme desenvolvi no capítulo 2, é provável que a transformação do Calvário em Ermida da Senhora das Angústias tenha ocorrido após 1634 e antes de 1694 - uma fase marcada, em termos arquitetónicos, pela última fase do chamado “Estilo Chão” e que corresponde,  *grosso modo*, aos reinados de D. João IV e D. Afonso VI (incluindo a regência do futuro Pedro II)<sup>275</sup>. A arquitetura desta igreja é, nitidamente, fruto do gosto vigente na época da Restauração, período em que a arquitetura religiosa portuguesa adota uma linguagem ainda mais austera e vernacular<sup>276</sup> do que havia sido a norma durante a III Dinastia.

A fachada oriental da Senhora das Angústias é, como seria de esperar numa ermida, de pano único, caracterizando-se pelo despojamento; podíamos também falar em simetria, mas a presença de um poço (que, ao que tudo indica, precede todas as edificações constituintes das Ermidas Geminadas de Tavira) faz com que as metades da fachada não sejam rigorosamente iguais. O único elemento com algum apelo visual é o frontão de lanços que encima a fachada, sendo este rematado por uma bonita cruz de ferro em pedestal. É de notar que os ângulos do telhado e das empenas do frontão são substancialmente diferentes, sendo o da cobertura mais aberto (na outra igreja, as empenas e o telhado têm a mesma abertura).

O portal é encontramos algumas das (poucas) características comuns às duas ermidas, sendo ambos em cantaria e tendo ambos 2,04 metros de largura e porta de duas folhas (em péssimo estado de conservação numa e noutra igreja). Todavia, o portal do Calvário é de verga reta e

<sup>275</sup> Obviamente, este período inclui também os seis últimos anos do reinado português de Felipe IV. Porém, é mais provável que a Ermida das Angústias tenha nascido após a Restauração e não antes, como adiante explicarei.

<sup>276</sup> **CORREIA**, José Eduardo Horta, *Arquitetura Portuguesa - Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Editorial Presença, 2002, pág. 62

integralmente desprovido de ornamentos - a não ser que consideremos a cornija como um elemento decorativo. Não posso asseverar que este seja o portal que, originalmente, existia no século XVII. As duas folhas da porta apresentam um interessante gradeamento em ferro, sem vidro, através do qual podemos espreitar para o interior da igreja e contemplar o estado lastimável em que esta se encontra.

O outro elemento decorativo/funcional desta fachada é o óculo oval em alvenaria, o qual, no início do século corrente, ainda tinha um gradeamento de formato quadrangular<sup>277</sup>; algures durante a década de 2000, o citado gradeamento foi retirado, deixando o vidro tetrapartido sem qualquer proteção. Conforme relatei no primeiro capítulo desta dissertação, entre 2009 e 2014, uma bola de futebol acabou por reduzir o vidro a cacos - inclusivamente, a “prova do crime” só foi retirada do interior da igreja no dia em que a visitei.

Contrariamente à Ermida de São Pedro - onde as esquinas são apenas esquinas -, no Calvário, os cantos da fachada são preenchidos por discretos cunhais em massa, de aspeto bem singelo. Note-se que, antes do último restauro, estes cunhais estavam pintados num tom de cinzento bem mais escuro<sup>278</sup> do que aquele que podemos observar atualmente. A olho nu, é impossível conseguir datar estes cunhais ou, sequer, perceber se os mesmos faziam parte da fachada do século XVII ou não.

Acerca dos alçados laterais, não haverá muito a dizer. Num plano inferior, ambas as paredes apresentam um janelão de formato retangular em cantaria, com gradeamento e portada. No interior santuário, estes janelões, à semelhança do portal de entrada, estão debruados a azul.

Num plano mais elevado, sobre o altar-mor, temos, em cada lado, um óculo em capialço, cujo vidro é dividido em quatro secções<sup>279</sup>; note-se que, no caso dos óculos laterais, a partição tem a forma de uma cruz grega, ao passo que, no óculo frontal, a mesma é em formato de *sautor* (ou seja, similar à letra “X”). Curiosamente, os óculos da capela-mor estão enquadrados por uma espécie de nicho retangular, o que pode indicar que estamos perante elementos oriundos de duas épocas diferentes: o nicho pode, eventualmente, ser a abertura original (do Calvário do século XVI), sendo a janela de formato ovoide uma adição posterior. No entanto, sublinho, esta possibilidade é apenas uma mera interpretação conjectural.

<sup>277</sup> MACIEIRA, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 307

<sup>278</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9145)

<sup>279</sup> No lado norte, um dos vidros está partido e não seria surpreendente que tivesse sido um ato de vandalismo.

Ainda sobre os alçados laterais, reafirmo que os mesmos não são integralmente simétricos: a norte, a parede é lisa e flui a partir do alçado de *Sampedro*, um pouco como se as duas ermidas formassem um corpo uno; a sul, a parede da nave única é ligeiramente mais saliente do que a da capela-mor, o que, subtilmente, denuncia a existência de duas fases de construção.

Por norma, a maioria das ermidas possui cobertura interior em madeira, uma solução comum em igrejas de (muito) maior dimensão e que, quer por falta de recursos, quer por ter sido esse o gosto da época, chegou, inclusivamente, a ser usada em catedrais - por exemplo, na nave principal da Sé de Silves. Face ao exposto, não deixa de ser interessante que a única nave da modestíssima Igreja do Calvário seja coberta por uma abóbada de berço, decorada com belas pinturas murais que analisarei no ponto seguinte; esta abóbada parte de uma cornija bastante saliente e, como adiante veremos, o contraste em relação à outra capela não podia ser mais vincado.

Já a capela-mor está coberta por uma abóbada de lunetas, igualmente decorada com pinturas murais. Esta diferença - *ténue* - nas tipologias das abóbadas é mais um indício de que a nave e a capela-mor são produto de fases construtivas diferenciadas.

Olhemos agora para outro indício de que o Santuário da Senhora das Angústias é o fruto de duas campanhas bem distintas: o chão. A nave da igreja tem chão em madeira, ao passo que a capela-mor, como referi no subponto anterior, está revestida por um pavimento com padrão xadrez, que me parece ter sido “mutilado” em 1694, aquando da colocação da pedra sepulcral de Lourenço Belles Teixeira.

A capela-mor, elevada sobre degrau, está separada da nave única por um elegante duplo arco triunfal de volta perfeita, o qual pode resultar do aproveitamento (parcial, creio eu) de uma estrutura existente no velho Calvário de Quinhentos. O arco principal é em cantaria pintada de azul e vermelho, com imposta saliente a demarcar a flecha e o arranque da zona curva do arco. Noto que a base das duas canas é visivelmente mais larga - parece-me também que foi utilizado um tipo diferente de pedra, o que pode ser um indício de uma substituição do resto do arco numa fase posterior à da construção original. Na chave ou aduela estão gravados os três pregos usados na crucificação - um elemento de cariz simbólico apropriado ao espaço em questão. Adossado ao arco triunfal, existe um outro, de madeira pintada nos mesmos tons de azul e vermelho.

Para além da pia de água benta - muitíssimo simples e sem nada digno de menção - há a destacar a existência, na capela-mor, de duas portas aparentemente iguais: uma no lado da Epístola e outra no lado do Evangelho. Em rigor, somente a porta do lado sul (de acesso à sacristia) era verdadeira, sendo a outra uma mera pintura em madeira para criar uma ilusão de simetria.

Lamentavelmente, há cerca de duas décadas (não consigo precisar o momento, mas terá sido na sequência de um furto ocorrido em 2000), foi decidido emparedar as duas portas interiores com tijolos; no caso da Igreja do Calvário, este recurso revelou-se manifestamente incapaz de travar novo assalto - os meliantes derrubaram a parede de tijolos, cujos restos estão ainda espalhados pela sacristia e pela capela-mor.

### 3.2: Arte sacra: pinturas murais, fundo e figuras do Calvário, púlpito e *pietà*

Depois de analisarmos a arquitetura do Santuário do Calvário, olhemos para as peças de arte que compõe (ou compunham) o seu interior. E se, em vários momentos, lamentei a escassez de informação sobre estas ermidas, o mesmo já não é válido em relação à sua arte. Contudo, ao longo das minhas leituras, debati-me com demasiadas zonas de sombra e com uma enorme dificuldade em datar algumas peças.

Em termos estruturais/arquitetónicos, o Calvário que ainda hoje resiste é herdado da grande campanha de meados do século XVII. Todavia, o aspeto interior desta ermida denuncia ter havido uma nova e importantíssima campanha de beneficiações durante a segunda metade do século XVIII - campanha essa que, do ponto de vista artístico, muito enriqueceu o santuário da bifurcação de estradas. É possível que estas melhorias tenham ocorrido ao mesmo tempo que a Igreja de São Pedro do Calvário era alvo de algumas obras importantes.

#### AS PINTURAS DAS ABÓBADAS

Uma das diferenças mais marcantes entre as duas ermidas do Sítio do Calvário está em seus tetos: enquanto *Sampedro* apresenta uma humilde cobertura de caniços, o Santuário de Nossa Senhora das Angústias tem tetos abobadados e decorados - tanto na nave, como na ousia - com belas pinturas murais em perspectiva fingida (*trompe-l'oeil*). Infelizmente, estas pinturas estão em péssimo estado de conservação - nalguns locais, já desapareceram por completo.

É difícil datar estas pinturas - sem grandes certezas, Isabel Macieira<sup>280</sup> aponta para a metade inicial do século XIX, mas também é possível que estes tetos tenham sido pintados durante o cento de anos anterior. A olho nu - e sem quaisquer exames - é muito difícil afirmar qual foi a técnica utilizada nestas pinturas: a fresco ou a seco (no último caso, pode ser a têmpera ou a óleo). Mesmo a perspectiva fingida é utilizada de forma mais “suave” do que noutros templos da cidade do Rio Gilão.

Começamos pelo teto da nave, onde se destaca a utilização bastante estilizada de arquiteturas fingidas (balaustradas), uma solução que não é inédita em Tavira - vemo-la, por exemplo, nas igrejas de Nossa Senhora das Ondas, Nossa Senhora do Carmo ou Santo António<sup>281</sup>. Sobre as duas balaustradas assentam, a espaços ritmados, anjos (já muito sumidos) ou vasos de flores. No centro da abóbada, temos um bonito medalhão central, o qual creio que terá uma função puramente decorativa - não é, seguramente, nenhum dos Instrumentos da Paixão de Cristo, que, de resto, surgem em vários locais desta ermida (sobretudo, na capela-mor); o medalhão é circundado por grinaldas de enrolamentos vegetalistas e por drapeados bastante delicados - estes últimos terminam em duas grandes urnas emolduradas por enrolamentos vegetalistas, na base das quais estão sentados os anjos a que fiz menção prévia e cujas faces estão já muito sumidas.

Contrariamente a outros tetos deste género pintados no século XVIII, a abóbada do Calvário não está integralmente pintada e nem recorre a tons tão fortes como os do retábulo, o que ajuda a criar um agradável contraste.

De acordo com Isabel Macieira<sup>282</sup>, este teto é um trabalho de expressão claramente popular, o qual apresenta alguns padrões de modernidade em comparação com outros tetos similares de outras igrejas deste período, como seja o facto de a pintura não ter que preencher todos os espaços em branco (o chamado “*horror ao vazio*”, que marcou quase todo o século XVIII) ou a delicadeza e simplicidade dos drapeados e dos motivos vegetalistas.

No centro da capela-mor, voltamos a encontrar uma pintura mural - na verdade, há traços de outras pinturas ao longo da abóbada, mas estas estão de tal modo sumidas ou danificadas que não vale a pena tentar descrevê-las. No meio da abóbada, encontramos os três cravos usados na crucificação - os quais já tinham aparecido na aduela do arco triunfal -, circundados por

---

<sup>280</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 309

<sup>281</sup> Como é óbvio, os tetos destas igrejas são muitíssimo mais elaborados do que o do Calvário.

<sup>282</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *Op. Cit.*, pág. 309

outra das *Arma Christi*: a coroa de espinhos. A rodear as duas armas da paixão, uma vez mais, temos motivos vegetalistas e finíssimos drapeados.

## O FUNDO DE CALVÁRIO

Um dos destaques da Ermida de Nossa Senhora das Angústias é o seu Fundo de Calvário em *trompe-l'oeil* pintado com tons fortes. Como tudo o resto nesta igreja, este fundo está em mau estado de conservação, mas, felizmente, ainda há imagens a cores da década de 1990 para nos ajudar a analisá-lo.

Como quase tudo o que diz respeito às Ermidas Geminadas de Tavira, descrever o retábulo original do Calvário da bifurcação de estradas é uma tarefa quase impossível, até porque as fontes são praticamente inexistentes. Na verdade, até a tarefa de tentar datar o atual retábulo pode revelar-se suficientemente complicada, pois, como salienta Isabel Macieira, trata-se de um trabalho de características populares, o qual, ainda por cima, terá sido repintado ao longo dos anos<sup>283</sup>; por conseguinte, Isabel Macieira acaba por apontar a primeira metade do século XX como a data em que este Fundo de Calvário terá sido pintado - certo é que, neste caso, estamos a falar de uma repintura e não do trabalho original.

Conquanto que as informações concretas a esse respeito sejam inexistentes, não é, de modo algum, inverosímil que a organização do interior da capela-mor do Santuário da Senhora das Angústias tenha sido, *grosso modo*, herdada do velho Calvário de Quinhentos. Na verdade, há alguns indícios que apontam nesse sentido.

Em primeiro lugar, o Calvário de Tavira seria uma estrutura murada<sup>284</sup> - o oposto do passo processional que está detrás da capela-mor da Ermida do Pé da Cruz, em Faro<sup>285</sup> - e tal pode ser um indício de que havia a necessidade de resguardar algo (por exemplo, pinturas murais e/ou figuras em madeira) dos elementos; caso o primitivo Calvário albergasse cruzeiro em pedra (similar, por exemplo, à Cruz de Portugal, em Silves<sup>286</sup>) tal necessidade decerto não existiria. Em segundo lugar, levando em linha de conta as características do atual retábulo, não é improvável que a sua “encarnação” quinhentista se inserisse numa das três tipologias

<sup>283</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 308

<sup>284</sup> Pelo menos, três dos quatro lados do quadrilátero seriam murados. Quanto à existência ou não de uma porta de entrada a fechar a quarta face, não tenho tantas certezas, mas é uma possibilidade a ter em conta.

<sup>285</sup> Várias vezes citei este passo como um exemplo comparável ao Calvário de Tavira, mas convém sublinhar que esta estrutura farensé é muito posterior.

<sup>286</sup> Para além de ser originária do mesmo século - XVI - do que o Calvário de Tavira, a iconografia da Cruz de Portugal tem muito a ver com esta ermida: de um lado, Jesus crucificado; do outro, uma *pietà*.

de retábulo que Francisco Lameira diz serem comuns nas igrejas algarvias durante o século XVI: «*um único painel pintado, de madeira, com moldura*»<sup>287</sup>; esta era, curiosamente, a tipologia que encontrávamos noutra ermida de Tavira - a de Santa Ana.

Muitos destes altares de painel único pintado eram adornados com figuras em madeira ou em pedra<sup>288</sup> e não é impossível que tal sucedesse na Capela do Calvário do século XVI. Porém, a presença de estatuária em madeira ou pedra no retábulo elimina automaticamente a hipótese de o Calvário quinhentista ter sido um espaço aberto (somente no lado oriental, entenda-se) - caso contrário, as peças acabariam, mais dia, menos dia, por ser subtraídas. Contudo, não é de eliminar a possibilidade de a estatuária permanecer guardada no interior da sacristia, apenas sendo retirada em ocasiões especiais e/ou festivas.

De qualquer forma, tendo em conta a dinâmica da Procissão dos Passos no século XVI, creio que a existência de estatuária religiosa neste período seria uma redundância, já que o cortejo levava as suas próprias figuras até ao Calvário, o qual, por seu turno, servia de cenário a um quadro religioso que chegava ao ponto de incluir figurantes a fazer de anjos<sup>289</sup>. Com ou sem estatuária quinhentista, dedicarei o subponto seguinte à questão da imagética deste templo.

Independentemente da época em que foi executado, o retábulo-mor do Calvário está apoiado num degrau e apresenta uma pintura mural ao centro, a qual representa o monte *Golgotá* - o Calvário. Isabel Macieira afirma que este desenho do local da crucificação de Jesus é bastante esquemático e estilizado<sup>290</sup>, o que, provavelmente, significa que se trata de um repinte muito mais recente do que o resto do Fundo do Calvário, onde é notório o gosto do século XVIII.

Um pormenor interessante: o repinte do Fundo do Calvário da Ermida de Nossa Senhora das Angústias tem algumas similaridades com o do Fundo do Calvário da Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos, sobretudo na utilização de cortinas pictóricas vermelhas para contrastar com o azul do céu (que tem o mesmo tom em ambas as composições), no uso de nuvens bastante expressivas (conquanto que com estilos significativamente diferentes) e na representação de uma Jerusalem relativamente distante. Isabel Macieira também data este Fundo de Calvário (ou a sua repintura) como sendo um produto do século XX<sup>291</sup>, o que me

<sup>287</sup> LAMEIRA, Francisco Ildefonso, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Volume I, Faro, Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve, 1999, pág. 13

<sup>288</sup> *Idem, ibidem*, pág. 13

<sup>289</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>290</sup> MACIEIRA, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 308

<sup>291</sup> *Idem, ibidem*, pág. 266

deixa a ponderar se um não terá influenciado o outro. Não obstante estarmos, em ambos os casos, perante trabalhos de artistas populares, deteto bastantes diferenças no traço e no uso das perspetivas, o que me faz duvidar seriamente da hipótese de estarmos perante pinturas de um mesmo autor.

Um elemento fácil de datar são as duas expressivas cortinas pictóricas de cor vermelha, com seus galões e borlas, que ladeiam a representação do Calvário. Outro pormenor bem ao gosto da décima-oitava centúria são os apontamentos de pedra fingida em tons de azul e verde - bem menos conseguidos do que os da Igreja de São José, onde também encontramos este recurso.

Dois elementos que se destacam neste retábulo são o baldaquino que encima a composição e o frontão de altar, em madeira e em forma de sarcófago; o topo deste último está muitíssimo danificado, apresentando mesmo algumas tábuas soltas.

## AS FIGURAS DO CALVÁRIO

Ao centro, Jesus crucificado; a seu lado, Nossa Senhora das Angústias (*Miriam*, sua mãe), São João Evangelista e Maria Madalena. Felizmente, ainda restam fotografias a cores dos tempos em que o Calvário estava completo e em seu lugar.

Em grande medida, não estarei a cair em inverdade se disser que as figuras de roca ainda são encaradas como uma forma de arte “menor”, uma expressão de cariz essencialmente popular; porém, há registo de que muitas destas imagens de vestir tiveram direito a patrocínio régio, sendo que várias delas foram produzidas em contexto monástico - portanto, longe da esfera popular<sup>292</sup>. No caso particular das imagens que compunham o Calvário tavirense, estamos a falar de figuras de roca sem direito a favores reais e que, muito provavelmente, foram criadas pelas mãos de artistas populares de Tavira. Contudo, uma dessas imagens não-eruditas seria objeto duma intensa devoção por parte das gentes de Tavira, do Algarve e até da Andaluzia.

Em Portugal, o hábito de vestir imagens sacras de madeira foi algo que floresceu e se tornou tradição ao longo do século XVI<sup>293</sup>, mas isso não invalida que o Calvário já tivesse figuras de roca em Quinhentos - aliás, também não invalida que as não tivesse.

<sup>292</sup> PEREIRA, Diana Rafaela Martins, *Imagens de Vestir em Aveiro: A Escultura Mariana - Do Século XVII à Contemporaneidade*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014, pág. 46

<sup>293</sup> CHAVES, Duarte Nuno, *As Imagens de vestir da Procissão dos Terceiros: história, conceitos, tipologias e tradições - Um legado patrimonial franciscano na ilha de S. Miguel, Açores, dos séculos XVII a XIX.*, Évora, Universidade de Évora, 2020, pág. 118

Aliás, perante a falta de informações, podemos assumir que uma destas quatro hipóteses estará correta: a) o Calvário primordial apenas possuía um painel - provavelmente, pintado - onde estaria representada a *mater dolorosa* diante de seu filho, Jesus, que sucumbia na cruz (Maria Madalena e São João Evangelista podiam ou não estar representados neste quadro); b) o fundo de Calvário era só o cenário para as estátuas em madeira de Jesus crucificado, Maria e, possivelmente, de Maria Madalena e/ou São João; c) algo semelhante à hipótese anterior, mas com imagens em pedra; d) ao invés de estátuas de pedra ou madeira, o Calvário possuía já imagens de roca, como, de resto, sucedeu até ao ano 2000.

Com exceção da primeira, todas as hipóteses descritas no parágrafo anterior conduzem-nos até novas questões. Por exemplo, se, antigamente, existiam imagens de pedra ou de madeira no Calvário do século XVI, que destino tiveram estas peças de arte sacra? Por outro lado, se o retábulo já tinha imagens de roca, seriam estas peças aquelas que chegaram até aos nossos dias ou seriam outras, mais antigas?

É extremamente difícil datar estas imagens de roca - apenas Maria Ramalho, no texto do site da DGPC, arrisca uma possível datação destas peças: a segunda metade do século XVII<sup>294</sup>. A única informação concreta que temos é-nos oferecida pelo Tomo VI do *Santuário Mariano*, no qual Frei Agostinho de Santa Maria fala duma «*Imagem de Maria Santíssima em suas Angústias, chorando ao Filho Santíssimo defunto*»<sup>295</sup> - isto significa que, pelo menos, as imagens de Jesus crucificado e de Nossa Senhora das Angústias já existiam, com toda a certeza, nas primeiras décadas do século XVIII. Todavia, dada a história deste templo, não desprezo a possibilidade de existirem no Calvário imagens de roca - estas ou outras parecidas - desde o décimo-sexto século.

Em 1718 e nos tempos idos em que o Calvário estava completo (ou seja, até meados de 2000), a «*imagem de roupas*»<sup>296</sup> de Nossa Senhora das Angústias, a qual «*faz sete palmos de altura*»<sup>297</sup>, posicionava-se próximo do centro do altar, «*ao pé da Cruz*»<sup>298</sup>, junto da qual estava «*em hum ternissimo desmayo*»<sup>299</sup>, para usar as palavras de Frei Agostinho de Santa Maria. A milagrosa imagem da Senhora das Angústias, que levava ao pequeno santuário do Sítio de São Pedro

<sup>294</sup><http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71060/>

<sup>295</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718, pág. 425

<sup>296</sup> *Idem, ibidem*, pág. 425

<sup>297</sup> *Idem, ibidem*, pág. 425

<sup>298</sup> *Idem, ibidem*, pág. 424

<sup>299</sup> *Idem, ibidem*, pág. 425

incontáveis devotos, era a única que estava em posição de joelhos e destacava-se pelos trajés claros (em tons de castanho-claro e azul), os quais faziam um contraste notório com a túnica escarlate e a capa verde de Maria Madalena, de pé a seu lado. São João Evangelista, de túnica castanha e capa azul (de tons mais fortes do que os de Maria), é o único que está - ou estava - posicionado à direita de Jesus. Em local e tempo oportunos, falarei sobre o triste fado destas quatro santas imagens.

Igualmente complexa de datar é a excelente imagem de madeira de Jesus crucificado, a qual, até 2000, ocupava o centro do altar e que, presentemente, está em exposição no Núcleo de Arte Sacra da Igreja de Santa Maria do Castelo. Trata-se de uma peça de inegável qualidade e cuja presença no altar do Santuário da Senhora das Angústias comprova que este igreja era, de facto, bastante importante para as gentes de Tavira. Francisco Lameira considera que este belo Cristo na cruz é uma peça do século XVIII<sup>300</sup>, ao passo que Maria Ramalho atribui-lhe a mesma datação das figuras de roca: a segunda metade do século XVII<sup>301</sup>. Arnaldo Casimiro Anica não arrisca qualquer datação, mas, num dos seus livros, relata-nos um episódio bem a propósito desta peça que estamos a analisar; diz-nos este autor que, no dia 6 de novembro<sup>302</sup> de 1994, levou até à Ermida do Calvário um conjunto de especialistas (quatro historiadores da arte - dois deles catedráticos - e um médico local, grande entusiasta destas matérias) e que, ao contemplarem este Jesus e a *pietá* que adornava a capela-mor, «*foram unânimes em afirmar que se tratava de arte sacra do início do século XVII*»<sup>303</sup>.

Sem prejuízo de todas as opiniões que expus anteriormente, não é impossível que este Jesus crucificado, tal como uma boa fatia da arte sacra do Calvário, seja produto de uma amalgama de períodos distintos - imaginemos, por exemplo, este cenário hipotético: a imagem de Jesus pode perfeitamente ser produto de Seiscentos, mas a cruz que hoje existe também poderá ter sido uma adição posterior, em substituição de uma daquelas austeras cruces que eram típicas na estatuária religiosa do século XVII. As próprias imagens de roca podem ter uma datação híbrida, sendo suas vestes de época diferente da estrutura de madeira.

<sup>300</sup> LAMEIRA, Francisco Ildefonso, *Inventário Artístico do Algarve - A Talha e a Imaginária*, Volume IV: Concelho de Tavira, Faro, Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Sul, 1990, págs. 436 e 437

<sup>301</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71060/>

<sup>302</sup> Chamo a atenção para a coincidência de este episódio ter tido lugar a 6 de novembro, data da escritura notarial que tenho vindo a referir várias vezes ao longo desta dissertação; curiosamente, esta escritura onde o Calvário e São Pedro são mencionados foi descoberta justamente por Arnaldo Casimiro Anica no Arquivo Distrital de Faro.

<sup>303</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico (Vol. II)*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2001, pág. 194

Seja como for, apenas sabemos que, em 1718, o Calvário já teria as suas quatro figuras, sendo estas alvo de intensa devoção àquela data. Levando em conta que o Santuário da Senhora das Angústias terá nascido algures entre 1634 e 1694 e que, em 1718, já existia um culto imenso em torno da imagem de Nossa Senhora, podemos ter como certo que estas imagens de roca já estão no altar-mor do Calvário, pelo menos, desde meados do século XVII - ou seja, desde a ampliação da capela original. O que não sabemos, em absoluto, é se o Calvário quinhentista tinha (ou não) figuras de roca e se estas eram (ou não) as que, no ano 2000, ainda decoravam a capela-mor desta igreja.

Um breve apontamento para falar de outra imagem que, de acordo com várias fotografias, estaria no retábulo até à primeira década deste século. Falo duma pequena figura do Menino Jesus de pé, com vestido bordado e devidamente protegida por redoma de vidro. Desconheço de que época será esta imagem, se ela terá algum valor artístico especial ou até que fim levou este Menino Jesus da redoma.

## OS PAINÉIS DE LABRIM E O PÚLPITO

Um dos aspetos curiosos desta igreja é o facto de a capela-mor estar revestida por painéis de labrim pintados em tons fortes. Estes painéis são maioritariamente vermelhos (tal como as cortinas pictóricas que enquadram o fundo de Calvário), mas a secção inferior apresenta um marmoreado fingido em tons de azul, que, de resto, encontramos igualmente no arco triunfal, no retábulo e na cornija saliente da capela-mor; num plano inferior, junto ao arco triunfal, há também uma secção com marmoreado fingido em tons de amarelo, o que significa que, nestes painéis de labrim, há um predomínio das três cores primárias (no altar mor, há apontamentos de um marmoreado fingido numa quarta cor, desta feita secundária - o verde) em conjugação com o branco e uns discretos apontamentos cor-de-laranja. Subtis frisos em amarelo-escuro separam os painéis azuis dos vermelhos.

Na secção “marmoreada”, estão representadas algumas das *Arma Christi* dentro de painéis ovais fingidos de execução pouco primorosa; estas formas ovoides tentam também criar uma espécie de efeito marmoreado em tons de branco com veios em laranja, mas o resultado final é um tudo-nada rudimentar.

É difícil perceber qual terá sido o critério seguido para a escolha dos instrumentos da paixão que ornamentam a capela-mor - encontramos *Arma Christi* de valor simbólico absoluto, como sejam a cruz, o martelo usado na crucificação e até o chicote com o qual Jesus foi martirizado, junto de outros de menor relevância, tais como a mão que esbofeteou Jesus, a escada utilizada

para depor o Messias da cruz ou até os dados com os quais os soldados tiraram à sorte quem levaria a túnica de Jesus. A execução destas pinturas não é primorosa e, seguramente, não terão sido pintadas pela mesma mão que criou as belas cortinas do altar-mor.

Sobre o emprego das *Arma Christi* no interior da Ermida do Senhor do Calvário, parece-me haver indícios de trabalhos feitos em períodos diferentes e obedecendo a critérios igualmente díspares, o que, por vezes, faz com que haja repetições e até incongruências. Senão, vejamos: os pregos surgem-nos em dois locais (na chave do arco triunfal e no centro da pintura mural do teto da capela-mor) e podem perfeitamente ter resultado de campanhas diferentes; a cruz, elemento imprescindível em qualquer templo cristão e mais ainda num Calvário, surge num painel de labrim bastante escondido<sup>304</sup>, o que não faz grande sentido, dado tratar-se daquele que é o símbolo máximo da iconografia religiosa - inclusivamente, estes painéis chegam a dar mais destaque à mão e aos dados do que aos lenhos cruzados onde morreu o Messias; alguns destes painéis ovóides apresentam não uma, mas sim duas *Arma Christi*, sendo que a lança - o instrumento que, diz a Bíblia, matou o filho de Deus - surge sempre como “figura secundária”, o que contradiz a real importância simbólica deste objeto.

Noto também que o pano onde ficou gravada a face de Jesus (o chamado *Véu de Verónica*), ou até a coluna da flagelação estão ausentes desta ermida, conquanto que sejam duas das *Arma Christi* mais importantes.

Por fim, umas linhas para falar do púlpito, que, curiosamente, foi “transferido” para a Ermida de São Pedro para as gravações de uma cena do telefilme “*Cavaleiros de água doce*”. Trata-se de uma caixa hexagonal em madeira, assente sobre uma fina coluna e com escada de acesso lateral móvel. A decoração deste púlpito, com motivos geométricos (pintados ou em relevo) e rosetas em tons de azul-claro e branco, é simples e elegante.

## A PIETÁ

Uma das peças de arte mais interessantes desta ermidinha era a *pietá* que, até há cerca de um par de décadas, ornamentava a capela-mor do Calvário. Trata-se de uma peça de qualidade, produzida por um artista local ou regional cujo nome não chegou até nós, mas que conseguiu criar uma interpretação interessante de uma das cenas mais tocantes da iconografia cristã: o momento em que Maria, em pranto, segura o corpo do filho morto no regaço.

---

<sup>304</sup> Obviamente, há (ou havia) também uma cruz de grandes dimensões no centro do altar-mor.

Em Tavira, existem algumas *pietá* - sete, se incluirmos a que está na Ermida do Calvário. As restantes representações de Maria com o filho morto podem ser vistas na Ermida de Nossa Senhora da Piedade (esta tela, que ocupa o centro do altar-mor, é anterior a esta capela e terá vindo da Igreja do Convento de Nossa Senhora da Graça<sup>305</sup>), na Ermida de Santa Ana (outra pintura do século XVII<sup>306</sup>, como a anterior), na Igreja do Convento de São Francisco (mais um trabalho seiscentista<sup>307</sup>), na Igreja da Misericórdia (neste caso, são duas *pietá*, uma da primeira metade do século XVII<sup>308</sup> e outra da segunda metade da mesma centúria<sup>309</sup>) e, por fim, na Igreja de São Paulo (uma pintura em óleo sobre chapa de latão, que, para não fugir à regra, é do mesmo século que as demais que enunciei<sup>310</sup>). Sem surpresas, a datação apontada para a *pietá* das Angústias é sensivelmente a mesma das restantes representações de Nossa Senhora da Piedade: o século Dezassete.

Esta *pietá* seiscentista é um trabalho interessante de um pintor de algum mérito, mas ainda algo preso a cânones maneiristas, em particular no que diz respeito à rigidez e à imobilidade das figuras e à torção e alongamento das formas. Basta que olhemos para quadros de outros artistas contemporâneos do autor desta *pietá* - cito, por exemplo, a pintora Josefa de Óbidos -, para notarmos a falta de um contraste claro/escuro bem nítido (uma das marcas da pintura barroca), facto que enfatiza ainda mais um certo travo arcaizante desta tela, produzida num contexto de isolamento, de decadência e de ruralização de Tavira e do Algarve. Nesta linha de pensamento, Isabel Macieira defende que este Jesus morto tem algumas parecenças<sup>311</sup> com uma das *pietá* de Hendrick Goltzius, pintor holandês que viveu entre 1558 e 1617 - ou seja, é feita uma comparação com um artista que viveu antes da época em que esta tela do Calvário foi pintada.

Apesar de ter elogiado este trabalho, não posso deixar de sublinhar que os traços do rosto de Jesus têm uma definição muito superior aos da face de Maria, cuja cara, aliás, parece estar um tudo-nada torta. Destaque também para as vestes/mortalha de Jesus, cujo dinamismo parece contrariar os padrões mais arcaizantes do resto da tela; creio que o contraste entre arcaizante e moderno pode espelhar a disparidade de gostos entre o encomendador e o autor da pintura. Imagens anteriores ao restauro desta peça mostram-nos uma pintura em tons frios e ácidos;

---

<sup>305</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 177

<sup>306</sup> *Idem, ibidem*, pág. 199

<sup>307</sup> *Idem, ibidem*, pág. 248

<sup>308</sup> *Idem, ibidem*, pág. 194

<sup>309</sup> *Idem, ibidem*, pág. 196

<sup>310</sup> *Idem, ibidem*, pág. 140

<sup>311</sup> *Idem, ibidem*, pág. 318

atualmente, este quadro apresenta cores um pouco menos esmorecidas e, diria mesmo, algo vibrantes.

No lado do Evangelho, junto ao topo da capela-mor, há uma área nos painéis de labrim que simula uma espécie de moldura e que nos indica o local exato onde era suposto que esta tela estivesse - aliás, era justamente onde estava até há aproximadamente duas décadas. Não me parece minimamente crível que esta pintura estivesse no Calvário original, pelo que a tela só terá ido para a capela-mor do santuário depois da conclusão dos trabalhos de ampliação deste templo; o problema está em perceber se a *pietá* foi colocado na ermida logo a seguir às obras de ampliação do século XVII ou se tal aconteceu somente numa fase posterior (por exemplo, no contexto dos trabalhos de beneficiação que tiveram lugar no século XVIII).

Por outro lado, é perfeitamente possível que se trate de uma tela pintada *ad hoc* para decorar o “novo” santuário do termo de Tavira - neste caso, tanto pode ter sido uma encomenda de Lourenço Belles Teixeira, como pode ter sido oferta de um devoto da Senhora das Angústias (o qual, por seu turno, seria ou um mecenas-encomendador, ou o próprio autor da tela).

Apesar de me parecer menos provável, não excluiria a possibilidade de se tratar de uma peça oriunda de outra igreja e que foi enviada para a Capela do Calvário - tal como aconteceu, por exemplo, com os famosos painéis quatrocentistas/quinhentistas que saíram de Santa Maria do Castelo para a Ermida de São Pedro; caso consideremos esta possibilidade, ficamos sem quaisquer pistas acerca da igreja de procedência desta *pietá* seiscentista.

No entanto, chamo a atenção para (mais) uma coincidência: no dia 6 de novembro de 1634, a Confraria de São Pedro vendeu uma courela ao Convento das Bernardas de Tavira, que, por acaso, tem Nossa Senhora da Piedade por invocação; o quadro que estava na capela-mor da Ermida do Senhor do Calvário era uma *pietá* - ou seja, uma representação de Nossa Senhora da Piedade. Porém, pode ser que se trate não mais do que isso mesmo, de uma coincidência.

### 3.3: A antiga procissão dos Passos

Após analisarmos a arte e a arquitetura da Ermida do Senhor do Calvário, voltemos a nossa atenção para as celebrações religiosas que tinham lugar nesta capela.

À primeira vista, este capítulo até pode parecer uma mescla de assuntos sem muita coerência. Contudo, bem vistas as coisas, é inegável que existe uma inter-relação entre esferas religiosa,

artística e arquitetónica que nos ajudam a compreender a Capela do Calvário - ou qualquer outra casa de Deus - como um todo.

Face ao exposto, começaria por abordar uma manifestação religiosa, que, no capítulo anterior, ocupou uma mancha de parágrafos: a Procissão dos Passos. Mais especificamente, falarei da Procissão dos Passos na época em que a mesma tinha o seu *términus* na Capela do Calvário, local invocativo do *Golgotha* de Jerusalém.

## AS DATAS, AS ORIGENS E AS ESTAÇÕES

A Procissão dos Passos é uma tradição comum a várias paróquias portuguesas, sendo que, no caso do Algarve<sup>312</sup>, há dois locais onde este percurso cerimonial se reveste duma importância acrescida: Silves e Tavira<sup>313</sup>.

O Cortejo dos Crentes é uma evocação do trajeto de Jesus desde a condenação à pena capital no *praetorium* de Pontius Pilatus até à sua morte na cruz; a este trajeto chamamos *Via Sacra* ou *Via Crucis*. Consoante a paróquia, este préstito pode ter lugar em datas distintas, desde que se realize, invariavelmente, durante o período da Quaresma<sup>314</sup> - no caso de Tavira, é no antepenúltimo domingo quaresmal.

O Cortejo dos Passos terá tido origem durante a Baixa Idade Média, quando os cruzados que haviam estado em Jerusalém e visitado os locais sagrados por onde passara Jesus, decidem reproduzir este caminho espiritual no seu regresso à Europa - e faziam-no através de ciclos de meditação, dramas sacros e procissões. Independentemente da época ou do local, o cortejo organiza-se em torno dos chamados passos da Paixão de Cristo - ou seja, os momentos mais importantes do trajeto de Jesus ao longo da *Via Sacra*.

O número das estações da Paixão tem variado ao longo dos tempos, entre sete e 39. Com o pontificado de João Paulo II, o número de passos da *Via Sacra* ou *Via Crucis* passou para 15 (a Ressurreição é a 15ª estação<sup>315</sup>), mas, no período que nos interessa - o século XVI - o trajeto mais comum tinha 14 passos, a saber: 1) Jesus é condenado à morte; 2) Jesus carrega a cruz

---

<sup>312</sup> As outras paróquias algarvias que organizam a sua Procissão dos Passos são (por ordem alfabética): Albufeira, Estoi, Faro, Lagoa, Monchique, Olhão, Paderne, Pêra, Portimão, Raposeira e São Brás de Alportel.

<sup>313</sup> <https://turismo.diocese-algarve.pt/tradicoes-do-algarve/item/694-semana-santa-e-pascoa>

<sup>314</sup> Nalguns locais - em Faro, por exemplo - a procissão tem lugar no último domingo antes da Páscoa, (ou seja, no Domingo de Ramos).

<sup>315</sup> RODRIGUES, Maria Isabel, “Via-sacra”, In VAZ, Carla Abreu (coordenadora), *Santificados em Cristo: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima: 5.º ciclo*, Fátima, Santuário de Fátima, 2014, págs. 197 a 213

às costas; 3) dá-se a primeira queda; 4) o encontro entre Jesus e sua mãe, Maria; 5) Simão Cireneu ajuda Jesus a carregar a cruz; 6) Verónica limpa o rosto de Jesus; 7) dá-se a segunda queda; 8) o encontro com as mulheres de Jerusalém; 9) a terceira queda; 10) Jesus é despojado de suas vestes; 11) Jesus é pregado na cruz; 12) Jesus morre na cruz após ser trespassado por uma lança; 13) o corpo é descido da cruz; 14) o filho de Maria é sepultado<sup>316</sup>.

Portanto, a Capela do Calvário de Tavira, enquanto representação simbólica do *Golgotha*, o Lugar da Caveira<sup>317</sup>, seria onde se concentravam as três cenas/estações finais, com destaque para a morte do Messias - trata-se não só de um dos momentos-chave que definem a fé cristã (Jesus morre na cruz para libertar a Humanidade dos seus pecados), mas também de uma das imagens mais marcantes e influentes da iconografia (religiosa e não só) ao longo dos últimos séculos.

## O TRAJETO INICIAL

Não chegaram até nós dados que nos permitam reconstituir a versão da Procissão dos Passos de meados do século XVI. Sabemos apenas que, inicialmente, o cortejo processional partia da Igreja de Santa Maria do Castelo e findava no Calvário; algures na segunda metade do século XVI, o *términus* da préstito foi transferido para a Igreja do Convento da Graça - a escassos metros do ponto de partida.

Analisando o mapa<sup>318</sup> da Tavira quinhentista<sup>319</sup>, é fácil perceber que o cortejo processional teria obrigatoriamente que passar pelo Largo do Cano e pelo Adro dos Judeus em direção à bifurcação de estradas, onde, na época, existia um cruzeiro - o qual, aliás, podia perfeitamente albergar uma das estações da *Via Sacra*; seguidamente, o cortejo prosseguia pela estrada para Faro, terminando na bifurcação seguinte, a do Calvário (onde é bem possível que estivesse um outro cruzeiro, o qual, por seu lado, também poderia albergar um passo da *Via Crucis*).

Tudo o que acabei de mencionar é, *grosso modo*, um resumo da minha explicação do capítulo 2.

<sup>316</sup> PEREZ, Léia Freitas, *Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas*, Lisboa, Centro de investigação e estudos de sociologia/ISCTE, 2010, pág. 13

<sup>317</sup> Em Grego Antigo, o termo “*golgothā*” é uma derivação de uma palavra em Síriaco, “*golgolīā*”, sendo que ambos significam “*caveira*”; em Aramaico, a língua falada por Jesus, usava-se a palavra “*golgota*” e, em Hebraico, “*gulgōlel*”. Alguns evangelhos canónicos usam também uma expressão em Grego, “*Kraniou Tópos*”, a qual significa “*lugar do crânio*”; esta última foi traduzida para Latim como “*Calvariæ Locus*” - “*Lugar do Calvário*”, em Português.

<sup>318</sup> MARTINS, Susana Palma, *Evolução Urbana da Cidade de Tavira - Entre a Fundação e o fim da Idade Moderna* (tese de mestrado), Coimbra, Departamento de Arquitetura - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009, pág. 139

<sup>319</sup> Que, em rigor, é o mapa de Leonardo de Ferrari, de 1645.

## A QUESTÃO DAS CONFRARIAS

Em se tratando do século Dezassexto, a organização de uma procissão - para mais, envolvendo a construção e/ou reparação e/ou manutenção duma capela ou ermida - implicava, à partida, a existência de uma confraria<sup>320</sup>. No caso da Procissão dos Passos e do oratório do Calvário - que, muito provavelmente, foi uma edificação *ad hoc* -, tal faria ainda mais sentido. Porém, as informações de que dispomos são muitíssimo “nebulosas”, diga a lógica o que disser.

É verdade que, no século XVI, existia em Tavira uma Confraria das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo (que, em Setecentos, passaria a chamar-se “*Confraria do Senhor dos Passos*”). Mas, por outro lado, a primeira data em que há registo da existência desta confraria é 1592 - nesse ano, não só haviam passado algumas décadas (não sei precisar quantas) desde a edificação do oratório/passo processional do Calvário, como o mesmo já não deveria servir de *términus* da Procissão dos Passos. Dito doutra forma, podemos afirmar, com elevado grau de certeza, que a construção do Calvário não deverá ter sido obra da Confraria das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Também temos a questão de a confraria não estar sediada no Calvário, mas sim na elegante capela manuelina de Nosso Senhor dos Passos, sita na Igreja de Santa Maria do Castelo. Ou seja, mais uma evidência de que a Confraria das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo nada teve a ver com a capelinha da encruzilhada. Sabemos, igualmente, que a dita confraria teria a seu cargo a manutenção dos passos processionais de Tavira; no entanto, não existe qualquer indicação de que o Calvário estivesse incluído nessa lista de estações da Paixão de Cristo<sup>321</sup> (mesmo que, tecnicamente, fosse um passo processional).

Sem prejuízo do que foi dito, a verdade é que, em 1592, é possível - diria mesmo provável - que a manutenção/limpeza do diminuto oratório da encruzilhada já estivesse a cargo de uma outra confraria, a de São Pedro, através do ermitão da respetiva igreja<sup>322</sup>. Porém, é altamente inverosímil que esta Confraria de São Pedro (sobre a qual não há quaisquer pistas acerca das datas de fundação e extinção) tenha tido alguma responsabilidade na edificação da primeira das duas capelas da bifurcação; ainda que não haja evidências cronológicas que sustentem tal

<sup>320</sup> BETHENCOURT, Francisco, “*Os equilíbrios sociais do Poder*”, In MATTOSO, José (direção), *História de Portugal*, Terceiro Volume: “*No Alvorecer da Modernidade*”, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, págs. 151 a 153

<sup>321</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, págs. 71 e 72

<sup>322</sup> Recordo que há provas de que a ermida - e, muito provavelmente, a confraria - já existia e recebia casamentos em 13 de janeiro de 1597. Dito isto, não é difícil imaginar que, cinco ou seis anos antes, a capela e a irmandade de *Sam Pedro* já tivessem sido criadas.

afirmação, basta-nos olhar para os dois templos: é inequívoco que a igreja-sede da Confraria de São Pedro apresentava e apresenta padrões de qualidade de construção significativamente inferiores aos do Calvário; caso a irmandade tivesse recursos para fazer uma obra de superior qualidade, te-los-ia aplicado na própria ermida e não num mero *términus* processional... e nem vou falar do facto de a confraria ter como padroeiro Simão Pedro, figura bíblica ausente da cena do Calvário após ter negado conhecer Jesus por três vezes.

Dito isto, será que podemos concluir que as versões originais do Calvário e da Procissão dos Passos de Tavira não tiveram qualquer influência de uma confraria?

Há um autor, de seu nome Damião Augusto de Brito Vasconcelos, que afirma ter consultado algumas crónicas antigas sobre a Procissão dos Passos; ainda que o escriba não nos explique que textos eram esses e nem a que época se referiam, a verdade é que há uma passagem num artigo de jornal de 29 de junho de 1941 onde encontramos uma breve pista sobre o assunto. A dada altura, quando Damião de Vasconcelos descrevia ao pormenor a Procissão dos Passos, «*que n'aqueles tempos ia acabar no Calvário*»<sup>323</sup>, surge a seguinte passagem: «*(...) distribuía-se pelos irmãos da Irmandade (...)*»<sup>324</sup>. Noutro ponto, é referido o nome desta agremiação, quando se refere «*o painel da irmandade dos Passos*»<sup>325</sup>.

Estas poucas palavras são toda a informação que consegui reunir, mas revelam-nos que, no período em análise, havia uma Irmandade dos Passos<sup>326</sup> com responsabilidades neste préstito. O facto de se designar “*irmandade*” ao invés de “*confraria*” não fará diferença de maior e basta que atentemos à definição de confraria: «*- 1. Irmandade. - 2. Associação com fins religiosos, de entreatada e de caridade(...)*»<sup>327</sup>.

Vale a pena recordar que, no século XVI, tínhamos dois tipos de confrarias, ambas de cariz religioso e formadas por leigos: as ordens terceiras e as irmandades; e enquanto as primeiras tinham um vínculo com ordens religiosas (apesar de, repito, serem formadas por leigos), tal

<sup>323</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>324</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>325</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>326</sup> Infelizmente, como já tivemos a oportunidade de constatar, alguns textos de Damião de Vasconcelos pecam por serem imprecisos e cheios de anacronismos. Neste caso em concreto, fico na dúvida se, em meados do século XVI, existiu mesmo uma Irmandade dos Passos, ou se Vasconcelos não estará a fazer confusão com a Confraria do Senhor dos Passos, que existiu, com este nome, nos séculos XVIII e XIX - ou seja, numa época em que a Procissão dos Passos há muito que não ia para o Calvário de Tavira. Neste caso, decidi dar o benefício da dúvida ao autor e vou assumir que Irmandade e Confraria dos Passos são entidades distintas.

<sup>327</sup> FREITAS, Gustavo de, *Vocabulário de História*, Lisboa, Plátano Editora, 1982, pág. 73

não sucedia no caso das irmandades. Ou seja, esta diferença semântica diz-nos que a confraria que tinha sob sua responsabilidade a Procissão dos Passos de Tavira (e, quase de certeza, o Calvário) em meados do século XVI não estava vinculada a ordens religiosas. E é tudo o que sabemos em concreto.

Desconhecemos se esta Irmandade dos Passos tinha alguma conexão ou se foi a antecessora direta da Confraria das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; porém, parece-me certo que a existência da segunda invalida a sobrevivência da primeira. Por esclarecer fica também uma possível ligação - fosse ela de que natureza fosse - que possa ter havido entre as confrarias a que aludi (sobretudo a Irmandade dos Passos) e a de São Pedro.

(...)

A propósito das irmandades, um apontamento final: no início da década de 1890, a Confraria do Senhor dos Passos, outrora importante, havia perdido todo o entusiasmo dos devotos, ao ponto de ninguém querer aceitar quaisquer cargos. Sem surpresas, a confraria acabou por ser extinta em 1896, tendo os seus bens sido entregues a 20 de janeiro de 1897<sup>328</sup>.

A partir de 1899, a Venerável Ordem Terceira de São Francisco - que, tecnicamente falando, também é uma confraria - chamou a si a organização da Procissão dos Passos, a qual passou a ter como ponto de partida a Igreja de São Francisco (o que ainda sucede na atualidade<sup>329</sup>); não obstante, nalguns anos (por exemplo, em 1917 e em 1935), a procissão chegou a sair da Igreja de São Paulo<sup>330</sup>.

Quanto à Igreja do Convento da Graça, a mesma há muito que deixou de ser o *términus* do cortejo solene - em 1839, cinco anos depois da extinção das ordens religiosas, o convento foi transformado em quartel do Batalhão de Caçadores n.º 5 e a igreja virou estábulo<sup>331</sup>. Hoje em dia, este conjunto, herdeiro da velha judiaria de Tavira, foi restaurado, ampliado e convertido em unidade hoteleira, pertencente às Pousadas de Portugal.

<sup>328</sup> Termos de entrega, Administração do Concelho de Tavira (1834-1953), ACT/D/004, 1893-1897, s/p

<sup>329</sup> Faço notar que a Procissão dos Passos de Tavira é uma tradição que, como muitas outras, se realiza de forma algo intermitente - em princípio, deveria ter lugar todos os anos, mas, aqui e ali, há pequenos interregnos que fazem com que alguns autores ponham em causa a sua sobrevivência a médio prazo. No entanto, estes interregnos de curta duração são muitíssimo comuns um pouco por todo o país - inclusivamente, até as Marchas Populares de Lisboa, que se realizam pelo Santo António e são tidas como um dos eventos mais típicos da capital, sofreram vários interregnos ao longo do século XX (e XXI).

<sup>330</sup> **SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, págs. 72, 73, 75 e 76

<sup>331</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=15693](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15693)

## O CORTEJO SOLENE (SEGUNDO DAMIÃO DE VASCONCELOS)

Uma das melhores formas de se perceber por que motivo o topónimo “*Calvário*” se sobrepôs a “*São Pedro*” durante muito tempo é olhando para as descrições de como era a Procissão dos Passos antes de o *términus* da mesma ter sido deslocado para a Igreja do Convento da Graça.

A julgar pelos textos de Damião de Vasconcelos (construídos com base em crónicas que este autor afiança ter consultado), a Procissão dos Passos de Tavira seria um evento espetacular, o que justifica que o nome da capela onde terminava tenha perdurado na memória coletiva. O problema está na fiabilidade desta narrativa, excessivamente “polvilhada” de anacronismos e de outras imprecisões.

O texto de Damião de Vasconcelos começa por mencionar que, na véspera da Procissão dos Passos, havia uma outra procissão, que «*tinha por fim conduzir a imagem do Senhor dos Passos, oculta n’um biombo, sobre o andor, de uma igreja para a outra*»<sup>332</sup>.

Lamentavelmente, o autor não nos diz a que igrejas se refere, ainda que possamos presumir que havia uma imagem de Jesus que estava no Calvário e que, nesse dia, ia para Santa Maria do Castelo. Porém, sabemos que, na época da Confraria das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, a imagem do Senhor dos Passos que era usada na Procissão dos Passos pertencia à (já desaparecida) Ermida de São João Baptista<sup>333</sup>; e dado que falamos desta igreja, refira-se que a mesma será, pelo menos, algumas décadas mais antiga do que o Calvário de Tavira, havendo registos que comprovam que já existia no primeiro quartel do século XVI - refiro-me a um documento da Chancelaria de Dom Manuel I com data de 4 de março de 1521, no qual o rei dá «*a Pêro Garcia, morador em Almeida e sua mulher Catarina Fernandes, licença para fazer uma capela na Ermida de São João de Tavira*»<sup>334</sup>.

No dia seguinte, a (verdadeira) procissão saía da Igreja de Santa Maria do Castelo e passava junto dos passos da Paixão. Lamentavelmente, Damião de Vasconcelos ter-se-á esquecido de assinalar onde se situariam as ditas estações da Paixão, mas, em compensação, revela-nos que, «*em voz soturna cantava-se o «miserere»*»<sup>335</sup>; o autor referia-se, porventura, a *Miserere mei, Deus*, a versão musicada *a cappella* do Salmo 51, escrita pelo compositor romano Gregorio Allegri...

<sup>332</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>333</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 72

<sup>334</sup> Chancelaria Régia, Chancelaria de D. Manuel I (1496/1521), livro 44, folha 41, 4 de março de 1521

<sup>335</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Op. Cit.*, pág. 3

por volta de 1638. Sem dúvida, temos aqui um anacronismo flagrante, o qual, a meu ver, até poderá ter uma explicação simples: Vasconcelos queria referir-se a uma simples recitação do Salmo 51 e, por lapso, deu-lhe o nome da versão *à cappella* de Allegri (a qual, de resto, apenas deverá ter chegado a Tavira muito depois de 1638).

Na dianteira do préstito, que se realizava de noite, ia o sacristão agitando a matraca litúrgica, seguido pelo painel da Irmandade dos Passos, pelo pendão processional dos martírios e pelo *Senatus*, o pesadíssimo estandarte alusivo ao Senado de Roma, que ostentava iniciais S.Q.P.R. (“*Senatus Populusque Romanus*”). Por entre as filas de membros da Irmandade dos Passos, iam também figurantes vestidos a rigor, que faziam o papel de anjos ou de figuras representativas da Paixão<sup>336</sup>. No fim, caminhavam os frades dos conventos e outras entidades eclesiásticas<sup>337</sup>, bem como vários grupos de penitentes, aos quais dedicarei todo o subponto seguinte.

À medida que a procissão cruzava as ruas da urbe, grupos de populares juntavam-se à cauda do cortejo, ao mesmo tempo que entoavam salmos e ladainhas - a todo o instante se escutava «*ora pro nobis*» e «*miserere nobis*»<sup>338</sup>, os mais famosos versos da *Litaniae Sanctorum*<sup>339</sup>. E tudo isto se passava enquanto os sinos de todas as torres de Tavira dobravam a finados.

Para aumentar ainda mais a carga dramática do cortejo solene - e porque era de noite - havia «*os faroes mortiços e bruxeleantes, feitos de novelos de estopa fiada, imbebidos em borras de azeite e cebo, em varas muito altas*»<sup>340</sup>, que serviam para iluminar a procissão. No entanto, nas ruas por onde o cortejo ia passando, as gentes de Tavira assomavam à janela com velas e candeias de azeite, ao mesmo tempo que entoavam: «*Misericórdia, meu Deus*»<sup>341</sup>.

Já no Sítio do Calvário, tinha lugar o *Sermão do Encontro*, que, pelo que percebi, teria lugar no exterior da capela. Antes mesmo de terminar o sermão, conta-nos Damião de Vasconcelos, «*aparecia, corrida uma cortina, na capela mor, sobre o altar, um monte armado a representar o calvário*», em cima do qual os «*anjos*» de lança, esponja e outros símbolos do martírio do Senhor, serviam de figurantes no piedoso quadro»<sup>342</sup>.

<sup>336</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>337</sup> *Idem*, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 367, 6 de julho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>338</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>339</sup> Mais conhecida como “*Ladainha dos Santos*” ou “*Ladainha de Todos os Santos*”.

<sup>340</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 367, 6 de julho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>341</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>342</sup> *Idem*, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

A descrição apresenta algumas *nuances* confusas, o que nos obriga a uma leitura cuidadosa. Quando o autor menciona uma capela-mor, decerto tinha em mente a Igreja do Calvário que ele conheceu, que, como sabemos, não era a que existiria no tempo da primeira Procissão dos Passos; de qualquer forma, mesmo que já existisse a “versão comprida” do Calvário, jamais a pequena igreja da encruzilhada teria capacidade para acolher um serviço religioso com todos os participantes na procissão. Por conseguinte, o *Sermão do Encontro* tinha mesmo de ser lido no exterior. Todavia, ficamos a saber que se corria uma cortina (provavelmente, sobre o arco triunfal) e que, de imediato, surgia uma encenação na qual a estatuária religiosa<sup>343</sup> coexistia com figurantes de carne e osso para recriar o piedoso quadro a que chamamos “*Calvário*”.

Toda esta teatralização da morte de Jesus na cruz faz-nos perceber a necessidade de existir uma sacristia, a qual serviria de sala de apoio. Levando em conta que o oratório do Calvário funcionava, no dia da Procissão dos Passos, como uma espécie de palco, creio que seria quase imperioso existir um Fundo de Calvário (seguramente, uma pintura sobre tela ou painel de madeira) que enquadrasse a representação solene. Como é lógico, este Fundo de Calvário do Século Dezassexto não é, de forma alguma, aquele que sobreviveu até aos nossos dias.

No tocante à existência (ou não) de imagens em pedra ou madeira ou de vestir, esta descrição não nos permite chegar a uma conclusão definitiva. No entanto, se as havia, as mesmas eram, provavelmente, guardadas na pequena sacristia em dia de procissão, ficando apenas o Fundo de Calvário a servir de cenário.

Uma vez finda a procissão, eram distribuídos cartuchos com bolos aos irmãos da Irmandade dos Passos, bem como aos figurantes e aos “anjos” que abrilhantavam o cortejo.

## OS PENITENTES

Ainda que os textos de Damião de Vasconcelos devam ser lidos com a devida cautela, um dos pormenores mais impressionantes desta Procissão dos Passos era o grupo dos penitentes que acompanhava o cortejo por toda a cidade e no trajeto até à Capela do Calvário.

Estes penitentes flagelavam-se com acoites e/ou carregavam enormes barras ou grillhões em ferro. «*Flagelavam-se a si próprios e uns aos outros com ardor e violencia taes, que estilhaçavam as*

---

<sup>343</sup> Quando uso a palavra “estatuária”, estou ciente de que apenas a imagem de Jesus (e nem sequer sabemos qual a imagem que seria utilizada) é referida no texto. Outras figuras do Calvário, como Maria, Maria Madalena ou São João Evangelista podiam ser representadas por estátuas ou por figurantes humanos, mas, neste ponto, o texto não é minimamente transparente.

*vestes e retalhavam as carnes de cujas feridas corria o sangue*»<sup>344</sup>, escreve Damião de Vasconcelos com base em crónicas que afirma ter consultado. Ao lado do cortejo de penitentes, iam vários homens com «*vasilhas de vinho cosido, onde os flagelantes molhavam as disciplinas para que se lhes apertassem as carnes retalhadas*»<sup>345</sup>, acrescenta o autor, mencionado também que alguns destes homens também levavam «*quartas de agua e pucaros para os sequiosos*»<sup>346</sup>. Ao longo do trajeto, eram dados confeitos, marmelada e até cidrão «*àqueles que a tortura os fazia vergar*»<sup>347</sup>.

E se muitos destes penitentes seriam “apenas” gente de muita fé, outros (uma minoria, creio eu) seriam membros da Irmandade dos Passos, andrajosos e seminus, que acompanhavam o cortejo. Estes penitentes-irmãos levavam «*pesadas barras de ferro e imensas cruzes de pau*»<sup>348</sup>, ou carregavam à costas «*pedregulhos desmesurados, para provar o fervor da fé*»<sup>349</sup>. Logicamente, estes penitentes fazem parte de um quadro social e religioso que já não terá lugar na Tavira de 2021.

### 3.4: A devoção e as celebrações em honra de Nossa Senhora das Angústias

Ao longo destas páginas, tenho lamentado repetidamente da escassez de informações acerca das Ermidas Geminadas de Tavira. Não obstante, quando o assunto são as festas e a devoção popular a Nossa Senhora das Angústias, há uma estranha abundância de textos e descrições, ainda que estes escritos pequem por deixar certos temas em branco.

#### A INVOCAÇÃO MARIANA

Uma das imagens basilares da iconografia católica é a de Maria, a *Mater Dolorosa*, perante o filho morto. Esta representação simboliza aquele momento em que todos nós, crentes ou não, nos compadecemos e identificamos com o sentimento daquela mulher lacrimante, que acaba de assistir a algo que nenhum pai ou mãe decentes quererão ver: a morte do filho. O quadro torna-se ainda mais doloroso quando nos lembramos que Maria viu seu filho sofrer torturas abomináveis antes de sucumbir a uma lança romana, a qual lhe perfurou o tórax.

A imagem de Maria diante do filho morto recebeu, ao longo dos anos, várias designações. Se Maria surge com o corpo inerte de Jesus ao colo após este ter sido descido da cruz - ou seja, a

<sup>344</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>345</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>346</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>347</sup> *Idem*, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 367, 6 de julho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>348</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>349</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

cena representada na *pietà* -, chamamos-lhe “*Nossa Senhora da Piedade*”. No Sábado de Aleluia, depois do sepultamento de Jesus, Maria passa a ser chamada de “*Nossa Senhora da Soledade*”. Quando nos referimos ao momento em que Maria, aos pés da cruz, vê o filho partir, o nome mais habitual é “*Nossa Senhora das Dores*” - embora “*Nossa Senhora da Consolação*”<sup>350</sup> também seja muito comum; no caso de Nossa Senhora das Dores (ou até de Nossa Senhora das Sete Dores<sup>351</sup>), é usual que esta imagem surja acompanhada dum coração trespassado por espadas, uma metáfora visual de fácil assimilação.

Para além das denominações que mencionei, outras há que são usadas para nos referirmos à *Mater Dolorosa*: Mãe Soberana, Nossa Senhora da Agonia (a Romaria da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, é uma das mais importantes festas religiosas realizadas em Portugal), Nossa Senhora das Lágrimas, Nossa Senhora do Pranto, Nossa Senhora do Calvário, Nossa Senhora do Monte Calvário e, obviamente, Nossa Senhora das Angústias. Conquanto que todas estas designações que elenquei possam diferenciar-se através de uma ou outra *nuance*, podemos sustentar, *grosso modo*, que todas representam o mesmo: Maria e seu filho morto.

De todos os cultos marianos que mencionei, há alguns que serão mais comuns do que outros em Portugal e, com efeito, o de Nossa Senhora das Angústias não é exatamente um dos mais habituais - apenas a principal freguesia da cidade da Horta, Angústias<sup>352</sup>, tem Nossa Senhora das Angústias por orago. No entanto, na Ilha do Faial, as festas em honra de Nossa Senhora das Angústias têm lugar no sexto domingo depois da Páscoa, enquanto que, em Tavira, estas festividades realizavam-se no nono dia de setembro.

Mesmo sem direito a ser padroeira de concelhos ou de freguesias (salvo a exceção que citei), a Senhora das Angústias é celebrada noutros pontos do país em várias datas espalhadas ao longo do ano. Um desses locais é a freguesia de Barreiros, no concelho minhoto de Amares, onde Nossa Senhora das Angústias é alvo de uma devoção popular desde a época em que um conjunto de catástrofes atingiu a região, espalhando muita fome e miséria; algures no início do século XIII, uma igrejinha abandonada foi convertida em Capela de Nossa Senhora das Angústias<sup>353</sup> e, desde então, esta invocação mariana é festejada pelas gentes da freguesia dos

<sup>350</sup> <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-04/nossa-senhora-das-dores-cardeal-orani-tempesta.html>

<sup>351</sup> Tecnicamente, apenas as quatro últimas dores têm a ver com a morte de Jesus, estando as três primeiras relacionadas com a sua infância.

<sup>352</sup> <http://www.jf-angustias.pt/caracterizacao-da-freguesia/>

<sup>353</sup> PINHEIRO, Nazaré, *Senhora das Angústias - Barreiros*, Amares, Comissão de Festas da Senhora das Angústias, 1995, págs. 8, 12, 13 e 14

Barreiros no primeiro fim-de-semana de agosto<sup>354</sup>. Como se faltassem coincidências notáveis a esta dissertação, refira-se que, a partir de 1220, os terrenos em redor da Capela de Nossa Senhora das Angústias passam a ser referidos como «*São Pedro de Barreiros*»<sup>355</sup>.

No entanto, a pouco mais de trinta quilómetros de Tavira, há uma cidade que tem por orago Nossa Senhora das Angústias e cujas festas ainda hoje se celebram, com toda a pompa, no dia 9 de setembro - refiro-me, obviamente, a Ayamonte. É de salientar que a Iglesia de Nuestra Señora de las Angustias, um templo de arquitetura mudejar, existe desde a primeira metade do século XVI<sup>356</sup>, ao passo que o Santuário de Nossa Senhora das Angústias de Tavira terá nascido, ao que tudo indica, na segunda metade de Seiscentos. Pode ser apenas uma simples coincidência, mas também se pode ter dado o caso de o culto a Nossa Senhora das Angústias ter sido uma importação do outro lado da fronteira, onde, aliás, ainda hoje permanece bem vivo.

Eis mais um pormenor interessante: a imagem quinhentista de Nossa Senhora das Angústias de Ayamonte é, em rigor, uma *pietá* (representação que surge também num painel de azulejos na fachada da igreja e num monumento invocativo na Plaza de España); na capela-mor do Santuário do Calvário, do lado do Evangelho, costumava estar uma tela - curiosamente, uma *pietá*. Mas pode ser unicamente (mais) uma coincidência, repito.

## AS ORIGENS DE UMA DEVOÇÃO

Ainda que nos faltem algumas peças deste imenso puzzle, sabemos que estas festas em honra de Nossa Senhora das Angústias apenas começaram a ter lugar a partir do momento em que o minúsculo oratório do Calvário (então, já geminado com Ermida de *Sampedro*) foi ampliado e reconvertido em santuário mariano; tudo isto terá acontecido muitos anos depois do fim do percurso original da Procissão dos Passos, cujo ápice - e término - tinha lugar na bifurcação do Calvário. Sabemos também que Lourenço Belles Teixeira terá sido, com razoável grau de certeza, o grande impulsionador (e financiador?) desta metamorfose, a qual esteve na génese de um dos principais cultos marianos no Algarve de Seiscentos e Setecentos.

No entanto, a devoção à Senhora das Angústias não nasceu apenas porque um proprietário local assim o quis.

<sup>354</sup> COSTA, Soledade Martinho (textos), BARROS, Jorge (fotos), *Festas e Tradições Portuguesas*, Volume 6: “*Julho/Agosto*”, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, pág. 253

<sup>355</sup> PINHEIRO, Nazaré, *Senhora das Angústias - Barreiros*, Amares, Comissão de Festas da Senhora das Angústias, 1995, pág. 16

<sup>356</sup> [https://huelvapedia.wikanda.es/wiki/Iglesia\\_Parroquial\\_de\\_Nuestra\\_Se%C3%B1ora\\_de\\_Las\\_Angustias\\_\(Ayamonte\)](https://huelvapedia.wikanda.es/wiki/Iglesia_Parroquial_de_Nuestra_Se%C3%B1ora_de_Las_Angustias_(Ayamonte))

Basta que examinemos com alguma atenção as palavras de Frei Agostinho de Santa Maria para percebermos que a devoção àquela «*milagrosa imagem de Nossa Senhora das Angústias, de Tavira*»<sup>357</sup> deverá ser anterior à ampliação da Capela do Calvário e que tais trabalhos foram consequência - e não a causa - de uma devoção popular em torno da figura de roca de Maria.

Frei Agostinho fala-nos numa «*devotíssima Imagem*»<sup>358</sup>, que era o motivo pelo qual «*todos os moradores*»<sup>359</sup> de Tavira e até gentes «*de todo o Reyno do Algarve*»<sup>360</sup> acorriam ao Santuário do Calvário «*em romaria todo o anno em varios diás delle*»<sup>361</sup>; ou seja, nestes pedaços de texto, fica patente que a devoção à Senhora das Angústias não era apenas um ato de fé que se esgotava nas festas de 9 de setembro - não, havia sempre fiéis a pedir a proteção e o favor da Senhora das Angústias através da sua milagrosa imagem.

Isto significa que a devoção à imagem de Nossa Senhora das Angústias começou antes de o oratório do Calvário se ter transformado em santuário mariano. Seguindo este raciocínio, as imagens de vestir de Maria em pranto aos pés de seu filho crucificado, bem como as restantes figuras do Calvário<sup>362</sup>, terão de ser anteriores à metade do século XVII. O que não sabemos, de todo, é que milagres ou acontecimentos extraordinários terão potenciado tão fervorosa fé nesta invocação mariana em particular, mas Frei Agostinho de Santa Maria deixou registada a devoção dos muitos romeiros que se dirigiam ao Calvário de Tavira «*invocando o favor & o patrocínio da Senhora das Angústias*»<sup>363</sup>. O mesmo autor setecentista refere os testemunhos e memórias «*de mercês & favores*»<sup>364</sup> concedidos por Nossa Senhora a todos os que ali buscavam «*remédio, alívio & consolação*»<sup>365</sup>.

Para além dos pedidos a título individual à Senhora das Angústias, havia também os pedidos a nível coletivo - sempre que havia períodos de seca mais intensos, os fiéis iam em romaria ao

---

<sup>357</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718, pág. 424

<sup>358</sup> *Idem, ibidem*, pág. 425

<sup>359</sup> *Idem, ibidem*, pág. 426

<sup>360</sup> *Idem, ibidem*, pág. 426

<sup>361</sup> *Idem, ibidem*, pág. 426

<sup>362</sup> Confesso, porém, que tenho algumas reservas acerca da antiguidade daquele Cristo que está hoje no núcleo de Arte Sacra da paróquia de Tavira. No entanto, em se tratando de um Calvário, certo é que tinha de existir alguma imagem de Jesus crucificado, ainda que não fosse a mesma que chegou até aos nossos dias.

<sup>363</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Op. Cit.*, pág. 426

<sup>364</sup> *Idem, ibidem*, pág. 426

<sup>365</sup> *Idem, ibidem*, pág. 426

Calvário rogar que começasse a chover<sup>366</sup> - e este é um tema que desenvolverei quando falar das Ladaínhas de Maio, as quais, de resto, tinham como palco ambas as Ermidas Geminadas de Tavira.

Tudo aponta para uma fortíssima crença popular nos favores da Senhora das Angústias e, em particular, nos “poderes” daquela imagem de roca, a qual tinha por casa o Calvário de Tavira. Por conseguinte, o que Lourenço Belles Teixeira fez foi promover e impulsionar essa mesma devoção do povo... a qual, de resto, seria também a devoção deste senhor que viveu no século XVII e foi sepultado na capela-mor do Calvário, a curta distância daquela piedosa figura que as gentes do Algarve e da Andaluzia reverenciavam com singular fervor.

### A SÚBITA QUEDA DE NOSSA SENHORA DA LUZ

Sem prejuízo do que foi dito, para além das crenças religiosas de um proprietário rural e das pessoas de Tavira e do Algarve (e da Andaluzia, não esqueçamos), pode ter havido uma razão adicional para a implementação e rápida adesão popular a esta romaria a Nossa Senhora das Angústias. A razão a que me refiro situa-se a poucos quilómetros do Calvário de Tavira (ou, se preferirmos «*a huma legoa da Cidade*»<sup>367</sup>): até aos anos 40 do século XVII, o Santuário de Nossa Senhora da Luz - descrito por Frei Agostinho de Santa Maria como «*hum Templo taõ magnífico, que pudera servir de Cathedral a huma grande Cidade*»<sup>368</sup> - era um proeminente local de romaria («*porventura o mais importante de quantos existiram na região algarvia*»<sup>369</sup>, no dizer do historiador Marco Sousa Santos).

Desde meados do século XVI e até à década de 1640, as romarias a Nossa Senhora da Luz, a quem se atribuíam «*tantas, & taõ grandes maravilhas*»<sup>370</sup>, atraíam ao termo de Tavira gentes de todo o Algarve, a ponto de ter sido necessário construir casas de romagem para conseguir acolher todos os peregrinos que vinham pedir favores e a proteção da Senhora da Luz; nos dias da festa, ainda mais gente vinha.

<sup>366</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 373, 17 de agosto de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>367</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718, pág. 417

<sup>368</sup> *Idem, ibidem*, pág. 417

<sup>369</sup> SANTOS, Marco Sousa, *A Igreja de Nossa Senhora da Luz de Tavira* (Dissertação de mestrado em História da Arte), Faro, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2011, pág. 43

<sup>370</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Op. Cit.*, pág. 417

Sabemos que, por volta de 1684, as casas de romaria estariam em ruínas, dado já não haverromeiros<sup>371</sup> que as ocupassem. Ao mesmo tempo, a três quartos de légua dali, fiéis de todo o Reino do Algarve e até da Andaluzia rumavam ao Calvário de Tavira para pedir favores e a proteção de outra Nossa Senhora, a das Angústias.

É, de facto, uma coincidência espantosa que, à decadência dum santuário mariano situado na orla da estrada de Tavira para Faro, tenha sucedido a edificação e o apogeu doutro santuário mariano situado numa bifurcação na orla da estrada de Tavira para Faro. No entanto, não é apenas de um fruto do acaso que estamos a falar e a prova disso mesmo era a data em que, no século XVII, se realizava a grande romaria e festa em honra de Nossa Senhora da Luz: 8 de setembro - exatamente um dia antes da grande romaria e festa em honra de Nossa Senhora das Angústias. Basicamente, podemos dizer que uma romaria preencheu o lugar da outra.

Uma das possíveis explicações para esta perda de fé popular na Senhora da Luz pode estar no surto de peste muitíssimo violento que atingiu Tavira no ano de 1645 e que obrigou a cidade a ter de se isolar para travar este mal vindo de Tânger. E estamos a falar de uma doença tão mortífera que, quem a contraía, não durava mais do que um dia<sup>372</sup>

A peste durou aproximadamente de 13 meses e terá eliminado cinco mil pessoas<sup>373</sup> - número cruel para uma cidade periférica, que, no princípio do século XVII, não teria mais do que oito mil almas<sup>374</sup>. Um mal tão devastador poderá justificar a súbita devoção popular por um orago relacionado com angústias - mais ainda quando a Ermida de Nossa Senhora das Angústias se encontrava junto com a do guardião das chaves do Paraíso.

## CONFRARIAS, IRMANDADES E O POUCO QUE SABEMOS

Por mais que busque por respostas em registos na imprensa ou em livros, há muitos aspetos da história das Ermidas Geminadas de Tavira que permanecem envoltos numa densa bruma.

Passemos em revista os dados de que dispomos.

---

<sup>371</sup> **SANTOS**, Marco Sousa, *A Igreja de Nossa Senhora da Luz de Tavira* (Dissertação de mestrado em História da Arte), Faro, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2011, págs. 42 e 43

<sup>372</sup> **MAGALHÃES**, Joaquim Romero, “*Tavira nos Séculos XVII e XVIII*”, In *Espírito e Poder - Tavira nos Tempos da Modernidade*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2006, pág. 14

<sup>373</sup> **MARTINS**, Susana Palma, *Evolução Urbana da Cidade de Tavira - Entre a Fundação e o fim da Idade Moderna* (tese de mestrado), Coimbra, Departamento de Arquitetura - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009, pág. 143

<sup>374</sup> **CHAGAS**, Ofir, *História de Tavira*, I Volume: “Monarquia-República”, Tavira, Ed. Autor, 2015, pág. 73

De acordo com Damião de Vasconcelos, em meados do século XVI, havia uma Irmandade dos Passos, a qual seria responsável pela organização da Procissão dos Passos no período em que esta ia de Santa Maria do Castelo para o Calvário. É bem possível que esta irmandade, da qual não mais ouvimos falar, tivesse igualmente a incumbência de zelar pela manutenção do oratório do Calvário - inclusive, é viável a hipótese de que a edificação da capela quinhentista se tenha ficado a dever à ação destes irmãos leigos.

Já em pleno século XVII, existe uma escritura que fala numa Confraria de São Pedro, à qual, com elevado grau de certeza, podemos atribuir a responsabilidade pela edificação, ampliação e manutenção da Igreja de *Sampedro*. Levando em consideração que a Capela do Calvário terá sido votada a um certo ostracismo após ter sido espoliada do papel de *términus* processional, é bem plausível que os confrades de São Pedro tenham ficado com o oratório da bifurcação a seu cargo.

Juntando algumas peças soltas, podemos inferir que o principal responsável (e financiador?) pela transformação do Calvário em Santuário da Senhora das Angústias foi Lourenço Belles Teixeira, a única pessoa sepultada numa das Ermidas Geminadas de Tavira. Eventualmente, terá sido este senhor quem doou ao santuário a courela onde estão implantadas as capelas.

E é tudo o que apurámos.

Logo à partida, há uma dúvida intrigante: sabemos que as terras onde foi erigido o santuário pertenciam ao próprio santuário, mas não fazemos a mais pequena ideia de quem seria o dono do santuário. Não é improvável que as terras e o próprio Santuário da Senhora das Angústias tenham sido doados à Confraria de São Pedro, a qual, aliás, era proprietária da ermida com a mesma devoção e responsável por uma das mais importantes festividades religiosas da cidade de Tavira. Mas há outra alternativa, da qual falarei adiante.

Não obstante, excetuando a amiúde citada escritura notarial de 6 de novembro de 1634, não mais existem provas - anteriores ou posteriores - da existência desta Confraria de São Pedro. Basta uma consulta rápida ao *Livro de aprovação de contas de confrarias, misericórdias, juntas de paróquia e ordens*<sup>375</sup> (1874-1884) e aos *Orçamentos e contas de instituições de piedade, assistência e*

---

<sup>375</sup> Aprovação de contas de confrarias, misericórdias, juntas de paróquia e ordens, Administração do Concelho de Tavira (1834-1953), Cota ACT-E-001, 1874-1884, s/p

*beneficência*<sup>376</sup> (1976-1924), para ficarmos com uma certeza: no último quartel do século XIX, a Confraria de São Pedro já não existia<sup>377</sup>.

Igualmente opacas são as célebres *Memórias Paroquiais* de 1758 (por norma, uma magnífica fonte de informações para o período pós-Terramoto de 1755), nas quais o pároco da freguesia Santiago de Tavira se limita a referir a existência de irmandades para sete dos oito altares da igreja matriz, a saber: de Santiago Maior, do Santíssimo Sacramento, das Almas, do Senhor Jesus Crucificado, do Santíssimo Nome de Jesus, de Nossa Senhora do Desterro e de Nossa Senhora a Franca (apenas o altar de Nossa Senhora das Neves não tinha associada qualquer confraria)<sup>378</sup>. A partir destas informações, é impossível inferir se alguma destas irmandades teria alguma ligação com as igrejas de Nossa Senhora das Angústias e/ou de São Pedro, que, de resto, são referidas nestas memórias - embora a primeira destas ermidas seja chamada, uma vez mais, de «*Calvário*»<sup>379</sup>.

Em parte alguma das *Memórias Paroquiais* de 1758 é assinalada a existência de confrarias responsáveis por qualquer uma das sete ermidas da freguesia de Santiago.

Isto significa que as fontes disponíveis nos fornecem pouquíssimas informações em concreto. Contudo, da mesma maneira que deduzimos a existência de alguma espécie de ligação entre a Irmandade dos Passos e a Confraria de São Pedro (mais não seja porque a última ficou com o Calvário a seu cargo), também me parece lógica a participação dos confrades de *Sam Pedro* na constituição do novo Santuário de Nossa Senhora das Angústias, até porque o ermitão e o campanário da nova igreja seriam comuns à casa do primeiro Bispo de Roma. A existência de uma comunicação interior entre os dois templos parece indicar que havia uma gestão comum.

Todavia, acredito mais na possibilidade de se ter constituído uma nova agremiação de irmãos para gerir esta dupla entidade a que chamei de “*Ermidas Geminadas de Tavira*” - o problema

---

<sup>376</sup> Orçamentos e contas de instituições de piedade, assistência e beneficência, Administração do Concelho de Tavira (1834-1953), Cota ACT/E/002, 1876-1924, s/p

<sup>377</sup> Entre os anos de 1876 e 1924, foram estas as instituições de piedade, assistência e beneficência (incluindo confrarias) que apresentaram orçamento e contas: Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira, Confraria do Senhor dos Passos (extinta em 1896 e liquidada em 1897), Confraria de Nossa Senhora da Luz, Confraria do Santíssimo Sacramento, Confraria de Nossa Senhora das Dores, Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e do Sagrado Coração de Jesus, Ordem Terceira de São Francisco, Confraria do Glorioso Santo António de Pádua, Asilo Distrital da Infância Desvalida “*Esperança Freire*” e Confraria da Senhora da Saúde. Há também registo de uma entrega de bens da extinta Confraria de São Crispim, com data de 5 de setembro de 1893, e de documentos que referem a Confraria de Nossa Senhora do Livramento, com data de 20 de janeiro de 1897.

<sup>378</sup> *Memórias paroquiais*, volume 36, n.º 26a (Santiago, Tavira, 1758, folha 79 (página 140)

<sup>379</sup> *Ibidem*, folha 80 (página 143)

está em não sabermos o nome da nova irmandade (e nem sequer excludo que possa ser uma das muitas confrarias ou ordens terceiras que listei nestas mesmas páginas).

## OS ROMEIROS E SUA FÉ NAS ANGÚSTIAS

Já aqui sublinhei a opacidade das fontes acerca de muitíssimos aspetos mundanos da devoção a Nossa Senhora das Angústias de Tavira. Porém, temos descrições bem “coloridas” de como eram as festas e a romaria que tinha o seu auge a 9 de setembro.

Através dos escritos de Frei Agostinho de Santa Maria, ficamos a saber que, nas primeiras décadas do século XVIII, acorriam ao Sítio do Calvário fiéis oriundos de todo o Algarve e até «*das partes de Andaluzia vem também muytos Romeiros*»<sup>380</sup>; conforme se disse anteriormente, tal sucedia ao longo de todo o ano e não apenas numa data específica, pois qualquer dia era bom para apelar à proteção da Senhora das Angústias.

Não obstante, no calendário litúrgico, havia uma data, 9 de setembro, na qual o Calvário de Tavira se transformava em um dos principais locais de devoção mariana de todo o Algarve. Aliás, Damião de Vasconcelos, ao mencionar as principais devoções populares de Tavira, não se coíbia de afirmar: «*as preces de mais fê e confiança e de maior concorrência, eram as que se realizavam na ermida ou santuário de Nossa Senhora das Angústias do Calvário, pois a fê no nome do orago - Angústias - se prestava a todas as rogações, quer coletivas, quer particulares, pois a Senhora a todos atendia e, segundo a tradição e fê, a todos protegia em suas aflições*»<sup>381</sup>. Esta frase, escrita em 1937, resume a fé popular na Senhora das Angústias de forma sucinta e clara.

Uma leitura meticolosa das fontes, acompanhada pelo inevitável cruzamento de informações, permite-nos perceber que o apogeu destas celebrações terá tido lugar entre a última metade do século XVII (portanto, na época de Lourenço Belles Teixeira) e o meio do décimo-oitavo cento de anos. Dito de outra forma: até aos dias do presente, chegaram-nos ecos que relatam a grandiosidade e altíssima devoção desta romaria das Angústias - ecos esses que, em última análise, terão contribuído para que os responsáveis pela administração do concelho de Tavira jamais tenham planeado sacrificar<sup>382</sup> a Ermida do Calvário (e a igreja que lhe está adossada); porém, a verdade é que estas festas terão tido uma duração menor do que aquela que alguns

<sup>380</sup> SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718, pág. 426

<sup>381</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 23

<sup>382</sup> Pode parecer algo exagerado falar na possível demolição destas ermidas, mas há muitos exemplos de igrejas outrora importantes que acabaram por perecer às mãos dos intuitos modernizadores de certos autarcas tavirenses - refiro-me, por exemplo, à Igreja de São João Baptista, na Corredoura.

textos sugerem - provavelmente, os seus dias de glória não duraram mais de um século. Mas, enquanto duraram, estes foram os dias em que o Calvário de Tavira era um local de devoção e fé como poucos havia no Algarve d'então.

Um dos sinais da elevada estima do povo crente por Nossa Senhora das Angústias eram os versos que se cantavam em sua honra (e em sua casa) em ocasiões especiais. Francisco Xavier d'Athaide, em seu *Cancioneiro e Romanceiro do Algarve* de 1905, transcreve um velho romance popular - "*A Senhora das Angústias*" -, que fazia parte de um conjunto de textos que este autor descreve como sendo «*tão curiosos e tão pouco conhecidos*»<sup>383</sup>; todavia, Damião de Vasconcelos diz-nos, sobre estes versos, que «*os romeiros cantavam de cór*»<sup>384</sup>.

Independentemente de quem tem razão (e ambos podem estar certos<sup>385</sup>), neste romance achei alguns versos que despertaram a minha atenção e passo a citar: «*Fez o Senhor testamento, - Nelle a todos se deixava; - E deixa a S. Pedro a chave - Para que o céu governara (...)*»<sup>386</sup>. De certa forma, esta passagem reúne as três devoções das Ermidas Geminadas de Tavira: o Calvário (onde Jesus foi crucificado), a Senhora das Angústias (a *Mater Dolorosa* que vê o filho morrer na cruz) e São Pedro (que, após negar o mestre por três vezes, herda as chaves do Paraíso - uma menção curiosa, dado que o ermitão de *Sam Pedro* era o zelador do Calvário/Angústias). Ao longo dos anos, as Ermidas Geminadas de Tavira têm sido tratadas pelas autoridades e pelos estudiosos como duas entidades rigorosamente autónomas, que, por acaso, acabaram fisicamente unidas; estes versos dizem justamente o contrário e nem sequer são a única prova de que havia uma ligação mais profunda entre estes dois templos - que, recorde, nem sequer estavam unidos nas suas "versões" originais.

O romance transcrito por Francisco Xavier d'Athaide era, logicamente, dedicado à Senhora das Angústias. Porém, Damião de Vasconcelos publicou no *Povo Algarvio* um trio de quadras populares dedicadas ao Senhor Jesus do Calvário<sup>387</sup> e, que, segundo o autor, também seriam entoadas pelos romeiros durante as festas. Na fase áurea da devoção às Angústias de Tavira, há muito que o Calvário havia deixado de receber o término da Procissão dos Passos, mas, de

<sup>383</sup> OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide, *Cancioneiro e Romanceiro do Algarve (Lição de Loulé)*, Porto, Typographia Universal (A Vapor), 1905, pág. 360

<sup>384</sup> VASCONCELOS, Damião de, "*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*", In *Povo Algarvio*, n.º 371, 3 de agosto de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>385</sup> Explicando a minha afirmação: em 1905, é bem possível que estes versos já tivessem caído no esquecimento popular, mas, nos séculos XVII e XVIII, poderiam ser, de facto, sabidos de cor por todos os romeiros que iam às Angústias no 9 de setembro.

<sup>386</sup> OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide, *Op. Cit.*, pág. 381

<sup>387</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Op. Cit.*, pág. 3

alguma forma, esses dias ainda permaneciam vivos no imaginário popular - e isso explicará como o topónimo “*Calvário*” resistiu por tantos séculos.

Havia ainda um terceiro poema, o qual era cantado pelos romeiros no momento da despedida, deixando no ar a promessa de regressar ao Sítio do Calvário no ano seguinte. Nestes versos, lê-se inequivocamente o carinho que as gentes de fé tinham por estas festas, a ponto de nos espantarmos com o seu fim: «*Ah! Quem fôra tão ditoso - Que pudesse aqui ficar, - E n'este lugar sagrado - Os seus dias acabar!*»<sup>388</sup>.

Sobre as festas sem si, Damião de Vasconcelos diz-nos que os romeiros vinham aos milhares: «*Era impressionante o espectáculo das procissões piedosas, de votos gravíssimos cumpridos diante de tanta gente, e dos folguedos populares*»<sup>389</sup>. E acrescenta: «*A crença vivia. E se havia quem ali fosse por leguas de caminho péssimo, para cantar e bailar e ouvir descantes e ver bailes, a grande maioria d'aquela gente cria; porque cria, cumpria votos tremendos, indo a pé, indo descalça, indo sem comer, indo amortalhada, dentro de caixões, como mortos, chorando, como se chorava, ao terminar o cumprimento dos votos, nos degraus do altar da Virgem*»<sup>390</sup>. Ainda que o autor se tenha permitido um ou outro devaneio literário, este texto não deixa de nos revelar a genuína força das festas das Angústias: uma mescla de fé fervorosa (que se repetia por todo o ano, como já referi) com uma farta dose de festa e descontração a coroar o fim do verão<sup>391</sup> - e eis a fusão perfeita entre sagrado e secular.

## A FACE PROFANA DAS CELEBRAÇÕES

Para muitos dos (milhares de) romeiros, as festas de Nossa Senhora das Angústias eram um momento de fé, de prece, de súplica, de penitência, de agradecimento. Contudo, para muitos outros, eram dias de festa, de alegria, de divertimento, de folgado.

Os peregrinos vinham aos milhares, de todos os cantos do Algarve e até da Andaluzia - uns caminhavam léguas sem conto, outros vinham montados num burro, a cavalo, de carruagem ou de acordo com as possibilidades de casa um. Assim que começavam a chegar os romeiros, armavam-se barracas de comes e bebes em redor das ermidas. Suponho que os proprietários

<sup>388</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 371, 3 de agosto de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>389</sup> *Idem*, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 370, 27 de julho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>390</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>391</sup> E se as festas em Honra de Nossa Senhora das Angústias fechavam o período de verão, as festas juninas - em honra de Santo António, São João e São Pedro - marcavam o início da estação quente. Tal significa que, naquelas duas capelinhas a um quarto de légua de Tavira, festejava-se o começo e o fim do Estio.

da(s) fazenda(s) em redor do Santuário da Senhora das Angústias não se incomodassem com a presença de tantos romeiros, que de imediato se instalavam debaixo das copas das árvores, sentados em velhos troncos carcomidos, em ameno convívio com os demais fiéis e foliões.

As descrições de Damião de Vasconcelos são, como já havia referido, muitíssimo coloridas e falam-nos de um ambiente de feira, com turbas de populares - milhares deles, diz-nos o autor. Em todas as frases dos escritos de Vasconcelos é notório um forte “aroma” a festa e a alegria, um “perfume” literário que parece querer votar ao olvido as Angústias que eram o motivo da celebração: há romances e versos cantados ao desafio, há o som de violas e guitarras, há belas mulheres, há (demasiado) álcool e beberrões, há injúrias, ofensas, rixas e até altercações, há bandos rivais que se confrontam, há foguetes, há danças e cantares e há até o som do sino da vizinha Ermida de São Pedro, do qual se desconhece o paradeiro<sup>392</sup>. A participação do sino de *Sampedro* nestes festejos é mais uma evidência de que estas igrejas não eram duas entidades cem por cento autónomas e distintas uma da outra, como muitos autores julgarão.

No mesmo texto, Damião de Vasconcelos fala-nos (resta saber com base em que fontes) dos intrujões que se misturavam com os romeiros, de quem tentavam obter “suculentas” esmolas: supostos peregrinos faziam relatos mais ou menos fantasiosos de grandes viagens repletas de perigos, de naufrágios e de aventuras mil; monges impostores que diziam ter estado na Terra Santa e que, na verdade, andavam de povoação em povoação contando histórias e bebendo, comendo e corrompendo mulheres alheias por conta de sua prosa<sup>393</sup>.

Estas festas em honra de Nossa Senhora das Angústias duravam três dias, durante os quais havia sermões (afinal, trata-se de uma festa religiosa), música, ladaínhas e rifas de cereais ou de outras ofertas dadas em ex-votos. Um ponto importante era também o bodo aos pedintes e famintos no adro da igreja; os mais ricos, cuja caridade permitia encher as mesas de frugais acepipes, comiam descontraidamente com os mais pobres, quase como se as ordens sociais - tão rígidas e bem demarcadas numa sociedade de Antigo Regime - se esbatessem por breves instantes.

Nos anos que antecederam o ocaso destas festas, havia ainda barraquinhas que vendiam fitas de seda vegetal chamadas “*medidas*”, as quais, em verdade, eram uma reminiscência das *sinas* - bandeiras em honra de Nossa Senhora das Angústias que eram empunhadas sempre que se

---

<sup>392</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecoss do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, págs. 23 e 24

<sup>393</sup> *Idem, ibidem*, pág. 24

realizavam preces para pedir a intervenção da chorosa mãe de Jesus para acabar com alguma calamidade (uma seca, uma peste, uma doença de gado)<sup>394</sup>.

E enquanto as barraquinhas de comes e bebes eram desmontadas, as festas terminavam com os peregrinos, munidos de seus estandartes, a cumprirem três voltas em torno das Ermidas Geminadas de Tavira. E, batendo com as mãos no peito, faziam mil promessas de tornar daí a um ano<sup>395</sup>.

## SINAIS DE DECLÍNIO RUMO AO FIM

As fontes de que dispomos são extremamente nebulosas no que toca à “morte” das festas em honra de Nossa Senhora das Angústias, sendo completamente impossível descortinar o ano exato em que a romaria, outrora tão popular, deixou de se realizar. Todavia, há várias pistas que nos permitem enxergar um declínio vincado logo na metade terminal do século XVIII.

Quanto à primeira pista, encontramos-la nas *Memórias Paroquiais* de 1758. Escrevia então o pároco de Santiago (que, provavelmente, seria o Padre Francisco Xavier Coelho de Mira<sup>396</sup>) a propósito das ermidas localizadas em sua freguesia: «*Não ocorrem a elas romagens, excepto às Ermidas de fora nos dias de seus titulares e em alguns do ano com mui pouca frequências*»<sup>397</sup>. Ou seja, nos anos pós-Terramoto de 1755, as romarias e festas em honra de Santa Margarida, Santa Luzia, São Pedro e Nossa Senhora das Angústias passavam por um período de apagamento.

Das quatro romarias supramencionadas, três conseguiram sobreviver até, pelo menos, ao fim do século Vinte: a Festa em Honra de Santa Luzia (popularmente conhecida como “*Festa dos Pescadores*”) não só se recuperou dos anos de decadência, como ganhou um novo fôlego - aliás, no presente, é uma das principais festividades de verão de todo o concelho de Tavira; no caso da Vigília de Santa Margarida, houve, ao longo dos anos, flutuações significativas em termos de popularidade (o que, decerto, explicará alguns interregnos), mas, ainda assim, sobreviveu até meio da década de 1990<sup>398</sup>; as Festas de São Pedro merecerão uma análise detalhada no capítulo seguinte da presente dissertação, mas, ainda assim, posso avançar que as mesmas se realizaram, pela última vez, na década de 1980<sup>399</sup>.

<sup>394</sup> VASCONCELOS, Damião de *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989, pág. 257

<sup>395</sup> *Idem*, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 370, 27 de julho de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>396</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico (Vol. II)*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2001, pág. 78

<sup>397</sup> *Memórias paroquiais*, volume 36, n.º 26a (Santiago, Tavira), 1758, folha 80 (5ª página)

<sup>398</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 204

<sup>399</sup> *Idem, ibidem*, pág. 200

Da lista de festividades sobreviventes está ausente a romaria a Nossa Senhora das Angústias - a fazer fé nas belas narrativas de Damião de Vasconcelos, pareceria improvável (impossível, diria mesmo) que estas festas fossem as primeiras a sucumbir ao passar dos tempos, mas a verdade é que foi isso mesmo que se verificou.

Falando em Damião de Vasconcelos, num dos textos deste cronista, encontrei uma possível explicação para o que terá acontecido e passo a transcrever: «*Tempos depois... depois, a moda, o modernismo, foi acabando com aquêles costumes de fé e crenças vivas e sãs e passou-se a visitar a Senhora das Angústias de Aiamonte, por ser do bom tom ir a Espanha - ver toiros de morte!... pois que os algarvios são «mais honradores dos estranhos que dos seus próprios patrícios», - como diz um cronista*»<sup>400</sup>. A propósito, o cronista a que Damião de Vasconcelos se refere é João Baptista da Silva Lopes e a citação em causa foi retirada da *Corografia ou Memória económica, estadística e topográfica do reino do Algarve*<sup>401</sup>, obra publicada no ano de 1841.

Pergunto-me: será que foi isso mesmo que sucedeu? É difícil afirmá-lo com certeza, mas a verdade é que a Senhora das Angústias de Tavira e de Ayamonte tinham pontos em comum - a data de celebração (9 de setembro<sup>402</sup>) e o facto de ambas serem representadas por uma *pietá*.

Acrescente-se ainda que Ayamonte não fica muito distante de Tavira<sup>403</sup> e que a edificação de Vila Real de Santo António (a partir de 1774) contribuiu para aproximar ainda mais as duas margens do Guadiana. Também é de sublinhar que Nossa Senhora das Angústias passou a ser a padroeira de Ayamonte no dia 11 de janeiro de 1756, como agradecimento pelo facto de a cidade ter sido poupada a calamidades de maior aquando do Terramoto de 1755<sup>404</sup>; desde então, os festejos e a devoção popular a *Nuestra Señora de las Angustias de Ayamonte* ganharam um vigor tal que, em certa medida, ainda hoje subsiste - e que, em última análise, poderá ter “empalidecido” a “chama” do modesto Santuário do Calvário.

No entanto, julgo que a decadência e fim da romaria à Senhora das Angústias de Tavira terá mais a ver com um conjunto de circunstâncias particularmente adversas do que com modas e

<sup>400</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989, pág. 257

<sup>401</sup> LOPES, João Baptista da Silva, *Corografia ou Memória económica, estadística e topográfica do reino do Algarve*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1841, pág. 34

<sup>402</sup> Conforme exemplifiquei anteriormente, a Senhora das Angústias é celebrada noutros locais de Portugal, mas em outras datas que não 9 de setembro.

<sup>403</sup> As duas cidades distam pouco mais de trinta quilómetros.

<sup>404</sup> [https://huelvapedia.wikanda.es/wiki/Iglesia\\_Parroquial\\_de\\_Nuestra\\_Se%C3%B1ora\\_de\\_Las\\_Angustias\\_\(Ayamonte\)](https://huelvapedia.wikanda.es/wiki/Iglesia_Parroquial_de_Nuestra_Se%C3%B1ora_de_Las_Angustias_(Ayamonte))

mudanças de gosto. Por conseguinte, a “concorrência” de Ayamonte poderá ter sido apenas mais um factor a contribuir para a decadência do Calvário (que, recordo, já se fazia sentir no ano de 1758). Não sabemos, por exemplo, de que modo o Terramoto de 1755 teria afetado a confiança das populações do Algarve na proteção da Senhora das Angústias - Tavira pouco sofreu com o sismo, é bem certo, mas cidades como Lagos, Silves, Loulé e Faro não tiveram a mesma sorte... e a romaria do Calvário contava com gentes provenientes de toda a província meridional, não só de Tavira.

É muitíssimo complicado apontar todas as possíveis razões para o ocaso e morte daquela que, por algumas décadas, teria sido a mais popular romaria realizada na cidade do Rio Gilão. As fontes não nos dizem o que aconteceu, mas deixam no ar alguns indícios de que, após 1755, as festas de Nossa Senhora das Angústias entraram numa espiral de decadência da qual não mais voltariam a recuperar. É possível que, no último quartel do século XVIII, os trabalhos de beneficiação do santuário tenham correspondido a uma tentativa de dar um novo fôlego a esta romaria, mas os poucos dados de que dispomos dizem-nos - indiretamente, é certo - que foi um esforço em vão. Vale a pena analisar estes fragmentos de informação.

Em primeiro lugar, temos a questão do calendário das festas religiosas de Tavira.

Nos seus anos de glória, a romaria à Senhora das Angústias de Tavira ocupava um lugar de destaque no calendário festivo, o que significa que os dias 7, 8 e 9 de setembro “pertenciam”, por direito próprio, ao Santuário do Calvário. Mas, à medida que o século XIX ia avançando, várias outras festividades religiosas tavirenses começam a ocupar datas no mês de setembro, circunstância que pode ser lida do seguinte modo: há um espaço que foi deixado vago e que novas celebrações religiosas se apressaram a preencher, como se houvesse a necessidade de colmatar um vazio - um vazio deixado pelas Angústias.

Uma dessas festas terá sido a do Senhor Jesus do Calvário, que tinha lugar num dos últimos domingos de setembro, na Ermida do Calvário - então já “privada” da procissão que lhe deu nome e da romaria que lhe deu fama. Automaticamente depreendo que esta festa com arraial popular foi uma tentativa de substituir, de forma indireta (e com menos impacto) a extinta romagem à Senhora das Angústias.

Descrita pela imprensa como um evento cheio de «*brilho e solenidade*»<sup>405</sup>, a Festa das Chagas do Senhor<sup>406</sup> tinha alguma proeminência na Tavira da segunda metade de Oitocentos e nas primeiras décadas do século XX. A organização desta festa estava sob a responsabilidade da Ordem Terceira de São Francisco. Todos os anos, esta celebração religiosa levava à Igreja de São Francisco um «*grande número de fiéis*»<sup>407</sup> a 17 de setembro<sup>408</sup> - isto é, oito dias depois da data<sup>409</sup> que havia pertencido a Nossa Senhora das Angústias.

Ainda mais importante e participada era a Romaria a Nossa Senhora da Saúde, evento cuja organização estava a cargo de uma confraria constituída para o efeito nos anos 60 do século XIX.

A festa da Senhora da Saúde começou a realizar-se após 1865 e deveu a sua existência a um voto de agradecimento por parte dos sobreviventes da epidemia de *cólera-mórbus* de 1855, a qual “ceifou” centenas de vidas em Tavira<sup>410</sup>; tal como sucedera com Nossa Senhora da Luz e Nossa Senhora das Angústias, há uma calamidade a assinalar o nascimento e/ou o ocaso de uma romaria popular. À imagem dos dois exemplos que acabei de citar, esta romaria tinha o seu centro nevrálgico nos arrabaldes de Tavira - neste caso, no lugar de São Marcos, onde, para além da Ermida de Nossa Senhora da Saúde, se situa também o antigo cenóbio de frades paulistas fundado no século XV. Salvo algum impedimento (como aconteceu em 1943<sup>411</sup>, ano em que a festa teve lugar no dia 26<sup>412</sup>), a romaria a Nossa Senhora da Saúde realizava-se no segundo domingo de setembro, sendo a procissão «*acompanhada por um grande número de romeiros que das mais longínquas paragens veem para prestar culto á Virgem*»<sup>413</sup>. Em certos anos, como 1911, a vigília à Senhora da Saúde é-nos descrita como tendo sido «*animadíssima*»<sup>414</sup>.

Estes serão, porventura, os três exemplos mais significativos de festas que foram ocupando o espaço que havia pertencido a Nossa Senhora das Angústias - que, como vimos, preencheu o vazio deixado após o declínio da romaria a Nossa Senhora da Luz. Porém, contrariamente ao que sucedeu a todas (sem exceção) as celebrações religiosas do Sítio de São Pedro-Calvário, a

<sup>405</sup> In *Povo do Algarve*, n.º 57, 21 de setembro de 1916 (sábado), pág. 1

<sup>406</sup> Faço notar a seguinte coincidência: Jesus recebeu as suas cinco chagas a caminho ou já no monte Calvário.

<sup>407</sup> In *Povo Algarvio*, n.º 480, 19 de setembro de 1943 (domingo), pág. 2

<sup>408</sup> In *Província do Algarve*, n.º 500, 22 de setembro de 1918 (domingo), pág. 1

<sup>409</sup> Uma pequena nota: hoje em dia, nos locais onde se realizam, as Festas das Cinco Chagas do Senhor têm lugar no dia 7 de fevereiro.

<sup>410</sup> **SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, págs. 225 a 227

<sup>411</sup> In *Povo Algarvio*, n.º 481, 26 de setembro de 1943 (domingo), pág. 3

<sup>412</sup> Dia 26 foi, na verdade, o quarto domingo do mês de setembro de 1943.

<sup>413</sup> In *Povo Algarvio*, n.º 480, 19 de setembro de 1943 (domingo), pág. 2

<sup>414</sup> In *Província do Algarve*, n.º 148, 16 de setembro de 1911 (sábado), pág. 3

popular festa da Luz de Tavira acabou por recuperar um pedaço do esplendor de outras eras. Hoje em dia, as festas em honra de Nossa Senhora da Luz de Tavira realizam-se no pico do verão<sup>415</sup>, mas, ainda no início do século XX, era comum terem lugar em setembro - cito 1915 como exemplo, ano em que a festa, repleta «*de grande pompa devido aos incansáveis esforços da comissão*»<sup>416</sup>, se realizou nos dias 25, 26 e 27 do mês que ocupa a nona posição no calendário.

## REGISTOS DO OCASO DE UM TOPÓNIMO

Para fechar este assunto, analisemos uma outra fonte de valiosas informações sobre as sortes da romaria e festa de Nossa Senhora das Angústias: a toponímia.

Relembro que, no capítulo anterior, defendi que, pelo menos desde o primeiro terço do século XVII, os topónimos “*São Pedro*” e “*Calvário*” eram usados de forma mais ou menos aleatória para designar o mesmo local: uma zona no termo de Tavira onde, por entre fazendas e terras de cultivo, havia duas ermidades de aspeto pobre, mas plenas de significado para as gentes locais.

Até meados do século passado, existiu sempre aquilo a que poderíamos chamar um topónimo “alfa” e um topónimo “beta” - por ser o mais antigo (e, de certa forma, também por ter sido o *términus* de uma das mais importantes procissões da Quaresma), o Calvário começou por ter a primazia. No entanto, sabemos que, a dada altura, a correlação de forças mudou e tanto assim é que, no presente, aquela área periurbana é oficialmente designada de “*São Pedro*”.

Posto isto, indago: será que a decadência do topónimo “*Calvário*” teve uma relação direta com o declínio das celebrações católicas que aconteciam na orada com o mesmo nome?

Conforme referi inúmeras vezes, na época em que José de Sande Vasconcellos desenhou a sua carta de Tavira e arrabaldes ocidentais, a área que temos vindo a analisar ainda é chamada de “*Calvário*”; mas, por volta de 1780, já este topónimo estaria a perder alguma força (conquanto que o seu uso neste mapa indicie que ainda fosse a designação dominante).

Antes de o mapa de Sande Vasconcellos ter sido rabiscado, havia já registos paroquiais que empregavam o topónimo “*São Pedro*” e a comprová-los estão os assentos de óbito de Antónia

<sup>415</sup> Regra geral, num dos fins-de-semana de agosto. No entanto, para não colidir com as festas nas freguesias vizinhas de Santo Estêvão e Santa Luzia, é mais usual que as festas ocupem o primeiro fim-de-semana de agosto.

<sup>416</sup> In *Província do Algarve*, n.º 396, 15 de setembro de 1915 (domingo), pág. 3

Maria (12 de Maio de 1764<sup>417</sup>) ou das infantas Rita (14 de fevereiro de 1771<sup>418</sup>) e Maria (23 de Maio de 1777<sup>419</sup>) - todas estas pessoas eram residentes no Sítio de *Sam Pedro*. Todavia, há um registo, ao qual até já aludi, que exemplifica bem o momento em que se dá a mudança de topónimo “alfa”, com “*São Pedro*” a impor-se a “*Calvário*”, após dois séculos de “submissão”; o assento em causa regista o óbito da viúva de António de Sousa, Maria da Conceição (falecida a 2 de maio de 1797), residente na «*Quinta do Calvário, sítio de São Pedro desta freguesia*»<sup>420</sup>

Podia aqui referir também os registos de óbito de João Guerra (18 de dezembro de 1791<sup>421</sup>), de Simão Rodrigues (25 de janeiro de 1794<sup>422</sup>), do pequeno Joaquim (28 de abril de 1795<sup>423</sup>), de Anna de Mendonça (4 de janeiro de 1797<sup>424</sup>), dos irmãos Maria e Francisco Martins (5 de agosto de 1799<sup>425</sup>), de Isabel de Jesus (19 de fevereiro de 1802<sup>426</sup>)... enfim, podia continuar a debitar nomes de pessoas falecidas no Sítio de São Pedro. Contudo, bem menor é a lista de assentos de óbito que mencionem o Calvário - tirando o de Maria da Conceição de Sousa, não descobri qualquer outro exemplo. Suponho que a conclusão a retirar é perfeitamente óbvia.

Parece-me que há aqui uma coincidência interessante: o crepúsculo do topónimo “*Calvário*” dá-se no mesmo período em que a romaria de Nossa Senhora das Angústias (a qual, lembro, tinha o seu epicentro na Ermida do Calvário) entra também em declínio.

Porém, como adiante veremos, houve outro fator propiciador desta mudança toponímica: na segunda metade do século Dezoito, as festas juninas em honra de São Pedro ganharam uma nova dinâmica, o que significou que 29 de junho - e não 9 de setembro - passou a ser o dia de chamar as gentes de Tavira à bifurcação das duas igrejas. Este será um tema a desenvolver nos capítulos seguintes.

### 3.5: O Senhor Jesus do Calvário e outras manifestações populares

Olhemos para outras manifestações religiosas que tinham lugar na Ermida do Calvário.

---

<sup>417</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 7 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1762-1789, folha 22 (página 42)

<sup>418</sup> *Ibidem*, folha 65 (página 128)

<sup>419</sup> *Ibidem*, folha 79 (página 157)

<sup>420</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 8 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1789-1802, folha 97 (página 192)

<sup>421</sup> *Ibidem*, folha 28 (página 54)

<sup>422</sup> *Ibidem*, folha 59 (página 116)

<sup>423</sup> *Ibidem*, folha 70 (página 138)

<sup>424</sup> *Ibidem*, folha 92 (página 183)

<sup>425</sup> *Ibidem*, folha 125 (página 249)

<sup>426</sup> *Ibidem*, folha 148 (página 294)

## A FESTA DO SENHOR JESUS DO CALVÁRIO

Tudo o que sabemos sobre esta Festa do Senhor Jesus do Calvário está contido num par de notícias do semanário *Província do Algarve*. Uma delas, de 23 de setembro de 1917, diz assim: «*Realiza-se hoje, como de costume, a festa ao Senhor Jesus do Calvário, havendo de manhã missa, a grande instrumental e á noite arraial, fogos, bazar e música. Assiste a todos os actos a Filarmónica desta cidade 1.º de Janeiro, (Limpinhos)*»<sup>427</sup>. Desta breve notícia, conseguimos extrair algumas informações, mas chamaria a atenção para a expressão “*como de costume*”, que, claramente, nos diz que esta festa já se realizava em anos anteriores - quiçá, podíamos até falar em tradição.

Dei-me ao trabalho de consultar todas as edições anteriores do *Província do Algarve* até 1908 (o ano em que começou a ser publicado) e não encontrei uma linha sequer sobre estas festas, que, aparentemente, seriam um costume local. Também pesquisei noutro periódico taviense da época, o *Povo do Algarve*, sempre com resultados idênticos.

Avançamos quase um ano, até ao dia 22 de setembro de 1918: «*Realiza-se no próximo domingo a festa ao Senhor Jesus do Calvário, que constará na manhã de missa e grande instrumental, na tarde corridas de burros e na noite arraial, fogos, música e bazar. Assiste a Filarmónica 1.º de Janeiro (Limpinhos) desta cidade*»<sup>428</sup>.

Após 1918, não mais se publicou qualquer notícia alusiva à festa ao Senhor Jesus do Calvário. Curiosamente, em 1918, as festas tiveram lugar a 29, no último domingo de setembro, mas, em 1917, realizaram-se no penúltimo domingo, dia 23. Como estamos a trabalhar com uma amostra de duas datas, é difícil depreender alguma coisa desta misteriosa discrepância - na melhor das hipóteses, podemos inferir que as festas tinham lugar num dos últimos domingos de setembro.

Ainda assim, podemos retirar algumas ilações. Em primeiro lugar, o Santuário do Calvário manteve-se ativo mesmo depois do fim das festas de Nossa Senhora das Angústias e após as festas de São Pedro se terem “desvinculado” da respetiva ermida, passando a ser um apêndice das festividades sanjoaninas; o programa das festas de 1918, com direito a corridas de burros, demonstra algum dinamismo por parte dos organizadores (que permanecem na obscuridade).

<sup>427</sup> In *Província do Algarve*, n.º 451, 23 de setembro de 1917 (domingo), pág. 2

<sup>428</sup> In *Província do Algarve*, n.º 500, 22 de setembro de 1918 (domingo), pág. 1

Não é de excluir que a edição de 1918 tenha sido a última, já que, um mês depois, entrou em funcionamento o novo Cemitério do Calvário, numa época de grande mortandade em Tavira devido à pandemia conhecida como “*Gripe Espanhola*”; com o campo-santo a poucos metros, a realização de bazares, arraiais e o uso fogos de artifício pode parecer desadequada tão perto dum local intimamente ligado à perda e ao luto. Inclusivamente, após a abertura do cemitério e ao longo do século XX, a Ermida do Calvário acabou por ser amiúde utilizada como capela funerária; ironicamente, tal não sucedeu com *Sampedro*, que até era o orago mais apropriado para um velório, ou não estivéssemos a falar do santo que é o guardião das chaves do Céu.

Um detalhe interessante: Damião de Vasconcelos, autor de incontáveis textos sobre as festas e demais aspetos da Capela do Calvário, não rabiscou uma linha sequer sobre esta celebração.

## OS SÁBADOS DA QUARESMA E DE ALELUIA

De acordo com Damião de Vasconcelos, em todos os sábados da Quaresma, era comum ir-se até ao Santuário da Senhora das Angústias cantar *Salvé Rainhas*. Como é norma, o autor não afirma, “*preto no branco*”, a que época se refere, mas julgo que se trata de uma prática que não terá sobrevivido à chegada da centúria de mil e novecentos.

Há uma outra tradição mais recente - embora também já “extinta” -, que poderá ser um eco deste antigo hábito.

No século passado, no Sábado de Aleluia, Tavira ainda tinha o costume de fazer a chamada *Queima do Judas*<sup>429</sup>: grupos de populares manufacturavam bonecos de serapilheira, enchidos com palha ou papel; estes bonecos, alusivos a Judas, eram vestidos a rigor (por norma, com roupas já sem uso, conquanto que os houvesse de fato e gravata ou traje militar), colocados numa forca e incendiados, como castigo simbólico pela traição de Judas Iscariotes<sup>430</sup>. Certo é que, depois de queimado o Judas, o povo de Tavira, junto com uma banda de música, ia em visita ao Santuário de Nossa Senhora das Angústias.

<sup>429</sup> **SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 299

<sup>430</sup> Obviamente, trata-se de um costume de índole popular, mais tolerado do que propriamente aceite pela Igreja Católica. Na Bíblia, nada há que fale na condenação de Judas à fogueira - arrependido, o apóstolo ter-se-ia enforcado. Como muitas tradições que tomamos por cristãs, a *Queima do Judas* poderá ter uma origem pagã, sendo uma referência à “morte” do Inverno. Tal como o hábito de ir visitar o Calvário na Quaresma e/ou no Sábado de Aleluia, a *Queima do Judas* foi outra tradição taviense que se perdeu.

No tocante a esta última tradição, em 1941, Damião de Vasconcelos escrevia que a prática acima descrita ainda era usual «*não há muitos anos*»<sup>431</sup>; por conseguinte, podemos concluir que, no primeiro quartel do Século XX, ainda havia romagens ao Calvário p'lo Sábado de Aleluia.

## AS LADAINHAS DE MAIO E OUTRAS ROGAÇÕES

Na Tavira de outros tempos, eram muito comuns pequenas romarias às ermidas do Calvário e de São Pedro - era o tempo das chamadas “*Ladaínhas de Maio*”. Estas ladaínhas (ou litânias, como também são chamadas) são pequenas preces públicas cantadas em forma de diálogo<sup>432</sup> e destinavam-se a implorar a Deus (por intermédio de São Pedro e/ou de Nossa Senhora das Angústias) a salubridade do ar e boas colheitas nesse ano. Basicamente, podemos afirmar que a época das ladaínhas em Tavira começava em *Sam Pedro*, na primeira quinta-feira depois da Páscoa. Não obstante, as ladaínhas mais populares seriam as dos três dias que antecediam a Quinta-feira da Ascensão - nesse período, os fiéis eram obrigados a jejuar e a cobrir a cabeça de cinzas.

Alguns crentes levavam ramos de plantas aromáticas (rosmaninho, alfazema ou alecrim) e deixavam-nos nas igrejas do Senhor Jesus do Calvário e de *Sampedro* até à Quinta-feira da Ascensão; depois, recolhiam os ramos, que usavam como amuletos contra as trovoadas e as febres malignas<sup>433</sup>.

Em todas as sextas-feiras de maio, faziam-se também mini-procissões penitenciais até São Pedro, onde, para além das ladainhas, havia sermões.

Lamentavelmente, não sabemos em que época esta tradição popular começou a esmorecer, mas, a fazer fé no estado de ostracismo a que *Sampedro* foi condenado por quase todo o século XX, creio que estas Ladainhas de Maio não tenham passado da centúria de Mil e Oitocentos.

E se a casa de São Pedro recebia a “fatia de leão” destas Ladaínhas de Maio, a da Senhora das Angústias era onde os crentes se dirigiam quando as chuvas escasseavam e ameaçam trazer fomes. Bem o sei, faria mais sentido que estas rogações fossem feitas ao santo que controla os elementos, mas as gentes de Tavira preferiam “dialogar” com a Senhora das Angústias. Nos dias de seca, o povo levava as imagens de Nossa Senhora da Ajuda, de Santo Elias e de São

<sup>431</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 367, 6 de julho de 1941 (domingo), pág. 3

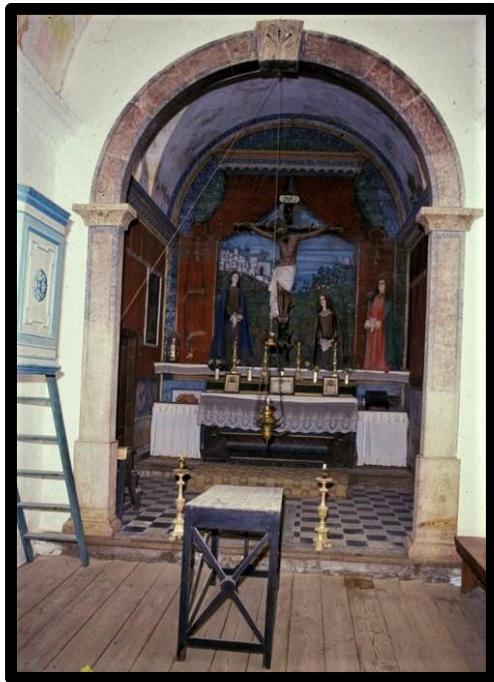
<sup>432</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 55

<sup>433</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 373, 17 de agosto de 1941 (domingo), pág. 3

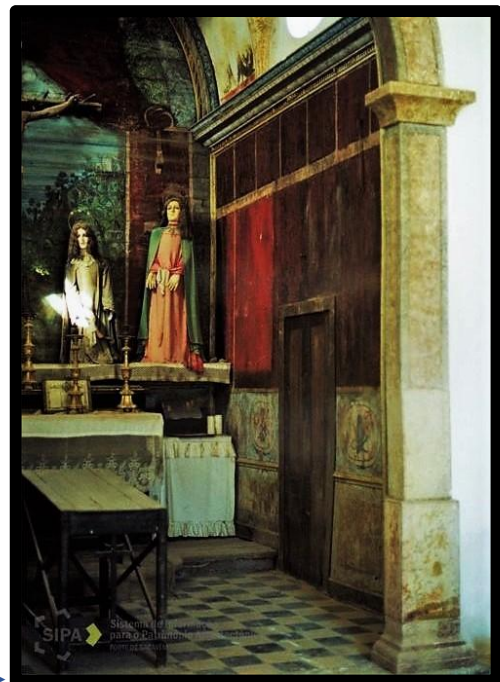
Francisco até ao Calvário; a São Francisco, descia-se o capuz sobre o rosto, conquanto que, segundo a tradição, o santo detestasse o bioco - conta-se que, quando lho tiravam, as chuvas começavam finalmente a cair e as três santas imagens podiam tornar às respetivas igrejas de proveniência (no caso de Santo Elias, trata-se da imagem que está na Igreja do Carmo).<sup>434</sup>

---

<sup>434</sup> Idem, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 24



◀ O Calvário completo, antes de ser profanado<sup>435</sup>



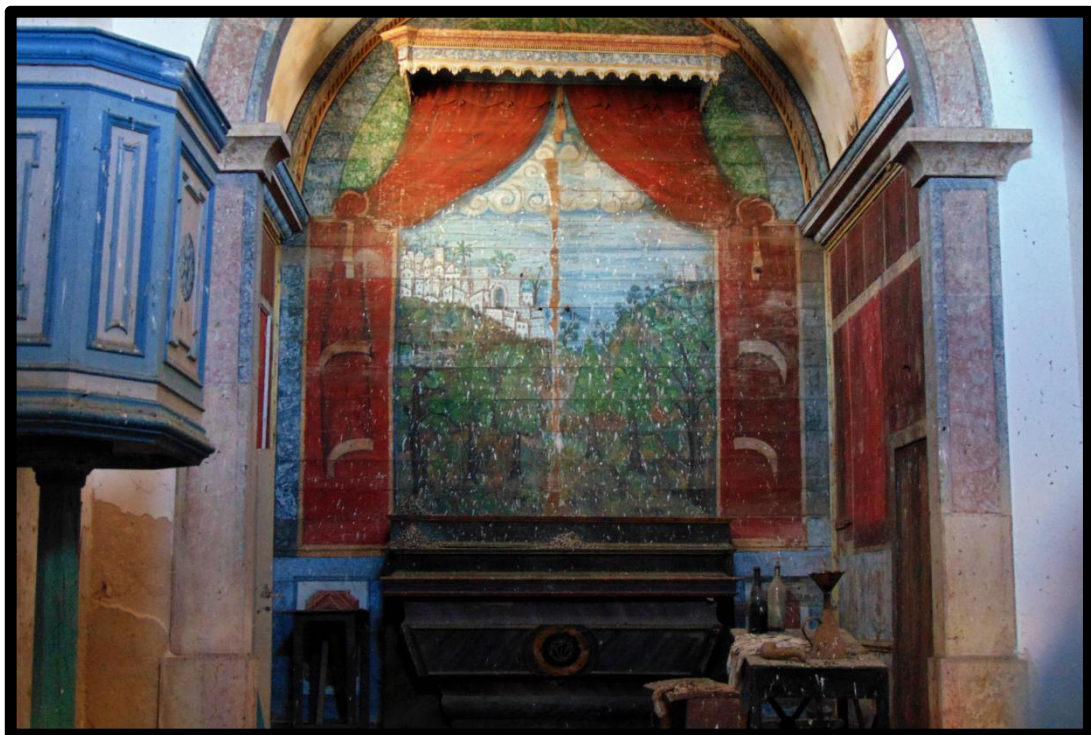
A curiosa porta simulada e a eça para os caixões<sup>436</sup> ▶

<sup>435</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145)

<sup>436</sup> *Ibidem*



▲ *Detalhe da balastrada fingida no teto da nave do Calvário*<sup>437</sup>



▲ *O que resta do belo retábulo do Calvário em 2019*

<sup>437</sup>[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00009145)



▲ Um dos instrumentos da paixão representados no labrim da capela-mor: os dados



▲ Duas Arma Christi (a coroa de espinhos e os três cravos) no teto da capela-mor



◀ *O lado sul da Ermida do Calvário em 2015*



*O interior do Calvário em 2017 (já profanado)* ▶



▲ *A pietá do Santuário de Nossa Senhora das Angústias (pós-restauro)*



▲ O painel de azulejos da Igreja de Ntra. Sra. das Angústias, em Ayamonte



▲ O Fundo de Calvário da Igreja de Santo António, no qual são notórias algumas parecenças (e diferenças) face ao do Santuário de Nossa Senhora das Angústias



▲ A Capela de Nosso Senhor dos Passos, sede da Confraria das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo

## 4.A confraria, as festas e a Ermida de *Sampedro*

### 4.1: A arquitetura da ermida virada para oés-sudoeste

A Igreja de São Pedro exemplifica adequadamente uma certa tipologia de ermida arrabaldina do sul de Portugal: paredes caiadas, arquitetura singela, construção pobre. Bem sei que estas palavras também se podem aplicar ao Calvário, mas a construção e materiais usados na igreja virada para este são de melhor qualidade do que os da ermida do primeiro Bispo de Roma. Se excluirmos as famosas tábuas quatrocentistas, até mesmo as peças de arte sacra que estavam a cargo da Capela de São Pedro eram menos interessantes, digamos assim.

#### A IGREJA “CURTA”

Há duas maneiras de analisar esta primeira “versão” de *Sampedro*.

A primeira passa por entendermos que a igreja “curta” - a que foi erigida no século de 1500 - ocuparia o perímetro correspondente à atual nave de São Pedro, o que significa que se trata de um templo ligeiramente menor do que o atual: ao invés de 10,10 metros de comprimento, teria somente 7,5 metros, conquanto que a largura da fachada fosse a mesma (6,04 metros). Uma parte deste retângulo (cuja área total era de 45,3 metros quadrados) seria ocupada por uma capela-mor; esta estaria, muito provavelmente, separada do corpo por uma imitação de arco triunfa feita em alvenaria ou em madeira<sup>438</sup> e por um degrau.

Outra forma de analisar a “versão” original de São Pedro passa por imaginarmos que haveria uma pequeníssima capela-mor saliente, a qual, no entanto, não tocaria no alçado posterior do “vizinho” Calvário - portanto, a ermida seria ligeiramente maior, sem estar (ainda) geminada.

A existir, não creio que esta capela-mor fosse mais do que uma estrutura abaulada e saliente, um pouco como se o alçado oriental tivesse uma espécie de corcunda. Dito doutra forma, esta hipotética capela-mor original nem sequer seria exatamente uma capela-mor - chamar-lhe-ia mais um nicho muito saliente onde se albergava o altar-mor. Não excluo a possibilidade de o desenho do atual arco triunfal já estar presente nesta versão conjectural da Igreja de *Sampedro* quinhentista. É possível que este nicho/abaulamento possuísse uma espécie de telhado, mas o mesmo, a existir, nada teria a ver com a cobertura de duas águas que hoje existe. Note-se

---

<sup>438</sup> Levando em conta a arquitetura, decoração, qualidade de construção e até o percurso desta igreja ao longo dos tempos, inclino-me mais para que o dito arco fosse em madeira.

que esta suposta capela-mor teria que de ser bastante mais baixa do que o resto da estrutura, o que, decerto, resultaria num efeito estético pouco ou nada harmonioso.

Como expliquei no Capítulo 2, há uma particularidade que faz com que me incline mais para a primeira alternativa do que para a segunda: o revestimento de azulejos que percorre todo o comprimento interior da nave de *Sampedro* revela padrões e cores típicos dos dois primeiros terços do século XVII<sup>439</sup> (logo, posteriores à fundação desta capela). O motivo pelo qual não deviam existir azulejos na primeira “encarnação” de São Pedro prende-se com o facto de uma secção do corpo da igreja estar preenchida com uma espécie de palanque (provavelmente, de madeira) onde se situaria a primeira capela-mor; depois da ampliação da ermida, o “palanque” (hipotético) deixou de ser necessário e as paredes puderam receber um bonito revestimento azulejado.

À semelhança doutras conjeturas que levantei, repito: esta formulação é somente fruto duma uma interpretação pessoal e fundamentada das escassas informações disponíveis, não sendo corroborada ou desmentida por quaisquer fontes, escritas ou não. Do mesmo modo, ambas as alternativas que elenquei resultam de uma análise puramente conjetural aos espaços, posto que, em rigor, não possuo quaisquer dados que me permitam descrever a arquitetura original desta Igreja de São Pedro do Calvário.

No meio de tantas incertezas, há uma informação que podemos ter como garantida: o portal de cantaria que hoje existe não é o mesmo que estaria lá no século XVI. Digo isto porque, ao lado das insígnias do padroeiro, há uma data: 1784<sup>440</sup>. *Per se*, este número corrobora a tese de que houve uma importante campanha de melhoramentos nesta igreja (e na sua “parceira”) em finais do século XVIII, o que, por outro lado, parece indiciar que a ermida e as festas de *Sam Pedro* viviam um momento favorável, como explicarei mais adiante.

Quanto ao portal original, temos de ter em conta que o mesmo seria fruto do gosto da época em que a ermida foi construída - isto é, entre o Período Sebástico e o reinado do primeiro dos Áustrias. Por conseguinte, é perfeitamente expectável que se tratasse de um portal em verga

---

<sup>439</sup> GOMES, Jim Robert Puga, *Exemplos da Azulejaria dos séculos XVI e XVII*, em Coimbra (Dissertação de mestrado), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011, págs. 81 a 83

<sup>440</sup> A data em si está dividida em dois blocos, digamos assim: o “17” está à esquerda das insígnias e o “84” à direita. Isto faz com que muitos observadores/autores não se tenham apercebido desta data, o que justificará que escrevam que este portal é do século XIX.

reta (provavelmente, despido de quaisquer adornos), sendo também crível que fosse feito em cantaria<sup>441</sup> e que a porta, de madeira, tivesse duas folhas.

É muito provável que as duas janelas retangulares que, atualmente, adornam a fachada sejam da mesma época do que o portal - do último quartel do século XVIII. Não obstante, creio que, antes de 1784, a fachada já apresentaria duas janelas de dimensão similar, até porque se trata das únicas aberturas por onde a luz pode passar para o interior desta ermida, cuja iluminação natural deverá ter sido sempre o seu “*calcanhar de Aquiles*”<sup>442</sup>.

Em princípio, a fachada do século XVI já teria tanto um campanário, como uma cruz; não é seguro, contudo, que fossem o campanário e/ou a cruz que existem hoje.

No interior, como já referi, os azulejos não fariam parte desta “encarnação” quinhentista da casa de São Pedro. Creio que o piso em tijoleira também será uma adição posterior (quicá, do século XVII), mas existem dois elementos que, com elevado grau de certeza, já fariam parte da capela de Quinhentos: o teto de caniços e as paredes caiadas de branco.

## A IGREJA “COMPRIDA”

Alguns sinais avulsos apontam para a eventualidade de ter sido na primeira década do século XVII que a Ermida de São Pedro adotou a sua configuração atual, sendo composta por uma nave única, uma capela-mor e, adossada a ambos, a antiga habitação do eremita.

Independentemente das motivações que serviram de móbil a esta ampliação de *Sam Pedro*, a verdade é que o alçado este (que, se quisermos ser rigorosos, está voltado para lés-nordeste) foi totalmente refeito algures no século XVII; conforme expliquei no Capítulo 2, julgo que as obras estariam terminadas pelo dia de São Pedro de 1609, data em que esta igreja recebeu a casamento de Sebastião Moniz com Maria Roiz<sup>443</sup>.

Não há como dizê-lo de forma educada: as obras foram executadas de forma bastante “tosca” e, desde que desabou o altar-mor, mais expostas ficaram as deficiências do trabalho realizado.

---

<sup>441</sup> Neste caso, não estou tão certo, admito.

<sup>442</sup> Admito que, na configuração original, pudesse existir uma abertura no alçado este para deixar entrar alguma luz para a capela-mor. No entanto, a presença do oratório do Calvário a poucos metros limitaria de sobremaneira a eficácia desta janela ou óculo - que, volto a sublinhar, é apenas conjectural.

<sup>443</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617, folha 16 (página 31)

É bem verdade que a junção das duas capelas seria sempre uma tarefa delicada e relembro os problemas que os pedreiros terão enfrentado na época: a) trata-se duma operação que jamais esteve prevista nos projetos originais das duas capelinhas; b) os dois templos têm larguras diferentes - São Pedro seria trinta e poucos centímetros<sup>444</sup> mais larga do que o Calvário; c) a ermida de *Sampedro* era bastante mais alta do que a sua “vizinha”; d) havia uma diferença de sete graus na orientação das duas casas de Deus. Se contemplada de perfil (de preferência, a uma distância razoável), a geminação parece ter corrido impecavelmente, mas basta um olhar mais atento para começarmos a descobrir inúmeras deficiências, a começar pela beira-seveira, que “entorta” um pouco na zona em que o corpo da igreja e a capela-mor se encontram. Bem mais convincente foi a geminação das coberturas, a qual, recorde, condicionou a altura desta nova capela-mor da igreja que tem Simão Pedro por orago.

A queda do altar-mor de São Pedro permite-nos ver a olho nu as deficiências na união destas duas casas de Deus - como referi anteriormente, há uma zona onde se vê facilmente o alçado oeste do Calvário, algo que, numa obra bem executada, jamais aconteceria.

O formato desta capela-mor é complicado de definir, posto que não é nem quadrangular, nem retangular ou mesmo semicircular; em rigor, só observando cuidadosamente a capela-mor é que nos apercebemos que esta tem o formato de um hexágono muitíssimo irregular, o qual, para complicar ainda mais, nem sequer está alinhado com o eixo axial da igreja - usando uma linguagem mais simples, a capela-mor está visivelmente “torta”, uma deficiência que o altar se encarregava de maquilhar.

Acredito que, inicialmente, a parede oriental da ermida deveria tapar todo o alçado oeste do Calvário; todavia, com o passar do tempo, a secção mais elevada da capela-mor acabou por ir desmoronando aos poucos, deixando exposta uma porção cada vez maior da outra igreja. Depois da derrocada do altar-mor, o estado penoso da capela-mor ficou mais visível, mas o problema não é de agora - há mais de sete décadas, José António Pinheiro e Rosa escrevia a propósito desta igreja: «(...) *está quase em ruínas e muito raramente se exerce nela culto. Os quadros estão pregados à parede, que está quase a desmoronar-se*»<sup>445</sup>.

Uma observação mais cautelosa a esta capela-mor (ou ao que dela sobejou) permite perceber que a parede do fundo - a que está encostada ao Calvário - é de uma época diferente do que as

<sup>444</sup> Bem sei que as fachadas diferem em apenas trinta centímetros; no entanto, a capela-mor do Calvário, que não me foi possível medir, é ligeiramente mais estreita do que a fachada.

<sup>445</sup> ROSA, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 4

demais quatro secções muradas do hexágono; a olho nu, é notória a zona onde se encontram as paredes de épocas e campanhas distintas, o que me faz levantar a questão: será que, na sua configuração seiscentista, esta capela-mor já teria o formato dum hexágono irregular ou será esta forma resultado da campanha de melhoramentos do último quartel do século XVIII?

O que é certo é que, de ambos os lados do (sítio onde estava o) altar-mor, existe uma porção de parede que não teve direito a revestimento em azulejo, o que significa que estaria tapada por algo. Possivelmente, esse algo seriam os dois dípticos com tábuas dos séculos XV e XVI e que, de acordo com o testemunho de José António Pinheiro e Rosa, estariam «*de um e outro lado do retábulo nas chanfraduras que a parede apresenta nesses pontos*»<sup>446</sup>. A colocação das quatro pinturas - que, recorde, pertenciam à Igreja de Santa Maria do Castelo - naquele local sugere uma adaptação feita à pressa, embora esse seja um assunto a desenvolver no ponto seguinte e não neste.

Para além dos azulejos da capela-mor (que cobrem apenas as zonas que estão à mostra e não a totalidade das paredes), encontramos também um labrim de azulejos seiscentistas em todo o comprimento do corpo da igreja, quebrando um tudo-nada o simplicismo monótono destas paredes caiadas de branco e despidas de qualquer ornamentação. Estes mesmos azulejos, que julgo serem da primeira metade do século XVII, decoram também a secção de parede entre o arco triunfal e o telhado de traves de madeira e caniços.

Imediatamente acima do ponto onde estaria a aduela do arco triunfal (caso este tivesse chave, o que não é o caso), temos um painel de azulejos, que, originalmente, deveria ter uma figura - julgo que seria São Pedro ou as suas insignias (a tiara papal e as chaves do Céu). Contudo, os azulejos originais ter-se-ão danificado e, em seu lugar, foram colocados outros azulejos ao acaso, junto com um pouco de massa, a ponto de não mais se conseguir perceber qual seria o desenho original. Mais uma vez, a falta total e absoluta de brio a marcar presença na história desta ermida.

Igualmente simples é o arco triunfal, que nem sequer é em cantaria - é, isso sim, em alvenaria com estuque pintado de azul-claro (nas canas) e de amarelo (na curva do arco). Caso tenha existido a tal capela-mor em forma de nicho/abaulamento a que fiz referência anterior, há a possibilidade de este arco triunfal ter sido um reaproveitamento da ermida quinhentista.

---

<sup>446</sup> ROSA, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 1

Em contraste nítido com o elegante arco triunfal do Calvário, o de *Sampedro* nem sequer tem aduela e é muitíssimo singelo no seu todo - somente a imposta saliente a demarcar a flecha e o arranque da zona curva quebra um pouco a monotonia deste arco azul e amarelo (cores que condizem perfeitamente com os tons adotados para o interior desta ermida).

#### A FACHADA E OS RETOQUES DE 1784

Sabemos, através da data que foi gravada na pedra junto à tiara papal e às chaves do Céu, que a Ermida de São Pedro recebeu um novo portal em 1784, ano em que esta igreja recebeu um conjunto de melhoramentos importantíssimos - quiçá, reflexo da relevância que este templo e sua devoção haviam adquirido para as gentes de Tavira.

Começemos por falar do portal de verga reta em cantaria, que, curiosamente, é um dos raros elementos da Igreja de São Pedro que é menos austero/simplista do que o da ermida vizinha. Este portal tem uma cornija saliente e destaca-se por apresentar um medalhão<sup>447</sup>, dentro do qual se encontram as insignias de São Pedro - a coroa papal e as chaves do Céu<sup>448</sup>, ambas em relevo e muitíssimo bem esculpidas por algum artista local de algum mérito.

Acima das duas folhas da porta, temos uma frágil trave de madeira, em cima da qual assenta um painel de reixa sem vidro, o qual serve para deixar passar (pouca) luz e ar para o interior da igreja.

Julgo que os dois janelões frontais deverão ter sido substituídos em 1784, até porque o tipo de pedra usado parece-me ser idêntico ao do portal; as cantarias não são integralmente retas e apresentam algum trabalho, mas nada que se possa comparar, por exemplo, às belíssimas janelas frontais da Ermida de São Roque, com os seus concheados espalmados e volutas, dois recursos tão típicos deste século. Ao invés do gradeamento utilizado no Calvário, estas duas janelas apresentam três barras de ferro<sup>449</sup> e um painel de reixa sem vidro, o que faz com que a iluminação natural desta igreja seja, como já referi, muito débil. A opção pela reixa - esse recurso tão tavirense - poderá ter obedecido a uma lógica bastante simples: contrariamente ao que sucede hoje, esta ermida foi concebida para estar (quase) sempre de portas abertas - e, penetrando através do portal de entrada, generosas doses de luz natural banhariam o interior da igreja.

<sup>447</sup> A execução do rebordo exterior é ligeiramente imperfeita, mas isso é perfeitamente desculpável em comparação com outros aspetos desta capela.

<sup>448</sup> Gosto particularmente da argola da chave, em formato trilobado, e de como as fitas da Tríplice Tiara - também ela esculpida com detalhe - envolvem as claves do Paraíso.

<sup>449</sup> Em muito mau estado, diga-se, a ponto de algumas se poderem retirar.

Conforme escrevi no Capítulo 1, o telhado de São Pedro apresenta uma inclinação bastante maior do que o do Santuário de Nossa Senhora das Angústias, mas, na zona dos beirais<sup>450</sup>, o declive atenua-se de forma suave, mas perceptível.

Esta fachada de um só pano não foi dotada de um frontão, mas o seu topo foi coroado com uma cruz de pedra, a qual ajuda a aliviar um pouco a austeridade desta fachada - austera até para os padrões da arquitetura chã da época da Restauração.

Tal como descrevi há alguns parágrafos, a capela-mor - que, logicamente, está ligeiramente elevada face à nave - poderá ter sido intervencionada durante as obras de 1784, ano em que a igreja terá recebido um novo altar-mor (não por acaso, aquele que hoje jaz em pedaços). No entanto, uma estranha coincidência de datas e acontecimentos faz-me acreditar que, em 1784, a humilde capela do primeiro Bispo de Roma recebeu um outro melhoramento: dois dípticos com os painéis quinhentistas<sup>451</sup> de São Pedro, São João Baptista, São Brás e São Vicente, que, até então, estavam na Igreja de Santa Maria do Castelo. Alguns autores<sup>452</sup> defenderão que a mudança dos quadros teve lugar logo após o Terramoto de 1755; é possível que assim tenha sido, admito-o, mas há razões objetivas que me fazem colocar mais fé no ano de 1784.

Façamos um breve raciocínio. Sabemos que Tavira foi, entre as principais cidades algarvias, a que menos terá sofrido com o Terramoto de 1755, conforme se lê nas *Memórias Paroquiais* de 1758<sup>453</sup>. Mau grado ter sofrido danos não-menosprezáveis (boa parte da cobertura ruiu), a Igreja de Santa Maria do Castelo manter-se-ia em funcionamento até 1780, quando a sede da freguesia foi temporariamente trasladada para outro(s) templo(s)<sup>454</sup>; entre os anos de 1780 e 1800, a principal igreja tavirense foi objeto dum extenso restauro/reconstrução, com base no projeto do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri, o qual havia sido encomendado pelo Bispo D. Francisco Gomes do Avelar<sup>455</sup>.

---

<sup>450</sup> Na verdade, apenas no beiral virado para Norte, já que, do lado sul, o telhado continua para a casa do ermitão.

<sup>451</sup> Neste caso, refiro-me apenas à camada exterior das pinturas, já quem, em 1784, ninguém saberia que estas quatro tábuas foram repintadas no século XVI.

<sup>452</sup> **CRUZ**, António João, “Os painéis de Tavira: vicissitudes de quatro pinturas sobre madeira encontradas, em 1945, na ermida de São Pedro”, In *A Principal do Reino do Algarve*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2020, pág. 231

<sup>453</sup> *Memórias paroquiais*, volume 36, n.º 26 (Santa Maria Maior, Tavira), 1758, folha 79 (página 135)

<sup>454</sup> Inicialmente, a sede da freguesia esteve na Ermida de Nossa Senhora das Ondas, mas, ainda durante o ano de 1780, foi novamente transferida para a (quase vizinha) Igreja da Misericórdia, onde se manteria pelos vinte anos seguintes.

<sup>455</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 91

Posto isto, enquanto decorriam os trabalhos de reconstrução de Santa Maria do Castelo, é perfeitamente natural que várias das peças de arte sacra desta igreja tenham sido deslocadas para outros locais... por exemplo, para a Ermida de São Pedro do Calvário. Somando dois e dois, chegamos à conclusão de que foi entre 1780 e 1800 que as pinturas foram parar a São Pedro - tendo em conta que Santa Maria do Castelo continuou em funções após o sismo de 1755, não vejo porque haveria tanta urgência em despojá-la da sua arte.

Mas há mais aspetos a reter. Sabemos que *Sampedro* também recebeu alguns melhoramentos nesta altura - em 1784, pouco tempo depois do início das obras em Santa Maria do Castelo; esta intervenção não se deverá ter cingido a substituir o portal e os janelões. De acordo com a minha interpretação, julgo que a capela-mor também terá sido intervencionada nesta época, de forma a poder receber um novo retábulo (desconheço que fim terá tido o antigo) e os dois dípticos - tal como já havia aludido, é perfeitamente notória a existência de, pelo menos, duas fases construtivas na capela-mor.

Juntando todas estas peças, percebemos que, provavelmente, as quatro tábuas foram parar à Igreja de São Pedro do Calvário por volta do ano de 1784, por lá tendo ficado até outubro de 1950<sup>456</sup>.

O significado desta transferência e da manutenção das tábuas em São Pedro é algo que não nos pode escapar.

Não podemos ignorar que a humilde Ermida de São Pedro do Calvário, cujas imperfeições (e são bastantes) relatei ao longo das páginas anteriores, foi brindada com quatro belas pinturas quinhentistas, cuja qualidade nada tinha a ver com a paupérrima execução do resto da igreja - a qual, relembro, estaria praticamente despida de quaisquer ornamentações ou peças de arte sacra de grande valor. A meu ver, esta oferenda - ainda por cima, oriunda de outra paróquia - parece indicar que a devoção popular e, sobretudo, as festividades em honra de São Pedro atravessavam um momento especialmente favorável no derradeiro quartel do século XVIII; como veremos mais adiante, até a toponímia parece ratificar esta conjectura.

Interessante seria sabermos qual terá sido o papel de Francisco Xavier Fabri e, sobretudo, do Bispo do Algarve, D. Francisco Gomes do Avelar, em todo este processo. No entanto, é-nos

---

<sup>456</sup> CRUZ, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, pág. 47

possível fazer a seguinte leitura: a transferência das quatro tábuas para a segunda capelinha da encruzilhada denota algum apreço e respeito por parte da diocese em relação à Ermida de São Pedro do Calvário - e, mais uma vez, temos aqui um indício de que a devoção a Simão Pedro atravessava um período de “alta” em Tavira na segunda metade do século XVIII. Sem embargo, é também de notar alguma consideração por parte do Bispo do Algarve e de Fabri pela arte sacra do século XVI - e tanto assim é que fizeram questão de preservar as pinturas, usando-as para valorizar a mais austera das ermidinhas do Calvário de Tavira.

#### 4.2: Arte sacra ~ o retábulo, a imagem de São Pedro e os quatro painéis

Falar da arte sacra da Igreja de São Pedro é uma tarefa algo desigual, já que pouco há digno de menção, para além de quatro pinturas cuja descoberta e restauro fez correr muita tinta.

#### O RETÁBULO E A IMAGEM DE SÃO PEDRO

No presente, o retábulo da Igreja de São Pedro do Calvário resume-se a um amontoado de pedaços de madeira pintada prostrados a meio da capela-mor. Consequentemente, para poder analisar este retábulo, vejo-me forçado a socorrer-me de fotografias - e poucas há - anteriores à sua derrocada; porém, a minha tarefa é dificultada pela ausência de imagens que mostrem o altar-mor antes de este começar a sofrer danos visíveis a olho nu, os quais antecipavam já o triste fim deste exemplar da arte retabulística de finais do século Dezoito.

Em primeiro lugar, conviria salientar que o retábulo que hoje jaz em pedaços não é (era?) o original - creio, inclusivamente, que este altar terá sido um dos melhoramentos introduzidos com a campanha de 1784, a mesma que, para além de ter substituído o portal e os janelões frontais, foi responsável pela ida de quatro belas pinturas do século XVI para a capela-mor desta modesta ermidinha arrabaldina.

Sem termos sequer a certeza de como seria a configuração original da capela-mor da ermida do bem-aventurado *Sam Pedro*, também não nos podemos dar ao luxo de fazer um exercício imaginativo, conquanto que a singeleza deste templo - e do único altar que lhe conhecemos - nos sussurre uma sugestão: o(s) retábulo(s) anterior(es) àquele do qual existem fotografias deveriam ser muitíssimo simples e desataviados, a condizer com o resto da igreja.

Contrariamente ao retábulo do Calvário, no qual as repinturas e a adição de novos elementos torna difícil fazer uma datação do conjunto, o altar-mor de São Pedro é (ou era) um exemplar cujas características apontam imediatamente para o Neoclássico.

Porém, repito, trata-se dum retábulo humilíssimo de um único corpo e em madeira, pintado de azul-claro, com alguns apontamentos em dourado. Duas colunas exteriores e duas colunas interiores (estas, de menor dimensão) sustentavam o arco triunfal, o qual, nas fotografias de que dispomos, já estava parcialmente tombado. Estas quatro colunas não são incomuns<sup>457</sup> em retábulos neoclássicos e apresentam capitéis dóricos extremamente simples, em combinação com fustes lisos - ou seja, desprovidos das habituais caneluras, que definem tão bem a Ordem Dórica. O arco triunfal era de volta perfeita e o coroamento triangular.

O trono apresentava quatro secções, em cima das quais, no nicho, podíamos encontrar um crucifixo muitíssimo simples; admito que, anteriormente, este nicho estivesse ocupado por uma estátua em madeira policroma do padroeiro da igreja, peça que, hoje em dia, se encontra em exposição no núcleo de arte sacra da paróquia. Trata-se duma representação em que São Pedro nos surge em toda a sua dignidade de Bispo de Roma, com a mitra posta na cabeça e trajando um belo manto; porém, ao invés de empunhar o báculo bispal, São Pedro enverga a fécula papal, lembrando ao Mundo que ele foi também o primeiro papa.

Como se percebe por esta descrição, este retábulo - e até mesmo a pequena estatueta de São Pedro - era, como tudo o mais nesta igrejinha, muitíssimo singelo, despojado, a um passo de poder ser adjetivado de “*paupérrimo*”.

José António Pinheiro e Rosa menciona, no seu artigo de 1949, uma tábuia, com 2,5 por 0,2 metros que, segundo asseveraram a este professor, teria estado na Ermida de *Sampedro* antes de ser repintada e enviada para o Convento de São Francisco<sup>458</sup>. Perante esta informação - e por se supor que podia ter sido a antiga predela do antigo retábulo da Capela de São Pedro -, esta “*Última Ceia*” foi enviada para o Instituto José Figueiredo, juntamente com as tábuas de Santa Maria do Castelo. Após uma análise apurada, concluiu-se que se tratava dum exemplar tardio e sem interesse de maior, o que significa que nem sequer foi merecedor de restauro.

Isabel Macieira afirma que se trata(va) de um trabalho do século XVII e que, de facto, seria a predela de um retábulo desaparecido<sup>459</sup>, cuja proveniência é totalmente desconhecida.

<sup>457</sup> **FABRINO**, Raphael João Hallack, *Guia de Identificação de Arte Sacra*, Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012, pág. 28

<sup>458</sup> **ROSA**, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinzentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 4

<sup>459</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, págs. 256 e 257

## A «SAGA» DOS PAINÉIS QUATROCENTISTAS/QUINHENTISTAS

Começamos esta análise com a emenda de um erro amiúde cometido: José António Pinheiro e Rosa não descobriu as quatro tábuas quinhentistas que estavam dispostas em dois dípticos junto do altar-mor da Igreja de São Pedro do Calvário no verão de 1945.

Sim, é bem verdade que Pinheiro e Rosa visitou a ermida - então, pertíssimo da ruína - e lá se deparou as ditas tábuas. Porém, não podemos dizer que as tenha descoberto, até porque, anos antes do suposto achado, Damião de Vasconcelos já havia mencionado a existência, na Igreja de *Sam Pedro*, de uns «quadros da Era dos Filipes»<sup>460</sup>. O próprio José António Pinheiro e Rosa admitiu, num artigo publicado no *Povo Algarvio*, que estes quadros, «*embora não inteiramente desconhecidos, nunca foram devidamente estudados*»<sup>461</sup>.

Mesmo que Damião de Vasconcelos e Pinheiro e Rosa ignorassem a existência destas quatro pinturas, centenas (talvez milhares) de pessoas já as haviam visto no altar de *Sampedro*, onde estiveram por mais de século e meio. Por isso, friso: as quatro tábuas não passaram a existir no momento em que a comunidade académica de Lisboa tomou conhecimento delas - a ideia de uma “descoberta”, como se as ditas pinturas estivessem escondidas em uma gruta, é fruto duma visão olissipocêntrica que urge combater (até mesmo - e mormente - em Lisboa).

Feita a chamada de atenção, passemos aos factos.

(...)

Não sabemos quem foi o encomendador das quatro tábuas, ainda que se suponha terem sido pintadas na metade final do século XV<sup>462</sup> - inclusive, são manifestas as influências das escolas de pintura sevilhana e, sobretudo, catalã deste período.

No primeiro quartel do século XVI, as tábuas teriam sido repintadas por motivos de correção doutrinária e, quiçá, de estilo; uma vez mais, ignora-se quem teria sido o encomendador e o autor destas repinturas quinhentistas. Nas Visitações da Ordem de Santiago de 15 de janeiro de 1534, é feita uma referência - a primeira conhecida - a estas tábuas: «*No altar que está no*

<sup>460</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989, pág. 260

<sup>461</sup> ROSA, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 1

<sup>462</sup> CARVALHO, José Alberto Seabra, “*Problemas da pintura quatrocentista. Obras isoladas e oficinas regionais*”, In PEREIRA, Paulo (editor), *História da Arte Portuguesa*, Volume I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, págs. 474 e 475

*cruzeyro da parte do Avanjelho está outro retavallo de madeira grande e bõo de cynquo paynes e no meo huma charolla em que está a imagem de Nosa Senhora de vollto com seu filho no collo e nos dous paynes da parte do Avanjelho estão pyntados Sam Joham e Sam Vicente e nos paynes da parte da [E]pystolla estão pyntados Sam Pedro e Sam Bras todo bem pyntado e dourado per partes e com hum guarda poo dourado e per bayxo pyntado d'azull com estrellas douradas»<sup>463</sup>. Este texto refere-se já às “versões” seiscentistas das supracitadas obras.*

Tendo em conta que o altar junto do qual as quatro tábuas foram colocadas não era referido na Visitação de 1518, é provável que a repintura tenha tido lugar entre 1518 e 1534. Apesar de ser “*todo bem pyntado*”, este conjunto de dois dípticos só voltaria a ser mencionado já no século XX.

(...)

No verão de 1945, o professor José António Pinheiro e Rosa deslocou-se a Tavira com vista à recolha de elementos para um inventário artístico da região, do qual se ocupava nas horas vagas. Não acredito que a visita à Ermida de São Pedro tenha sido fortuita, mas o que é certo é que a mesma aconteceu.

Na época, as quatro tábuas, a necessitar de restauro urgente, encontravam-se arrumadas em dois dípticos: São Vicente e São João Baptista estavam posicionados do lado do Evangelho, ao passo que São Brás e o padroeiro da igreja se encontravam no lado da Epístola<sup>464</sup>. Apesar de, inicialmente, não ter ficado particularmente interessado nestes quadros, Pinheiro e Rosa dará conhecimento da sua existência num relatório enviado à Junta de Província do Algarve, redigido um ano após a sua primeira visita.

Foi somente em 1949, ano em que visitou a ermida na companhia do pintor Alberto Sousa, que Pinheiro e Rosa se apercebeu da valia daquelas quatro tábuas. Maravilhado com as obras, o artista aconselhou o professor a divulgá-las e foi então que as pinturas dos quatro santos surgiram na imprensa - num artigo publicado no jornal *Novidades*, de Lisboa, cujo texto seria

<sup>463</sup> CAVACO, Hugo, *Visitações da Ordem de Santiago no Sotavento algarvio (Subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve)*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1987, págs. 160 e 161

<sup>464</sup> CRUZ, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, págs 30 a 33

republicado no semanário *Povo Algarvio*, de Tavira. Uma das pessoas a quem o citado artigo chamou a atenção foi João Couto, então diretor do Museu Nacional de Arte Antiga.

Certo é que, para além de estarem muito mal estudados, estes quadros apresentavam marcas de degradação e de desleixo: «(...) além de pingos de tinta com que foram pintadas as molduras, têm descascamentos e alguns buracos que passam o suporte de lado a lado. O estalado é muito pouco. Devem ter sido já retocados em certos pontos»<sup>465</sup>.

Perante este cenário, em outubro de 1949, Pinheiro e Rosa solicita ao prior da freguesia de Santiago, o padre António Patrício, que as tábuas fossem enviadas para o Museu Nacional de Arte Antiga de forma a serem adequadamente restauradas, radiografadas e analisadas. Um mês depois, o pároco local e a Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes davam os respetivos avais à operação e as tábuas acabaram por seguir para Lisboa em outubro de 1950, sendo radiografadas em finais desse mesmo ano<sup>466</sup>.

As primeiras radiografias não produziram grandes resultados. No entanto, uma observação a olho nu - provavelmente, com recurso à luz rasante - permitiu a deteção de uma mancha de estranhas incongruências, tais como relevos inesperados, manchas vermelhas e tons de verde na folhagem, as quais pareciam indiciar a existência de uma pintura subjacente. Perante esta desconfiança - e após novas radiografias terem confirmado a existência de pinturas debaixo da camada quinhentista - optou-se pela remoção, em algumas zonas específicas, das camadas superficiais da pintura<sup>467</sup>.

Após esta primeira intervenção, as quatro tábuas - nas quais eram notórias várias áreas onde a tinta quinhentista havia sido removida, deixando à mostra a pintura do século XV - fizeram parte de uma exposição, que esteve patente no Museu de Arte Antiga em 1952, subordinada à deterioração e tratamento de pinturas. As tábuas resgatadas da Capela de *Sampedro* cairiam no esquecimento até 1956, ano em que se reacende o interesse por estas obras, em grande medida, graças a um texto publicado por Abel de Moura. No dito artigo, o então responsável pelo laboratório do Museu Nacional de Arte Antiga frisa a nitidez com que eram observáveis o rosto quatrocentista de São Pedro e a mão de São João Baptista.

<sup>465</sup> ROSA, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 4

<sup>466</sup> CRUZ, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, págs 33 e 47

<sup>467</sup> *Idem, ibidem*, págs. 33 e 34

De imediato, são realizadas novas sondagens, retirando-se parcelas bastante expressivas das representações de São Pedro e São João: respetivamente, 28 e 36% das pinturas quinhentistas. São Vicente (17%) e São Brás (9%) receberam intervenções bem menores<sup>468</sup>.

Entretanto, os anos passavam e, apesar das solicitações do pároco de Santiago e de Pinheiro e Rosa para que as pinturas retornassem a Tavira mesmo sem terem sido restauradas<sup>469</sup>, as tábuas dos quatro homens santos demoravam-se nas Janelas Verdes à espera de verbas para que se fizesse a sua recuperação.

Entre finais de 1959 e o começo da década seguinte, João Couto mostrava-se mais inclinado para a remoção das pinturas quinhentistas e consequente salvaguarda das imagens do século XV. Nesse sentido, a 2 de fevereiro de 1960, Couto solicitou um parecer à Junta Nacional de Educação, que respondeu em Agosto de 1961: «*deve proceder-se à sondagem integral da pintura da camada inferior, embora com perda, também total, das camadas superficiais*»<sup>470</sup>. O parecer realça ainda, nas obras do século XV, a «*espontaneidade na linguagem plástica, aparentemente, alheia a influências dominantes no tempo*»<sup>471</sup>; ao mesmo tempo, desdenha a pintura da centúria seguinte, apelidando-a de «*viciosa e com limitado interesses*»<sup>472</sup>.

*Grosso modo*, podemos dizer que a postura da Junta Nacional de Educação em relação às quatro pinturas de Tavira segue a mesma linha das intervenções que a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) levou a cabo a partir dos anos 30 do século Vinte e que se caracterizaram por uma exaltação da Idade Média - a época da fundação, dos heróis, dos santos e guerreiros predestinados a sê-lo, da ancestralidade e dos grandes vultos da Nação. Obviamente, trata-se de uma leitura de cariz político, ideológico e propagandístico, típica do regime em que se insere, mas que não era, de modo algum, exclusiva dos anos do Estado Novo - esta assolapada paixão pela Idade Média já a encontrávamos no Romantismo, nos (polémicos) restauros de Eugène Viollet-le-Duc e, um pouco mais tarde, nos ensaios de John Ruskin. Esta obsessão da DGEMN pelo período medieval encontrava eco na visão da

---

<sup>468</sup> CRUZ, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, págs 33 e 34

<sup>469</sup> Aliás, o padre António Patrício sublinhava, em carta enviada a Pinheiro e Rosa, que, em Tavira, não havia como reunir o dinheiro necessário ao restauro dos quadros. Todavia, o professor acabou por convencer o prior que era melhor que as tábuas continuassem em Lisboa, uma vez que as mesmas requeriam orientações bastante complexas.

<sup>470</sup> CRUZ, António João, *Op. Cit.*, pág. 34

<sup>471</sup> *Idem, ibidem*, pág. 34

<sup>472</sup> *Idem, ibidem*, pág. 34

Junta Nacional de Educação em relação aos quatro santos da Ermida de *Sampedro* - risca-se o que é da Idade Moderna, salvaguarda-se o que é da Idade Média<sup>473</sup>; assim se fez em muitos castelos portugueses, assim se faria naquelas tábuas...

... ou talvez não.

Para além das questões de índole ideológica, havia uma outra razão para a defesa das tábuas de Quatrocentos: não chegou até nós uma quantidade particularmente elevada de exemplares de pintura do século Quinze.

É bem certo que esta é a época de Nuno Gonçalves e da sua hipotética «oficina de Lisboa» (cuja obra mais famosa - mas não a única - serão os celebres e muitíssimo debatidos Painéis de São Vicente). Há mais uns quantos trabalhos de alguma qualidade oriundos deste período (por exemplo, o Tríptico de Santa Clara, o Tríptico de São Simão ou as tábuas de Santiago e São Domingos, de uma provável escola de Aveiro<sup>474</sup>), mas a produção artística portuguesa nesta época era, em termos quantitativos, menor do que no século XVI. Por isso, podemos falar também num critério - discutível, é certo - de raridade. Como referia Pinheiro e Rosa no seu artigo redigido em 1949: «*É possível que se esteja em face apenas de mais uns tantos quadros quinhentistas a juntar a muitos espalhados pelo país. É possível que esteja aqui qualquer apont interessante para a história da pintura portuguesa*»<sup>475</sup>. E bem certo estava.

É bem verdade que, à luz dos critérios atuais, jamais se eliminaria a camada quinhentista de qualquer uma destas obras, mesmo que isso implicasse a ocultação de trabalhos do século XV - muito menos comuns, portanto. No final, a solução seguida em 1963 revelar-se-ia falha: no caso da tábua de São Pedro, radiografias posteriores, de 1995, puseram a descoberto indícios claríssimos (por exemplo, olhos na zona onde hoje está a testa do santo) de que a pintura que foi restaurada nem sequer era a mais antiga<sup>476</sup> - sob o São Pedro quatrocentista que estava sob o São Pedro quinhentista, existe, pelo menos, um outro São Pedro anterior aos outros dois (quicá, este sim, seja cronologicamente pertencente à Idade Média).

<sup>473</sup> Curiosamente, se considerarmos que, por norma, a queda de Constantinopla (1453) marca o fim da Idade Média, as tábuas quatrocentistas já não são medievais. Pior ainda se considerarmos que, no caso português, faz mais sentido situar o início da Idade Moderna na tomada de Ceuta (ou seja, em 1415).

<sup>474</sup> **PEREIRA**, Paulo, *Arte Portuguesa - História Essencial*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2011, págs. 382, 383, 388, 389 e 390

<sup>475</sup> **ROSA**, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 4

<sup>476</sup> **CRUZ**, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, pág. 40

Entretanto, o diretor do Museu Nacional de Arte Antiga terá mudado de opinião em relação à eliminação da camada quinhentista, mostrando-se agora favorável à preservação da mesma. Seguiu-se uma troca de documentação com a Junta Nacional de Educação com à reapreciação do parecer original, a qual terminou com um parecer, datado de 29 de maio de 1963, onde se estabelece um meio-termo: as pinturas de São Pedro e São João Baptista seriam restauradas de acordo com as composições pictóricas do século XV, ao passo que as tábuas de São Brás e São Vicente veriam a sua camada quinhentista preservada e restaurada. No dia 16 de outubro de 1964, era comunicada a conclusão dos trabalhos de restauro das quatro obras<sup>477</sup>.

Ao cabo de 17 anos e após um despacho ministerial nesse sentido, as quatro tábuas tornaram a Tavira em outubro de 1967. Em 1983, os quadros voltam à capital para integrarem a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, mas, ao invés de retornarem à procedência, ficaram “retidas” no Museu Nacional de Arte Antiga até 1998, ano em que foram instaladas, em definitivo, na igreja-sede da paróquia à qual pertencia a ermida onde estas pinturas foram “descobertas” por Pinheiro e Rosa: Santiago. Em 2003, as pinturas viajarão uma última vez até Lisboa, para tomarem parte numa exposição no Museu Nacional de Arqueologia.

Uma vez retornados à Igreja de Santiago, não mais estes quatro pedaços da história e cultura tavirenses voltariam a abandonar a cidade do Rio Gilão<sup>478</sup>.

## A TÁBUA DE SÃO PEDRO

Falemos um pouco sobre as tábuas em si. Dado o objeto de estudo desta dissertação, temos de começar, imperiosamente, pelo bem-aventurado São Pedro.

É impossível dizer o que quer que seja sobre a camada original (pergunto-me: será mesmo?) desta tábua, mas podemos discurrir acerca das pinturas dos séculos XV e XVI sem problemas de maior (apesar de, *in loco*, apenas ter visto a primeira na Igreja de Santiago).

As semelhanças em termos de traço, de planos, de tons, de expressividade e do modo como as figuras preenchem o espaço denuncia que ambas as tábuas quatrocentistas foram pintadas pela mesma mão - uma mão anónima, no sentido em que, para o século XV, não conhecemos o nome de um único pintor tavirense e mesmo a existência de uma oficina local é não mais do

<sup>477</sup> CRUZ, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, pág. 36

<sup>478</sup> *Idem, ibidem*, págs. 37, 38 e 51

que conjectural. No entanto, não se conhecem afinidades estilísticas entre estas pinturas sobre tábua e outras obras portuguesas pertencentes a este período, o que faz com que se suponha que o autor seria um artista regional; esta ideia é reforçada pelo material usado nestas tábuas - uma madeira castanho-avermelhada proveniente da tuíia-da-Argélia<sup>479</sup>, uma árvore que não se dá noutros locais para além do Norte de África e o Sul da Península Ibérica.

Estes São Pedro quatrocentista está longe de ser expressivo - excetuando, talvez, pelos seus olhos azuis-claros. O Bispo de Roma é representado como um homem de faces rígidas, com o cabelo e a barba frisados, o nariz longo, a testa alta, a boca pequena e inexpressiva. Como diz Carla Varela Fernandes, há «*uma sensação de reflexão e serenidade*»<sup>480</sup>.

Por outro lado, trata-se de um trabalho com algumas deficiências ao nível da ocupação do espaço - é como se este santo (e seu “colega” São João Baptista) fosse demasiado grande para aqueles 370 milímetros de largura (isto apesar de conseguir “caber” perfeitamente em 1,65 metros de altura)<sup>481</sup>. Para além da rigidez das figuras e das mãos - excessivamente alongadas, como era comum na pintura catalã e italiana dos séculos XIV e XV<sup>482</sup> -, é notório que este artista era bastante inábil ao nível do tratamento dado aos panejamentos, com as pregas a mostrarem-se demasiadamente angulosas e desprovidas de naturalidade e/ou plasticidade.

Pelo contrário, adereços como a chave que São Pedro tem na mão ou a enorme espada árabe embainhada (com uma bainha num tom de vermelho que choca com a sobriedade da tábua) revelam um enorme cuidado na execução, em contraste com a rigidez das figuras e de suas vestes.

Esta tábua desenvolve-se em dois planos distintos, com a pessoa do Santo a preencher quase todo o espaço disponível (e mais ocuparia acaso ele existisse). Atrás de São Pedro, num plano muitíssimo secundário, desenvolve-se uma cena referente à própria vida do santo - o episódio em que Simão Pedro desembainha a espada (a tal que o futuro Bispo de Roma leva ao cinto, presa por uma corrente) e corta a orelha a Maleo, servo do Sumo Sacerdote<sup>483</sup>.

---

<sup>479</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 231

<sup>480</sup> **FERNANDES**, Carla Varela, “*São Pedro*”, In **AAVV**, *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003, pág. 323

<sup>481</sup> **CRUZ**, António João, “*Os painéis de Tavira: vicissitudes de quatro pinturas sobre madeira encontradas, em 1945, na ermida de São Pedro*”, In *A Principal do Reino do Algarve*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2020, pág. 233

<sup>482</sup> **FERNANDES**, *Op. Cit.*, pág. 323

<sup>483</sup> *Idem, ibidem*, pág. 323

Como é óbvio, apenas pude ver fotografias a preto e branco da pintura quinhentista de São Pedro, mas, ainda assim, dá para notar muitas diferenças em relação à representação feita no século anterior. Uma vez mais, desconhece-se o nome do autor das repinturas do século XVI, embora se saiba que, nesta época, havia dois pintores com ligação a Tavira: Fernão Vaz (que residia na cidade do Gilão, mas cuja atividade artística é desconhecida) e Francisco das Aves (pintor régio que, por volta de 1533, trabalhou na Igreja do Hospital do Espírito Santo)<sup>484</sup>.

Nestes painéis do século Dezasais, nota-se ainda uma certa rigidez e uma opção por padrões arcaizantes, mas certo é que este São Pedro se apresenta um tudo-nada mais desenvolvido - e já não ocupa toda a área disponível. A julgar pelas imagens, é difícil perceber qual teria sido a intenção do artista relativamente a uma das pernas, que me parece estar num ângulo pouco natural - para além do desenho do pé, que está longe de ser um primor. A expressão facial deste São Pedro é dura, quase carrancuda - segundo Pinheiro e Rosa, «*o artista quis exprimir talvez o reflexo do remorso do Santo pela negação do Mestre*»<sup>485</sup>. Quanto à túnica, com botões, era verde-clara e a capa carmesim. Mas o pormenor mais interessante são as duas chaves - uma, mais pequena, está presa ao pescoço do santo por um fio; a outra, enorme, está na mão de São Pedro Apóstolo, que a usa quase como um cetro ou um báculo<sup>486</sup>.

Estas pinturas quinhentistas apresentam/apresentavam uma noção espacial completamente diferente, onde o chão em padrão de xadrez (similar ao da capela-mor do Calvário) e o muro fornecem também um elemento de continuidade. O céu e as copas das árvores imprimem um apontamento de cariz naturalista a estas composições, nas quais a área que fica atrás do santo já não está “obrigada” a relatar um episódio da vida do homem representado.

## A TÁBUA DE SÃO JOÃO BAPTISTA

A pintura quatrocentista de São João Baptista tem muitos dos atributos que aponte à de São Pedro, ainda que, neste caso, o modelo escolhido seja um homem bastante mais novo e de tez muito mais escura. Aliás, há um pormenor interessante nestas tábuas: São Vicente e São João Baptista eram representados como homens novos, ao passo que São Pedro e, em menor grau, São Brás foram pintados tendo por modelos homens notoriamente mais velhos.

<sup>484</sup> **MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004, pág. 230

<sup>485</sup> **ROSA**, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 4

<sup>486</sup> Desconheço qual terá sido a intenção do artista ao pintar estas duas chaves de tamanhos tão díspares.

Este São João de cabelos compridos e lisos (duas características fisionómicas que existiam no “extinto” São João Baptista do século XVI) apresenta uma expressão grave e séria - a face de um homem prestes a iniciar um período de recolhimento e afastamento do mundo, num local desértico<sup>487</sup>, longe de tudo e todos, só consigo mesmo e com Deus. Só que nem esta postura estoica é capaz de camuflar as deficiências de postura deste São João, cuja perna esquerda se flete num ângulo estranho de molde a acomodar a presença de minúsculo cordeiro (um *Agnus Dei*) num dos cantos da composição. As dobras da capa escarlate deste São João conseguem ser ainda mais rígidas do que as de São Pedro - e, uma vez mais, fica patente a dificuldade do artista em lidar com panejamentos (e com as mãos, que continuam excessivamente alongadas e nada naturais - aliás, o indicador direito do santo chega a parecer absurdo de tão longo que é, ao passo que a dobra do indicador esquerdo é apenas sinal de falta de aptidão do pintor).

O fundo representa uma espécie de bosque sombrio, atravessado por uma estrada - segundo Carla Varela Fernandes, trata-se de uma metáfora visual para «*um caminho que parece ter conduzido o Percursor até ao nosso encontro*»<sup>488</sup>.

O São João Baptista de Quinhentos apresentava feições mais serenas, pescoço alongado e tez clara, parecendo bem mais jovem do que o seu “congénere” do século precedente. Tal como o São Pedro que foi destruído pelos técnicos do Museu Nacional de Arte Antiga, este São João ocupa um espaço mais reduzido do que o seu “predecessor” e não necessita de dobrar a perna num ângulo pouco natural para acomodar o *Agnus Dei* - desta feita, o cordeiro de Deus surge em cima do livro (a Bíblia<sup>489</sup>, supõe-se) que o santo segura na mão esquerda; já a mão direita aponta para o *Agnus Dei*, mas a torção do indicador seria tudo menos natural.

## A TÁBUA DE SÃO VICENTE

Uma vez que as “versões” quatrocentistas de São Vicente e de São Brás permanecem ocultas sob a camada de tinta aplicada no século XVI, apenas posso fazer uma análise às tábuas mais recentes destes dois santos.

É verdade que estas pinturas quinhentistas continuavam reféns de modelos arcaizantes e até de uma certa rigidez. Mas, a qualidade do desenho, a expressividade dos rostos e, sobretudo, a ocupação dos espaços estava um passo à frente em relação aos trabalhos de Quatrocentos, o que me parece ser uma justificação válida para a repintura das quatro tábuas. No caso das

<sup>487</sup> FERNANDES, Carla Varela, “*São João Baptista*”, In **AAVV**, *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003, pág. 324

<sup>488</sup> *Idem, ibidem*, pág. 324

<sup>489</sup> Não deixa de ser curioso que São João Baptista segure a Bíblia, quando foi o “outro” São João, o Evangelista, quem deu o nome a um dos quatro Evangelhos Canónicos.

pinturas de São Vicente e São Brás, as pregas continuam um tudo-nada rígidas e desprovidas de fluidez, mas os brocados estão muitíssimo bons.

Note-se que o rosto de São Vicente é o menos expressivo, mas as mãos estão bem executadas, assim como a embarcação que o santo segura - uma alusão à barca que, tendo dois corvos por guardiões, levou o corpo de São Vicente do cabo com o mesmo nome para a cidade de Lisboa. Estas tábuas de Quinhentos terão sido (re)pintadas numa oficina local e denotam uma mescla de influências provenientes da Catalunha e de Valência, do norte da Península Itálica e, em alguns detalhes, até da escola hispano-flamenga.

Criticando as remoções de 1964, Vítor Serrão enfatiza o carácter tardomedieval deste conjunto de obras retardatárias dos primórdios da Idade Moderna: «*é precisamente por isso que devem ser estimadas e resguardadas*»<sup>490</sup>.

## A TÁBUA DE SÃO BRÁS

Conquanto que não seja o único bispo representado nestas obras, é São Brás quem nos surge em toda a sua dignidade episcopal, de mitra, báculo, dalmática e casula ricamente decorada; o santo enverga também luvas vermelhas, dois anéis na mão esquerda e quatro na direita.

Tem o rosto mais anafado do que os demais santos - em especial do que o São João do século XVI. Tal como São Vicente, apresenta as faces escanhoadas, contrastando com as pinturas de São Pedro e São João, onde estes dois santos aparecem, invariavelmente, de barbas. A um canto da imagem - mas sem forçar o santo a colocar as pernas em ângulos pouco anatómicos - aparece-nos um pequeno homem de joelhos e com uma minúscula tonsura; para Pinheiro e Rosa, tratar-se-ia de um eventual «*doador*»<sup>491</sup> (leia-se: encomendador da obra).

### 4.3: A Confraria de São Pedro

Sabemos, graças a uma escritura notarial com data de 6 de novembro de 1634, que existiu uma Confraria de São Pedro, a qual seria responsável pela capela com a mesma devoção. No entanto, tudo o que consegui apurar sobre esta confraria está contido num único documento - por mais que tenha pesquisado, não mais tornei a deparar-me com qualquer menção a esta associação de pessoas de Tavira que sabemos ter existido em meados do século XVII.

<sup>490</sup> SERRÃO, Vítor, “*São Brás e São Vicente*”, In AAVV, *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003, pág. 325

<sup>491</sup> ROSA, José António Pinheiro, “*Alguns quadros quinhentistas no Algarve*”, In *Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo), pág. 4

Em capítulos anteriores, fiz várias alusões a esta confraria, a qual, segundo defendi na altura, não só já existiria no terço final do século XVI (altura em que teria sido edificada a ermida), como deverá ter ficado com a Capela do Calvário - então já sem Procissão dos Passos - sob a sua responsabilidade. No entanto, tudo isto é única e exclusivamente conjectural.

Factualmente falando, no dia 6 de novembro, os dois mordomos da confraria para o ano de 1634 deslocaram-se à residência do tabelião judicial, Vasco Correia da Guarda, na “*Rua Poço do Álamo*”<sup>492</sup>; os mordomos, ambos moradores na cidade de Tavira, eram: Vasco Fernandes de Barros, meirinho da ouvidoria, e Afonso Roiz Borges, mercador. O segundo outorgante era um certo Frei João da Silva, feitor do Mosteiro das Bernardas de Tavira nos triénios de 1633-1636 e 1636-1639<sup>493</sup>, e estava presente em representação da abadessa Brites Cardosa de Sequeya<sup>494</sup>, que foi a décima-quarta senhora a sentar-se na cadeira abacial daquela casa<sup>495</sup>.

Segundo o documento, a Confraria de São Pedro era proprietária de um foro numa quinta na Foupana (na freguesia de Moncarapacho), o qual rendia à agremiação 1500 réis anuais. Esta escritura dizia respeito à cedência desse foro ao Convento<sup>496</sup> de *Sam Bernardo*, pela quantia de 15 mil réis (ou seja, correspondente a dez anos de rendimento). Ao ler o documento, ficamos a saber que o negócio deveria ter-se realizado em 1631 e que o atraso foi da responsabilidade da casa das freiras Bernardas - lamentavelmente, a escritura não nos diz se o atraso se ficou a dever a problemas de liquidez ou a quaisquer outros obstáculos. Para compensar a confraria pelo atraso, o mosteiro foi obrigado a despende uma quantia equivalente a três anos de foro - quatro mil e quinhentos réis, pagos na hora por Frei João da Silva, aos quais se juntariam os 15 mil réis da cedência propriamente dita<sup>497</sup>.

Há algumas conclusões que podemos retirar desta escritura.

---

<sup>492</sup> Este topónimo é, no mínimo, curioso, já que o mesmo não existe atualmente - existem, isso sim, a Rua Poço do Bispo e a Rua de Trás os Álamos, duas artérias tavirenses que, apesar de se intercetarem, nem sequer estão propriamente no seguimento uma da outra. É possível que, em 1634, existisse, de forma oficiosa, o topónimo em questão, apesar de ter sido a única vez com que me deparei com ele. Não excluo a possibilidade de o tabelião morar na zona onde se intercetam a Rua Poço do Bispo e a Rua de Trás os Álamos, inventando assim um topónimo que “funde” os nomes das duas artérias a que aludi. Por outro lado, também não excluo que o escriba responsável pela escritura tenha cometido um lapso - por exemplo, por ter escutado mal o nome da rua onde estava.

<sup>493</sup> **CORRÊA**, Fernando Calapez, *O Convento Cisterciense de Tavira - Nossa Senhora da Piedade*, Faro, Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Algarve, 1991, págs. 61-62

<sup>494</sup> Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157, 8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635

<sup>495</sup> Fê-lo de 1634 a 1637.

<sup>496</sup> Tecnicamente, trata-se de um mosteiro. No entanto, em vários pontos do documento, esta casa de religiosas era referida como “*convento*” - aliás, popularmente, usa-se muito mais a expressão “*Convento das Bernardas*”.

<sup>497</sup> Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157, 8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635

Em primeiro lugar, a Confraria de São Pedro tinha entre os seus membros gente de algum peso social - um mercador e um oficial de justiça da Coroa. Em segundo lugar, tinha bens e, eventualmente, algumas verbas (depois da assinatura da escritura, ficou com mais 19500 reis em caixa).

Porém, estes fatores foram impotentes para evitar que a confraria se esfumasse para sempre das páginas da História. É possível que tenha havido uma outra confraria a tomar o seu lugar anos depois da assinatura desta escritura, mas, sobre essa agremiação - totalmente hipotética, friso - nada sabemos, nem sequer o seu nome. Aliás, nem sequer sabemos se algum dia terá existido mesmo.

#### 4.4: Os Santos Populares em Tavira e o estranho ocaso das festas de São Pedro

24 de junho é o dia do feriado municipal de Tavira, facto a que não será estranha uma longa tradição de festejos sanjoaninos na cidade do Gilão. Antes, na primeira quinzena de junho, têm lugar as tradicionais Festas em Honra de Santo António - ou Santo António da Atalaia, como é conhecido localmente<sup>498</sup>. Contudo, São Pedro parece ter sido riscado das celebrações juninas de Tavira, sem que haja uma explicação plausível para tal.

#### AS CELEBRAÇÕES JUNINAS NA CIDADE DO RIO GILÃO

Uma vez mais, começo por citar as um certo escriba: «*Junho! Mês cheinho de festejos, alegria, folguedos, ruído e cor. Graça e beleza. Mês entre todos o mais querido e esperado por moços e velho.*»<sup>499</sup>. E mais nos diz Damião de Vasconcelos sobre este mês «*que todo ele era uma festa pegada*»<sup>500</sup>: «*Sempre se cantou e bailou pelas ruas nas noites de Santo António, S. João e S. Pedro*»<sup>501</sup>.

Palavras carregadas de entusiasmo, mas perfeitamente justificáveis.

<sup>498</sup> Como é óbvio, esta denominação está relacionada com o Convento de Santo António dos Capuchos, situado na zona da Atalaia.

<sup>499</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 15

<sup>500</sup> *Idem, ibidem*, pág. 13

<sup>501</sup> *Idem, ibidem*, pág. 17

Curiosamente, as celebrações começavam com uma festa, também ela em honra dum homem santo, conquanto que, neste caso, externo à “tríade” dos ditos Santos Populares: São Barnabé, celebrado a 11 de junho - data que, entre 1937 e 1970, foi o dia do feriado municipal<sup>502</sup>.

As festas em honra de São Barnabé tinham por base um evento histórico - segundo a *Crónica da Conquista do Algarve*<sup>503</sup>, foi no dia 11 de junho que Dom Paio Peres Correia e os freires da Ordem de Santiago conquistaram Tavira aos mouros; porém, diz-nos a *Crónica de Portugal de 1419*, um escrito mais antigo e no qual o autor da *Crónica da Conquista do Algarve* se baseou, que a conquista da cidade teve lugar não a 11 de junho, mas sim a 11 de julho, durante uma trégua que deveria ter durado até ao fim das colheitas, pelo Dia de São Miguel<sup>504</sup> (ou seja, 29 de setembro). Portanto, esta festa baseava-se, essencialmente, numa imprecisão histórica, que ainda hoje é repetida *ad nauseam*.

As raízes desta festividade são muito antigas, mas certo é que, por alturas do início do século XIX, as festas em honra de São Barnabé já estavam muito longe do esplendor doutras eras<sup>505</sup>. Ao ser transformada em Dia da Cidade, esta celebração ganhou um certo cunho municipal e de exaltação da História local - inclusive, as despesas ficavam a cargo da Câmara Municipal, sendo que, tirando o dia do Corpo de Deus, em mais nenhuma outra data tal acontecia (e, em ambas as ocasiões, era costume que a edilidade não olhasse a gastos<sup>506</sup>).

Num texto de 1937, Damião de Vasconcelos resumia a festa em poucas linhas: «*pode dizer-se que, ninguém dormia na noite que precedia esse famoso dia - o Dia da Cidade - com sentido na festa religiosa, cortejos, representação do auto alegórico e fogo de artifício com que a Vereação taviense mimoseava seus amados burgueses*»<sup>507</sup>. Era uma festa imponente, que até surgia como uma das principais atrações da cidade no *Mapa Turístico do Concelho de Tavira*<sup>508</sup>, de 1967; dez anos

<sup>502</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993, págs. 276 a 279

<sup>503</sup> FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da (edição restituída e crítica com anotações do autor), “*Crónica da Conquista do Algarve*”, In *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. 38, Guimarães, Arquivo Municipal de Guimarães, 1987, págs. 85 a 88

<sup>504</sup> CALADO, Adelino de Almeida (Edição crítica com introdução e notas), *Crónica de Portugal de 1419*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1998, págs. 150 a 154

<sup>505</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 185

<sup>506</sup> *Idem, ibidem*, págs. 185 e 186

<sup>507</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecoss do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 22

<sup>508</sup> PEREIRA, João Camacho, *Mapa Turístico do Concelho de Tavira*, In *Roteiro Turístico e Económico de Portugal*, Lisboa, ROTEP, 1967

mais tarde, num cartaz a anunciar os Santos Populares em Tavira, o 11 de junho já estava ocupado por outro santo, estando previsto, para esse dia, «*Arraial de Sto. António e Baile*»<sup>509</sup>.

Falando sobre o santo nascido em Lisboa, é verdade que o mesmo é celebrado em Tavira há alguns séculos (a Confraria de Santo António foi constituída em 1604<sup>510</sup>), ainda que jamais tenha sido o “cabeça de cartaz” das festividades juninas locais. Por ser um santo casamenteiro, era celebrado pelas «*meninas casadoiras, almejando noivo. Que de preces e promessas não se faziam ao santinho, esperando seus favores!*»<sup>511</sup>, relata-nos Damião de Vasconcelos. Era, pois, uma festa muito animada, de gosto bem popular, repleta de fogueiras, de guitarras, violas e cornetas, de bombinhas e bailaricos, de marchas e de tantas e tantas trovas cantadas ao santinho - ou às namoradas.

Entretanto, em meados do século XIX, algumas nuvens negras pairaram sobre estas festas, quando o Estado extinguiu e alienou o Convento de Santo António dos Capuchos, deixando a igreja seiscentista, sede da confraria, ao abandono e à degradação total. No ano de 1856, a Confraria de Santo António e as forças vivas da cidade decidiram unir esforços e adquiriam ao Estado a igreja do santo lisboeta<sup>512</sup>, a qual, depois de devidamente restaurada, voltou a ser o centro nevrálgico de uma das principais celebrações tavirenses. Com este novo fôlego, a adesão popular foi tamanha, que, no ano 1910, as festas de Santo António até se podiam dar ao luxo de introduzir novas tendências na cidade de Tavira: «*a comissão de festejos decidiu dar mais brilho à festas com um torneio de tiro aos pombos, o sport mais distinto actualmente, que pela primeira vez se vae realizar n’esta cidade, à semelhança do que se pratica nas cidades cultas*»<sup>513</sup>.

Mas o ponto alto de junho era - e é -, indubitavelmente, o São João. Até durante a fase final da III Dinastia, quando Tavira era uma sombra daquilo que fora no século anterior, as festas de São João continuavam a ser um evento de especial grandiosidade, ao ponto de o Marquês de Ayamonte se ter deslocado à cidade pelo 24 de junho de 1624. Aliás, era comum que a pompa e grandiosidade sanjoaninos chamassem a Tavira gentes de todo o Algarve e até da Andaluzia, conquanto que a urbe estivesse despovoada e desleixada; a festa seria um ponto fora da curva, num período em que grassava por Tavira um grandíssimo mal-estar social -

<sup>509</sup> In *Festas dos Santos Populares, Tavira, 1977* (cartaz), Tavira, Visual Gráfico, 1977

<sup>510</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 189

<sup>511</sup> VASCONCELOS, Damião de, *Ecoss do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009, pág. 15

<sup>512</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Op. Cit.*, págs. 189 e 190

<sup>513</sup> In *Província do Algarve*, n.º 88, 4 de junho de 1910 (sábado), pág. 2

havia até autos de fé, denúncias (e blasfemar era o suficiente) e “caças ao judeu” por motivo algum<sup>514</sup>.

Descrever pormenorizadamente como era o São João em Tavira implicava usar mais páginas do que seria razoável para uma festa que não é o tema central desta dissertação.

Poder-se-ia dizer que havia danças - havia as *folias* (com sete homens vestidos à portuguesa), a *captiva* (com oito escravos fingidos que dançavam alegadamente à moda berbere) e a *gitana* (na qual oito raparigas vestidas de cigana executavam uma dança que envolvia fâças, muitos adereços e trajes ricamente decorados). Havia vendedores de tudo e mais alguma coisa, havia música em todos os cantos da cidade, havia mastros em homenagem ao santo (os quais, no topo, tinham uma imagem de São João Baptista, em tamanho natural, feita de massa cozida no forno), havia os bailes e os descantes, havia sortes e alcachofras na fogueira, havia balões e fogos de artifício... e havia até uma missa na Ermida de São João da Corredoura<sup>515</sup>, como que a lembrar que o 24 de junho era uma data santa, conquanto que os festejos tivessem muito de profano.

Ainda no século XX, eram também comuns, na véspera de São João, os banhos no Rio Gilão (com água fria), ficando a margem direita reservada ao sexo feminino. No dia 23, era também tradição fazer-se sangrias<sup>516</sup> - por norma, executadas pelos barbeiros da cidade<sup>517</sup>.

Ao longo dos séculos, as festas sanjoaninas tiveram a arte e o engenho de saberem adaptar-se aos gostos e usos de cada época, mas é fácil perceber que estas eram as celebrações preferidas de toda a gente em Tavira - refiro-me a todo o ano e não só a junho.

## UM QUADRO DA ÚLTIMA FESTA DE JUNHO

Sendo as festas de São Pedro um dos momentos mais importantes no calendário de Tavira, é natural que tenham chegado até nós relatos interessantes de como a cidade do Rio Gilão - e o pacato alfoz de São Pedro, claro está - vivia os dias 28 e 29 de junho. É de notar que, até ao século XIX, as festas tinham lugar no termo da cidade, algo que as diferenciava das demais celebrações juninas que tornavam o mês numa folia pegada nas margens do Gilão.

<sup>514</sup> LEAL, Bruno, “Igreja e controle social em Tavira no século XVII - o exemplo da visita pastoral de 1864”, In *Espírito e Poder - Tavira nos Tempos da Modernidade*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2006, pág. 71

<sup>515</sup> VASCONCELOS, Damião de, “Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas”, In *Povo Algarvio*, n.º 374, 24 de agosto de 1941 (domingo), págs. 14 a 16

<sup>516</sup> Sim, refiro-me a sangramentos e não à bebida que mistura vinho e frutas.

<sup>517</sup> “Os pais de S. João e S. Pedro”, In *Província do Algarve*, n.º 190, 6 de julho de 1912 (sábado), pág. 2

Para além da missa solene, do arraial com descantes e dos bailaricos da praxe, o destaque ia para as cavalcadas, que nos são descritas por Damião de Vasconcelos com pormenor: «*Duas filas de cavaleiros trajando de branco, com enfeites vermelhos e chapéu forrado com fitas de várias côres, dirigiam-se à ermida ao meio dia, em ponto, comandados por um mestre que de barba loura postiça, era o único que levava mascara. Todos os cavaleiros, à exceção do mestre, empunhavam lanças com flores vermelhas*»<sup>518</sup>.

Chegados ao Sítio do Calvário, depois de darem umas quantas voltas a cavalo em frente da Igreja de *Sampedro* (algo que só era possível antes da construção do cemitério), os cavaleiros posicionavam-se diante da ermida e aguardavam. Então, o mestre ia até ao portal e empinava o cavalo até que este tocasse com as patas dianteiras na verga da porta<sup>519</sup>, no local onde hoje encontramos as belas insignias do santo gravadas no portal de cantaria de 1784.<sup>520</sup>

Após empinar a sua montada, o mestre declamava um discurso laudatório em verso, antes de os cavaleiros se reunirem para darem mais três voltas em torno das Ermidas Geminadas de Tavira. Findas as três voltas, dispersavam e principiava a festa popular, tendo por palco uma Ermida de São Pedro decorada com ramalhetes de flores, dos quais pendiam os frutos que, no fim de junho, começavam a aparecer nas árvores - um detalhe que relembra que esta era uma celebração de “sabor” mais campestre do que as demais festas juninas de Tavira.

Esta descrição ajuda-nos a perceber como a mudança para a cidade “matou” a genuinidade do dia de São Pedro em Tavira - dentro da malha urbana, nada disto era possível.

## A TOPONÍMIA E A MUDANÇA DE SÉCULO

Uma vez mais, socorro-me da toponímia para perceber onde estão algumas das “peças” deste enorme quebra-cabeças chamado Ermidas Geminadas de Tavira.

Na primeira metade do século XVIII, verificava-se ainda uma curiosa sobreposição de nomes no termo de Tavira e isso pode ser constatado nos registos de óbito da freguesia de Santiago. Em páginas vizinhas do mesmo livro, existem as entradas onde estão inscritos as mortes de

<sup>518</sup> VASCONCELOS, Damião de, “*Tradições populares de Tavira - Notas Etnográficas*”, In *Povo Algarvio*, n.º 374, 24 de agosto de 1941 (domingo), pág. 3

<sup>519</sup> *Idem, ibidem*, pág. 3

<sup>520</sup> O que não sabemos é se, antes de 1784, o (antigo) portal tinha alguma insignia. Sinceramente, julgo que ambas as hipóteses - ter ou não ter insignias - são verosímeis.

Francisco Pacheco (30 de maio de 1722), «*morador no citio do Calvário*»<sup>521</sup> e do pequeno João (2 de junho de 1722), cujos pais residiam «*no citio de Sam Pedros*»<sup>522</sup>. E, durante algum tempo, foi comum assistirmos a esta coexistência toponímica - falava-se do Calvário para designar o local onde moravam os pais do pequeno Rodrigo (falecido a 9 de julho de 1723<sup>523</sup>), ao mesmo tempo que se falava em São Pedro para aludir ao local onde viveram os falecidos Manoel dos Santos (19 de dezembro de 1712<sup>524</sup>) ou Manoel Martins (31 de março de 1713<sup>525</sup>).

É bem certo que havia uma certa preferência dos párocos que assentavam os registos pelo topónimo do primeiro Bispo de Roma, mas, como vimos anteriormente, o monte onde Jesus morreu também era usado... isto até ao último quartel do século XVIII, quando o Calvário deixa de ser mencionado e os registos, que são cada vez mais, já só falam de São Pedro. Para exemplificar, posso citar os assentos de óbito de Manoel Canellas (20 de abril de 1790<sup>526</sup>), de Custódio Bernardes (25 de maio de 1790<sup>527</sup>), de Maria Viegas (10 de maio de 1791<sup>528</sup>), de António Martins (3 de junho de 1791<sup>529</sup>), de João Guerra (18 de dezembro de 1791<sup>530</sup>), Vicência Maria Martins (3 de abril de 1792<sup>531</sup>) e Maria Viegas (5 de dezembro de 1792<sup>532</sup>). Note-se como, para um período relativamente curto - estamos a falar de menos de três anos -, arranjei sete exemplos de residentes no Sítio de São Pedro, sendo que os casos que citei não correspondem a todos os que encontrei (ou seja, podia ter debitado ainda mais nomes).

Estes dados mostram-nos que, se há bastantes pessoas a morrer em São Pedro, há também cada vez mais gente a viver neste arrabalde. Por outro lado, também é perceptível que o nome “*São Pedro*” atravessava um período favorável, poucos anos depois das obras de beneficiação da ermida e da chegada das célebres tábuas quinhentistas à capela-mor da mesma.

Face ao exposto, que ilações podemos retirar daqui?

---

<sup>521</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 4 - Caixa 392, Microfilme nº 609 SGU, 1712-1731, folha 67 (página 132)

<sup>522</sup> *Ibidem*, folha 67 (página 133)

<sup>523</sup> *Ibidem*, folha 74 (página 147)

<sup>524</sup> *Ibidem*, folha 9 (página 16)

<sup>525</sup> *Ibidem*, folha 10 (página 19)

<sup>526</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 8 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1789-1802, folha 10 (página 18)

<sup>527</sup> *Ibidem*, folha 11 (página 21)

<sup>528</sup> *Ibidem*, folha 22 (página 42)

<sup>529</sup> *Ibidem*, folha 23 (página 44)

<sup>530</sup> *Ibidem*, folha 28 (página 54)

<sup>531</sup> *Ibidem*, folha 30 (página 59)

<sup>532</sup> *Ibidem*, folha 38 (página 74)

Tudo parece indicar que a festa em honra de São Pedro atravessava um momento de grande popularidade em finais de Setecentos. É muito provável que o declínio da Romaria de Nossa Senhora das Angústias tenha ocorrido ao mesmo tempo que a festa de São Pedro, que tinha o seu centro nevrálgico na ermida “vizinha”, ganhava um vigor renovado, a ponto de justificar importantes trabalhos de beneficiação no exterior e interior desta igreja (que, mesmo assim, jamais conseguiu disfarçar bem as suas origens humilíssimas).

Pessoalmente, creio que as melhorias que o Calvário também terá recebido nesta fase seriam uma tentativa de dar novo elã à romaria e à devoção popular a Nossa Senhora das Angústias de Tavira - em vão, porém.

Como veremos no capítulo 5, foi sensivelmente nesta época, na mudança de século, que teve lugar a abertura da Rua de São Pedro. Note-se que não se fala numa “*Rua de Nossa Senhora das Angústias*” (cuja romaria há muito decaíra em popularidade) e nem sequer numa “*Rua do Calvário*” - a nova artéria tem São Pedro por orago, o que indicia que as festas de 28 e 29 de junho constituíam um momento importante na vida da cidade.

Mais tarde, dentro da malha urbana, surgiria a Rua Nova de São Pedro, da qual falarei no capítulo seguinte. Esta nova artéria (que, curiosamente, não será muito mais recente do que a Rua de São Pedro original) pode indicar um momento - quiçá, as décadas de 1800 ou 1810 - em que as festas se transferiram da periferia para uma zona mais central da cidade de Tavira. Até ao fim da década de 1970, não mais as festas em honra de São Pedro Apóstolo tornariam ao local de partida - e, quando o fizeram, era já tarde demais.

Quanto ao topónimo “*Calvário*”, o mesmo voltaria a ser utilizado com alguma regularidade logo no início do século XX... e justo numa época em que o Santuário de Nossa Senhora das Angústias era palco da Festa do Senhor do Calvário, que animava aquele arrabalde num dos últimos domingos de setembro. E assim se comprova a influência da popularidade das festas populares na toponímia local.

## SÃO PEDRO REDUZIDO A UM “SÃO JOÃO - PARTE II”

Olhando para um cartaz de 1977 (o qual, de resto, já havia mencionado) fácil é de se perceber que, depois do 25 de Abril, era uma questão de tempo até à “morte” do São Pedro de Tavira.

Vejamos o que nos reservava o programa do São João desse ano: «*Dia 23: Abertura das Ruas ornamentadas e mastros (bailes, música, fogueiras, alegria e a banda de Tavira percorrendo todos os*

*recintos ornamentados*); *Dia 24: Feriado Municipal; De manhã e à tarde: manifestações desportivas na Praça da República, Rua José Pires Padinha e Rio Gilão; À noite: ruas ornamentadas e mastros exibindo-se em todas elas os ranchos folclóricos da Fuzeta, Santo Estêvão, Santa Luzia e Cabanas; Dia 25: distribuição de prémios às ruas ornamentadas e mastros*»<sup>533</sup>. Um cartaz “suculento”, diria.

E o que nos reservava o São Pedro? Ora, vejamos: «*Dias 28 e 29: continuação dos festejos nas ruas e mastros*»<sup>534</sup>. Ou seja, São Pedro entrava neste cartaz apenas para mostrar que a cidade festejava todos os Santos Populares, ainda que os dias 28 e 29 nada significassem - eram só a continuação da verdadeira festa, o São João.

Tal sucedeu como no estranho caso da morte da Romaria à Senhora das Angústias, os dados disponíveis sobre a lenta queda da festa de São Pedro Apóstolo não abundam e estão repletos de “zonas de sombra”. Tudo isto dificulta de sobremaneira qualquer tentativa de desenhar ou, sequer, esboçar uma cronografia.

O que é verdade é que, depois do fulgor do derradeiro quartel do século XVIII, a festa de São Pedro acabaria por se afastar do Sítio de São Pedro e da ermida com o mesmo orago. Não conheço qualquer pista, por mais pequena que seja, que nos elucide sobre as causas que terão motivado (ou forçado) esta mudança do termo para a cidade propriamente dita. A única coisa que sabemos é que essa “urbanização” das festividades se deu no século XIX (seguramente, durante o primeiro quartel) e que teve como principal consequência a transformação de São Pedro numa espécie de “take dois” do dia de São João.

Não rejeitaria a possibilidade de que esta secundarização de São Pedro ter sido consequência de uma queda brusca na popularidade da festa que animava o Calvário no final de junho. Certo é que o facto de começarmos a empregar a expressão “*Festas de São João e São Pedro*” remete-nos para uma ideia de salvação forçada do dia do primeiro Bispo de Roma.

Por vezes (como sucedeu no ano de 1913), o dia de São Pedro ficava reservado para eventos desportivos, como «*corridas de bicicletas*»<sup>535</sup> ou um «*desafio de foot-ball entre militares e civis*»<sup>536</sup>. Em rigor, seria mais um epílogo desportivo das festas sanjoaninas do que um dia dedicado a comemorar São Pedro, que, em Tavira, só já existia “a reboque” doutro santo.

<sup>533</sup> In *Festas dos Santos Populares, Tavira, 1977* (cartaz), Tavira, Visual Gráfico, 1977

<sup>534</sup> *Ibidem*

<sup>535</sup> In *Província do Algarve*, n.º 242, 6 de julho de 1913 (domingo), pág. 3

<sup>536</sup> In *Província do Algarve*, n.º 240, 22 de junho de 1913 (domingo), pág. 2

## UMA ÚLTIMA TENTATIVA ANTES DO FIM

Tudo apontava para um fim melancólico da festa de São Pedro, há muito “acomodada” ao seu papel de continuação do “intocável” São João de Tavira. Porém, São Pedro não desapareceria sem uma última tentativa.

Rui Salvé-Rainha e Délio Lopes relatam-nos que, algures na década de 1980<sup>537</sup>, um grupo de moradores do Sítio de São Pedro-Calvário uniu-se para tentar reavivar o 29 de junho e assim ergueram um arraial popular junto às Ermidas Geminadas de Tavira. Contudo, os resultados acabaram por ser dececionantes e a participação popular reduzida, pelo que a experiência não teve continuidade nos anos subsequentes<sup>538</sup>.

E assim findavam as festas em honra do cuidador das chaves do Céu, no alfoz e junto à igreja que, ainda hoje, carregam o seu santo nome.

---

<sup>537</sup> Infelizmente, ambos os autores decidiram seguir a velha “escola” de Damião de Vasconcelos e esqueceram-se de referir a data precisa em que tal aconteceu.

<sup>538</sup> **SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 200



◀ *O altar de São Pedro (já danificado) antes de cair*<sup>539</sup>



*O altar de São Pedro em 2017, depois de ter desabado* ▶

<sup>539</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9147](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9147)



◀ *Detalhe da capela e do altar-mor (antes da queda)*<sup>540</sup>



*A Ermita de Sampedro restaurada*<sup>541</sup> ▶

<sup>540</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9147](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9147)

<sup>541</sup> Idem



◀ *A imagem de São Pedro*<sup>542</sup>



*O portal de 1784 (em 2019)* ▶

---

<sup>542</sup> **LOPES**, Délio Luís da Conceição (foto), In **SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 200



▲ *O interior da Igreja de São Pedro em 2020*



▲ *Os restos do altar tombado e a capela-mor em 2017*



▲ Os painéis de São Vicente, São João Baptista, São Pedro e São Brás fotografados ainda no altar-mor da Ermida de Sampedro <sup>543</sup>

<sup>543</sup> CRUZ, António João, “Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005, pág. 31



▲ Os painéis de São Vicente, São João Baptista, São Pedro e São Brás já nas suas versões atuais (restauradas) <sup>544</sup>

<sup>544</sup> CRUZ, António João, “Os painéis de Tavira: vicissitudes de quatro pinturas sobre madeira encontradas, em 1945, na ermida de São Pedro”, In *A Principal do Reino do Algarve*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2020, pág. 222

## 5.O novo cemitério, a expansão da malha urbana e o encerramento das duas igrejinhas

### 5.1: A Rua de São Pedro e o crescimento de Tavira para oeste

Logo nas páginas iniciais desta dissertação, sublinhei que um dos pormenores que mais salta à vista ao esquadriharmos o mapa de José de Sande Vasconcellos<sup>545</sup> é o facto de, por alturas de 1780, a atual Rua de São Pedro ainda não existir. Dada a escassez de fontes, não sabemos em que ano (ou década) a rua que une a estação ferroviária ao Sítio de São Pedro-Calvário foi aberta e/ou urbanizada. Tal como referi no Capítulo 1, oficialmente, esta artéria ocidental de Tavira só passou a designar-se “*Rua de São Pedro*” a partir de 22 de fevereiro de 1982<sup>546</sup>, mas desconhecemos desde que época este topónimo era usado a título oficioso.

Para responder a estas dúvidas, vi-me forçado a juntar algumas “pontas soltas” e a contornar uma confusão toponímica que quase me levou a tirar conclusões completamente erradas.

#### A RUA DE SÃO PEDRO E A RUA NOVA DE SÃO PEDRO

Em Tavira, há uma grande confusão em torno do(s) topónimo(s) alusivos ao primeiro Bispo de Roma e o equívoco não se cinge ao Sítio de São Pedro... ou Sítio do Calvário... ou Sítio de São Pedro-Calvário... ou como lhe quisermos chamar.

Para tentar desfazer este equívoco, vou agarrar num dos livros de Arnaldo Casimiro Anica e transcrever o que está lá: «- **Rua de S. Pedro:** vai desde o Largo da Caracolinha (no final da Rua da Borda de Água de Aguiar) até à Ermida de S. Lázaro. Passou a chamar-se Rua de Roque Féria por decisão camarária de 7-11-1910. Mas em 1-12-1956 mudou para Rua do Poeta Emiliano da Costa»<sup>547</sup>. À partida, não teria quaisquer razões para duvidar desta informação e, durante bastante tempo, assumi que a Rua Poeta Emiliano da Costa (nascido nesta rua a 3 de fevereiro de 1884<sup>548</sup>) se chamou “*Rua de São Pedro*” até finais de 1910 - inclusivamente, essa informação fazia parte das versões iniciais desta dissertação, antes de a ter eliminado.

<sup>545</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>546</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Toponímia de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2000, págs. 46 e 47

<sup>547</sup> *Idem*, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993, pág. 347

<sup>548</sup> *Idem*, *Toponímia de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2000, pág. 32

Porém, no século XIX, Tavira tinha também uma Rua Nova de São Pedro. De acordo com o levantamento feito por Auzíria Anica, esta Rua Nova de São Pedro seria uma das “artérias do crime” da Tavira de meados de Oitocentos, ficando somente atrás da Rua de São Lázaro, da Rua Nova Direita, da Rua Nova Grande e da Rua do Mauforo<sup>549</sup>. Por outro lado, deparei-me amiúde com o referido topónimo nas minhas deambulações pelos registos paroquiais e citarei como exemplo os seguintes assentos de óbito: da infanta Maria (21 de Março de 1814)<sup>550</sup>, do pequeno José Ribeiro (27 de outubro de 1817<sup>551</sup>), de Margarida Maria Fernandes (8 de janeiro de 1823<sup>552</sup>), de Maria da Conceição (27 de maio de 1823<sup>553</sup>), de Maria do Livramento (19 de novembro de 1823<sup>554</sup>), de Francisco Rodrigues (19 de novembro de 1825<sup>555</sup>), de António Pires Safio (30 de abril de 1832<sup>556</sup>), de Ana do Expirito Santo (5 de julho de 1833<sup>557</sup>), de Francisco das Xagas (14 de julho de 1833<sup>558</sup>) e de José Pires (29 de julho de 1833<sup>559</sup>). Todas estas dez pessoas que acabei de referir eram, à data de suas mortes, residentes na Rua Nova de São Pedro.

Face ao exposto, a conclusão a retirar seria quase intuitiva: se a Rua Poeta Emiliano da Costa era, até novembro de 1910, a Rua de São Pedro, a artéria que, desde 1982, conhecemos como sendo a Rua de São Pedro, era a tal Rua Nova de São Pedro (topónimo que, apesar de surgir nos registos paroquiais, podia perfeitamente existir apenas de forma informal). Acontece que tal interpretação está - e sublinho - errada.

E passo a elucidar: todos os assentos de óbito que acima mencionei fazem parte dos livros da freguesia de Santa Maria do Castelo, da qual faz parte a Rua Poeta Emiliano da Costa. Todos os registos paroquiais em que é mencionada a Rua Nova de São Pedro pertencem à freguesia de Santa Maria do Castelo. E, para que não restem dúvidas, a Rua Nova de São Pedro jamais aparece nos registos da freguesia de Santiago, à qual pertencem a atual Rua (e o Sítio) de São Pedro. Para reforçar esta ideia, nos registos da freguesia de Santa Maria não existem outros topónimos com São Pedro por orago - o que, por exclusão de partes, significa que, antes de

<sup>549</sup> ANICA, Auzíria, *A Transformação da Violência no Século XIX - O Caso da Comarca de Tavira*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pág. 24

<sup>550</sup> Registos Paroquiais de Santa Maria - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro10 - Caixa 380, Microfilme nº 602 SGU, 1810-1817, folha 65 (página 129)

<sup>551</sup> Registos Paroquiais de Santa Maria - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro11 - Caixa 381, Microfilme nº 602 SGU, 1817-1825, folha 3 (página 4)

<sup>552</sup> *Ibidem*, folha 113 (página 224)

<sup>553</sup> *Ibidem*, folha 120 (página 238)

<sup>554</sup> *Ibidem*, folha 130 (página 258)

<sup>555</sup> Registos Paroquiais de Santa Maria - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro12 - Caixa 381, Microfilme nº 603 SGU, 1825-1847, folha 10 (página 18)

<sup>556</sup> *Ibidem*, folha 100 (página 199)

<sup>557</sup> *Ibidem*, folha 110 (página 218)

<sup>558</sup> *Ibidem*, folha 115 (página 228)

<sup>559</sup> *Ibidem*, folha 120 (página 239)

1910, o nome da Rua Poeta Emiliano da Costa nunca poderia ter sido “*Rua de São Pedro*”; era, isso sim, “*Rua Nova de São Pedro*”.

E assim se explica que a Rua Nova de São Pedro fosse uma das cinco artérias mais inseguras de Tavira - estamos a falar de uma via paralela a São Lázaro, descrita por Auzíria Anica como «a “*rua do crime*” por *excelência*»<sup>560</sup>. Faz sentido.

## A RUA DE SÃO PEDRO E O SÍTIO DE SÃO PEDRO

Oficialmente, a Rua de São Pedro só tem este nome desde 1982. Oficiosamente, o topónimo seria usado desde que a rua rasgou as «*terras de pão e arvoredos*»<sup>561</sup> que apareciam na carta de Sande Vasconcellos, ainda que os registos paroquiais não nos digam isso diretamente.

Se olharmos acriticamente para os registos, vamos encontrar, no fim do século XVIII e início do século XIX, bastantes assentos de óbito (e não só) onde aparece o topónimo “*Sítio de São Pedro*”; exemplo disso são as entradas referentes a Francisco Raposo (17 de novembro de 1798<sup>562</sup>), a Francisco Martins (5 de agosto de 1799<sup>563</sup>), a Manoel Gonçalves Canellas (3 de Maio de 1800<sup>564</sup>), a João Viegas (21 de agosto de 1804<sup>565</sup>), a Marianna Afonso (2 de julho de 1806<sup>566</sup>), à pequena Maria de Sousa (18 de outubro de 1812<sup>567</sup>), a Manoel dos Reis (21 de dezembro de 1820<sup>568</sup>), a Maria do Rosário (3 de abril de 1827<sup>569</sup>), a Alexandre dos Reis (1 de dezembro de 1832<sup>570</sup>) e a Domingas Maria dos Santos (30 de novembro de 1841<sup>571</sup>). Julgo que estes dez registos de óbito chegam para atestar a vitalidade do topónimo em causa.

Todavia, fica a pergunta: se há uma Rua Nova de São Pedro, não deveria existir, nesta época, uma Rua de São Pedro (que, por definição, seria mais antiga)? Uma vez mais, a resposta está nos registos paroquiais de Santiago, mais especificamente no assento de óbito de Gertrudes,

<sup>560</sup> ANICA, Auzíria, *A Transformação da Violência no Século XIX - O Caso da Comarca de Tavira*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pág. 24

<sup>561</sup> VASCONCELLOS, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

<sup>562</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 8 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1789-1802, folha 121 (página 240)

<sup>563</sup> *Ibidem*, folha 125 (página 249)

<sup>564</sup> *Ibidem*, folha 129 (página 256)

<sup>565</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 9 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1802-1826, folha 19 (página 37)

<sup>566</sup> *Ibidem*, folha 39 (página 76)

<sup>567</sup> *Ibidem*, folha 110 (página 218)

<sup>568</sup> *Ibidem*, folha 170 (página 339)

<sup>569</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 10 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1826-1853, folha 4 (página 6)

<sup>570</sup> *Ibidem*, folha 36 (página 70)

<sup>571</sup> *Ibidem*, folha 80 (página 159)

que morreu a oito de setembro de 1834; a falecida era filha de Manoel de Sousa e Thereza do Rosário, «*moradores na rua de São Pedro*»<sup>572</sup>. Por mais que tenha buscado, não consegui achar outros registos paroquiais onde a Rua de São Pedro fosse mencionada pela sua denominação atual, mas, pelo menos, existe este assento que prova a existência de uma Rua de São Pedro na freguesia de Santiago-Tavira na primeira metade do século XIX.

Face ao exposto, levanto outra questão: por que motivo só existe um registo paroquial onde é mencionada a Rua de São Pedro, quando, na mesma freguesia, existem dezenas deles onde nos deparamos com o topónimo “*Sítio de São Pedro*” - ou quando, na outra freguesia original de Tavira, é fácil descobrir registos que refiram a Rua Nova de São Pedro?

De acordo com a minha interpretação, julgo que tal se deve a preferências pessoais do escriba responsável pelo assento - um fenómeno que não será estranho a um arrabalde que tanto era chamado de “*São Pedro*”, como era referido como sendo o “*Calvário*”. Nos registos paroquiais de Tavira, há locais que, *grosso modo*, são sempre designados de forma mais ou menos similar - por exemplo, o Sítio de Santa Margarida, o Sítio do Bernardinheiro, a Rua Nova Grande ou, curiosamente, a Rua Nova de São Pedro. Outros locais há que são denominados de formas ligeiramente diferentes consoante o eclesiástico que fez o registo - Santa Luzia, por exemplo, pode ser “*Sítio de Santa Luzia*”, “*Povo de Santa Luzia*” e até “*Praia de Santa Luzia*”, do mesmo modo que a Rua da Porta da Afeição também aparecerá designada simplesmente como “*Porta da Afeição*”. E nem sequer vou discorrer sobre as diferenças de grafia, para não me estender para além do desejável.

Neste caso, parece-me haver uma explicação simples: na época em que a Rua de São Pedro foi aberta, a mesma ainda não fazia parte do perímetro urbano de Tavira, mas sim do arrabalde chamado “*Sítio de São Pedro*”. Dito doutra forma, quando um registo paroquial deste período refere que pessoa X ou Y era residente no Sítio de São Pedro, tal pode significar que se trata de um(a) morador(a) na Rua de São Pedro, o que explica a míngua de alusões à citada artéria em documentos da igreja.

## DUAS RUAS E DUAS DATAS

É muito difícil termos a certeza em que época a Rua de São Pedro (e, já agora, a Rua Nova de São Pedro) nasceram. Temos, contudo, duas datas que balizam o nascimento destas artérias.

---

<sup>572</sup> Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 10 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1826-1853, folha 45 (página 88)

Por definição, a Rua Nova de São Pedro tem que ser mais recente - mais nova - do que a Rua de São Pedro. Já sabemos que nenhuma destas ruas existia na época representada no mapa de José de Sande Vasconcellos, o que significa que ambas serão, em princípio, posteriores a 1780. A primeira alusão a uma destas artérias que encontrei é o assento de óbito de Bárbara Maria Soares, moradora na Rua Nova de São Pedro à data da sua morte: 2 de setembro de 1813<sup>573</sup>.

Portanto, podemos ter como certo que as duas ruas de *Sampedro* foram abertas e urbanizadas entre os anos de 1780 e 1813. Mas, se a Rua Nova de São Pedro já lá tinha gente a viver (e a morrer) em 1813, isso significa que a sua abertura foi feita anos antes; uma vez que a Rua de São Pedro é, por definição, anterior à sua “quase-homónima” da outra freguesia, não é difícil imaginarmos que esta via tenha “rasgado” as terras de pão e arvoredos algures entre finais do século XVIII e o começo do século XIX.

Enquanto dissecava os livros da paróquia de Santiago, há algo que me despertou a atenção: a partir da última década do século XVIII, nota-se um crescimento do número de registos que mencionam moradores no Sítio de São Pedro. Até ao final de Seiscentos, as menções ao Sítio do Calvário ou de *Sam Pedro* eram pontuais, escassas, mas, ao longo de todo o século XVIII, nota-se um crescimento das mesmas, o que, automaticamente, significa que havia mais gente a viver neste arrabalde de Tavira<sup>574</sup>. Consequentemente, tudo me faz crer que a Rua de São Pedro terá sido aberta e “urbanizada” (se é que se pode usar esta palavra nesta zona...) ainda antes de 1800.

No entanto, quando refiro que houve um aumento no número de registos, não nos deixemos iludir: São Pedro continuava a ser um alfoz de reduzida importância e até mesmo locais como Santa Margarida ou o Bernardinheiro - já para não falar de Santa Luzia - surgiam com muito maior frequência nos registos paroquiais da época.

A dinâmica da urbanização do Sítio de São Pedro-Calvário é, no mínimo, *sui generis*, e vai na contramão do que se passava na sede do concelho. Como sabemos, Tavira, teve seus dias de glória até à primeira metade do século XVI; a partir do final de Quinhentos e, sobretudo, no século de Seiscentos, uma conjuntura particularmente cruel (o abandono das praças do Norte de África, as pestes, o assoreamento do rio e a consequente “morte” do porto estuarino, entre

---

<sup>573</sup> Registos Paroquiais de Santa Maria - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro10 - Caixa 380, Microfilme nº 602 SGU, 1810-1817, folha 50 (página 99)

<sup>574</sup> Inclusivamente, para todos os anos da década de 1790, encontrei facilmente registos paroquiais que referem o Sítio de São Pedro. Inclusivamente, na maior parte destes anos, achei mesmo vários registos (só registos de óbito de 1794 foram seis), o que me parece conclusivo: havia mais gente a viver no antigo Calvário de Tavira.

outras calamidades locais) conduziram a um êxodo populacional - subitamente, as gentes da cidade fugiram para o termo e ali se instalaram. Esta transformação fica patente em textos da época: em 1577, Frei João de São José refere-se à cidade de Tavira como sendo «*a principal de todo o reino do Algarve*»<sup>575</sup>; no ano de 1600, Fernando Henrique Sarrão, menos impressionado, escreve que «*não se pode negar que o tempo lhe tirou grande parte do muito, em que floresceu*»<sup>576</sup>; já em 1639, o governador do Algarve, Henrique Corrêa da Silva, refere-se a Tavira como sendo um burgo «*pobre*»<sup>577</sup>.

Durante o século Dezassete, para além de alguns casamentos<sup>578</sup>, os registos paroquiais não denunciam um crescimento exagerado da população - ou seja, quando toda a gente fugia para o termo, o Calvário não terá crescido de forma notória<sup>579</sup>. A partir do século XVIII, quando Tavira recuperou um quinhão do fulgor de épocas idas, é que o Sítio de São Pedro começa a crescer em termos populacionais - justo na altura em que as pessoas tornavam à urbe.

Poder-se-ia mesmo dizer que, durante algum tempo, São Pedro cresceu em importância e em habitantes (dentro de certos limites). Mas, a partir do momento em que a Rua de São Pedro foi integrada na malha urbana - “amputando” uma fatia substancial deste arrabalde tavirense -, o Calvário voltou a ser uma área periurbana sem importância, onde, para além do Cemitério Municipal, encontramos duas ermidades decrépitas (e, até aqui, muitíssimo mal estudadas).

## 5.2: O novo cemitério municipal

A 23 de setembro de 1918, o Sítio de São Pedro “vibrava” com a tradicional Festa do Senhor do Calvário, que, naquele ano, apresentou um cartaz bem interessante, com direito a corridas de burros. No mês seguinte, o estado de espírito seria diametralmente oposto: em outubro, a pandemia conhecida como “*Gripe Espanhola*” vitimou aproximadamente 240 pessoas na cidade do Rio Gilão, onde, a dada altura, chegavam a morrer 12 a 15 pessoas por dia. «*Há casas onde*

<sup>575</sup> **SÃO JOSÉ**, Frei João de, “*Corografia do Reino do Algarve*”, In *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Cadernos da Revista de História Económica e Social, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983, pág. 49

<sup>576</sup> **SARRÃO**, Henrique Fernandes, “*História do Reino do Algarve*”, In *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Cadernos da Revista de História Económica e Social, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983, pág. 166

<sup>577</sup> **MAGALHÃES**, Joaquim Romero, “*Tavira nos Séculos XVII e XVIII*”, In *Espírito e Poder - Tavira nos Tempos da Modernidade*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2006, pág. 13

<sup>578</sup> A amostra de que disponho é, na verdade, inconclusiva, já que nem todas as pessoas que se casam em *Sampedro* eram moradores na freguesia de Santiago ou, sequer, na cidade de Tavira. Há casos em que o noivo ou a noiva nem sequer eram do Algarve.

<sup>579</sup> O facto de bastante gente se ter instalado na vizinha Luz pode, em parte, ajudar a explicar este fenómeno.

*todos se encontram de cama e noutras teem morrido duas e três pessoas»*<sup>580</sup>, pode ler-se na imprensa local.

A elevada mortandade forçou as autoridades de saúde a abrir o novo campo santo<sup>581</sup> no dia 20 de outubro<sup>582</sup> de 1918. No entanto, o Cemitério da Ordem Terceira do Carmo continuaria em funcionamento<sup>583</sup> por mais algum tempo<sup>584</sup>.

Como afirmei anteriormente, é difícil perceber se a construção do novo cemitério condenou a Festa do Senhor do Calvário ou se a mesma se continuou a realizar até ao momento em que a falta de interesse das população e/ou das entidades organizadoras colocou um ponto final em mais tradição taviresente. É exequível pensarmos que a presença dos muros do cemitério nas imediações possa ter tido um papel não menosprezável no declínio desta festividade, mas não há quaisquer indícios de que tal tenha sucedido... do mesmo modo que não há evidências que nos digam o contrário.

Apenas sabemos que, até finais do século XX, a Ermida de Nossa Senhora das Angústias foi amiúde utilizada como capela funerária, ao passo que a de *Sampedro* esteve fechada durante quase todo o cento de anos passado.

Na verdade, a escolha do Calvário como local para o atual Cemitério Municipal esteve longe de ser pacífica e a decisão foi tudo menos rápida. Para melhor percebermos isto basta lermos a edição de 17 de outubro de 1908 do semanário *Província do Algarve*, onde se podia ler: «*Lá volta a fallar-se da construcção do novo cemiterio. De tempos a tempos, a camara manda intimar os medicos municipaes para irem escolher terreno para aquelle fim*»<sup>585</sup>. Portanto, o debate público em torno deste tema estaria longe de ser uma novidade em Tavira dez anos antes da abertura do campo-santo e disso mesmo nos dá conta a edição anterior do citado periódico: «*Há mais de dois annos que foi feita uma vistoria ao cemiterio publico, d'esta cidade. Tomaram parte n'ella o sr. sub-delegado de saude e o nosso director e foi, se bem nos recorda, considerado o cemiterio em*

<sup>580</sup> In *Província do Algarve*, n.º 504, 3 de novembro de 1918 (domingo), pág. 1

<sup>581</sup> Umaz vezes referido na imprensa como “*Cemitério Municipal do Calvário*”, outras como “*Cemitério Municipal de São Pedro*”, consoante a vontade do escriba responsável pela peça. Na notícia sobre a abertura do cemitério, a “preferência” foi para o Calvário.

<sup>582</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico (Vol. II)*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2001, pág.

<sup>583</sup> In *Província do Algarve*, n.º 504, 3 de novembro de 1918 (domingo), pág. 1

<sup>584</sup> Arnaldo Casimiro Anica afirma que, depois da abertura do Cemitério do Calvário, foram proibidos os enterros noutros cemitérios, mas não é isso o que diz a imprensa da época.

<sup>585</sup> In *Província do Algarve*, n.º 2, 10 de outubro de 1911 (sábado), pág. 3

*condições taes que se não deveria continuar a fazer n'elle enterramentos sem grave prejuízo da saude publica. A pesar d'isto, ainda não foi mandado fechar.»*<sup>586</sup>

Destes dois artigos se depreende que a administração concelhia estava apreensiva com a falta de condições do cemitério de São Francisco e, a fazer fé no que li na imprensa da época, até se pode dizer que havia alguma preocupação em tentar procurar um terreno que fosse adequado a receber um novo campo-santo. Havia uma certa urgência em retirar o cemitério da malha urbana, especialmente tendo em conta que os problemas de São Francisco eram mais do que muitos, a começar pelo facto de ser muitíssimo exíguo e de o solo ser rochoso - «*não permite que os cadáveres sejam sepultados com a profundidade legabs*»<sup>587</sup>, refere a imprensa local.

Várias localizações foram equacionadas, sendo a Pegada um dos locais que recolhia bastantes votos favoráveis<sup>588</sup>, mas, no fim, concluiu-se que o Sítio do Calvário era onde haveria mais terrenos com as condições ideais. A decisão final foi tomada em reunião de Câmara no dia 13 de Abril de 1914 e, de imediato, foram tomadas as diligências necessárias; porém, o processo revelar-se-ia algo moroso, o que explica um hiato de quatro anos até à abertura do cemitério.

Nesse sentido, a 7 de junho de 1914, a Comissão Executiva do Município de Tavira decidiu avançar para a expropriação de uma parcela de terreno da *Fazenda do Felizberto*<sup>589</sup>, que, aliás, era a propriedade sobranceira às Ermidas Geminadas de Tavira.

Mais tarde, de molde a que o novo campo-santo ficasse com um formato regular, decidiu-se expropriar mais 305 metros quadrados, desta feita nas terras de Joaquim Trindade; este, por seu lado, recebeu em troca 509 metros quadrados que haviam pertencido à quinta do falecido Felizberto José Lopes<sup>590</sup>.

Em abril de 1915, a Câmara de Tavira decidiu alienar parte das terras que havia expropriado aos herdeiros de Felizberto José Lopes - em rigor, tratava-se de uma faixa de terreno com 249,8 metros quadrados, encostada à Ermida de São Pedro<sup>591</sup> - por 70 escudos; o rematante foi José de Sousa Ribeiro<sup>592</sup>, que poderá bem ser parente dos mesmos Sousa que várias vezes

<sup>586</sup> In *Província do Algarve*, n.º 3, 10 de outubro de 1911 (sábado), pág. 1

<sup>587</sup> “*A transformação de Tavira*”, In *Província do Algarve*, n.º 251, 7 de setembro de 1913 (domingo), pág. 1

<sup>588</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico (Vol. II)*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2001, pág. 162

<sup>589</sup> Na época, propriedade dos herdeiros de um certo Felizberto José Lopes, a quem já fiz referência anteriormente.

<sup>590</sup> In *Província do Algarve*, n.º 319, 31 de janeiro de 1915 (domingo), pág. 1

<sup>591</sup> E, presumo, à do Calvário, embora a mesma não seja citada.

<sup>592</sup> In *Província do Algarve*, n.º 331, 25 de abril de 1915 (domingo), pág. 1

referi ao longo deste trabalho de investigação e que viviam no Sítio de São Pedro há várias gerações (pelo menos, desde meados do século XVIII)<sup>593</sup>.

A escolha do Sítio de São Pedro-Calvário para a instalação do novo cemitério nada terá tido a ver com as suas capelinhas ou com as celebrações que nelas se realizavam (em rigor, apenas uma delas seria regularmente usada). Foi uma opção que se prendeu com questões de índole sanitária e com a necessidade de transferir o cemitério municipal para fora da malha urbana, embora sem o afastar demasiado da mesma. Posto que, naquele arrabalde, havia muita terra não-urbanizada e com as condições ideais para a realização de enterros, o Calvário acaba por ser uma opção lógica - ainda por cima, durante anos, os velórios podiam realizar-se na Igreja de Nossa Senhora das Angústias, numa localização muitíssimo conveniente.

É de sublinhar que, para a construção do novo cemitério, jamais foi ponderado o derrube das duas capelinhas que temos vindo a estudar, o que parece indicar que o Calvário e *Sampedro* ainda desfrutariam de algum carinho por parte das gentes de Tavira. E não, não é exagero algum considerar que as duas igrejas podiam ter sido sacrificadas para a instalação dum novo equipamento no concelho - digo isto porque, sensivelmente na mesma altura, chegou a estar prevista a demolição da Ermida de São Sebastião para, no local, ser construída uma central elétrica; felizmente, esta ideia foi abandonada em abril de 1915<sup>594</sup>, mas o simples facto de esta hipótese ter sido, sequer, considerada é, no mínimo, assustador.

### 5.3: Depois de “*Os Cavaleiros de Água Doce*” - uma história de inércia

Em toda a bibliografia produzida sobre o património arquitetónico e religioso do concelho de Tavira, não me deparei com uma única alusão ao facto de a Igreja de São Pedro do Calvário ter sido palco de algumas cenas dum telefilme produzido exibido pela SIC em 2001. Note-se que, ainda hoje, este assunto é comentado no Sítio de São Pedro, mas, curiosamente, a maior parte do filme passa-se na Ilha de Tavira, em Santa Luzia e, sobretudo, em Pedras d’el Rei.

A película em causa chama-se “*Os Cavaleiros de Água Doce*” e foi lançada - só para o pequeno ecrã, claro está - em 2001.

A história começa no presente, quando três homens adultos - João, Sérgio e Paulo - recebem a notícia da morte de um velho amigo de infância, Zé. Praticamente toda a ação desenrola-se

<sup>593</sup> Recordo que alguns estes Sousa da Quinta do Calvário eram parentes dos Teixeira (alguns tinham mesmo os dois sobrenomes), sendo, por isso, descendentes de Lourenço Belles Teixeira.

<sup>594</sup> In *Província do Algarve*, n.º 328, 4 de abril de 1915 (domingo), pág. 1

num nostálgico *flashback*, que vai revisitando as aventuras de verão de João, Paulo, Sérgio e Zé, todos eles com 12 anos - ou seja, a idade-fronteira entre a infância e a adolescência<sup>595</sup>. O Aldeamento Pedras d'el Rei é o cenário principal onde se desenrola a ação, mas, no que a esta investigação diz respeito, o que interessa mesmo são as duas cenas do funeral de Zé, as quais têm lugar na Igreja de São Pedro (tanto no exterior, como no interior da mesma)<sup>596</sup>. Porém, se observarmos esta película com atenção, verificamos que, em termos de narrativa, o velório não tem lugar em São Pedro: nas cenas anteriores, João conduz o carro na Nacional 125, da qual sai para entrar em Pedras d'el Rei; depois de atravessar todo o aldeamento, segue pela Estrada Municipal 1347 junto à Ria Formosa até Santa Luzia; já na vila, João estaciona junto à igreja, mas quem conhece bem os arredores de Tavira saberá que se trata da Ermida de São Pedro e não da Igreja de Santa Luzia; na cena seguinte ao velório, a ação volta novamente à Avenida Engenheiro Duarte Pacheco e à Ria Formosa.

Tudo isto para dizer que, de certa maneira, poder-se-ia afirmar que a Ermida de São Pedro faz uma aparição não-creditada em “*Os Cavaleiros de Água Doce*”.

A maior parte das informações que obtive sobre esta pequeníssima participação de *Sampedro* no telefilme da SIC foi por via oral, o que faz com que seja difícil comprovar a veracidade das mesmas. No entanto, de acordo com o que consegui apurar junto de uma fonte da paróquia, a utilização da Igreja de São Pedro do Calvário para as filmagens foi autorizada mediante uma contrapartida: a realização de um pequeno trabalho de restauro nestas ermidas. Certo é que, nesta altura, as duas Ermidas Geminadas de Tavira foram limpadadas, pintadas e até o teto de caniços de *Sam Pedro* foi substituído. Para filmar a curtíssima cena do velório (onde é notória a presença do bonito púlpito do Calvário para dar um pouco de cor à outra igreja), foi usada a velha passagem entre as duas ermidas, que, nesta época, já não tinha qualquer serventia.

Uma vez terminadas as gravações, as portas de acesso à capela-mor do Calvário e à nave de *Sampedro* foram emparedadas com tijolos (!). Durante os trabalhos, a porta interior de São Pedro foi arrancada e encostada a um canto (!), de forma absolutamente negligente.

Conforme referi anteriormente, não se percebe a razão por detrás desta decisão de emparedar a passagem interigrejas, até porque a mesma é parte integrante deste conjunto arquitetónico e religioso fundado no século XVI. Para além dos danos grosseiros causados ao património (o uso de tijolos e cimento em estruturas de alvenaria e cantaria é, no mínimo, atroz), a citada

<sup>595</sup> <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/9436/Os+Cavaleiros+de+%C3%81gua+Doce>

<sup>596</sup> <http://videos.sapo.pt/M0TH8m3eOzGHTWDccSUh>

solução acabaria por se revelar perfeitamente ineficaz - quando quiseram entrar no Calvário, os meliantes limitaram-se a destruir a parede de tijolos, cujos restos ainda se encontram por toda a capela-mor, como testemunho da incúria criminosa das autoridades responsáveis.

Para tornar este quadro ainda mais sombrio, em 2000, a imagem de vestir de Nossa Senhora das Angústias - a tal que fazia com que milhares de romeiros rumassem ao Calvário no mês de setembro - foi furtada do interior da sua igreja. Rui Simão Pereira Salvé-Rainha e Délio Luís da Conceição Lopes, na sua obra, lançam mesmo a acusação que irei citar: «*Parece que nem foi feita a conveniente participação do furto, às entidades policiais competentes*»<sup>597</sup>. Desconheço até que ponto estas palavras são verdadeiras, mas, factualmente falando, nos primeiros anos da década passada, as alfaías litúrgicas sobreviventes foram recolhidas e guardadas na Igreja de Santiago, onde, segundo me afiançaram, ainda se mantêm.

Esta seria a terceira - e a última - espoliação do património artístico das Ermidas Geminadas de Tavira (refiro-me apenas ao século XXI, como é óbvio). Logo após o roubo da imagem da Senhora das Angústias, a *pietá*, o belo Cristo crucificado e a imagem de madeira de São Pedro foram deslocados para o núcleo/museu de arte sacra da paróquia, onde, apesar de estarem a salvo, estão condenados a serem não mais do que bonitas peças sem contexto ou propósito, para além de justificarem a cobrança de um bilhete a todos os que desejarem admirá-las.

#### 5.4: A curiosa classificação como Imóvel de Interesse Municipal

Publicado em *Diário da República* a 29 de setembro de 1977, o Decreto n.º 19/77 classificou como Valor Concelho «*a Ermida de Nossa Senhora das Angústias, mais conhecida como Ermida do Calvário, incluindo todas as peças que constituem o seu recheio*»<sup>598 599</sup>.

Posteriormente, a 8 de setembro de 2001, a chamada Lei de Bases do Património Cultural diz o seguinte no artigo 112º: «*Os bens imóveis anteriormente classificados pelo Estado ou pelas Regiões Autónomas como valores concelhios passam a considerar-se bens classificados de interesse municipal*»<sup>600</sup>.

<sup>597</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 209

<sup>598</sup> Decreto n.º 19/77, In *Diário da República*, 1.ª série - N.º 226 - 29 de setembro de 1977, pág. 2394

<sup>599</sup> Acrescento que o mesmo decreto atribuiu similar classificação a duas outras ermidas tavienses: Santa Ana e São Sebastião - curiosamente, ambas foram alvo de um extenso trabalho de restauro, algo que, infelizmente, ainda não aconteceu com as Ermidas Geminadas de Tavira.

<sup>600</sup> Lei 107/2001, In *Diário da República*, 1.ª série - A - N.º 209 - 8 de setembro de 2001, pág. 5828

Esta é, em termos legais, a situação que ainda hoje se mantém e que é, no mínimo, caricata. Como se percebe pelo texto, esta classificação apenas abrange uma das Ermidas Geminadas de Tavira - para o legislador, é como se São Pedro não existisse, o que, à partida, revela um desconhecimento total e absoluto do objeto sobre o qual se legislou em 1977.

No entanto, o facto de a Ermida de São Pedro ter sido esquecida pelo Decreto n.º 19/77 não significa que este templo não tenha qualquer tipo de proteção legal. Conforme refere o artigo 43º da Lei 107/2001, os «*bens imóveis classificados (...) ou em vias de classificação como tal, beneficiarão automaticamente de uma zona geral de protecção de 50 m, contados a partir dos seus limites externos, cujo regime é fixado por lei*»<sup>601</sup>.

Sobre estas zonas de proteção, as mesmas são «*servidões administrativas, nas quais não podem ser concedidas pelo município, nem por outra entidade, licenças para obras de construção e para quaisquer trabalhos que alterem a topografia, os alinhamentos e as cérceas e, em geral, a distribuição de volumes e coberturas ou o revestimento exterior dos edifícios sem prévio parecer favorável da administração do património cultural competente*».<sup>602</sup>

Isto significa que, mesmo sem uma classificação atribuída, a Igreja de São Pedro do Calvário goza, em teoria, de um regime de proteção conferido pela Ermida do Calvário. Depois do que aprendemos no decurso desta investigação, justificar-se-ia, a bem da honestidade intelectual, uma nova classificação que abrangesse as duas igrejas<sup>603</sup>.

Na prática, estas duas ermidas não gozam de qualquer regime de proteção - a classificação do Calvário como Interesse Municipal acaba por se vã e desprovida de qualquer significado. Os moradores nas habitações sobranceiras a estas ermidas ignoram por completo a existência de qualquer zona especial de proteção, chegando mesmo ao cúmulo de utilizar o minúsculo naco de terreno fronteiro à sacristia do Calvário como uma extensão do próprio quintal.

Entendo, contudo, que a culpa não é exclusiva dos vizinhos desrespeitadores do património histórico - uma quota-parte de responsabilidade cabe também à paróquia, proprietária destes imóveis, e à Câmara de Tavira, órgão ao qual competia a sensibilização das populações para a preservação dum bem do município; caso o diálogo e uma postura pedagógica não produzam os frutos desejados, a aplicação de coimas poderá ser sempre usada como último recurso.

<sup>601</sup> *Idem, ibidem*, pág. 5815

<sup>602</sup> Lei 107/2001, In *Diário da República*, 1.ª série - A - N.º 209 - 8 de setembro de 2001, pág. 5815

<sup>603</sup> Suponho, sem falsa modéstia, que o termo “*Ermidas Geminadas de Tavira*” seria adequado para o feito.

## 5.5: O presente e o futuro

Longe dos seus dias de glória, as Ermidas Geminadas de Tavira atravessaram o século XX sem sobressaltos de maior (tirando, quiçá, a descoberta das famosas tábuas quatrocentistas).

Segundo apurei oralmente (e segundo o que pude constatar *in loco*), a antiga casa do ermitão, a sacristia e o corredor interigrejas foram transformados em duas pequenas habitações<sup>604</sup>, as quais terão estado ocupadas até finais do século XX (conquanto que, na época das gravações d'*Os Cavaleiros de Água Doce*, as casas já estivessem devolutas). Depois do emparedamento das portas interiores e do furto da imagem da Senhora das Angústias, as duas ermidas foram, pura e simplesmente, encerradas e abandonadas à sua sorte. Segundo o relato que me foi feito pelos vizinhos, numa madrugada entre 2013 e 2014, o altar-mor de *Sam Pedro* tombou com estrondo e, desde então, ali está, em pedaços, como se de entulho se tratasse.

Na velha casa do ermitão, o telhado há muito que colapsou, enquanto que, no Santuário do Senhor do Calvário, os painéis de labrim e o altar-mor - que, felizmente, ainda não tombaram - estão pejados de fezes de ave. No chão, há peças de uma imagem de roca - creio tratar-se da perna de Nossa Senhora das Angústias, a quem os romeiros e crentes rogavam por proteção. As tábuas do chão do Calvário já não estão minimamente direitas e o telhado da sacristia dá sinais de que pode ruir a curto/médio prazo. Na Ermida de São Pedro, a caliça acumulada é tanta que cobre já uma porção considerável do labrim de azulejos. O alçado norte das igrejas está, desde o outono de 2020, pejado de feios *graffiti*, que ainda ninguém limpou.

Segundo apurei junto de fontes da Câmara de Tavira, existe a intenção de recuperar as duas igrejas, de molde a que estas possam servir de capelas funerárias - um papel que seria inédito para *Sampedro*, mas ao qual o Calvário não é estranho. A primeira (mas não a última) vez que escutei estes planos foi em 2015; porém, em 2013, Rui Simão Pereira Salvé-Rainha e Délio Luís da Conceição Lopes tinham feito o seguinte comentário a propósito deste projeto: «*Pelo menos foi essa a intenção manifestada pelo responsável da Paróquia e a edilidade, há mais de dez anos...*»<sup>605</sup>. Ou seja, as Ermidas Geminadas de Tavira têm o seu futuro em suspenso há vinte anos, mais cousa, menos cousa. E confesso: esta inércia local faz-me temer pelo pior.

<sup>604</sup> Aliás, foi acrescentada uma porta ao anexo da Ermida do Calvário, que serviria de acesso a uma destas casinhas. Mais tarde, a porta foi removida e emparedada, embora tenha havido o cuidado de pintar o muro de tijolos e cimento.

<sup>605</sup> SALVÉ-RAINHA, Rui Simão Pereira, LOPES, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013, pág. 209



◀ *O lixo ao lado do poço do Calvário em 2014*



*O interior da nave do Calvário em 2017* ▶



▲ O fundo de Calvário em 2017, já bastante degradado e sem as imagens de roca ou a figura de Jesus crucificado; no dia em que esta foto foi tirada, havia um gato abrigado na capela-mor



▲ *O Cemitério Municipal de Tavira, inaugurado em 1918*



▲ *São Pedro, a casa do ermitão e uma habitação adjacente (em 2020)*



▲ Os Cavaleiros de Água Doce, realizado por Tiago Guedes<sup>606</sup>



▲ À entrada da Ermida de São Pedro, onde tem lugar o velório de Zé<sup>607</sup>



▲ O velório, na única cena no interior da Ermida de São Pedro<sup>608</sup>

<sup>606</sup> <http://videos.sapo.pt/zwcrzUJ8tzUd8EiyNnc9>

<sup>607</sup> <http://videos.sapo.pt/M0TH8m3eOzGHTWDccSUh>

<sup>608</sup> *Ibidem*



▲ O telhado da casa do eremita já desabado (em 2019)



▲ A janela da casa do ermitão vista a partir do interior (em 2017)

## 6. Conclusão e alguns apontamentos complementares

### 6.1: Em resumo

Disse-o no começo e reafirmo-o com convicção reforçada: as Ermidas Geminadas de Tavira são um dos conjuntos arquitetónicos e religiosos mais fascinantes de todo o Algarve.

Bem o sei, a disposição destes templos é deveras atípica, mas não chega a ser inédita: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Capela do Nosso Senhor dos Aflitos têm, *grosso modo* uma disposição similar. O que faz destas ermidas um objeto tão peculiar nem é propriamente a sua orientação divergente, mas sim a história de como estas duas capelas nasceram e de como as mesmas cresceram e se uniram, dando corpo a uma entidade una - a qual, todavia, conservou sempre a individualidade de suas parcelas.

Recapitulemos: o Calvário e *Sam Pedro* foram construídas em diferentes momentos do século XVI e, em seus estágios originais, ambas seriam ainda menores do que são hoje.

Inicialmente, as duas capelas estariam ligeiramente afastadas uma da outra e, honestamente, não creio que a geminação tenha estado nos planos dos homens que construíram *Sam Pedro*. Sem embargo, a orientação divergente da casa de São Pedro face ao Calvário parece-me ser intencional - a mesma simboliza, de forma velada, o episódio da *Negação de Pedro*: ao negar conhecer Jesus por três vezes, Simão Pedro estava, na verdade, a virar costas ao seu mestre e é por isso que a sua orada foi erigida de costas para o oratório onde se representava a morte do Messias. No entanto, o processo de geminação dos dois templos nada terá tido a ver com simbolismos - deveu-se, seguramente, a questões de índole prática. A expansão e junção das duas ermidas deu origem a um conjunto formado por um par de igrejas, que, na maior parte do tempo, continuaram a existir de forma individualizada, mas que também funcionavam de forma complementar sempre que tal se revelava necessário e/ou apropriado.

Lamentavelmente, poucos autores quiseram olhar para este conjunto como um todo, o que prejudicou a sua compreensão, até porque, se vistas autonomamente, estas ermidas nada têm de extraordinário - são duas igrejas arrabaldinas em Estilo Chão e em malíssimo estado de conservação, a um passo da desgraça.

O percurso destas igrejas e suas devoções revela-nos aspetos fascinantes sobre as dinâmicas locais. O nascimento e a morte da romaria de Nossa Senhora das Angústias é um testemunho

poderoso de como as devoções populares flutuam ao sabor do tempo e das modas (e, há que dizê-lo, das tragédias coletivas): uma calamidade - a peste de 1645 - terá ditado o começo dos dias áureos do culto à Senhora das Angústias, que se assumiu como uma “quase-substituta” de Nossa Senhora da Luz; outra catástrofe de grandes proporções - o Terramoto de 1755 - terá ditado o esmorecimento da fé de algarvios<sup>609</sup> e andaluzes na Senhora das Angústias de Tavira, substituindo-a pela Señora de las Angustias de Ayamonte. Apesar de algo voláteis, a fé e a participação populares são responsáveis pela sobrevivência ou morte de uma celebração religiosa - e, como vimos ao longo desta dissertação, tradições com séculos de vida também podem desaparecer de um momento para o outro, como sucedeu com as festas de São Pedro. Uma tradição é-o enquanto que o povo, soberano, assim quiser. Por muito que as confrarias e comissões de festas tentem dinamizar uma dada celebração, esta só sobrevive se tiver adesão.

Outra conclusão a retirar desta investigação diz respeito ao facto de as crenças populares (e suas oscilações) determinarem não só o calendário festivo anual, mas também a toponímia.

Num povoado com dois nomes, como é o caso do Sítio de São Pedro-Calvário, existiam (e ainda existem, se quisermos ser rigorosos) flutuações ao nível do emprego de um ou de outro topónimo, consoante a fé que estivesse “em alta” num dado período - ou, quiçá, consoante as crenças pessoais da pessoa que falava ou escrevia acerca daquele local no termo de Tavira.

## **6.2: Patrimónios em risco, contextos da arte sacra e considerações finais**

As Ermidas Geminadas de Tavira correm perigo. Se não for feita uma intervenção profunda a médio prazo, há o risco real de estas ermidas entrarem em colapso, o que significa que este património se perderá para todo o sempre e Tavira ficará mais pobre (muito mais pobre do que muitos decerto julgarão).

A história do património edificado tavirense está repleta de bons e de péssimos exemplos. Os casos de sucesso deixam no ar uma nota de esperança para o futuro das capelas de São Pedro e do Calvário - honestamente, quero acreditar que o fado destas duas igrejas será similar ao da Ermida de São Roque, templo também ele quinhentista e que, na época em que me mudei

---

<sup>609</sup> A julgar por outras tradições populares, como as Ladaínhas de Maio ou as romarias no Sábado de Aleluia, a fé dos tavirenses em Nossa Senhora das Angústias não morreu com o Terramoto de 1755, que, de resto, nem sequer causou danos de maior ou muitas vítimas na cidade do Rio Gilão. No entanto, a grande romaria de 9 de setembro vivia da participação de gentes vindas doutras partes do Reino do Algarve (onde a tragédia de 1755 se fez sentir com especial violência, como é o caso de Lagos) e/ou da Andaluzia (que parecia ter redescoberto a fé na Señora de las Angustias de Ayamonte). Neste caso, julgo que a romaria ao Santuário do Calvário de Tavira foi vítima de um conjunto de circunstâncias particularmente adverso.

para Tavira, estava a um pequeno passo da ruína; porém, depois de dessacralizada, espoliada, abandonada e após ter sofrido a ignomínia de ter virado canil municipal, a ermida acabaria por ser salva e restaurada. O caso de São Roque é, quiçá, o mais dramático, mas outros há (e cito os casos das ermidas de Sant’Ana, de São Sebastião e de Nossa Senhora das Ondas) que também passaram por períodos de abandono e de ocaso e que, hoje em dia, estão recuperados, visitáveis e utilizáveis - para fins litúrgicos, é certo, mas, sobretudo, culturais.

Mas não basta recuperar - e esse é um aspeto do qual nem sempre as entidades competentes estão cientes.

Há cerca de vinte anos, após a filmagem d’Os *Cavaleiros de Água Doce*, também as ermidas do Calvário e São Pedro estavam razoavelmente consolidadas e fora de perigo. Mas, uma vez restauradas, as duas igrejinhas foram criminosamente espoliadas de suas melhores peças e encerradas ao público, sendo que, desde então, têm estado sem uso, devolutas, abandonadas.

Uma igreja sem serventia, nem culto é uma igreja sem direito a manutenção e é por isso que, presentemente, o Calvário e *Sampedro* estão em risco. Aliás, o problema não é de hoje: há oito anos, o Plano Regional de Intervenções Prioritárias do Algarve alertava para a urgência de se realizar uma intervenção de fundo nas duas igrejas, que, como sabemos, não foi feita. No entanto, poucos meses antes das Eleições Autárquicas de 2017, o autor destas linhas escutou o ex-edil de Tavira afiançar que as obras, orçadas em 400 mil euros<sup>610</sup>, iriam começar a breve trecho; se tivessem começado em 2017, os trabalhos arrancariam com quatro anos de atraso, mas, no momento em que estas linhas são escritas, nada foi ainda feito... tirando a colocação de placas informativas junto das duas ermidas (placas essas que, como já referi, contêm erros factuais que derivam da falta de um estudo aprofundado). No fundo, as ermidas que têm sido recuperadas são aquelas que se situam dentro do perímetro urbano tavirense - as mui ilustres casas de Santa Margarida, de Nossa Senhora da Saúde, do Calvário e de *Sampedro* continuam a ser criminosamente ignoradas pelas autoridades locais (menos na hora da fazer promessas).

Esta indiferença generalizada em relação ao futuro das Ermidas Geminadas de Tavira faz-me temer pelo fado de ambas. Sim, porque, apesar de ter citado casos de igrejas que conseguiram sobreviver a anos de ostracismo, outras há que foram ruinosamente negligenciadas e, no fim, apagadas da História. Já aqui fiz menção à Ermida de São João Baptista, na Corredoura; sim, São João é, por definição, o santo popular da cidade, mas a “sua” igreja foi espoliada, vendida, transformada em quartel de bombeiros e, em 1973, demolida para dar lugar a um feio edifício

---

<sup>610</sup> Que, em rigor, é o valor apontado no Plano Regional de Intervenções Prioritárias do Algarve.

de habitação. Outro triste caso é o da ermida do Sítio de São Domingos, templo mencionado nas visitas da Ordem de Santiago de 1518 e que, em fins do século XX, era utilizado como arrecadação agrícola; esta Ermida de São Domingos acabaria por ser demolida na década de 1990. Citei apenas estes dois exemplos, mas, se recuasse um pouco mais, poderia elencar mais alguns, como a Capela de Santo António da Praça ou a Ermida de Nossa Senhora do Loreto.

Nos últimos anos, Tavira tem vindo a promover-se auto-intitulando-se “*A Cidade das Igrejas*”. O título em si é um tudo-nada presunçoso e resvala para a mentira quando constatamos que o trabalho realizado em termos de preservação do património tem demasiadas lacunas. Falei nos casos de Santa Margarida e de Nossa Senhora da Saúde, mas existem dois outros ainda mais sérios: um é o da Capela de Nossa Senhora da Conceição, a qual fazia parte da quinta da família Vaz Velho, na Bela Fria, e da qual apenas se conservam algumas paredes depois de o telhado ter ruído em 2003; quanto à Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres - que foi doada à Paróquia de Santa Maria do Castelo em 1985, na condição de ser recuperada -, ali continua esquecida no Sítio da Capelinha<sup>611</sup>, emparedada e sem préstimo, como se aguardasse o dia da sua ruína final. Graças à inação das forças vivas da cidade de Tavira, estes dois templos estão num estado tal que a sua recuperação é praticamente impossível e, infelizmente, temo que as suas sortes serão idênticas à da Ermida de São Domingos, hoje riscada do mapa.

Face ao exposto, julgo que o projeto de transformação das Ermidas Geminadas de Tavira em capelas funerárias não só é lógico, como é urgente. Os oragos são adequados<sup>612</sup> para o efeito e a localização idem - a escassos metros do cemitério, com um parque de estacionamento por serventia. Inclusivamente, a Ermida de Nossa Senhora das Angústias já fez o papel de capela funerária até ao fim do século XX e só não se compreende porque deixou de receber funerais - aliás, a eça para a colocação dos caixões ainda está para lá, esquecida. Este é um projeto que, sublinho, não mais pode ser adiado.

Todavia, a recuperação das Ermidas Geminadas de Tavira teria - obrigatoriamente, sublinho - de incluir o restauro das suas peças de arte sacra e, na medida do possível, a sua restituição ao local de proveniência. Tanto o Cristo Crucificado, como a bela *pietà* seiscentista são hoje peças de museu, mas essa é uma solução que julgo ter feito sentido enquanto a segurança das peças esteve em causa - recordo que, no ano 2000, a imagem “milagrosa” de Nossa Senhora das Angústias foi furtada do altar e o mesmo poderia suceder a estes dois itens; o mesmo se

---

<sup>611</sup> Aliás, o topónimo “*Capelinha*” deve-se, justamente a esta ermida, que deverá ser de origem setecentista.

<sup>612</sup> Pode parecer um detalhe de somenos, mas não julgo que fosse adequado realizar um velório numa capela em honra de Nossa Senhora da Saúde - ou, pior, de Nossa Senhora da Felicidade.

aplica à imagem de São Pedro, também ela “condenada” à musealização. Provavelmente, seria necessário fazer uma nova figura de Nossa Senhora das Angústias<sup>613</sup>, para juntar às imagens de Jesus<sup>614</sup>, de São João Evangelista e de Santa Maria Madalena<sup>615</sup> - e assim, voltaria a estar completa a cena do Calvário, cujo valor simbólico e religioso foi descrito ao longo desta tese.

Quanto às tábuas quatrocentistas/quinhentistas que estão na Igreja de Santiago, julgo que o retorno das mesmas a *Sampedro* é desnecessário, dado que este não era o seu local de origem. Inclusivamente, julgo que seria interessante desafiar artistas locais a criarem novos painéis<sup>616</sup>, os quais seriam colocados no local onde estavam os dípticos de Santa Maria do Castelo.

Coloquei o acento tónico na questão da arte sacra, uma vez que estas peças fazem sentido nos locais onde estavam antes. Num museu, são apenas imagens antigas, despidas de significado e de contexto. São Pedro, Jesus, Maria Madalena, São João Evangelista e Nossa Senhora das Angústias não passam de bonecos de madeira se estiverem em vitrines e armários; nos locais onde a História e a fé lhes deram significado, podemos tratá-los pelos respetivos nomes.

Restituir as ermidas do Calvário e de São Pedro à sua antiga condição não significa que haja a necessidade de ressuscitar as festas que deram fama e que estiveram na origem destas duas capelas. É verdade que as festas de Nossa Senhora das Angústias, de São Pedro e, em menor escala, do Senhor do Calvário, tiveram um impacto significativo em Tavira; porém, era uma Tavira diferente a de então - tentar reativar velhas tradições d’antanho produzirá festas com um cunho artificial e, em princípio, condenadas ao fracasso. A tentativa de fazer retornar as festas de São Pedro - há muito convertidas num “apêndice” da noite de São João - à respetiva ermida foi um fiasco que nos deve servir de alerta para experiências futuras.

Por fim, uma nota: nenhum processo de reabilitação e reutilização das Ermidas Geminadas de Tavira estará completo sem a participação da população local - neste caso em particular, refiro-me aos vizinhos das duas capelas, que, não raras vezes, fazem um uso destes locais de fé que é desrespeitoso para com o património histórico e religioso do concelho (e mais ainda quando uma das ermidas é um imóvel classificado). Como tal, para garantir que estas igrejas irão sobreviver muitos anos, urge sensibilizar a (pequena) população local para a importância daquele que é, sem margem para dúvidas, um dos mais originais conjuntos arquitetónicos e religiosos de todo o Reino do Algarve.

<sup>613</sup> Neste caso, admito perfeitamente que se opte por não fazer uma cópia da figura furtada no ano 2000.

<sup>614</sup> Refiro-me à peça que está no museu de arte sacra da paróquia.

<sup>615</sup> Segundo apurei, estas figuras de roca estão guardadas num armário na Igreja de Santiago.

<sup>616</sup> Obviamente, seriam trabalhos de autor e não meras cópias das pinturas dos séculos XV e XVI.



▲ *A Ermida do Calvário ou de Nossa Senhora das Angústias*



▲ *A Ermida de São Pedro e a envolvente*

# Bibliografia

**ANICA**, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993

**ANICA**, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico (Vol. II)*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2001

**ANICA**, Arnaldo Casimiro, *Toponímia de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2000

**ANICA**, Auzíria, *A Transformação da Violência no Século XIX - O Caso da Comarca de Tavira*, Lisboa, Edições Colibri, 2001

**BETHENCOURT**, Francisco, “*Os equilíbrios sociais do Poder*”, In **MATTOSO**, José (direção), *História de Portugal*, Terceiro Volume: “*No Alvorecer da Modernidade*”, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992

**CALADO**, Adelino de Almeida (Edição crítica com introdução e notas), *Crónica de Portugal de 1419*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1998

**CARVALHO**, José Alberto Seabra, “*Problemas da pintura quatrocentista. Obras isoladas e oficinas regionais*”, In **PEREIRA**, Paulo (editor), *História da Arte Portuguesa*, Volume I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995

**CAVACO**, Hugo, *Visitações da Ordem de Santiago no Sotavento algarvio (Subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve)*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1987

**CHAGAS**, Ofir, *História de Tavira*, I Volume: “*Monarquia-República*”, Tavira, Ed. Autor, 2015

**CHAGAS**, Ofir, *Memórias de Uma Cidade*, Tavira, Ed. Autor, 2014

**CHAVES**, Duarte Nuno, *As Imagens de vestir da Procissão dos Terceiros: história, conceitos, tipologias e tradições - Um legado patrimonial franciscano na ilha de S. Miguel, Açores, dos séculos XVII a XIX.*, Évora, Universidade de Évora, 2020

**CORRÊA**, Fernando Calapez, *O Convento Cisterciense de Tavira - Nossa Senhora da Piedade*, Faro, Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Algarve, 1991

**CORREIA**, José Eduardo Horta, *Arquitectura Portuguesa - Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Editorial Presença, 2002

**COSTA**, Soledade Martinho (textos), **BARROS**, Jorge (fotos), *Festas e Tradições Portuguesas*, Volume 6: “Julho/Agosto”, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002

**CRUZ**, António João, “*Imagens em transformação: os painéis da igreja de Santa Maria, de Tavira, encontrados na ermida de São Pedro, e os problemas colocados pelo seu restauro e estudo laboratorial*”, In *Conservar Património*, n.º 2, Lisboa, Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), 2005

**CRUZ**, António João, “*Os painéis de Tavira: vicissitudes de quatro pinturas sobre madeira encontradas, em 1945, na ermida de São Pedro*”, In *A Principal do Reino do Algarve*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2020

**FABRINO**, Raphael João Hallack, *Guia de Identificação de Arte Sacra*, Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012

**FERNANDES**, Carla Varela, “*São João Baptista*”, In **AAVV**, *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003,

**FERNANDES**, Carla Varela, “*São Pedro*”, In **AAVV**, *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003

**FREITAS**, Gustavo de, *Vocabulário de História*, Lisboa, Plátano Editora, 1982

**FONSECA**, Fernando Venâncio Peixoto da (edição restituída e crítica com anotações do autor), “*Crónica da Conquista do Algarve*”, In *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. 38, Guimarães, Arquivo Municipal de Guimarães, 1987

**LAMEIRA**, Francisco Ildefonso, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Volume I, Faro, Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve, 1999

**LAMEIRA**, Francisco Ildefonso, *Inventário Artístico do Algarve - A Talha e a Imaginária*, Volume IV: Concelho de Tavira, Faro, Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Sul, 1990

**LAMEIRA**, Francisco Ildefonso, *Roteiro das Igrejas de Tavira*, Faro, Região de Turismo do Algarve, 1996

**LEAL**, Bruno, “*Igreja e controle social em Tavira no século XVII - o exemplo da visita pastoral de 1864*”, In *Espírito e Poder - Tavira nos Tempos da Modernidade*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2006

**LOPES**, João Baptista da Silva, *Corografia ou Memória económica, estadística e topográfica do reino do Algarve*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1841

**GOMES**, Jim Robert Puga, *Exemplos da Azulejaria dos séculos XVI e XVII*, em Coimbra (Dissertação de mestrado), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011

**MACIEIRA**, Isabel, *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*, Tavira, Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2004

**MAGALHÃES**, Joaquim Romero, “*Tavira nos Séculos XVII e XVIII*”, In *Espírito e Poder - Tavira nos Tempos da Modernidade*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2006

**MARQUES**, Bernardo de Serpa, "Os Recenseamentos da População e a definição Geográfica dos lugares", In *Estatísticas & Estudos Regionais - Região Norte*, nº 2, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1993

**MARQUES**, Bernardo de Serpa, "População por lugares: expressão censitária de uma realidade geográfica.", In *Estatísticas & Estudos Regionais - Região Norte*, nº 3, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1993

**MARTINS**, Susana Palma, *Evolução Urbana da Cidade de Tavira - Entre a Fundação e o fim da Idade Moderna* (tese de mestrado), Coimbra, Departamento de Arquitetura - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009

**OLIVEIRA**, Francisco Xavier d’Athaide, *Cancioneiro e Romanceiro do Algarve (Lição de Loulé)*, Porto, Typographia Universal (A Vapor), 1905

**PEREIRA**, Diana Rafaela Martins, *Imagens de Vestir em Aveiro: A Escultura Mariana - Do Século XVII à Contemporaneidade*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014

**PEREIRA**, Paulo, *Arte Portuguesa - História Essencial*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2011

**PEREZ**, Léia Freitas, *Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas*, Lisboa, Centro de investigação e estudos de sociologia/ISCTE, 2010

**PINHEIRO**, Nazaré, *Senhora das Angústias - Barreiros*, Amares, Comissão de Festas da Senhora das Angústias, 1995

**RODRIGUES**, Maria Isabel, “*Via-sacra*”, In **VAZ**, Carla Abreu (coordenadora), *Santificados em Cristo: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima: 5.º ciclo*, Fátima, Santuário de Fátima, 2014

**SALVÉ-RAINHA**, Rui Simão Pereira, **LOPES**, Délio Luís da Conceição, *Procissões, Romarias e Tradições de Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2013

**SANTA MARIA**, Frei Agostinho de, *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos prégadores, & dos devotos da mesma Senhora*, Tomo VI, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1718

**SANTANA**, Daniel, “*Arquitetura Histórica de Tavira - uma síntese*”, In **AAVV**, *Tavira - Vila Antiga, Cidade Renovada*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2005

**SANTANA**, Daniel, *Tavira, Cidade das Igrejas*, Tavira, Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria, 2010

**SANTANA**, Daniel, **SANTOS**, Marco Sousa, “*O cruzeiro medieval de Tavira*”, In *Medievalista*, nº 27, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UNL, 2020

**SANTOS**, Luís Terremoto, **SANTOS**, Rui Terremoto, *Invocações Marianas em Tavira*, Tavira, Ed. Autor, 2011

**SANTOS**, Marco Sousa, *A Igreja de Nossa Senhora da Luz de Tavira* (Dissertação de mestrado em História da Arte), Faro, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2011,

**SÃO JOSÉ**, Frei João de, “*Corografia do Reino do Algarve*”, In *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Cadernos da Revista de História Económica e Social, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983

**SARRÃO**, Henrique Fernandes, “*História do Reino do Algarve*”, In *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Cadernos da Revista de História Económica e Social, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983

**SERRÃO**, Vítor, “*São Brás e São Vicente*”, In **AAVV**, *Tavira Território e Poder*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira/Museu Nacional de Arqueologia, 2003

**SILVA**, Luís Fraga da, “*Uma planta inédita de Tavira, do séc. XVI*”, 2ª edição, Tavira, Campo Arqueológico de Tavira, 2010

**VASCONCELLOS**, Sylvia de, *Arquitetura no Brasil - Sistemas construtivos*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1979

**VASCONCELOS**, Damião de, *Ecos do Passado de Tavira*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2009

**VASCONCELOS**, Damião de, *Notícias Históricas de Tavira 1242 - 1840*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1989

# Webgrafia

<https://www.facebook.com/CMTavira>

<https://postal.pt/>

<https://www.ativartavira.pt/pt/parque-empresarial/parque-empresarial-1>

<https://www.google.pt/maps/>

<https://huelvapeda.wikanda.es/wiki/>

<https://www.infopedia.pt/>

<https://www.revistamilitar.pt/artigo/500>

<https://turismo.diocese-algarve.pt/>

<https://www.vaticannews.va/pt.html>

<http://videos.sapo.pt/>

<http://www.cinept.ubi.pt/pt/>

<http://www.cm-tavira.pt/>

<http://imprompto.blogspot.com/>

<http://www.jf-angustias.pt/>

<http://www.monumentos.gov.pt/>

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>

## Fontes documentais (em arquivo)

Aprovação de contas de confrarias, misericórdias, juntas de paróquia e ordens, Administração do Concelho de Tavira (1834-1953), Cota ACT-E-001, 1874-1884

Cartório Notarial de Castro Marim, cota 1062, 15 de abril de 1736 - 28 de dezembro de 1738

Cartório Notarial de Castro Marim, cota 1081, 1 de agosto de 1781 - 11 de julho de 1784

Cartório Notarial de Tavira, cota 8-4-157, 8 de abril de 1634 - 29 de novembro de 1635

Chancelaria Régia, Chancelaria de D. Manuel I (1496/1521), livro 44

Memórias paroquiais, volume 36, n.º 26 (Santa Maria Maior, Tavira), 1758

Memórias paroquiais, volume 36, n.º 26a (Santiago, Tavira), 1758

Orçamentos e contas de instituições de piedade, assistência e beneficência, Administração do Concelho de Tavira (1834-1953), Cota ACT/E/002, 1876-1924

Registos Paroquiais de Santa Maria - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro10 - Caixa 380, Microfilme n.º 602 SGU, 1810-1817

Registos Paroquiais de Santa Maria - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro11 - Caixa 381, Microfilme n.º 602 SGU, 1817-1825

Registos Paroquiais de Santa Maria - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro12 - Caixa 381, Microfilme n.º 603 SGU, 1825-1847

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Casamentos, Livro 1 - Caixa 389, Microfilme n.º 608 SGU, 1666-1684

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Casamentos, Livro 6 - Caixa 391, Microfilme n.º 608 SGU, 1765-1789

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Casamentos, Livro 7 - Caixa 391, Microfilme n.º 608 SGU, 1789-1798

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 2 - Caixa 392, Microfilme n.º 609 SGU, 1684-1695

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 3 - Caixa 392, Microfilme n.º 609 SGU, 1695-1712

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 4 - Caixa 392, Microfilme nº 609 SGU, 1712-1731

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 7 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1762-1789

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 8 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1789-1802

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 9 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1802-1826

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos de Óbitos, Livro 10 - Caixa 393, Microfilme nº 610 SGU, 1826-1853

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 1 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1589-1599

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 2 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1599-1606

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 3 - Caixa 382, Microfilme nº 603 SGU, 1606-1617

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 4 - Caixa 383, Microfilme nº 603 SGU, 1617-1628

Registos Paroquiais de Santiago - Tavira, Livro de Registos Mistos, Livro 5 - Caixa 383, Microfilme nº 603 SGU, 1628-1642

Termos de entrega, Administração do Concelho de Tavira (1834-1953), ACT/D/004, 1893-1897

## Fontes documentais (imprensa escrita)

*Povo Algarvio*, n.º 364, 15 de junho de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 365, 22 de junho de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 366, 29 de junho de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 367, 6 de julho de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 370, 27 de julho de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 371, 3 agosto de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 373, 17 de agosto de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 374, 24 de agosto de 1941 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 480, 19 de setembro de 1943 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 481, 26 de setembro de 1943 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 792, 11 de setembro de 1949 (domingo)

*Povo Algarvio*, n.º 2013, 13 de janeiro de 1973 (sábado)

*Povo do Algarve*, n.º 57, 21 de setembro de 1916 (sábado)

*Província do Algarve*, n.º 2, 10 de outubro de 1908 (sábado)

*Província do Algarve*, n.º 3, 16 de outubro de 1908 (sábado)

*Província do Algarve*, n.º 88, 4 de junho de 1910 (sábado)

*Província do Algarve*, n.º 148, 16 de setembro de 1911 (sábado)

*Província do Algarve*, n.º 190, 6 de julho de 1912 (sábado)

*Província do Algarve*, n.º 240, 22 de junho de 1913 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 242, 6 de julho de 1913 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 251, 7 de setembro de 1913 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 285, 7 de junho de 1914 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 319, 31 de janeiro de 1915 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 321, 14 de fevereiro de 1915 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 328, 4 de abril de 1915 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 331, 25 de abril de 1915 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 351, 15 de setembro de 1915 (quarta-feira)

*Província do Algarve*, n.º 451, 23 de setembro de 1917 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 500, 22 de setembro de 1918 (domingo)

*Província do Algarve*, n.º 504, 3 de novembro de 1918 (domingo)

# Outras fontes utilizadas

**AAVV**, *Dicionário de Sinónimos*, 2ª edição, Porto, Porto Editora, 1995

**AAVV**, *Plano Regional de Intervenções Prioritárias do Algarve 2013*, Faro, Direção Regional de Cultura do Algarve, 2013

*Diário do Governo*, n.º 92/1911, de 1911-04-21, págs. 1619 a 1624

*Diário do Governo* n.º 152/1926, Série I de 1926-07-15, n.º 11887, págs. 789 a 792

*Diário do Governo* n.º 171/1940, 1º Suplemento, Série I de 1940-07-25, n.º 30615, págs. 825 a 829

*Diário da República*, 1.ª série - N.º 226 – 29 de setembro de 1977, págs. 2390 a 2396

*Diário da República*, 1.ª série - A - N.º 209 - 8 de setembro de 2001, págs. 5808 a 5829

*Diário da República*, 1.ª série - N.º 19 - 28 de janeiro de 2013, págs. 552 (2) a 552 (147)

*Festas dos Santos Populares, Tavira, 1977* (cartaz), Tavira, Visual Gráfico, 1977

<http://mapas.ine.pt/map.phtml> (tabelas em Excel)

**PEREIRA**, João Camacho, *Mapa Turístico do Concelho de Tavira*, In *Roteiro Turístico e Económico de Portugal*, Lisboa, ROTEP, 1967

**VASCONCELLOS**, José de Sande, *Cidade de Tavira e seus arredores*, colaboração de Luiz de Mendonça Mello, Biblioteca Nacional Digital, cópia pública, 1780 (data aproximada)

## Agradecimentos e notas finais

---

Uma vez finalizada a presente dissertação, gostaria de endereçar uma palavra de agradecimento e profundo reconhecimento a todas as pessoas - e entidades -, que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho de investigação se tornasse uma realidade. Não pretendo e tampouco desejo estar a indicar nomes, sob pena de me poder esquecer de alguém - por conseguinte, deixo unicamente um sentido “**Muito Obrigado**” a todos os que me auxiliaram neste longo e árduo caminho.

Deixo também uma palavra de apreço a todos os autores que estudaram e escreveram alguma coisa acerca das Ermidas Geminadas de Tavira. Bem sei que, ao longo do meu texto, me vi obrigado tecer considerações que podem ser entendidas como sendo pouco abonatórias acerca do trabalho destas pessoas; no entanto, estas alegadas críticas não se destinam a achincalhar os estudos e escritos de quem que seja - servem, isso sim, para exemplificar como estas duas ermidas estavam mal estudadas. Tavira e o Algarve possuem um património histórico riquíssimo e nem sempre há tempo ou oportunidade para poder estudar tudo com a profundidade desejada - no caso das Ermidas Geminadas de Tavira, é como se o destino mas tivesse reservado. De qualquer forma, a todos estes estudiosos, uma palavra de sincero reconhecimento por, inadvertidamente, “abrirem caminho” a esta tese.

Por fim, uma nota de genuíno agradecimento aos meus orientadores por jamais terem desistido de mim e desta minha investigação, mesmo nos momentos em que senti o ânimo esmorecer. A ambos, dirijo um agradecimento que não cabe no vocábulo “obrigado”.